

ANUÁRIO DO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

BEM-VINDO
AO ESPÍRITO SANTO

ANO VII * DEZEMBRO 2025 * REALIZAÇÃO CONEXÃO SAFRA

*Capixabe-*se**
VIVA O AGRO, SINTA O ESPÍRITO SANTO



Santa Leopoldina

Espírito Santo

VIVA UM
ESTADO DE ENCANTO.

ampla



Seja por terra, pelo mar ou pelo ar, o nosso estado encanta. São belezas, encontros e sabores espalhados de norte a sul, da praia à montanha, embalados por um calor humano que nos inspira. Sinta essa emoção por todo canto, **viva o Espírito Santo.**

Vitória



Igreja dos Reis Magos

GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO
Secretaria de Turismo



SUMÁRIO

06	EDITORIAL - KÁTIA QUEDVEZ O ESPÍRITO SANTO QUE FLORESCE NO CAMPO	52	ARTIGO - KÁTIA QUEDVEZ ENTRE MOQUECAS E BALÕES: O ESPÍRITO SANTO QUE INSPIRA	76	ABACAXI ONDE O ABACAXI PROSPERA: A VOCAÇÃO DO LITORAL CAPIXABA
07	IDENTIDADE E EVOLUÇÃO	54	ARTIGO - PEDRO RIGO AGROTURISMO NO ESPÍRITO SANTO: OPORTUNIDADE PARA TRANSFORMAR TERRITÓRIOS	80	ALHO O ALHO QUE VOLTA À TERRA
08	EDITORIAL - FERNANDA ZANDONADI ENTRE A FARTURA E O SILENCIO DA LAVOURA	56	AGROTURISMO LEGAL - SERGIO RODRIGUES DIAS FILHO E RENATA APARECIDA LUCAS CACHAÇA E TURISMO RURAL: A TRADIÇÃO QUE RESISTE, ENSINA E SE REINVENTA	86	APICULTURA E MELIPONICULTURA AGROTÓXICOS SÃO RESPONSÁVEIS POR QUASE METADE DAS MORTES DE ABELHAS NO ES
10	ARTIGO - DANIELTON OZÉIAS VANDERMAS BARBOSA VINAGRE ANUÁRIO CONEXÃO SAFRA 2025: UMA DÉCADA DE NÚMEROS E TENDÊNCIAS DO AGRO CAPIXABA	58	ARTIGO - RENATO CASAGRANDE AGRONEGÓCIO CAPIXABA: ENFRENTANDO DESAFIOS, CONSTRUINDO SOLUÇÕES	90	APICULTURA E MELIPONICULTURA PRODUÇÃO DE MEL CRESCE NO ESPÍRITO SANTO E VALOR DA SAFRA ULTRAPASSA R\$ 12 MILHÕES
12	TURISMO RURAL TURISMO RURAL REDESENHA MAPA DO DESENVOLVIMENTO	60	ARTIGO - RICARDO FERRAÇO EXPERIÊNCIAS QUE SÓ O ESPÍRITO SANTO OFERECE, O MELHOR RESUMO DO BRASIL	94	AVICULTURA PRODUÇÃO ANIMAL AVANÇA NO ESPÍRITO SANTO
34	TURISMO RURAL PASSOS LENTOS: NOVO MAPA DO AGROTURISMO DAS REGIÕES NORTE E NOROESTE ESTÁ SENDO DESENHADO	62	ARTIGO - MARCELO SANTOS ARRANJOS PRODUTIVOS: QUANDO O LEGISLATIVO CHEGA AO CAMPO E GERA DESENVOLVIMENTO	102	AZEITONAS LIMITES CLIMÁTICOS E ALTO CUSTO DESAFIAM EXPANSÃO DAS AZEITONAS
43	TURISMO RURAL MARATAÍZES INAUGURA TOTENS DO MUSEU DE PERCURSO E REFORÇA IDENTIDADE CULTURAL E TURÍSTICA	64	ARTIGO - ENIO BERGOLI COMO O AGRO CAPIXABA ENFRENTOU O 'TARIFAÇO' EM 2025	106	ARTIGO - SERGIO CASTANHEIRO O LEGADO, A HISTÓRIA E O FUTURO DA HERINGER E O AGRONEGÓCIO CAPIXABA
44	TURISMO RURAL ALEGRE: TURISMO, FORÇA DO CAMPO E O EXEMPLO DÉ UNIÃO QUE NASCE EM FELIZ LEMBRANÇA	66	ARTIGO - JÚLIO ROCHA AO LADO DO PRODUTOR RURAL	108	BANANA BANANA MANTÉM EXPANSÃO E ATINGE MAIOR PRODUÇÃO EM UMA DÉCADA NO ES
45	TURISMO RURAL CHINA PARK SE Torna O PRIMEIRO RESORT DO ES	67	ARTIGO - LETÍCIA TONIATO SIMÕES SAÚDE NO CAMPO: O CUIDADO QUE SUSTENTA O AGRO	114	CACAU PRODUTIVIDADE DO CACAU DISPARA NO ES
46	TURISMO RURAL VERÃO 2026 EM ALFREDO CHAVES: A ESTAÇÃO PERFEITA PARA VIVER O MELHOR DA NATUREZA CAPIXABA	68	ARTIGO - ALESSANDRO BROEDEL INCAPER EM 2025: RESULTADOS QUE FORTALECEM A AGROPECUÁRIA NO ESPÍRITO SANTO	114	ARTIGO - JOHN ADÃO SIC: UMA SÉRIE IMPERDÍVEL SOBRE CAFÉ
48	TURISMO RURAL CAMPANHA NACIONAL 'CORRA PARA AS MONTANHAS CAPIXABAS' AMPLIA VISIBILIDADE DO DESTINO E MIRAS MAIS TURISTAS	70	ABACATE EM UMA DÉCADA, ABACATE TOMA CONTA DAS TERRAS CAPIXABAS	124	CAFÉ A CONSTRUÇÃO DO ES COMO POTÊNCIA DOS CAFÉS SUSTENTÁVEIS
50	ARTIGO VICTOR COELHO TURISMO RURAL: VIVA ESSA EXPERIÊNCIA	74	ARTIGO - LUCAS REZENDE POR QUE O AGRO PRECISA CONTAR MELHOR SUA HISTÓRIA	136	CAFÉ ENTRE MONTANHAS E PLANÍCIES: A FORÇA RENOVADA DO CAFÉ CAPIXABA

146	CAFÉ	196	ARTIGO - VINÍCIUS SANTOS	240	PIMENTA-DO-REINO
	UM ENCONTRO INESPERADO COM O CAFÉ		A EVOLUÇÃO DA INOVAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO: MENOS COMPLEXIDADE, MAIS CONSISTÊNCIA		O DOMÍNIO CAPIXABA DA PIMENTA-DO-REINO
150	CAFÉS, NO PLURAL: COMO O BRASIL CONSTRÓI VALOR NA DIVERSIDADE	198	EVENTOS	244	PISCICULTURA
			SUCESSO DA 80ª SOEA NO ES: PROJETANDO CAMINHOS PARA O FUTURO DO BRASIL		PISCICULTURA RETOMA FÔLEGO NO ESPÍRITO SANTO
166	CITROS	206	GENGIBRE	250	PREMIAÇÕES
	A NOVA SAFRA DOS CITROS DO ES: RECUO, DESAFIOS E FORÇA PRODUTIVA		GENGIBRE CAPIXABA CRESCE CINCO VEZES EM DEZ ANOS E CONSOLIDA LIDERANÇA NACIONAL		CONEXÃO SAFRA ALCANÇA RECONHECIMENTO INÉDITO E CONSOLIDA 2025 COMO ANO DE EXCELÊNCIA NO JORNALISMO AGRO
174	CONHECIMENTO	210	INHAME	252	PRODUÇÃO FLORESTAL
	FAES E SENAR-ES: QUANDO O CAMPO CAPIXABA RECEBE CUIDADO, CONHECIMENTO E FUTURO		PRODUÇÃO DE INHAME MANTÉM ESTABILIDADE E REFORÇA LIDERANÇA DE ALFREDÔ CHAVES		PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORA MANTÉM RITMO ELEVADO EM 2024
176	COOPERATIVISMO	214	MAMÃO	256	PRODUÇÃO FLORESTAL
	QUANDO O CRÉDITO VIRA FUTURO		MAMÃO MANTÉM ALTA PRODUTIVIDADE E REFORÇA LIDERANÇA CAPIXABA EM 2024		EVOLUÇÃO DA BORRACHA CAPIXABA: ESTABILIDADE, EXPANSÃO E POLOS FORTES
180	DESTAQUES CONEXÃO SAFRA	218	MARACUJÁ	259	PRODUÇÃO FLORESTAL
	ANTES DE SER SEMENTE, O AGRO É GENTE		A RESISTÊNCIA DO MARACUJÁ NO ESPÍRITO SANTO		FALTA DE MÃO DE OBRA: UM DOS MAiores ENTRAVES DA HEVEICULTURA CAPIXABA
181	DESTAQUES CONEXÃO SAFRA	222	MORANGO	260	SOJA
	CAMPEÃS DE AUDIÊNCIA		PRODUTIVIDADE DO MORANGO DISPARA NO ESPÍRITO SANTO E BATE RECORDE		A SOJA CAPIXABA BUSCA SEU ESPAÇO
182	ECONOMIA	226	MORANGO	262	TOMATE
	BANESTES DIVULGA LUCRO DO TERCEIRO TRIMESTRE COM CRESCIMENTO DE 21,6% EM RELAÇÃO AO COMPARATIVO DO ANO PASSADO		UMA NOVA FORMA DE CULTIVAR		ESTABILIDADE, ALTA PRODUTIVIDADE E FORÇA NAS MONTANHAS
184	ECOS DA SECA	228	PECUÁRIA	266	TRIBUTAÇÃO
	O QUE UMA DAS PIORES ESTIAGENS DO MUNDO ENSINOU AO ES		PECUÁRIA DE CORTE CRESCE EM 2024 APÓS QUATRO ANOS DE OSCILAÇÕES		TARIFAÇO DOS EUA AO BRASIL EM 2025 RECONFIGURA RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL
190	ARTIGO - JORGE SILVA	238	PECUÁRIA	268	UVA
	A MULTIFUNCIONALIDADE DO RURAL CAPIXABA		PROGRAMA DE DISTRIBUIÇÃO DE RAÇÃO FARELADA SEGUE FORTALECENDO PRODUTORES RURAIS EM PRESIDENTE KENNEDY		UVAS NO ESPÍRITO SANTO 75 ANOS DE HISTÓRIA
192	ENTREVISTA	239	PISCICULTURA	272	RANKING NACIONAL
	MÚTUA AMPLIA ATUAÇÃO E REFORÇA APOIO À INOVAÇÃO NO AGRONEGÓCIO CAPIXABA		VILA VELHA APOSTA NA PISCICULTURA COMO NOVO VETOR DE DESENVOLVIMENTO RURAL		
194	ARTIGO - FILIPE MACHADO				
	O PRÓXIMO PASSO DO ESPÍRITO SANTO: FAZER O INVESTIMENTO PRIVADO CHEGAR AO INTERIOR				



KÁTIA QUEDEVEZ
EDITORA

O ESPÍRITO SANTO QUE FLORESCE NO CAMPO

A cada edição do Anuário do Agronegócio Capixaba, renovar o mergulho nos números e tendências do setor é mais do que um exercício técnico, é uma experiência de descoberta.

O Espírito Santo tem construído, ano após ano, um ambiente singular de cooperação, estabilidade e visão compartilhada. Empresas, cooperativas e instituições caminham em sintonia, criando terreno fértil para iniciativas que prosperam e transformam realidades.

Mas, entre todos os indicadores, há um que se destaca e emociona: o protagonismo dos produtores rurais. É nas famílias que vivem da terra que se revela o que os gráficos não conseguem traduzir por completo: a resiliência, a garra, o desejo de aprender e a capacidade de reagir diante dos desafios, mesmo quando eles parecem crescer como o recente tarifaço ou as tradicionais turbulências provocadas por trocas de governo.

Ainda assim, os resultados seguem extraordinários.

O agro capixaba demonstra que possui um eixo próprio de força, sustentado por quem acorda antes do sol, por quem reinventa sua produção, por quem insiste em permanecer no campo e dar ao estado a base sólida de sua economia. Os números confirmam: o Espírito Santo rural está mais forte do que nunca.

E algo novo desponta nesse cenário: um horizonte vibrante de oportunidades no turismo rural. O que antes era tendência pontual agora se espalha pelo estado, alcançando propriedades que encontram no acolhimento, na cultura local e na identidade capixaba uma nova forma de gerar renda e prosperidade. É o campo que se abre ao mundo, sem perder suas raízes.

Entregamos este anuário com ainda mais entusiasmo. Ele registra não apenas conquistas, mas o início de um novo ciclo.

O turismo rural está apenas começando no Espírito Santo e cresce amparado por um ambiente de cooperação raro, onde tantas entidades compartilham o mesmo horizonte de desenvolvimento sustentável, inovação e valorização das pessoas.

O orgulho capixaba se fortalece quando olhamos para esse movimento. O estado dá exemplo ao Brasil pela seriedade, pela união e pela capacidade de transformar desafios em progresso. Para quem nasceu aqui e para quem escolheu viver aqui, o Espírito Santo reafirma, a cada safra, seu potencial extraordinário.

E é isso que celebramos neste anuário: um agro que cresce com consistência, famílias que prosperam com dignidade e um estado que surpreende pela capacidade de florescer, mesmo diante de qualquer intempérie.

O campo capixaba segue firme. E segue inspirando.

Excelente leitura!

EXPEDIENTE

KÁTIA QUEDEVEZ (MTB 18.569/RJ)
CONCEPÇÃO DO PROJETO/EDIÇÃO

FERNANDA ZANDONADI
COORDENAÇÃO
DE CONTEÚDO

DANIEL TOM VANDERMAS
COORDENAÇÃO
TÉCNICO CIENTÍFICO

ROSIMERI RONQUETTI
REDAÇÃO

LUAN OLA
PROJETO GRÁFICO/
DIREÇÃO DE ARTE
/DIAGRAMAÇÃO

JOSÉ RICARDO
ILUSTRAÇÃO DA CAPA

COLABORADORES

THAIS
FERNANDES

LEANDRO
FIDELIS

CIRCULAÇÃO: NACIONAL
CONTATOS: 28 99976 1113

KATIAQUEDEVEZ@GMAIL.COM
JORNALISMO@CONEXAOAFRA.COM
COMERCIAL@CONEXAOAFRA.COM

O ANUÁRIO DO
AGRONEGÓCIO
CAPIXABA

É UMA PUBLICAÇÃO DA
CONTEXTO CONSULTORIA
E PROJETOS EIRELI - ME,
CNPJ: 06.351.932/0001-65.
NAS VERSÕES IMPRESSA,
DIGITAL E ON-LINE, PELO
WWW.CONEXAOAFRA.COM



CENÁRIO CINEMATOGRÁFICO
O REGISTRO DA JORNALISTA KÁTIA QUEDEVEZ
FOI FEITO NA CASA NOSTRA, DISTRITO
TURÍSTICO DE PINDOBAS, EM VENDA NOVA
DO IMIGRANTE, MONTANHAS CAPIXABAS,
DURANTE A RURALTURES 2025.

IDENTIDADE E EVOLUÇÃO

KÁTIA QUEDEVEZ

jornalismo@conexaosafra.com

A capa da sétima edição do Anuário do Agronegócio Capixaba convida o leitor a uma viagem pelo Espírito Santo que nasce no campo e se projeta para todo o estado.

Em uma ilustração criada pelo nosso diretor de Arte, Luan Ola, tratamento artístico do ilustrador Zé Ricardo, ambos de Cachoeiro de Itapemirim, e o uso de Inteligência Artificial (IA), o turismo rural ganha protagonismo e revela a essência do interior capixaba.

Em primeiro plano, aparecem alguns símbolos do turismo rural capixaba: o café, o cacau, o vinho, a cerveja artesanal, o morango, as hortaliças, o chocolate, o abacaxi, além de sabores que contam histórias, como a polenta e a moqueca, presentes tanto no interior quanto na capital. Ao fundo, surgem os ícones dos tradicionais destinos turísticos capixabas: o Convento da Penha, a Terceira Ponte e o mar que abraça todo o estado.

Mais do que uma imagem, a capa traduz identidade, pertencimento e integração. Ela celebra o turismo rural como expressão viva do agronegócio capixaba e como parte inseparável da cultura, da economia e do modo de viver do Espírito Santo.

Essa capa também carrega um simbolismo que vai além da estética.

Ela nasce do encontro entre a inteligência artificial e o olhar sensível do Luan e do Zé, mostrando que tecnologia e talento humano não se anulam: se complementam.

**A UNIÃO DE TALENTO E
TECNOLOGIA NA CAPA DO
ANUÁRIO DO AGRONEGÓCIO 2025**



Assim como no campo, onde inovação e conhecimento acumulado ao longo das gerações caminham lado a lado, a criação desta imagem traduz um novo tempo.

No agronegócio, a tecnologia deixou de ser tendência para se tornar aliada indispensável.

Ferramentas digitais, automação, dados e inteligência artificial já fazem parte da rotina do produtor rural, facilitando decisões, otimizando recursos, ampliando a produtividade e melhorando a qualidade de vida do homem e da mulher do campo.

É a inovação trabalhando para tornar o dia a dia mais eficiente, sustentável e conectado com o futuro.

Por isso, o uso da IA na construção desta capa não é apenas uma escolha criativa. Ele dialoga diretamente com a realidade atual do campo capixaba, que incorpora tecnologias para impulsionar o trabalho, preservar suas raízes e avançar com solidez.

Mais do que uma aplicação visual da Inteligência Artificial, esta capa representa um reflexo fiel do presente do agronegócio: moderno, integrado e em constante evolução.

Este texto, inclusive, foi produzido por um humano e finalizado com a ajuda da IA.



FERNANDA ZANDONADI
COORDENADORA DE CONTEÚDO

ENTRE A FARTURA E O SILENCIO DA LAVOURA

Há cerca de 40 anos, uma única plantação de tomate, feita nas vargens ao lado de casa, foi suficiente para transformar a rotina da minha família. Com aquela safra, meus pais compraram uma vitrola, uma televisão grande para os padrões da época, um jogo de sofá e materiais que, algum tempo depois, ajudaram na reforma da casa. Para quem vivia do campo, aquilo era mais do que consumo: era sinal de que o trabalho tinha valido a pena, de que a terra havia respondido.

Alguns anos depois, a mesma terra ensinou outra lição. O preço do repolho caiu tanto que não compensou nem pagar o frete até o centro de vendas. Vimos a plantação inteira apodrecer no solo de forma silenciosa, sem as mãos da colheita. Não houve revolta nem drama. Apenas a constatação de que, no campo, nem sempre plantar é sinônimo de colher. Às vezes, a decisão mais racional é esperar os próximos tempos.

Essas duas cenas ficaram comigo. E, com o tempo, entendi que elas não eram exceção, mas regra. A agricultura é feita de ciclos irregulares, de apostas (hoje, mais bem calculadas), de fatores que escapam ao controle de quem planta. Clima, mercado, logística, crédito, política. Tudo pesa. Tudo interfere.

É por isso que olhar para o agronegócio apenas pela fotografia de uma safra é insuficiente. O campo precisa ser lido em séries longas, em trajetórias. A semente precisa de tempo para contar sua história.

Os dados reunidos no Anuário do Agronegócio Capixaba 2025, que analisam as últimas dez sa-

fras de várias culturas, ajudam a contar essa saga de forma mais completa. Eles mostram que, apesar das oscilações que continuam existindo, nosso agro construiu uma base sólida. Cresceu, diversificou, incorporou tecnologia, ampliou mercados e ganhou complexidade. Tornou-se menos dependente de um único produto, de uma única região, de um único ciclo favorável.

Os números também revelam algo que quem vive no campo já sabe: a resiliência não nasce da ausência de crise, mas da capacidade de atravessá-la. O agro aprendeu a lidar com riscos porque sempre conviveu com eles. Aprendeu a planejar porque nunca teve garantias.

Este anuário não romantiza o setor. A volatilidade está nos dados, assim como estava naquela lavoura de repolho perdida. Mas o conjunto das informações mostra que o agronegócio capixaba avançou. E avançou porque passou a ser pensado como um sistema onde produção, indústria, logística, inovação, finanças e sustentabilidade caminham juntos.

Ao abrir estas páginas, você, leitor, encontrará números, análises e séries históricas. Mas encontrará também algo menos mensurável: a história de um setor que segue em frente mesmo sabendo que o próximo ciclo nunca é igual ao anterior.

Entre a safra que realiza sonhos e a colheita que não paga o frete, o agro capixaba continua plantando. E este anuário é o registro dessa travessia: feita de risco, trabalho e permanência.

Boa leitura!

ROTA DAS ÁGUAS

O TURISMO DE VIANA

**SEGUE O CURSO DO
DESENVOLVIMENTO!**



Em Viana, **mais de 30 empreendedores** estão construindo um novo destino de experiências!

A Rota das Águas nasce da união entre natureza e empreendedorismo, conectando a beleza das cachoeiras e a força do trabalho de quem acredita no futuro da cidade.

Com o apoio da Prefeitura de Viana, a Secretaria de Estado do Turismo, SEBRAE e SICREDI, o projeto movimenta a economia, valoriza o campo e leva o nome de Viana ainda mais longe!

VIANA, desenvolvimento que nasce da nossa gente!





DANIELTOM OZÉIAS VANDERMAS BARBOSA VINAGRE

MESTRE EM ADMINISTRAÇÃO PELA UFES (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO). GERENTE DE DADOS E ANÁLISES NA SEAG (SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA DO ESPÍRITO SANTO)

ANUÁRIO CONEXÃO SAFRA 2025: UMA DÉCADA DE NÚMEROS E TENDÊNCIAS DO AGRO CAPIXABA

O Anuário do Agronegócio Capixaba chega à sua nova edição trazendo um diferencial marcante: pela primeira vez, a publicação apresenta uma análise histórica de dez anos da agropecuária capixaba, cobrindo o período de 2014 a 2024.

Desde a primeira edição, o anuário é construído a partir de bases oficiais de credibilidade reconhecida, como o IBGE (PAM, PPM, PEVS), a Conab (Acompanhamento da safra de café) e o Incaper (Painel Agro). A missão é reunir, tratar e organizar essas informações de forma objetiva, transformando números em conhecimento acessível para agricultores, gestores e formuladores de políticas.

A análise de dez anos evidencia trajetórias de crescimento, desafios e novos potenciais do agro capixaba. Produtos tradicionais, como o café conilon, consolidaram-se como âncoras econômicas do estado. Outro ponto notável é a ascensão de cadeias como a pimenta-do-reino e gengibre, que colocaram o Espírito Santo em posição de liderança nacional.

A pimenta-do-reino expandiu de 2,6 mil ha em 2014 para mais de 20 mil em 2024. A produção atingiu 78 mil t em 2023 e recuou levemente em 2024, mantendo o Espírito Santo como líder nacional. O gengibre saltou de 12,9 mil t em 2014 para 77,7 mil t em 2024. Com alta produtividade, tornou-se uma das culturas mais dinâmicas e exportadoras do estado.

Como analista responsável pelos dados do anuário, registro minha satisfação em participar desta edição. Sou administrador, mestre em Administração

e gerente de Dados e Análises da Seag-ES, com trajetória marcada pela produção de estudos e análises que apoiam decisões estratégicas no agronegócio. O anuário representa a síntese da minha experiência profissional e acadêmica, transformando estatísticas em informações úteis para produtores, empresas e para a valorização do agro capixaba no cenário nacional e internacional.

Mais do que registro dados, o Anuário da Conexão Safra 2025 também é instrumento de planejamento. Ao olhar para trás, projetamos o futuro com mais clareza. Esta edição consolida o papel da publicação como referência para quem deseja compreender o agro capixaba em profundidade.

Boa leitura e bons insights!

O ANUÁRIO REPRESENTA A SÍNTESE DA MINHA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL E ACADÊMICA, TRANSFORMANDO ESTATÍSTICAS EM INFORMAÇÕES ÚTEIS PARA PRODUTORES, EMPRESAS E PARA A VALORIZAÇÃO DO AGRO CAPIXABA NO CENÁRIO NACIONAL E INTERNACIONAL



O AGRO É CANELA-VERDE.

Com 54% do seu território na área rural e 32km de litoral, Vila Velha é destaque na agricultura e na pesca. Os principais produtos da agroindústria canela-verde incluem carnes bovina e suína, ovos, legumes, verduras, peixes, moluscos, crustáceos e atividades como cafeicultura, viticultura, citricultura e horticultura orgânica. Além disso, a cidade oferece diversas opções de turismo rural, proporcionando momentos de lazer e aprendizado para todas as idades.

Rica em história e belezas naturais, Vila Velha é também cidade destaque do agronegócio capixaba.



PREFEITURA DE
VILA VELHA

SECRETARIA DE
AGRICULTURA E
PESCA



O QUE ANTES ERAM CAMINHOS DE TROPEIROS,
IMIGRANTES E AGRICULTORES, HOJE SÃO
ROTEIROS TURÍSTICOS ESTRUTURADOS, QUE
UNEM NATUREZA, CULTURA E GASTRONOMIA
EM EXPERIÊNCIAS DE VALOR AGREGADO

TURISMO RURAL REDESENHA MAPA DO DESENVOLVIMENTO

LEANDRO FIDELIS
jornalismo@conexaosafra.com

FOTOS DIVULGAÇÃO

O Espírito Santo vive um momento de transformação no turismo. Há décadas visto como um destino de praia, moqueca e tradições religiosas, o estado agora revela uma nova face, mais diversa, interiorana, produtiva e ancorada na vivência rural. O que antes era compreendido como um território de passagem começa a se consolidar como um destino completo, onde cultura, agricultura, natureza e experiência se entrelaçam para formar uma nova identidade turística capixaba.

A nova fase se materializa em uma grande rede de rotas que costuram o território capixaba. São caminhos como a Rota do Inhame, o Caminho Pomerano, a Rota Imperial Barcelos, a Rota do Grande Buda, os circuitos de agroturismo da Serra, a Rota da Ferradura em Guarapari, a Rota do Dragão em Muqui, os roteiros de cafés especiais do Caparaó e os percursos de aventura em Pancas.

Mais do que produtos turísticos, as rotas representam histórias, identidades e economias que começam a se fortalecer e serão exploradas em detalhes nas próximas páginas. A esse mosaico se somam novos movimentos de mercado que têm ampliado a capilaridade do turismo capixaba, como a aproximação estratégica entre operadoras nacionais e o trade local, fortalecendo a chegada do Espírito Santo a prateleiras de agências de todo o país.

De Norte a Sul, estradas rurais, trilhas históricas e pequenos povoados antes restritos à vida agrícola tornaram-se protagonistas da nova matriz turística do estado. Esse movimento se intensificou nos últimos anos graças a uma combinação de planejamento estratégico, fortalecimento da governança e investimento contínuo na qualificação de empreendedores locais. Os resultados já aparecem. Segundo a Pesquisa de Identificação do Perfil do Turista de Inverno (2025), conduzida pela Secretaria de Estado do Turismo (Setur-ES) em parceria com o Connect Fecomércio, 99,3% dos visitantes recomendariam o Espírito Santo e mais de 92% afirmam que a viagem atendeu ou superou suas expectativas.

Para o coordenador do Observatório do Comércio do Connect Fecomércio, André Spalenza, esses números representam mais do que satisfação. Revelam uma mudança na relação do turista com o território. “O visitante consome mais, permanece



**PEDRO RIGO, SUPERINTENDENTE DO SEBRAE/ES:
GOVERNANÇA É A BASE DO CRESCIMENTO DO SETOR**

por mais tempo e busca qualidade. Quando ele volta pra casa e recomenda o estado, se torna um embaixador espontâneo da marca Espírito Santo”, afirma. Os dados reforçam ainda os pilares que sustentam essa percepção: 94% de aprovação da gastronomia, 90,6% de segurança e 89,3% de hospitalidade.

O crescimento é visível também nos indicadores oficiais. O Índice de Atividades Turísticas (Iatur/IBGE) registrou crescimento de 4,6% em 2025, al-

**ANDRÉ SPALENZA: TURISTA SATISFEITO SE
TORNA “EMBAIXADOR ESPONTÂNEO” DO ES**



cançando o maior nível da série histórica iniciada em 2014. No transporte aéreo, Vitória recebeu 1,09 milhão de passageiros até agosto, aumento de 12,5% em comparação ao ano anterior. E a PNAD Turismo 2024 (IBGE) aponta que o estado recebeu 440 mil viagens domésticas, que geraram R\$ 563 milhões em receita e um gasto médio de R\$ 2.118 por viagem. Números que reforçam a maturidade do setor. A alta na conectividade e no fluxo de passageiros também se reflete na procura crescente identificada por operadoras como a Azul Viagens, que registrou aumento de 21% no número de passageiros e 40% no faturamento relacionado ao destino Espírito Santo, evidenciando um mercado em expansão.

A Setur-ES credita o avanço à continuidade de políticas públicas baseadas em governança e planejamento. Entre os pilares estão o Plano de Marketing Turístico, o fortalecimento das dez regiões turísticas pela Gestur e incentivos como a manutenção da redução do ICMS do combustível de aviação, medida que tem ampliado a conectividade aérea do estado. A pasta ressalta que a comunicação integrada, a estruturação

O ÍNDICE DE ATIVIDADES TURÍSTICAS (IATUR/IBGE) REGISTROU CRESCIMENTO DE 4,6% EM 2025, ALCANÇANDO O MAIOR NÍVEL DA SÉRIE HISTÓRICA INICIADA EM 2014

de produtos e a profissionalização do trade vêm sendo fundamentais para consolidar essa nova fase. Nesse contexto, as recentes articulações com a Azul Viagens reforçam o compromisso do estado em ampliar a presença no mercado nacional, aproximando operadora e empresários para inserção qualificada do destino em circuitos comerciais de grande alcance.

FORTALECIMENTO

Nesse ecossistema, o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae/ES) assume papel central no fortalecimento da base empresarial que sustenta o tu-

FOTO GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

RURALTURES:
EVENTO CONECTA
PRODUTORES, PROMOVE
CAPACITAÇÃO E
FORTALECE O
TURISMO RURAL



FOTO GOVERNO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO



FEIRA DOS MUNICÍPIOS REÚNE A DIVERSIDADE CULTURAL E TURÍSTICA DE NORTE A SUL DO ESTADO

rismo rural e o agroturismo. “O Sebrae tem mais de 60 profissionais dedicados ao fomento do turismo capixaba. Trabalhamos junto ao Comitê Estratégico de Turismo e com parceiros como o Aeroporto de Vitória. É a governança que sustenta esse crescimento. Ela garante que as políticas públicas tenham continuidade e resultados concretos”, afirma Pedro Rigo, superintendente da instituição.

Segundo Rigo, o estado registrou crescimento de 23% no número de pequenos negócios turísticos, ultrapassando 15 mil empresas e gerando cerca de 6.000 empregos diretos. Essa atuação estruturante se fortaleceu ainda mais com iniciativas nacionais, como a definição do Espírito Santo como sede do Polo Sebrae de Turismo de Experiência, sediado no Distrito Turístico de Pindobas, reforçando o estado como referência em produtos turísticos autênticos e experiências de alto valor agregado.

Rigo reconhece, no entanto, que o desenvolvimento ainda é desigual. Há um desequilíbrio no desenvolvimento do turismo rural no estado (**Leia mais na reportagem de Rosimeri Ronquetti, na página 34*). As Montanhas Capixabas e o Caparaó avançaram mais rapidamente graças a uma combinação de atrativos naturais consolidados, rotas já estruturadas e maior organização da cadeia produtiva. “O Sebrae tem enfatizado que essas barreiras estão sempre presentes e, por isso, as ações precisam ser integradas para que haja tração”.

O superintendente destaca que o diferencial tem sido a ação integrada entre Sebrae, municípios, entidades locais e parceiros privados, isto é, governança e articulação que geram escala e visibilidade. Por outro lado, territórios do Norte e Noroeste apresentam ainda oferta dispersa, menor densidade de serviços turísticos e fragilidade na governança local, o que explica o ritmo mais lento de consolidação.

Para reverter esse cenário, o Sebrae tem atuado com programas de qualificação, fortalecimento de governança e estruturação de rotas turísticas em territórios que ainda carecem de atrativos consolidados. Essas ações agora contam também com o reforço de linhas de crédito ampliadas, como o Bandes Giro Turismo, que teve aumento de 60% em sua capacidade operacional, oferecendo até R\$ 300 mil para empreendedores do setor e estimulando investimentos em regiões ainda em desenvolvimento.

Parte do esforço é converter atenção em atendimentos práticos. De acordo com Pedro Rigo, o Sebrae destinou recursos e equipes para apoiar o setor no estado. Eventos como a RuralturES (feira de turismo rural) e a própria Feira dos Municípios promovem capacitação e conectividade entre atores e atraem investidores. “Os municípios que ainda não têm tanta maturidade nos ativos de turismo podem conquistar investidores que buscam esse potencial ainda inexplorado”, analisa. As recentes reuniões promovidas com a Azul Viagens em Vitória, Domingos Martins



A CRIATIVIDADE DOS EMPREENDEDORES CAPIXABAS PARECE NÃO TER LIMITES. EM SANTA TEREZA, UMA POUSADA RURAL EM FORMATO DE BARRIL DE VINHO, A CHALÉS VILLA CARAVAGGIO, CHAMA ATENÇÃO PELA PROPOSTA INUSITADA, QUE ALIA IDENTIDADE, CUIDADO ESTÉTICO E FUNCIONALIDADE. NOS DETALHES, O ESPAÇO REVELA CONFORTO, INTEGRAÇÃO COM A PAISAGEM E A CAPACIDADE DE TRANSFORMAR UMA IDEIA SIMPLES EM EXPERIÊNCIA DE HOSPEDAGEM

e Guarapari reforçam esse movimento, reunindo dezenas de empresários da hotelaria e outros segmentos na construção de estratégias conjuntas para elevar o posicionamento do Espírito Santo no mercado nacional.

Além do ambiente institucional, o mercado nacional também reage positivamente. Para o presidente executivo da Associação Brasileira de Agências de Viagens (Abav-ES), Rodrigo Stange, o estado vive um momento especial no imaginário dos operadores. “O grande diferencial do Espírito Santo é a autenticidade das experiências, da canoa havaiana ao nascer do sol às vivências nas propriedades rurais onde produtos do agroturismo são ofertados através de experiências gastronômicas, além do ecoturismo, que vem crescendo fortemente”, destaca.

Stange adianta que a entidade prepara para 2026 um programa amplificado de divulgação dos segmentos rural e religioso, considerados os mais promissores da próxima década nas agências

e viagens associadas. Esse novo ambiente de confiança e projeção também se expressa no comportamento do público. Segundo dados apresentados pela Azul Viagens, o turista que escolhe o Espírito Santo ainda compra majoritariamente de última hora e usa pontos, o que revela um mercado de

**RODRIGO STANGE (ABAV-ES):
DIFERENCIAL CAPIXABA É A
AUTENTICIDADE DAS EXPERIÊNCIAS**





A CASA NOSTRA, EM PINDOBAS (VENDA NOVA DO IMIGRANTE), É REFERÊNCIA EM TURISMO DE EXPERIÊNCIA NAS MONTANHAS CAPIXABAS. EM 2025, O EMPREENDIMENTO QUE PROMOVE IMERSÃO NA CULTURA DOS IMIGRANTES ITALIANOS RECEBEU CERCA DE 5.000 VISITANTES.

oportunidade que tende a se consolidar conforme o destino ganhar maior maturidade comercial e presença nacional.

O turismo capixaba viveu ainda outro marco recente: a oficialização do China Park Eco Resort como primeiro resort do Espírito Santo ao integrar a Associação Resorts Brasil. A conquista posiciona as Montanhas Capixabas em um novo patamar, amplia o potencial de atração de turistas e fortalece a narrativa de diversificação e qualificação do turismo no estado. O empreendimento, com mais de 1 milhão de metros quadrados e foco em sustentabilidade e experiência integrada, passa a compor a vitrine nacional de resorts, impulsionando todo o entorno.

Também contribui para esse momento a ampliação do crédito voltado ao turismo. O Bandes elevou de R\$ 30 milhões para R\$ 80 milhões os recursos do Bandes Giro Turismo, possibilitando que pequenos empreendedores realizem reformas, ampliações e investimentos em serviços essenciais ao desenvolvimento turístico. A linha, apoiada pelo Fungetur e por garantias como o Fampe, já atendeu 35% dos municípios capixabas, demonstrando forte demanda e impacto direto na economia local. (*Com apuração da reportagem, além de informações do Sebrae/ES e Fecomércio/ES)





ENTRE TROPEIROS E INOVAÇÃO, A FORÇA DO AGROTURISMO NAS MONTANHAS

FOTO DIVULGAÇÃO



A HISTÓRICA ROTA IMPERIAL BARCELOS PASSA POR UM PROCESSO DE REPOSIÇÃO
QUE VALORIZA O LEGADO DOS IMIGRANTES EUROPEUS. A REVITALIZAÇÃO DE TRECHOS,
A CRIAÇÃO DE PONTOS DE PARADA E O AUMENTO DA PRESENÇA DE EMPREENDIMENTOS
FAMILIARES TÊM TRANSFORMADO O PERCURSO EM UMA REFERÊNCIA PARA QUEM BUSCA
HISTÓRIA, CULTURA E PAISAGEM EM UM ÚNICO ROTEIRO

Nas Montanhas Capixabas, tradição e inovação se entrelaçam para consolidar a região como referência nacional em agroturismo. Em Venda Nova do Imigrante, “Capital Nacional do Agroturismo”, o Distrito Turístico de Pindobas, o primeiro do estado, reúne 18 empreendimentos entre queijarias, vinícolas, restaurantes e cervejarias artesanais. Juntos, eles formam um ecossistema robusto que reforça a vocação local para a hospitalidade e o turismo sustentável.

O movimento de fortalecimento do setor tem ganhado impulso com o Projeto Transforma, iniciativa do Sicoob Sul-Serrano em parceria com o Sebrae/ES. O programa atua para profissionalizar a atividade turística a partir da

identidade e da cultura regional, com foco na estruturação de novos roteiros. Entre as prioridades estão o Vale do Emboque, em Conceição do Castelo, com cachoeira, jequitibá centenário, e paisagem de tirar o fôlego; e a ampliação do Circuito Turístico Vila Pontões, em Afonso Cláudio, áreas

**MAIS DO QUE PRODUTOS
TURÍSTICOS, AS
ROTAS REPRESENTAM
HISTÓRIAS, IDENTIDADES
E ECONOMIAS QUE
COMEÇAM A SE
FORTALECER**



marcadas por cafés especiais, charcutarias artesanais e paisagens que reforçam o potencial das Montanhas Capixabas.

É nesse ambiente de articulação que surge a Rota Imperial Barcelos, novo roteiro que liga Domingos Martins a Venda Nova do Imigrante e que tem despertado a atenção de visitantes e investidores. Um dos idealizadores, o empreendedor Vagner Egg, destaca que a rota nasce do desejo de unir história, autenticidade e desenvolvimento regional. A proposta se inspira nos antigos caminhos percorridos pelos tropeiros na região de Aracê, cuja presença, desde o período colonial, foi determinante para a circulação de mercadorias, a integração econômica e a troca de influências culturais. Para Egg, resgatar essa memória é também projetar o futuro do turismo local. “Trazer essa história de volta é uma forma de fortalecer nossa identidade e criar novas oportunidades para quem vive aqui”, afirma o idealizador.

Com esse propósito, a comunidade realizou, em agosto, a 1ª Cavalgada Rota Imperial Barcelos, evento que reuniu cerca de 50 cavaleiros e amazonas no trajeto de 8 km entre o Haras São Valentim e a Valentim Logurteria. A iniciativa atraiu aproximadamente 200 pessoas, entre moradores e turistas, e movimentou 11 empreendimentos locais, incluin-

do pousadas, restaurantes e produtores artesanais. Para Egg, o engajamento dos negócios da região foi decisivo para o sucesso da ação. A expectativa é de que as próximas edições ampliem o alcance do evento, incorporando novas atividades culturais e recreativas.

A consolidação do turismo em Barcelos também se integra ao novo ciclo de fortalecimento econômico em Domingos Martins, que acaba de receber um escritório do Sebrae/ES dedicado ao atendimento de empreendedores locais. A iniciativa reforça o apoio a negócios emergentes, estimula a formalização e amplia o acesso a crédito, capacitações e consultorias, criando um ambiente favorável para quem investe no turismo de experiência. Com a tradição alemã e italiana como marca identitária do município, o novo espaço promete aproximar ainda mais o Sebrae da cultura empreendedora local, valorizando artesãos, produtores e iniciativas culturais que enriquecem o território e fortalecem a vocação turística da chamada “Cidade do Verde”.

Ainda em Domingos Martins, a recém-lançada Rota dos Pomeranos se integra às tradicionais rotas do Galo, do Carmo e das Flores, ampliando o leque de experiências que destacam o cultivo do café, do gengibre e do morango.

FOTO JULIO HUBER/DIVULGAÇÃO



TREM RETORNA EM 2026

O Trem das Montanhas Capixabas pode voltar a operar no primeiro semestre de 2026, após uma articulação entre a Prefeitura de Viana, municípios vizinhos, o Governo do Estado e a VLI, responsável pela malha ferroviária. A proposta prevê reativar o trajeto turístico entre Viana e Marechal Floriano, com paradas em Domingos Martins e Alfredo Chaves, percurso que funcionou entre 2009 e 2013. Com apoio da Serra Verde Express e a possibilidade de criação de um consórcio intermunicipal para fortalecer a governança do projeto, a iniciativa promete resgatar a história ferroviária, impulsionar o turismo regional e gerar desenvolvimento econômico por meio de uma experiência que integra natureza, cultura e patrimônio ferroviário.

AEROPORTO GANHA IMPULSO

O governo do Espírito Santo confirmou apoio integral ao Aeroporto das Montanhas Capixabas e iniciou o processo de desapropriações, etapa que permitirá avançar para edital e licitação já em 2026. Prefeitos, entidades e o Sebrae/ES reforçam o projeto

como um marco para o turismo e o empreendedorismo regional. Considerado um divisor de águas para o interior, o novo aeroporto promete ampliar conexões, fortalecer o turismo sustentável e gerar oportunidades econômicas em toda a região Serrana.



ALFREDO CHAVES

**Na Capital Nacional do Inhame, a força do campo vai muito além da raiz.
Capital da diversidade que alimenta o Brasil.**

Aqui, o solo fértil não produz apenas histórias, sustenta famílias e movimenta a economia. Do inhame ao café de qualidade, do leite à banana, somados a uma grande variedade de frutas e hortaliças — e à força crescente do agroturismo — Alfredo Chaves é terra de quem planta com dedicação e colhe grandes resultados

alfredochaves.es.gov.br





SABORES DO EMPÔCADO

No Vale do Empoçado, em Afonso Cláudio, o Sítio Quintas do Vale e a Cantina Mamma Itália formam um refúgio serrano que combina gastronomia afetiva, tradição e paisagens exuberantes. Na mesma propriedade, o aroma da pizza artesanal feita no forno a lenha se mistura ao clima ameno das montanhas, enquanto o Quintas do Vale apresenta ao visitante a produção artesanal de queijos, com visitas guiadas e degustações. Juntos, os dois espaços oferecem uma experiência autêntica de turismo rural e sabor, ideal para casais, famílias e viajantes em busca de tranquilidade, boa comida e acolhimento capixaba.



EMPREENDIMENTOS DA ROTA IMPERIAL BARCELOS

- 1- Cervejaria Bello Monti
- 2- Pousada Recanto das Quaresmeiras
- 3- Sítio Gigio Pizzol
- 4- Produtos Família Manzoli
- 5- Sítio Por do Sol
- 6- Haras São Valentim
- 7- Monte Verde- Flores
- 8- Delícia de Dom Pedro
- 9- Valentim logurteria Artesanal
- 10- Agroturismo Coisa Nossa
- 11- Hamburgueria Gourmet Imperial
- 12- Lúcia Flores
- 13- Pousada Sítio Fim da Picada

EMPREENDIMENTOS DO DISTRITO TURÍSTICO DE PINDOBAS

- 1- Fazenda Carnielli
- 2- Agroturismo Família Brioschi
- 3- Agroturismo Família Busatto
- 4- Alambique Cachaça Teimosinha
- 5- Pousada e Restaurante Bela Aurora
- 6- Cervejaria Aurora
- 7- Zandonade Cafés Especiais
- 8- Queijaria da Inês
- 9- Produtos Angar- Sítio Jabuticabeira
- 10- Fiore de Laranja Lima
- 11- Villa Arcade
- 12- Vinícola Tonole
- 13- Pousada e Restaurante Tonoli
- 14- Fazenda Santa Maria
- 15- Cervejaria Altezza
- 16- Queijaria Artelatte
- 17- Pousada e Restaurante dos Manacás
- 18- Restaurante Cantinho Rústico

EMPREENDIMENTOS DO VALE DO EMBOQUE

- 1- Centro de Eventos Sanfonão
- 2- Cachaça Colombine
- 3- Cachoeira da Fumaça
- 4- Restaurante Caminho do Vale
- 5- Produtos Marip
- 6- Charcutaria Bicame
- 8- Bar do Dunga
- 9- Nosso Escritório
- 10- Haras VGS
- 11- Bar da Néia
- 12- Piscina Monforte
- 13- Sítio das Andorinhas
- 14- Sítio Vovó Nelise
- 15- Pastelão
- 16- Área de Lazer Celso Oliveira



À SOMBRA DO BUDA GIGANTE, REGIÃO DOS IMIGRANTES TEM RAÍZES POMERANA E ITALIANA EM HARMONIA

Na Região dos Imigrantes, a presença pomerana e italiana dá ao turismo um caráter de resgate vivo e contínuo das tradições que moldaram o território. Santa Maria de Jetibá mantém viva a herança pomerana por meio do Caminho Pomerano, onde hábitos seculares seguem preservados no cotidiano das famílias. Já Santa Teresa amplia os roteiros culturais e gastronômicos, fortalecidos recentemente pela instalação do Escritório de Negócios e Turismo, iniciativa que impulsiona a profissionalização do setor.

A cultura europeia pulsa nesses municípios, onde o tempo parece avançar em ritmo próprio e onde a vida cotidiana ainda carrega traços da imigração. No Circuito Caminho Pomerano, o visitante experimenta pratos como o brote de milho, o bolo ladrão e o arroz doce preparados segundo receitas centenárias, ao mesmo tempo em que conhece o modo de vida mantido pelos descendentes pomeranos. Essa autenticidade vem se consolidando como um dos principais atrativos da região, atraindo viajantes em busca de histórias, sabores e experiências culturais verdadeiras.

PRESTES A SE TORNAR O SEGUNDO DISTRITO TURÍSTICO ESTRUTURADO DO ESTADO, O PROJETO DO GRANDE BUDA PRETENDE TRANSFORMAR A REGIÃO EM UM POLO DE TURISMO CULTURAL E ESPIRITUAL

Nesse contexto, o enoturismo também ganha força, especialmente com o protagonismo da tradicional Cantina Mattiello, que teve duas amostras classificadas entre os 30% mais representativos da 33ª Avaliação Nacional de Vinhos – Safra 2025, realizada em Bento Gonçalves (RS). Celebrando quase 30 anos de história, a vinícola comemora o marco como resultado de investimentos em tecnologia, capacitação e na produção de vinhos finos, trajetória que contou com

apoio contínuo do Sebrae/ES desde os primeiros anos da cantina.

Já em Ibiraçu, o turismo ganha novos contornos com o avanço na implantação do Distrito Turístico do Grande Buda, desenvolvido em parceria entre o Sebrae/ES, o Mosteiro Zen e a prefeitura. Prestes a se tornar o segundo distrito turístico estruturado do estado, o projeto pretende transformar a região em um polo de turismo cultural, espiritual e de experiências, ampliando sua visibilidade no cenário nacional.

Embora o distrito possua um recorte territorial definido, seu impacto deve ultrapassar esses limites. A expectativa é de um forte movimento de “transbordo”, capaz de beneficiar municípios vizinhos com o aumento do fluxo de visitantes, a valorização dos atrativos locais e o fortalecimento de toda a economia regional.

PONTOS IMPERDÍVEIS DO CIRCUITO CAMINHO DO POMERANO

- 1- Sítio Nossa Recanto
- 2- Recanto da Pedra
- 3- Steinerland
- 4- Recanto Nossa Lar
- 5- Waiands Huus - Casa Típica Pomerana e Culinária Pomerana
- 6- Sítio Hammer Tesch
- 7- Lucineia Flores
- 8- Café Pomerano, onde é servido o tradicional Mijchebrood
- 9- Sítio Vale Verde
- 10- Recanto da Natureza
- 11- Recanto das Águas

FOTO HEITOR DELPUPO



FOTO DIVULGAÇÃO



COM RÓTULOS PREMIADOS COMO O CORTE TANNAT/MERLOT E O TANNAT VARIETAL, PREVISTO PARA 2026, A CONQUISTA DA CANTINA MATTIELLO REFORÇA O AVANÇO TÉCNICO DO ESPÍRITO SANTO NO MAPA BRASILEIRO DO VINHO E FORTALECE O PAPEL DA REGIÃO SERRANA COMO DESTINO DE EXCELENCIA EM EXPERIÊNCIAS GASTRONÔMICAS E CULTURAIS.

CAFÉS ESPECIAIS, EXPERIÊNCIAS AUTÊNTICAS E NOVOS EMPREENDIMENTOS NO CAPARAÓ

FOTO MANU CARVALHAI



ACOMPANHAR A TORRA, ENTENDER A CIÊNCIA POR TRÁS DA XÍCARA E VIVER A EXPERIÊNCIA DE TORRAR O PRÓPRIO CAFÉ É A PROPOSTA DA FAMÍLIA TRINDADE, DO SÍTIO ALTO CACHOEIRA

No Caparaó, tradição, cafeicultura e turismo rural avançam em sintonia e consolidam a região como um dos polos mais promissores do Espírito Santo. No Vale do Guarani, em Piaçú (Muniz Freire), chalés, camping com fogo no chão e cafés especiais convidam o visitante enquanto o município se prepara para receber o novo polo turístico da Fazenda Santa Maria, apoiado pelo Sebrae/ES. A região também integra a Rota do Café Especial do Espírito Santo, ampliando sua visibilidade estadual.

Lançada em dezembro, o primeiro circuito do Caparaó inteiramente voltado aos cafés especiais reúne propriedades, espaços de degustação e experiências imersivas que aprofundam a relação do turista com a cultura do café. A Rota do Café inicia com dez produtores vinculados à Associação dos Produtores de Cafés Especiais do Caparaó (Apec) e prevê expansão em 2026, ampliando o fluxo turístico e consolidando novas oportunidades para a cafeicultura local.

Nesse contexto, o Sítio Alto Cachoeira se destaca como um dos empreendimentos. A iniciativa vem transformando a atividade turística e ampliando a conexão entre visitantes, produtores e a história local. Para a família responsável pela propriedade, a experiência vai além da visitação e do consumo do café. “A Rota do Café é, sem dúvida, um marco para a cidade e para a região, pois permite mostrar aos turistas a cultura e a tradição do nosso café, recebendo-os na propriedade para conhecer de perto os processos produtivos”, afirma o cafeicultor Eduardo Trindade Vettorazzi.

Em Dores do Rio Preto, mais perto do Pico da Bandeira, o avanço do turismo rural acompanha o crescimento da produção de cafés especiais, que há anos impulsiona a economia do município. No Sítio Dois Corações, Viviane Viletti e Miguel Pereira diversificaram as atividades da propriedade e transformaram o espaço em destino de hospedagem, com chalé voltado para a cordilheira do Parque Nacional

FOTOS DIVULGAÇÃO/PMMF



EM ORDEM, O VALE DO GUARANI E A FAZENDA SANTA MARIA, EM MUNIZ FREIRE, E RESTAURANTE ENGENHO DO VOVÔ, EM DORES DO RIO PRETO: CAPARAÓ REFLETE O CRESCIMENTO DO TURISMO CAPIXABA

do Caparaó. A proposta inclui experiências como panificação artesanal, degustação de cafés da casa e contemplação do entardecer, iniciativa que tem atraído visitantes e motivado o casal a expandir a estrutura com novos chalés e área de lazer.

A qualificação tem sido peça-chave nesse processo. Participante do Projeto Mulheres do Café, iniciativa coordenada pela engenheira agrônoma Patrícia Campbell (Incaper), Viviane se dedica ao aprendizado em barismo, produção e torra de cafés superiores. O sítio também recebe acompanhamento técnico para manejo agroecológico, melhoria da lavoura e participação em programas de compras institucionais, reforçando a integração entre produção agrícola e turismo.

Outro destaque é o Restaurante Engenho do Vovô, comandado por Sandra Moreira, Mestre de Cachaça e chef de cozinha. Com restaurante integrado ao alambique da família, área de café, jardins e lagos, o empreendimento oferece experiências ligadas à gastronomia regional e à cultura da cachaça artesanal. A arquitetura do espaço narra o legado da família, enquanto Sandra se capacita com apoio do Sebrae e do Incaper para aprimorar processos e ampliar a atuação no turismo rural.

O Sítio Águas da Mata Caparaó, administrado por Maria Cristina Moreira, complementa o cenário com hospedagem à beira de lago, trilhas, pesca e observação de pássaros. Pioneira no turismo rural de Dores e presidente da Associação de Empreendedores em Agroecoturismo, Artesanato e Cultura, Cristina alia produção agroecológica de cafés à preservação ambiental e participa ativamente do Projeto Mulheres do Café, além de receber orientação técnica do Incaper para ampliar seus projetos.

Esses empreendimentos têm contado com apoio contínuo do Incaper, que acompanha desde o manejo das lavouras até licenciamento, boas práticas de fabricação e análises de água em parceria com a Ufes. Para a extensionista Priscila Nascimento, ver a evolução das famílias é motivo de satisfação. “É extremamente gratificante ver o quanto eles

estão crescendo e se desenvolvendo. Saber que nosso apoio contribuiu para que chegassem até aqui, e ainda irão muito mais longe, nos deixa muito felizes”, afirma.

A expansão das rotas e o fortalecimento das propriedades do Caparaó também refletem um movimento de integração regional sem precedentes. O projeto “Governança sem Fronteiras”, parceria entre Sebrae/ES e Sebrae/MG, busca consolidar o Caparaó como território empreendedor interestadual, fortalecendo pequenos negócios e criando identidade turística comum entre Espírito Santo e Minas Gerais.

Entre os resultados já alcançados pela iniciativa estão a criação do movimento “Unidos pelo Parque”, que solicitou ao Ministério do Meio Ambiente e ao ICMBio a reestruturação da equipe do Parque Nacional do Caparaó, e a formação do Consórcio de Prefeitos do Caparaó Mineiro. A parceria também formalizou um termo de cooperação técnica entre Sebrae/ES e Sebrae/MG, além do desenvolvimento do branding da Estrada Parque Caparaó, que estabelece identidade visual única para todo o território. “Essa parceria é um marco para a integração entre estados vizinhos. Queremos mostrar que governança não é apenas um conceito, mas uma prática entre líderes e empreendedores que geram resultados

NO VALE DO GUARANI, CHALÉS, CAMPING COM FOGO NO CHÃO E CAFÉS ESPECIAIS CONVIDAM O VISITANTE ENQUANTO O MUNICÍPIO SE PREPARA PARA RECEBER O NOVO POLO TURÍSTICO DA FAZENDA SANTA MARIA

concretos para empresas de todos os portes”, destaca o gerente da Unidade Regional Caparaó, Anderson Baptista.

Para Baptista, a consolidação de um território turístico interestadual no Caparaó já é realidade. O gestor destaca que o visitante não percebe fronteiras, e que iniciativas como a formatação da travessia dos Sete Cumes e a ampliação das experiências rurais e de natureza projetam o território nacional e internacionalmente. “Temos atrativos consolidados como o Pico da Bandeira e estamos formatando novos produtos, como a travessia dos Sete Cumes, que certamente projetará o território para todo o Brasil e até internacionalmente”, afirma.

**Com informações do Incaper e Sebrae/ES*



ROTA DO DRAGÃO TRANSFORMA MUQUI EM REFERÊNCIA DE TURISMO RURAL E NARRATIVO

No Sul do Espírito Santo, Muqui transforma criatividade, identidade local e sustentabilidade em estratégia de desenvolvimento turístico com a Rota do Dragão, projeto que já posiciona o município no mapa do turismo rural. Conhecida como “Cidade Menina” e Capital Estadual da Cultura, Muqui abriga no Vale da Morubia um roteiro que nasce da força da própria comunidade.

A experiência começa na icônica Pedra do Dragão, formação rochosa que serve de cenário para uma narrativa simbólica criada pela agricultora Helen Lima. Segundo ela, “a lenda do dragão foi

criada como uma forma de cuidar da natureza e de contar nossa história de um jeito que envolvesse as pessoas”.

A proposta se materializa ao integrar sítios agroecológicos, empreendimentos familiares e patrimônios culturais, cada um assumindo um personagem dentro da lenda, os chamados “pupilos do dragão”. Essa narrativa, explica Helen, reforça o compromisso com o território e a sustentabilidade. “Não sabemos se o dragão morreu ou adormeceu, mas ele deixou seus ensinamentos, e nós seguimos essa missão de proteger o meio ambiente”. Hoje,



A ROTA DO DRAGÃO, EM MUQUI, CONECTA TRILHAS, PAISAGENS E FANTASIA. À FRENTE DAS EXPERIÊNCIAS, HELEN LIMA (ABAIXO) TRANSFORMA O CAMINHO EM VIVÊNCIA AUTÊNTICA NO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO



seis propriedades fazem parte oficialmente da rota, além do Centro Histórico de Muqui, que completa o circuito e ajuda a atrair grupos de visitantes. O roteiro completo, inclusive, é feito mediante agendamento para grupos acima de dez pessoas.

Um dos destaques da rota é o Mercado Regional dos Vales e Café, que se consolidou como ponto de encontro e vitrine da produção local. Aberto de quinta a sábado à noite, reúne agricultores, artesãos e cozinheiras que transformam ingredientes do território em símbolos da criatividade muquiense, como o pastel de massa de café.

A hospedagem acompanha essa tendência de valorização territorial. O Recanto Christófori oferece chalés, bangalôs e a conhecida cabana com banheira sob teto d'água, unindo conforto à estética rural e aos elementos temáticos da rota. O café da manhã apresenta produtos da própria região, incluindo cafés especiais e frutas cultivadas nas propriedades vizinhas. Para vivências gastronômicas, o Sítio e Bistrô Flor

e Café destaca-se com cafés especiais, refeições preparadas com ingredientes locais e o tradicional suco de bougainvillea, de cor intensa e sabor delicado. No centro de Muqui, a Pizzaria Raboni Gourmet amplia o leque com hambúrgueres artesanais e pizzas servidas no período noturno.

O acesso à rota é simples. Saindo de Vitória, o percurso segue pela BR-262 até a BR-101 em direção ao sul, alcançando a ES-261 rumo a Mimoso do Sul e, depois, a ES-289 até Muqui. A entrada da cidade leva rapidamente à estrada rural

Muqui–Sumidouro, no km 1, onde a sinalização indica o Sítio e Bistrô Flor e Café, porta de entrada para a Morubia. A paisagem, marcada por lavouras, vales e áreas de mata preservada, compõe o ambiente perfeito para uma imersão que mistura natureza, agricultura familiar e narrativa cultural.

O fortalecimento da Rota do Dragão ecoa em outras experiências do Sul do estado, como a Rota do Itabira, em Cachoeiro de Itapemirim; a do Pico dos Pontões; e a Rota das Águas, em Vargem Alta, Iconha e Alfredo Chaves.



ROTEIROS DA GRANDE VITÓRIA REVELAM NOVAS EXPERIÊNCIAS

Na região Metropolitana, o turismo rural ganha cada vez mais espaço ao integrar produção agrícola, história e gastronomia em roteiros que têm atraído visitantes de todo o estado. A Serra é hoje o principal exemplo desse avanço. Com 60% do território composto por área rural, o município estruturou cinco circuitos turísticos, sendo o Circuito Guaranhuns o mais procurado.

Parte da Rota da Liberdade, trajeto que resgata o leste de São José do Queimado, maior revolta de pessoas escravizadas do Espírito Santo, o circuito reúne restaurantes rurais, propriedades produtivas e paisagens de Mata Atlântica, além do Sítio Histórico e Arqueológico, que preserva memórias fundamentais da luta por liberdade.

Entre os atrativos está o Restaurante Recanto do Mestre Álvaro, pioneiro do agroturismo serrano. Com fogão a lenha, trilhas ecológicas e acesso direto à Área de Proteção Ambiental Mestre Álvaro, o empreendimento simboliza a essência do turismo de experiência na região: comida caseira, produção local e imersão na natureza. Ao redor, queijarias, sítios, fazendinhas, áreas de camping e trilhas complementam o circuito, formando uma rede diversificada que sustenta tanto o lazer de fim de semana quanto atividades de ecoturismo e aventura.

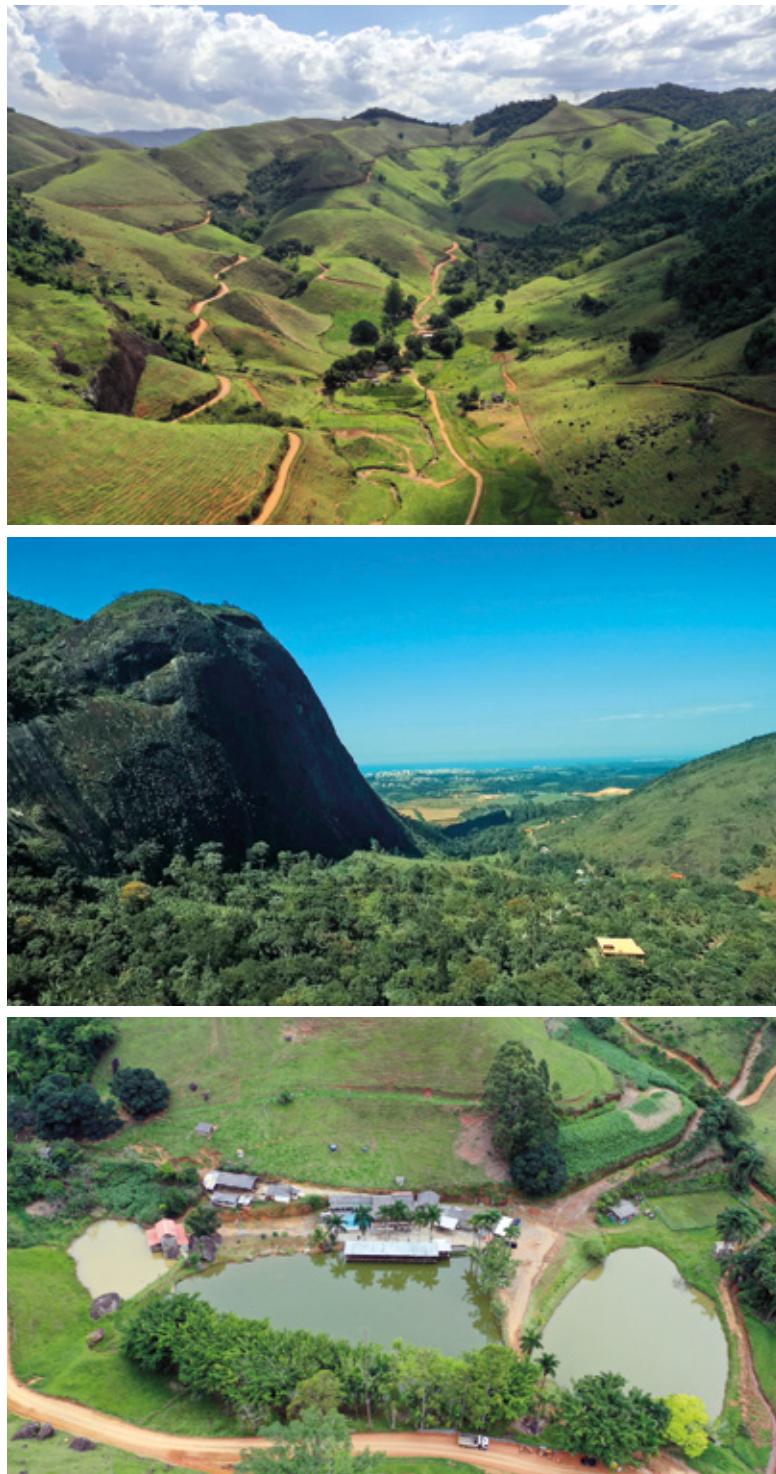
A expansão do turismo rural também se destaca em Viana, que transformou a produção de lúpulo em vetor de desenvolvimento com a criação da

JUNTOS, OS ROTEIROS METROPOLITANOS, DA SERRA A VIANA, PASSANDO POR GUARAPARI, COMPÕEM UM MOSAICO QUE REPOSICIONA A REGIÃO METROPOLITANA NO TURISMO CAPIXABA

Rota do Polo Cervejeiro, o primeiro polo público do Brasil dedicado ao setor. A iniciativa integra agricultura, inovação e turismo sensorial, consolidando o município como referência em cerveja artesanal.

Além do polo cervejeiro, Viana vem estruturando um conjunto mais amplo de roteiros rurais, reconhecendo o turismo como atividade estratégica para o desenvolvimento local e a valorização do interior do município. Com campos experimentais, novos empreendimentos e 14 cervejarias já comprometidas com o projeto, Viana prepara-se para se tornar destino obrigatório para apreciadores da bebida.

O polo cervejeiro reforça não apenas a economia agrícola, mas também o turismo de aventura. O percurso turístico inclui vivências com o cultivo do lúpulo, degustações, visitação a cervejarias e atividades como balonismo e canoagem no Rio Jucu.



NO INTERIOR DE VIANA, NATUREZA, SIMPLICIDADE E PRODUÇÃO RURAL SE ENCONTRAM EM PAISAGENS QUE REVELAM UM NOVO DESTINO TURÍSTICO DE PROXIMIDADE

A expectativa é que novos pesque-pagues, pousadas e espaços gastronômicos ampliem o fluxo de visitantes e diversifiquem o arranjo produtivo do município, fortalecendo a vocação rural e consolidando Viana como portal entre praias e montanhas.

Esse movimento ganhou ainda mais fôlego com o lançamento da Rota das Águas, circuito que conecta natureza exuberante, gastronomia artesanal, experiências culturais e a hospitalidade das comunidades rurais vianenses. Reúne cerca de 20 pontos de visitação em localidades como Piapitangi e Formate, passando por cachoeiras, sítios, pousadas, pesque-pagues, restaurantes de comida caseira e uma cervejaria artesanal. O percurso tem início no Recanto dos Lagos e segue por estradas vicinais que preservam a paisagem rural do território, oferecendo ao visitante uma experiência de proximidade com a natureza e com o modo de vida local.

Segundo a administração municipal, a Rota das Águas nasce com o propósito de estimular o turismo sustentável, gerar novas oportunidades de renda para as famílias e fomentar a valorização das tradições locais. O prefeito de Viana, Wanderson Bueno, destaca a importância da rota para o desenvolvimento rural. “Esse projeto não é apenas sobre turismo. É sobre oportunidade, renda, valorização da nossa cultura e respeito ao trabalho das famílias que constroem o interior de Viana todos os dias”, afirma.

Moradores e pequenos empreendedores receberam capacitação, participaram de encontros de alinhamento e vêm se preparando para estruturar seus espaços para receber o público visitante. Entre os pontos mais procurados estão o Vale das Cachoeiras e a Cervejaria Piabier.

Para o secretário Municipal de Desenvolvimento Econômico e Turismo, Francisco de Assis Sizino, a criação de rotas integra o Planejamento Estratégico de Viana, que passa a reconhecer o turismo como componente essencial da economia local. “Iniciamos os diagnósticos para identificar os potenciais turísticos, e a região da Rota das Águas destacou-se como uma das principais

**COM APENAS 12 KM SEPARANDO
O CENTRO DE GUARAPARI
DA REGIÃO MONTANHOSA, A
ROTA DA FERRADURA VIROU
REFÚGIO PARA FAMÍLIAS QUE
BUSCAM DESCANSO E CONTATO
COM A NATUREZA SEM SE
AFASTAR DO LITORAL**

apostas para se tornar um destino estratégico do município", afirma.

Sizino adianta ainda que o município avança nos estudos para o lançamento da Rota dos Migrantes, que reunirá pistas de pouso para parapente e asa-delta, além de decks de observação com vistas panorâmicas de Viana, da Grande Vitória e das regiões montanhosas, ampliando o portfólio de experiências ligadas ao turismo de natureza e aventura.

Entre os empreendedores que celebram a criação da Rota das Águas está Welber Crivilin, proprietário do Sítio País e Filhos, no Vale das Cachoeiras. O espaço abriga uma agroindústria de beneficiamento de ovos caipiras, produzidos com manejo

voltado ao bem-estar animal e já comercializados em supermercados da Grande Vitória. "Estamos planejando a abertura de um café colonial, inspirado nas antigas fazendas do interior. A proposta é receber as famílias para passar o dia conosco, em um ambiente agradável, com um cardápio típico de 'café de casa de vó', além de oferecer experiências rurais, como o contato com os animais da minifazendinha", detalha Crivilin.

Outro ponto emblemático da rota é o restaurante Recanto dos Lagos, comandado há 13 anos por Ângelo Trancoso Marconi. Para ele, a iniciativa representa mais do que um novo produto turístico. "Minha esperança é que este projeto gere oportunidades, renda, orgulho e pertencimento. Trabalhamos juntos para que isso aconteça", enfatiza.

Em Guarapari, a Rota da Ferradura amplia a oferta turística ao unir montanha, gastronomia e natureza em um trajeto de 18 km que percorre as localidades de Boa Esperança, Arraial do Jabuti e Buenos Aires. O percurso, de fácil acesso pela BR-101, oferece cachoeiras, restaurantes rurais, mirantes naturais e vivências que conectam o visitante ao lado mais bucólico do balneário mais famoso do estado. Com apenas 12 km separando o centro da cidade da região montanhosa, a Ferradura virou refúgio para famílias que buscam descanso, comida caseira e contato com a natureza sem se afastar do litoral.



ROTA TURÍSTICA DA COSTA E IMIGRAÇÃO



A Rota da Costa e da Imigração é uma das principais regiões turísticas do Espírito Santo, reunindo municípios do litoral e do interior que compartilham história, cultura e paisagens marcadas pela influência de diferentes povos que chegaram ao estado ao longo dos séculos. A região recebe esse nome por unir a beleza da costa sul capixaba ao legado da imigração, que deixou marcas profundas na arquitetura, nos costumes, na religiosidade e na gastronomia local.

Composta pelos municípios de Anchieta, Itonha, Piúma, Itapemirim, Marataízes, Presidente Kennedy e Rio Novo do Sul, a rota reúne desde praias movimentadas e falésias coloridas até vales, rios, cachoeiras e áreas de montanha, formando um mosaico de experiências para diferentes perfis de visitantes.

Dentro dessa rota, Anchieta se destaca de maneira especial por reunir, em um único território, uma grande diversidade de vivências turísticas, com praias entre as mais belas do sul capixaba, turismo

religioso de destaque nacional por meio do Santuário Nacional de São José de Anchieta, além de uma rica oferta de agroturismo e turismo de experiência.

No interior do município, cachoeiras, trilhas, cicloturismo, observação da natureza e vivências comunitárias ampliam as possibilidades de

visitação, tornando Anchieta um destino completo dentro da Rota da Costa e da Imigração. Assim, toda a região se consolida como um território onde cultura, história e natureza se encontram de forma harmoniosa, oferecendo ao turista uma experiência diversificada, autêntica e memorável.

**Com informações da PMA*

ONDE SE HOSPEDAR VIRA ATRAÇÃO



Com a chegada do frio, o turismo capixaba se destaca por hospedagens criativas e atrativas instagramáveis que unem charme, conforto e natureza. Na serra, Santa Teresa reúne experiências únicas como a Casa de Vidro, suítes em barris de vinho, além de hospedagens instaladas em ônibus estilizados. Em Domingos Martins, as Mauka Cabanas oferecem design e vista privilegiada, enquanto o Chalé Garrafão, em Santa Maria de Jetibá, chama atenção pelo formato inusitado.

No Caparaó, a Pousada Aero Sofiste, instalada em um avião, e a Kombi Cogumelo Espacial reforçam o turismo criativo em Divino de São Lourenço. Já em Guarapari, a Tiny House apostou em uma proposta minimalista e intimista. Cafés e restaurantes também entram na rota, como o Vovô Nininho, em Dores do Rio Preto, famoso pela moka gigante, e o Ônibus Casa, em Venda Nova do Imigrante, ampliando o leque de diferentes experiências no Espírito Santo.



PASSOS LENTOS: NOVO MAPA DO AGROTURISMO DAS REGIÕES NORTE E NOROESTE ESTÁ SENDO DESENHADO

PIER DA ALTO LIBERDADE, INTERIOR DE MARILÂNDIA

O Espírito Santo é reconhecido nacionalmente pelo pioneirismo no agroturismo e turismo rural. Não por acaso, o estado abriga a “Capital Nacional do Agroturismo”, Venda Nova do Imigrante. O movimento que garantiu à cidade serrana esse título começou ainda nos anos 1990 e influenciou diversos municípios.

Cidades como Conceição do Castelo, Santa Teresa, Dores do Rio Preto, Vargem Alta e Santa Maria de Jetibá, entre outras, também avançaram e se consolidaram como destinos de agroturismo e turismo rural nas últimas décadas. Além do sucesso dos empreendimentos rurais, que atraem turistas de todo o país e até do exterior, há uma característica em comum: esses municípios estão todos nas regiões Sul e Serrana do Espírito Santo.

Já o Norte e o Noroeste, formados por municípios predominantemente rurais, não vivenciam a mesma expansão. As experiências do setor são poucas ou quase inexistentes. Quem explica é a turismóloga Laura Rodrigues, sócia de uma empresa credenciada ao Sebrae. “Temos um potencial enorme — paisagem rural, comunidades tradicionais, agricultura familiar forte, produção variada de cacau, café, mandioca, pimenta-do-reino e pecuária. Porém, o agroturismo nessas regiões ainda está em fase inicial ou intermediária de desenvolvimento, com iniciativas pontuais, mas sem uma estrutura consolidada como ocorre no Sul do estado”, afirma.

Para Laura, a diferença central entre as regiões é histórica e cultural. “A imigração italiana e alemã criou pequenas propriedades familiares, com forte cultura de hospitalidade. Esses produtores abriram suas casas antes mesmo do conceito de ‘agroturismo’. Têm mentalidade empreendedora consolidada e entendem que o turismo gera renda, valoriza a identidade local, preserva tradições e cria futuro para os filhos no campo.”

No Norte e no Noroeste, segundo a especialista, falta capacitação e visão empreendedora voltada ao turismo. “Muitos agricultores não se veem como anfitriões. Ainda há a ideia de que ‘turismo dá trabalho e não compensa’, por falta de exemplos locais de sucesso. Falta articulação entre propriedades, políticas públicas específicas, investimento em for-

UMA VIAGEM PELAS REGIÕES NORTE E NOROESTE DO ESPÍRITO SANTO MOSTRA QUE OS PRODUTORES COMEÇAM A ENXERGAR NO TURISMO RURAL UMA OPORTUNIDADE DE RENDA E DESENVOLVIMENTO

mação contínua, infraestrutura e produtos turísticos organizados.”

Com experiência semelhante na região, a turismóloga Andréa Blunck Salazar concorda com os fatores apontados. “A colonização aqui foi muito diferente da ocorrida do Sul do Estado. A cultura é outra. E a descontinuidade política é um agravante. Você comeceia um projeto, as pessoas se empolgam; muda a gestão e tudo é engavetado. Já aconteceu comigo. Além disso, falta visão empreendedora: podemos ter o produto e o atrativo, mas o proprietário pode não querer receber, e aí não investe”, relata.

Quanto ao apoio do poder público municipal, Laura destaca outra vantagem da região Sul. “Onde o turismo rural e o agroturismo funcionam, há cadastro e mapeamento de propriedades, programas de incentivo à regularização sanitária, formação contínua (atendimento, empreendedorismo, gastronomia, precificação) e eventos que atraem público. O que falta ao Norte e ao Noroeste é política contínua, e não ações isoladas.”

PONTOS FORA DA CURVA

Entre os municípios com grande potencial para o agroturismo e o turismo rural está Jaguaré. Ali, além de características favoráveis — como agricultura familiar forte, diversidade agrícola e iniciativas de turismo pedagógico —, o poder público decidiu investir no setor.

A Prefeitura de Jaguaré é exemplo de como o empenho do Executivo local influencia o crescimento do turismo rural. Por meio da Secretaria de Turismo, o município lançou, no fim de novembro de 2025, a Rota do Café Conilon de Jaguaré. Instituída ofi-



FOTO ARQUIVO PESSOAL

DEPOIS DO SUCESSO COM O CAFÉ 100% CONILON, A FAMÍLIA CALVI AGORA INVESTE NO TURISMO DE EXPERIÊNCIA

cialmente em junho deste ano, pela Lei Municipal 1.843/25, a rota conta com quatro roteiros e reúne 14 empreendimentos de diferentes segmentos, entre cafés especiais, almoço caipira, café colonial, apresentações culturais, produção artesanal de cachaça, cachoeiras, apiário e pesque-pague.

A secretaria municipal de Turismo, Vera Lúcia de Backer Wandermurem, explica que tudo começou com um diagnóstico. “Já sabíamos de propriedades com atrativos interessantes e de moradores com interesse em investir na área. A partir disso, estimulamos essas famílias, trabalhando com elas ao longo do tempo, superando desafios e amadurecendo ideias — até que o projeto se concretizou.”

Para incentivar os produtores, Vera criou um mostruário de produtos e levava o material a todas as reuniões. “Isso despertava interesse. Muitos diziam: ‘Eu também tenho algo assim! Vamos criar um rótulo e colocar meu produto no mercado’. Um empreendedor incentivava o outro, e o movimento foi crescendo.”

Hoje, Jaguaré tem 21 marcas e 78 produtos agroartesanais locais. Para fortalecer o setor, a Prefeitura promove eventos e feiras, oferecendo espaços para exposição e vendas. “A nossa proposta é transformar Jaguaré em um polo de agroturismo. Estamos felizes por ver as pessoas acreditando, empreendendo e percebendo que o agroturismo pode ser fonte de renda e desenvolvimento humano, social e cultural”, afirma.

Produtores de café conilon há várias gerações, a família Calvi, do Sítio Boa Vista, em Barra Seca Velha, resolveu trabalhar com café de qualidade e criou a marca 100% conilon Café Calvi do Brasil. Com o passar do tempo e o aumento do portfólio de produtos, resolveram abrir uma fábrica de beneficiamento de café e, mais recentemente, decidiram abrir a propriedade para visitação. O sítio da família faz parte de um dos roteiros da Rota do Conilon.

Kétine Calvi, que atua ao lado do pai e dos irmãos, comenta as expectativas em relação ao novo projeto e destaca a importância do apoio do poder público. Segundo ela, o processo tem ocorrido de forma natural, impulsionado principalmente por políticas públicas voltadas ao agroturismo e ao turismo de experiência. As expectativas são positivas, com a convicção de que a rota terá continuidade no município. Para isso, a família já se prepara para receber os turistas em sua propriedade.

A família de Deuciane Laquini de Ataíde, também resolveu investir no setor. Acostumada com a produção de café conilon e pimenta do reino, destinou parte da

“UM EMPREENDEDOR INCENTIVAVA O OUTRO, E O MOVIMENTO FOI CRESCENDO. HOJE, JAGUARÉ TEM 21 MARCAS E 78 PRODUTOS AGROARTESANAIS LOCAIS”
VERA LÚCIA DE BACKER WANDERMUREM



O EMPREENDIMENTO FICA A APENAS TRÊS QUILÔMETROS DO CENTRO DE JAGUARÉ

fazenda Boa Vista, que fica no córrego Jundiá, a apenas três quilômetros do centro de Jaguaré, para um empreendimento de turismo rural. Batizado de Recanto Lagoa Azul, o local fica às margens de três represas e conta com lagoa de águas cristalinas, todas aptas para banho. Foram construídas três acomodações para casal, além de uma área de churrasco.

“Percebi a carência de hospedagens no município. Queremos proporcionar contato direto com a natureza, banho de lagoa e tranquilidade”, diz Deuciane, que, mesmo fora dos roteiros oficiais, acredita no impacto da nova rota. “A rota dá visibilidade para quem está investindo.”

O consultor do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar-ES), Sebastião Carias, o Macarrão, confirma essa tendência. “A falta de hospedagem rural é um dos principais gargalos. Muitos turistas visitam pesque-pagues, agroindústrias e propriedades, mas não encontram oferta estruturada para pernoitar. É uma grande oportunidade de negócio.”

O Senar atua orientando produtores que desejam agregar valor, diversificar serviços ou explorar novas

formas de comercialização, como pousadas, lojas e empreendimentos turísticos no meio rural.

OUTROS MUNICÍPIOS EM MOVIMENTO

Em São Roque do Canaá, o poder público também tem avançado. A secretária municipal de Turismo, Cultura, Esporte e Lazer, Eliane Renata Cimero Calci, afirma que o município tem grande potencial e crescimento visível no setor. “O agrroturismo e o turismo rural são vetores estratégicos para o desenvolvimento socioeconômico e sustentável do meio rural. Não é apenas lazer; agrega valor à produção tradicional e melhora a qualidade de vida dos moradores.”

A Secretaria buscou apoio do Sebrae para acompanhar 15 empreendimentos, entre cachaçarias, espaços de lazer, agroindústrias e serviços gastronômicos. “A ideia é criar uma rota estruturada, mas para isso é preciso organização, diagnóstico e planejamento turístico. E estamos avançando”. O Sebrae já apre-



O PICO DAS ABELHAS ESTÁ LOCALIZADO EM ALTO RIO NOVO E SUPERA OS 890 METROS DE ALTITUDE

sentou o diagnóstico e os planos de ação para adequação dos empreendimentos.

Em 2023, o Consórcio Intermunicipal do Noroeste do Espírito Santo (CIM Noroeste), que reúne 15 municípios, criou a Câmara de Turismo e deu início a uma série de ações para alavancar o setor, em suas mais variadas vertentes — especialmente o agroturismo — na área de abrangência do Consórcio. Um dos projetos desenvolvidos foi o “Decola Turismo”, realizado por uma empresa terceirizada, com apoio financeiro do Sebrae.

Ao longo de um ano, o programa formatou experiências turísticas, qualificou mais de 180 empreendedores e organizou roteiros do território, além de fortalecer a presença digital e as estratégias de visibilidade. Ao final, os empreendedores receberam um portfólio turístico como resultado do trabalho desenvolvido na região.

O diretor da Câmara de Turismo do CIM Noroeste, Aldecir Bassetti, destacou que o primeiro e mais importante passo para a criação da Câmara foi o convencimento dos gestores. “Vimos a

necessidade de criação da Câmara e partimos para o convencimento, a sensibilização dos prefeitos sobre a importância de olhar e trabalhar esse setor nos municípios. Essa não foi uma tarefa fácil, mas, com o tempo, eles entenderam a relevância e abraçaram a causa.”

Bassetti lembra que, antes da criação da Câmara, as secretarias municipais de Turismo funcionavam como uma pasta única, sempre vinculadas a outras áreas, como Esporte e Lazer, Cultura e até Educação. Aos poucos, esse cenário vem mudando. “Já temos prefeituras com a Secretaria de Turismo separada, com um secretário dedicado exclusivamente ao tema.”

Em 2024, o Sebrae inaugurou um escritório em Pancas para atender empreendedores de toda a região e fomentar o agroturismo e o turismo de aventura, muito presentes no território. “Muitos empreendedores não percebem o valor do turismo rural para o negócio. Nosso trabalho é estruturar e ampliar a visibilidade desses empreendimentos. Atuamos na roteirização, na articulação com agências e guias e no fortalecimento da oferta turística local”, explica Carla Bortolozzo, gerente Regional Central.

FOTO ARQUIVO PESSOAL



DE MÃOS DADAS

O associativismo, ferramenta antiga e eficaz, também tem impulsionado o agroturismo e o turismo rural. Em 2023, uma lei estadual criou a Rota do Agroturismo de Linhares e Região, abrangendo o Distrito de São Rafael e seu entorno, além de Rio Bananal, Marilândia e Governador Lindenberg. A rota reúne mais de 30 empreendedores — de uva, cafés especiais, vinhos, mel, licores, vinagre artesanal, doces caseiros, flores e hortaliças. Também inclui cachoeiras, rampa de voo livre e o Cruzeiro de Alto Liberdade.

Para organizar e fortalecer o grupo, foi criada a Associação da Rota de Agroturismo das Montanhas. “Nosso papel é formar uma rede de apoio para incentivar, capacitar e fortalecer os empreendedores”, diz a presidente, Kelly Cristina Ramos. Ela lembra que unir o grupo foi o primeiro desafio. “Foi preciso mostrar a importância de trabalhar juntos e do impacto do agroturismo no desenvolvimento regional.”

Uma das conquistas foi a parceria com a Prefeitura de Linhares para criar o Festival de Inverno, que acontece em junho. A associação também luta por melhorias nas estradas de acesso aos pontos da rota.

Pancas também conta com entidade própria: a Associação de Turismo de Pancas (Aturp), criada há dois anos, é formada por 33 associados. O município já é destaque em turismo de aventura e atrativos naturais, como os Pontões Capixabas, a Pedra do Camelo, a Pedra Agulha e a Pedra do Leitão. “Estar associado significa união, representatividade e capacidade de transformar demandas em resultados concretos”, afirma a presidente, Audiceia Chiaato, que é produtora rural e proprietária do Recanto da Prata.

Apesar dos desafios, como a necessidade de capacitar melhor os empreendedores, a Aturp já articula a criação do Centro de Atendimento ao Turista.

ROTAS QUE MOVEM O INTERIOR

Em 2023, João Neiva ganhou a Rota dos Queijos, criada pela Lei 11.802/2023. Localizada às margens da rodovia 259, a rota tem 9,5 km e contempla cinco queijarias: Giacomin, Trevo, Bergantini, Del Caro e Vila Veneto. O presidente da Associação, Pedro Henrique Borline, explica o impacto após a criação da rota. “As queijarias já existiam há algum tempo, mas com a criação da rota, esse roteiro se tornou mais forte, mais visível, mais divulgado e visto, não só pelos capixabas, mas também para turistas de todo o país. A rota fez toda diferença e incentivou novos empreendedores”, frisa Borline.

INSTITUÍDA EM 2023, A ROTA DOS QUEIJOS ALAVANCOU MOVIMENTO NAS QUEIJARIAS



FOTO ARQUIVO SEAG

FOTO ARQUIVO PESSOAL



O SÍTIO PONTI É ABERTO AO PÚBLICO DE SEXTA A DOMINGO

Na rota, o visitante pode também conhecer a arquitetura dos casarões históricos de imigração italiana e adquirir uma variedade de produtos artesanais, como capeletti, macarrão, biscoitos, chocolates, goiabada, embutidos, cachaça, cerveja e até instrumentos musicais.

Movimento semelhante ocorre em São Mateus, onde a Associação Agricultura Forte solicitou à Assembleia Legislativa a criação da Rota das Espéciarias, aproveitando o forte potencial local de pimenta-do-reino, pimenta-rosa, macadâmia, beiju, café, cacau e coco. O município tem Indicação Geográfica para as pimentas. “O turismo rural pode agregar muito valor às produções. Com apoio técnico, vamos organizar e

capacitar os produtores para receber visitantes”, afirma a diretora executiva da associação, Fernanda Marin Permanhane.

A rota foi sancionada em junho de 2025 e já está em fase de diagnóstico e capacitação. Sete famílias participam inicialmente, com possibilidade de ampliar o grupo. A denominação da rota não foi escolhida por acaso, e não restringe a participação apenas aos produtores deste segmento. O nome, segundo Fernanda, “carrega um valor simbólico e histórico importante: as especiarias tiveram papel fundamental nas grandes navegações e no desenvolvimento econômico mundial. São Mateus possui um porto histórico que fez parte desse processo e pode ser mais bem explorado como atrativo”, enfatiza. O lançamento oficial está previsto para o primeiro semestre de 2026. Participam da gestão Sebrae, Sindicato Patronal Rural, Incaper, Prefeitura de São Mateus e Senar.

HISTÓRIAS DE QUEM FAZ ACONTECER

Apesar das dificuldades e da falta de incentivo em algumas regiões, empreendedores têm colocado a mão na massa para desenvolver o turismo rural e o agroturismo. Em 2014, o casal Ana Claudia Cremasco e Moisés Cremasco, moradores de Alto Rio Novo, no Noroeste do estado, resolveu comprar um sítio. Mas, o que era para ser apenas uma fonte de lazer da família, se transformou em um dos poucos empreendimentos desse tipo na cidade.

No Sítio Roda D’água, em Córrego Água Limpa, no interior do município, Ana Cláudia e Moisés instalaram um circuito de arvorismo com trilha para adultos e crianças no meio da mata preservada, além de uma tirolesa e um muro de escalada. A antiga casa do caseiro foi transformada em suítes, a tulha virou salão de jogos, a varanda da casa principal, restaurante e salão de festa, os tanques de peixes viraram espaço de pesca esportiva, e em breve dois quartos da casa serão transformados em museu com peças antigas usadas no interior.

“A ideia de transformar o sítio num espaço de turismo sempre esteve na nossa cabeça. Sempre achamos que esse espaço tinha um grande potencial e acreditamos muito que vai beneficiar toda a região. Está sendo uma experiência muito gratificante. A cada dia surge uma nova ideia para colocarmos em prática”, conta Ana Claudia.

Além do aproveitamento de tudo o que já existia no sítio e do circuito de arvorismo, o casal também investiu na construção de chalés, piscina, bicicletas para passeios, campo de futebol, entre outros. Ana Claudia conta que o município não oferece opções de lazer com a mesma proposta deles, e que, aos poucos, as pessoas estão descobrindo o local. “O movimento do sítio está crescendo gradualmente. A maioria dos visitantes ainda são da cidade, mas já recebemos pessoas de municípios vizinhos, da Grande Vitória, Leste de Minas, que passam a noite por aqui ou vem passar o domingo”.

Para médio e longo prazo, Moisés e Ana Claudia planejam voltar com a produção de fubá feito no moinho de pedra e da cachaça Roda Mágica, em um alambique montado no sítio pelos antigos proprietários. “Producimos cachaça e fubá entre 2014 e 2018, quando o alambique, o moinho e a roda d’água foram desativados temporariamente para que pudéssemos dar atenção à estruturação do sítio. Trabalhamos para que o sítio seja reconhecido como um espaço de agroturismo”.

Outro exemplo inspirador é o Sítio Pionti, em Chapadinha, entre Nova Venécia e Vila Pavão. Há mais de meio século, quando pouco se ouvia dizer

**APESAR DAS DIFICULDADES
E DA FALTA DE INCENTIVO
EM ALGUMAS REGIÕES,
EMPREENDEDORES TÊM
COLOCADO A MÃO NA MASSA
PARA DESENVOLVER
O TURISMO RURAL**

os termos agroturismo e turismo rural, o saudoso Bento Pionti criou a cachaçaria Pionti. Enquanto a marca se expandia e conquistava o mercado capixaba de cachaça, o entorno do alambique se estruturava para receber visitantes de todo o país e até do exterior.

O Sítio Pionti é pioneiro no agroturismo e um dos únicos empreendimentos do setor na região. Neta de Bento, Juliete Pionti, ao lado dos pais, Wilson e Creusa, e dos irmãos, Wilson Júnior e Kiara, administra o negócio da família. Ela conta que, desde que assumiram a cachaçaria, as pessoas pediam para conhecer o processo de fabricação, e assim deram início às visitações. “As pessoas têm curiosidade para saber como é feita a cachaça. Muita gente pedia para ver, para conhecer, e meus pais, para deixar o local mais bonito e agradável, começaram a plantar árvores, foram aos poucos reflorestando em volta da fábrica. Quem nos visita, tem oportunidade de degustar a cachaça em meio a natureza, e aprender um pouco sobre a cachaça do Espírito Santo”, relata.



FOTO ARQUIVO PESSOAL

Da mesma forma, a família foi ampliando os investimentos para atrair os turistas. Além da loja própria, onde são comercializadas as aguardentes fabricadas pela família, e do tour para conhecer a produção, o local possui restaurante, bar, tirolesa e uma gruta subterrânea, onde envelhecem a bebida, aberta à visitação.

O sítio é aberto ao público de sexta-feira a domingo e, apesar de receber um público considerável ao longo de todo o ano, Juliete diz que “falta incentivo, não só em Nova Venécia, mas nos municípios da região como um todo, para que mais pessoas invistam e, assim, mais visitantes sejam atraídos”.

AVANÇOS NA LEGISLAÇÃO PODEM IMPULSIONAR O SETOR

O Ministério do Turismo publicou, em setembro de 2025, uma portaria que estabelece condições para o cadastro de produtores rurais e agricultores familiares no Cadastur. A medida é considerada um marco, pois reconhece e dá visibilidade a quem oferece serviços turísticos nas propriedades, garantindo acesso a políticas e programas do Ministério.

Um dos pontos mais relevantes é que o produtor continua sendo reconhecido legalmente como produtor rural ou agricultor familiar, mesmo oferecendo serviços turísticos. Para o secretário de Estado do Turismo do Espírito Santo, Victor Coelho, “o Cadastur é a ferramenta que formaliza, qualifica e dá visibilidade nacional e segurança jurídica aos empreendimentos rurais, garantindo que o agroturismo capixaba continue sendo referência”.

A Setur trabalha com instâncias regionais e parceiros para ampliar a conscientização sobre a importância do registro. O Sebrae também auxilia produtores no processo.

TENDÊNCIA

A 2ª edição da pesquisa “Demanda Turismo Rural”, divulgada pelo Ministério do Turismo em parceria com a Sprint Dados e a Rede Turismo Rural Consciente (Rede RDC), em junho de 2023, aponta o turismo rural como uma forte tendência no setor de viagens.

PRINCIPAIS RESULTADOS:

74% dos turistas que buscam o segmento procuram o interior do país para contemplar a natureza.

70% levam em conta o atributo “paz e tranquilidade” na escolha do destino.

73% são atraídos pela autenticidade da comida caseira.

60% escolheram trilhas entre mais de 40 atividades disponíveis no meio rural.

AGROTURISMO X TURISMO RURAL

Turismo rural é a atividade turística que ocorre no meio rural, integrando produção agrícola, cultura, gastronomia, natureza e modos de vida do campo. Proporciona lazer, descanso e contato com tradições e saberes locais, gerando renda e fortalecendo a identidade das comunidades.

Agroturismo é uma modalidade dentro do turismo rural em que o visitante participa diretamente das atividades produtivas da propriedade — colheita, plantio, ordenha, preparo de alimentos, entre outras — vivenciando a rotina agrícola.

MARATAÍZES INAUGURA TOTENS DO MUSEU DE PERCURSO E REFORÇA IDENTIDADE CULTURAL E TURÍSTICA

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A Prefeitura de Marataízes, em parceria com o Sebrae, inaugurou em dezembro os totens do Museu de Percurso, uma iniciativa que integra o projeto de branding territorial do município e reforça a identidade cultural e o potencial turístico da cidade capixaba.

A cerimônia marcou a instalação de seis totens em pontos estratégicos que destacam o patrimônio histórico e afetivo de Marataízes. Três deles, de menor porte, fazem a identificação histórica de locais emblemáticos como o Palácio das Águias, o Trapiche e a Oficina Ferroviária; já três totens maiores apresentam de forma detalhada narrativas sobre a história e a relevância cultural desses locais.

#TURISMO DE EXPERIÊNCIA E PERTENCIMENTO

O Museu de Percurso vai além da sinalização turística: ele foi pensado para criar vínculos entre moradores, visitantes e a memória coletiva da cidade, promovendo um sentimento de pertencimento e valorizando a história local. A proposta é qualificar a experiência turística com conteúdo cultural acessível em suportes físicos espalhados pelos atrativos urbanos.

Um diferencial da iniciativa é a valorização da economia criativa local: os totens foram confeccionados por uma empresa de carpintaria naval tradicional com mais de 90 anos de história, fortalecendo saberes artesanais e a cadeia produtiva local.

A PREFEITURA DE MARATAÍZES, EM PARCERIA COM O SEBRAE, INAUGUROU EM DEZEMBRO OS TOTENS DO MUSEU DE PERCURSO

#CONEXÕES COM OUTROS PROJETOS TURÍSTICOS

A inauguração dos totens ocorre em um momento de expansão das ações voltadas ao turismo em Marataízes. Em novembro, o Conselho Municipal de Turismo (Comtur) apresentou novos projetos estruturais para o setor. Entre eles estão a construção do Centro de Atendimento ao Turista (CAT), em parceria com o Governo do Estado, com o objetivo de melhorar a infraestrutura e o acolhimento de visitantes, e o Portal da Cidade, que será um marco de boas-vindas aos turistas e símbolo da identidade municipal. Essas ações reafirmam o compromisso da gestão com o desenvolvimento sustentável do turismo local e com a consolidação de Marataízes como destino de referência no litoral capixaba.

Com a entrega dos totens e os projetos em andamento, Marataízes avança no reposicionamento estratégico como destino turístico, comercial e afetivo. Os equipamentos não só oferecem informações acessíveis ao público, como também estruturam um percurso que integra cultura, comércio e experiência, contribuindo para o fortalecimento da economia local e o desenvolvimento sustentável.

ALEGRE: TURISMO, FORÇA DO CAMPO E O EXEMPLO DE UNIÃO QUE NASCE EM FELIZ LEMBRANÇA

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA

jornalismo@conexaosafra.com

Localizado no Sul do Espírito Santo, o município de Alegre se consolida como um dos territórios mais completos da região quando o assunto é integração entre natureza, produção rural e organização comunitária.

Com vocação agrícola, paisagens exuberantes e um tecido social cada vez mais fortalecido, Alegre mostra que desenvolvimento se constrói com identidade, planejamento e participação coletiva.

No turismo, o município é referência estatal. A Cachoeira da Fumaça, cartão-postal de Alegre, impressiona pela imponência de suas quedas d'água e pela força simbólica que representa para o ecoturismo capixaba.

Inserida em área de preservação, ela atrai visitantes de diferentes regiões, movimentando a economia local e fortalecendo atividades ligadas ao turismo sustentável.

No campo, a infraestrutura rural tem sido determinante para garantir qualidade de vida às famílias e competitividade à produção agrícola. Estradas vicinais recuperadas, acesso facilitado às comunidades, apoio técnico, incentivo à diversificação produtiva e ações voltadas à agricultura familiar formam a base de um município que reconhece a importância do homem e da mulher do campo.

Alegre mantém uma economia rural dinâmica, com destaque para a cafeicultura, pecuária e produção de alimentos que abastecem a região. Mas é no associativismo que Alegre vive um de seus momentos mais simbólicos.

Na comunidade Feliz Lembrança, um movimento de organização coletiva tem transformado a realidade local. Com o apoio direto da Prefeitura Municipal de Alegre, produtores e moradores se uniram em torno de objetivos comuns: melhorar a produção, fortalecer a comercialização, buscar capacitação e ampliar o protagonismo da comunidade nas decisões locais.

O associativismo em Feliz Lembrança vai além da formalização de uma entidade. Ele representa mudança de mentalidade, cooperação e confiança mútua. A atuação conjunta com o poder público tem garantido acesso a políticas públicas, projetos de desenvolvimento rural, assistência técnica e incentivo à geração de renda. O resultado é uma comunidade mais organizada, com autoestima elevada e perspectiva de futuro. Alegre mostra, na prática, que quando o poder público caminha ao lado da população, especialmente no meio rural, os resultados aparecem.

Entre cachoeiras que encantam, estradas que conectam e comunidades que se fortalecem pela união, o município se consolida como exemplo de desenvolvimento sustentável e humano no Espírito Santo.

FOTO DIVULGAÇÃO PREFEITURA MUNICIPAL DE ALEGRE



CHINA PARK SE Torna O PRIMEIRO RESORT DO ES

FOTO DIVULGAÇÃO



CHINA PARK ECO RESORT Torna-se o PRIMEIRO RESORT DO ESPÍRITO SANTO A INTEGRAR A RESORTS BRASIL

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo alcançou um marco inédito no turismo. No último dia 10 de dezembro, o China Park Eco Resort oficializou sua entrada na Associação Resorts Brasil, tornando-se o primeiro empreendimento capixaba a integrar a entidade nacional que reúne os maiores representantes do setor. A assinatura do termo de adesão aconteceu no Gabinete do Governador Renato Casagrande, no Palácio Anchieta, em uma solenidade que reuniu autoridades estaduais e lideranças do trade.

A participação do vice-presidente institucional da Resorts Brasil, Thiago Borges Ferreira, reforça

o peso da conquista. Para o estado, a integração do China Park representa mais que um reconhecimento, projeta o Espírito Santo para um patamar até então inédito, alinhando-o às principais rotas do turismo de experiência e lazer do país.

Localizado nas Montanhas Capixabas, o China Park passou por um longo ciclo de investimentos e expansão até consolidar estrutura e serviços que atendem aos critérios da entidade — referência nacional em qualidade hoteleira. A nova certificação tende a repercutir positivamente em toda a cadeia produtiva. Agências, operadoras, guias, transportadoras e fornecedores locais devem sentir os efeitos de maior visibilidade e aumento de fluxo turístico, estimulando negócios e fortalecendo a economia das Montanhas Capixabas.

VERÃO 2026 EM ALFREDO CHAVES: A ESTAÇÃO PERFEITA PARA VIVER O MELHOR DA NATUREZA CAPIXABA



Prepare-se para um verão que tem cheiro de mato molhado, barulho de água caindo e dias iluminados pelas montanhas capixabas. Em 2026, Alfredo Chaves se firma como um dos destinos mais irresistíveis do Espírito Santo - o tipo de lugar que abraça quem chega e surpreende quem fica. Aqui, o tempo corre diferente. As cachoeiras encantam, a brisa da rampa de voo livre renova, as pousadas acolhem, e as agroindústrias espalhadas pelas comunidades revelam sabores que só o interior sabe oferecer. Ainda, o jeitinho alfredense de receber bem!

CACHOEIRAS QUE REFRESCAM O CORPO E A ALMA

Com mais de 20 quedas d'água que parecem ter saído de um filme, Alfredo Chaves é o cenário perfeito para quem quer se desconectar da rotina e se conectar consigo mesmo. Entre elas está a maior do estado em queda livre, a Engenheiro Reeve, em Matilde. O parque agora é aberto, sem cobrança. Bem perto dali, fica a Estação Ferroviária centenária e o Túnel Encantado. Outras cachoeiras: Iracema e Iraceminha; Vovó Lúcia, com duas quedas belíssimas em Ibitiruí, perfeitas para curtir as férias em família; Piripitinga, em São Francisco de Batatal; Daróz, em Carolina, além das cachoeiras da Mercearia e do Pin, em São Roque de Maravilha.

AVENTURAS PARA LEMBRAR O ANO INTEIRO

Se você ama adrenalina, Alfredo Chaves entrega: rapel, trilhas e, claro, o famoso voo de



parapente. Na rampa de Cachoeira Alta, a apenas 6 km da sede, a sensação é de tocar o céu. Pilotos experientes realizam voos duplos que transformam qualquer dia comum em uma história para contar para a vida inteira. O trecho da vila até a rampa vem sendo pavimentado.

E PARA QUEM PREFERE CALMA...

Estradinhas cercadas de verde, vilarejos acolhedores, paisagens de tirar o fôlego e aquele clima de interior que relaxa só de olhar. É o destino perfeito para reabastecer as energias.

HOSPEDAGEM E SABORES QUE SÃO UM PRESENTE

O município oferece pousadas para todos os estilos: do rústico cheio de charme ao sofisticado e confortável.

E O QUE DIZER DA COMIDA?

Restaurantes que valorizam a culinária capixaba e os temperos locais, além de agroindústrias familiares que vendem o que há de melhor no interior: bolos caseiros, pães e biscoitos artesanais, queijos fresquinhos, doces



tradicionais, vinhos e licores. É um passeio completo para os sentidos.

Seja para um bate-e-volta, um fim de semana revigorante ou férias prolongadas, Alfredo Chaves é o destino que você vai querer revisitar. Reserve sua hospedagem com antecedência e venha viver um verão cheio de água, aventura, sabores e boas histórias.

CAMPANHA NACIONAL ‘CORRA PARA AS MONTANHAS CAPIXABAS’ AMPLIA VISIBILIDADE DO DESTINO E MIRA MAIS TURISTAS

FOTOS HEITOR DELPUPO/DIVULGAÇÃO MCC&VB



A campanha nacional “Corra para as Montanhas Capixabas”, lançada pelo Montanhas Capixabas Convention & Visitors Bureau (MCC&VB), chegou às redes sociais em dezembro para ampliar a visibilidade da região no cenário turístico brasileiro e atrair novos visitantes para um dos destinos de natureza mais autênticos do país. A iniciativa, totalmente focada no ambiente digital, convida viajantes de todo o Brasil, especialmente dos estados vizinhos, a explorarem a diversidade de paisagens, sabores e experiências que marcam as Montanhas Capixabas.

Com investimento diário estimado em R\$ 2.500,00 em plataformas como Meta Ads e Google Ads, a campanha deve alcançar, ao longo de 60 dias, entre 5,2 e 10,7 milhões de impressões e gerar 29.800 a 49.000 cliques por dia. Todo o conteúdo direciona o público para o portal montanhascapixabas.org.br, que reúne informações completas, roteiros temáticos, atrativos, hospedagens e serviços turísticos da região. Além da presença digital, ações de *press trip* reforçarão a estratégia, apresentando na prática as experiências preparadas para receber o turista. A campanha conta com patrocínio do Sebrae/ES e do Sicoob, além do apoio da Secretaria de Estado do Turismo (Setur).



DIRETORA EXECUTIVA DO CONVENTION, ANDREIA ROSA

Para a gerente da Regional Serrana do Sebrae/ES, Patrícia Cangussu, a campanha tem impacto direto no fortalecimento econômico e na valorização dos pequenos negócios. “Eu vejo a campanha nacional como um convite para fazermos juntos o que realmente gera resultado: dar visibilidade aos pequenos negócios. Nas Montanhas Capixabas, isso significa fortalecer quem faz a hospitalidade acontecer, das pousadas e restaurantes familiares ao agroturismo e aos roteiros de natureza, conectando essas marcas locais a uma narrativa única do nosso território”. Segundo ela, o movimento vai além da promoção. “Com essa campanha, queremos atrair mais turistas, fazer com que permaneçam mais tempo, gastem melhor, divulguem nossas experiências e retornem ao Espírito Santo.”

O engajamento do setor financeiro cooperativo também reforça a dimensão regional da iniciativa. A diretora operacional do Sicoob Sul-Serrano, Mayara Caus, destaca o compromisso da cooperativa com o desenvolvimento local. “Para o Sicoob Sul-Serrano, apoiar a campanha ‘Corra para as Montanhas Capixabas’ é investir no desenvolvimento da nossa região e no fortalecimento do turismo local. A ação amplia a visibilidade do destino em nível nacional e conecta mais pessoas às experiências únicas na região. Temos orgulho de contribuir para iniciativas que geram oportunidades e valorizam nosso território.”

Para o MCC&VB, trata-se de uma oportunidade de consolidar, de forma estratégica, o posicionamento das Montanhas Capixabas como um destino nacional competitivo com belezas naturais, gastronomia e cultura. Nesse sentido, a diretora executiva do Convention, Andreia Rosa, reforça a importância da mobilização conjunta. “Esta campanha nasce da força da nossa governança regional. Queremos mostrar ao Brasil que as Montanhas Capixabas têm experiências autênticas, estruturadas e prontas para receber bem. É um chamado para que mais turistas descubram nossa diversidade e para que o trade colha resultados cada vez mais consistentes.”

Com foco em tecnologia, segmentação e narrativa territorial, “Corra para as Montanhas Capixabas” inaugura um novo ciclo de promoção turística da região, aliando inovação, cooperação institucional e estratégia digital. A expectativa é que o movimento gere impacto imediato na demanda e contribua para consolidar, no imaginário nacional, o destino como um refúgio ideal para quem busca natureza, aventura, gastronomia e hospitalidade de verdade.

*Confira a campanha no Instagram:
@montanhascapixabasoficial*

FOTO WANDA FERRERA





VICTOR COELHO
SECRETÁRIO DE TURISMO DO ESPÍRITO SANTO

TURISMO RURAL: VIVA ESSA EXPERIÊNCIA

O nosso estado é realmente privilegiado. Belezas naturais de Norte a Sul e um potencial turístico enorme, que vem evoluindo ano a ano, com boas práticas na iniciativa privada e gestão pública responsável, inovadora e moderna. Os números estão aí e comprovam: o Espírito Santo é um destino incrível para turistas, mas também um cenário aberto de oportunidades para gerar emprego e renda.

Quando o assunto é turismo, muitas pessoas associam, inicialmente, a praias e cachoeiras, apenas. É comum. Mas vai muito além, com força total, por exemplo, no turismo rural. Nesse espectro cabe muita coisa, inclusive, o agroturismo.

O turismo rural vem se fortalecendo nas duas pontas: oferta e demanda. E isso é para exemplificar a força que o turismo rural tem no Espírito Santo.

Nós, como gestores públicos, temos a função de fomentar e criar ferramentas para que esse setor continue crescendo e se desenvolvendo. E é isso que temos feito. Primeiro, ouvindo. Entender as necessidades de quem trabalha e produz no campo é fundamental para políticas públicas eficientes e com resultados práticos. Em segundo lugar, planejando e executando os projetos idealizados.

Com muito diálogo e as portas da Secretaria de Turismo abertas, temos construído pontes entre a iniciativa privada e o poder público, com foco a encontrar conjuntamente a outros setores produtivos e demais órgãos do Governo, as soluções para continuar ampliando

investimentos que fortaleçam as famílias do campo e facilitem a vida do turista.

É no turismo rural que temos a oportunidade de não só comprar os produtos como queijo, café, socol, cervejas artesanais, cachaças, enfim... uma infinidade de sabores que encontramos nas padarias e supermercados, mas que, no turismo rural, podemos conhecer de perto, vivenciando o turismo de experiência, observando os grãos de café sendo torrados, um lote de queijo na câmara fria, um processo de produção de cerveja, entre outras.

Além, é claro, de conhecer as pessoas que trabalham nessas áreas. Um povo batalhador, acolhedor e de saber único, compartilhando tudo com quem os visita. É mesmo encantador em todos os aspectos.

O Espírito Santo é mesmo privilegiado. Não só por suas belezas naturais. Mas por seu povo trabalhador e por, hoje, ser conduzido com uma gestão pública que olha e investe em todas as áreas, de maneira responsável e fazendo nosso estado crescer cada dia mais.

O ESPÍRITO SANTO É UM DESTINO INCRÍVEL PARA TURISTAS, MAS TAMBÉM UM CENÁRIO ABERTO DE OPORTUNIDADES PARA GERAR EMPREGO E RENDA



Deneval Miranda Vieira
é produtor do Café
Cordilheiras, campeão do
Coffee Of the Year 2023 e,
atualmente, tem três cafés
entre os dez melhores do
Brasil.

SE TEM VONTADE DE CRESCER,
TEM SEBRAE.

No Espírito Santo, o Sebrae caminha com quem empreende para fortalecer territórios e gerar novas oportunidades. Do apoio ao pequeno negócio ao impulso do turismo capixaba, o Sebrae/ES ajuda empreendedores a se tornarem protagonistas do desenvolvimento do nosso estado.

0800 570 0800
24h/7 dias

es.sebrae.com.br

SE TEM **SEBRAE** TEM PROPÓSITO.



KÁTIA QUEDEVEZ
EDITORA

ENTRE MOQUECAS E BALÕES: O ESPÍRITO SANTO QUE INSPIRA

FOTO RUAN KLEN



MORADORES DESFILAM SEUS TRAJES TÍPICOS NAS FESTAS CULTURAIS PELO ESPÍRITO SANTO. REGISTRO DA 7ª POMMER BROODFEST 2025, EM LARANJA DA TERRA



No Espírito Santo, cada amanhecer traz um novo convite ao encontro entre a tradição e a descoberta. É terra de sabores únicos, da moqueca capixaba ao tombo da polenta que emociona em Venda Nova do Imigrante, e de símbolos de contemplação, como o Buda de Ibiraçu, que recebe visitantes às margens da BR-101 em busca de pausa e reflexão.

Mas é também entre montanhas, lavouras, cafés e vales que se constrói um turismo cada vez mais conectado ao cotidiano do campo. Um turismo que nasce do trabalho, da hospitalidade e da capacidade das famílias rurais de transformar sua própria história em experiência compartilhada.

O ESPÍRITO SANTO ESCOLHE O TURISMO E O TURISMO RESPONDE

O Espírito Santo tem ampliado seu olhar para o turismo como estratégia de desenvolvimento. Além do tradicional turismo de praia e montanha, ganham espaço o agroturismo e o turismo rural, que convidam o visitante a vivenciar a rotina no campo, conhecer modos de produção, saborear alimentos locais e compreender a relação direta entre território, cultura e trabalho.

Esse movimento é sustentado, sobretudo, pelas famílias empreendedoras rurais, que investem em propriedades, abrem suas casas, organizam roteiros e diversificam suas atividades, mantendo viva a economia local e fortalecendo comunidades inteiras.

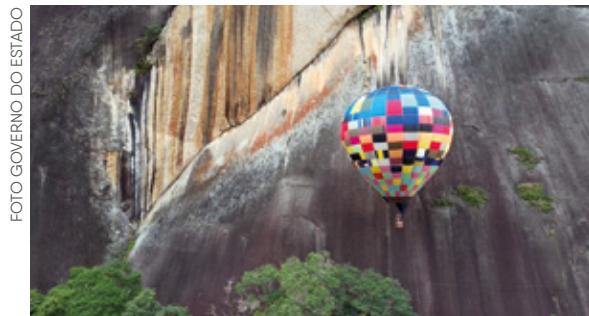


FOTO: GOVERNO DO ESTADO

EM PANCAS, ENQUANTO OS BALÕES COLOREM O CÉU, O CENTRO DO DISTRITO DE LAGINHA RECEBE AS EDIÇÕES DA POMERFEST, EVENTO DEDICADO À CULTURA POMERANA. A PROGRAMAÇÃO REÚNE SHOWS, ENCONTRO DE CARROS ANTIGOS, COMPETIÇÃO DE CHOPP, FRITADA DE LINGUIÇA, DESFILES, DANÇAS TÍPICAS DE GRUPOS LOCAIS, MODA DE VIOLA E UMA VARIEDADE DE COMIDAS TRADICIONAIS

FOTO: DIVULGAÇÃO PREFEITURA DE PANCAS

PANCAS: O BALÃO QUE REVELA NOVOS HORIZONTES

No noroeste capixaba, Pancas se consolida como exemplo de como a iniciativa local pode impulsionar novas dinâmicas econômicas. De base agrícola e forte tradição na cafeicultura, o município passa a integrar o turismo de aventura e de experiência ao seu cotidiano rural. Tanto que, atualmente, Pancas é oficialmente reconhecida como a Capital Estadual do esporte radical e do Balonismo no Espírito Santo e também como a “Capadócia Capixaba”.

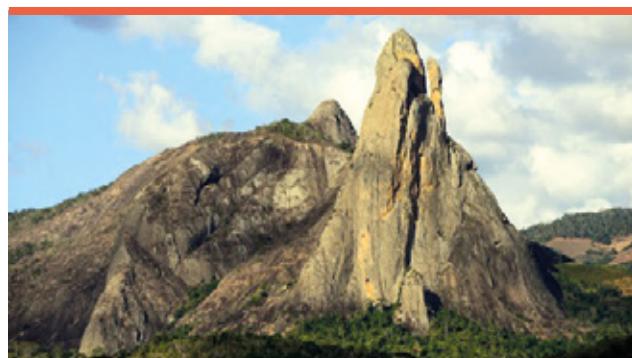
Os balões de ar quente, que hoje marcam festivais e eventos, atraem visitantes e ampliam a visibilidade da região. Ainda em processo de regulamentação, essa atividade se soma a outras iniciativas conduzidas por moradores e empreendedores locais.

No solo, o turismo se fortalece com tirolesas, trilhas como a da Pedra do Camelo, cachoeiras e

áreas naturais que passam a ser valorizadas também como fonte de renda e permanência das famílias no campo.

TURISMO RURAL E NOVAS ROTAS CAPIXABAS

Sim, os municípios estão se movimentando! Assim como Pancas, outros municípios capixabas estão projetando roteiros que conectam produção rural, paisagem e memória. Seja em São Gabriel da Palha, São Mateus, Colatina, Serra, Nova Venécia, Laranja da Terra ou Cariacica, experiências voltadas ao turismo sustentável integram conservação ambiental e cultura local, com protagonismo das comunidades rurais. Em diferentes regiões do estado, o turismo nasce da iniciativa de quem conhece a terra, cultiva o solo e decide empreender sem abandonar suas raízes.



NO INTERIOR DO ESPÍRITO SANTO, A PAISAGEM SE IMPÕE COMO PARTE DA IDENTIDADE CULTURAL. A PEDRA DOS TRÊS PONTÕES, EM AFONSO CLÁUDIO, É UMA REFERÊNCIA NATURAL QUE DIALOGA COM O COTIDIANO DA COMUNIDADE. CENÁRIOS COMO ESSE NÃO APENAS ATRAEM VISITANTES, MAS TAMBÉM SE INTEGRAM ÀS FESTAS, FESTIVALS E EVENTOS QUE MOVIMENTAM OS MUNICÍPIOS E FORTALECEM A VIDA CULTURAL FORA DOS GRANDES CENTROS

Afonso Cláudio, nas Montanhas Capixabas, é reconhecida como a Capital Estadual da Biodiversidade por reunir áreas preservadas, diversidade de fauna e relevo montanhoso. O município abriga mais de 300 espécies de aves, o que o coloca como referência nacional e internacional na observação de aves. Áreas de Mata Atlântica, cachoeiras, mirantes, trilhas e atividades de turismo de aventura integram o território, junto à produção de cafés especiais e ao agroturismo. O principal cartão postal do município é a Pedra dos Três Pontões, formação rochosa associada a atividades como escalada, voo livre e rapel.



PEDRO RIGO
SUPERINTENDENTE DO SEBRAE/ES

AGROTURISMO NO ESPÍRITO SANTO: OPORTUNIDADE PARA TRANSFORMAR TERRITÓRIOS

O agroturismo vive um momento de expansão em todo o Brasil, e no Espírito Santo essa vocação se consolida como uma das mais promissoras estratégias de desenvolvimento econômico, social e territorial. A atuação do Sebrae/ES tem sido determinante para fortalecer essa agenda, ampliando oportunidades para produtores rurais, agricultores familiares, empreendedores e territórios emergentes. Importantes avanços regulatórios, novos projetos estruturantes e iniciativas de reposicionamento de destinos reforçaram a relevância do segmento no estado.

Um marco recente foi a publicação da Portaria nº 25 do Ministério do Turismo, que regulamenta a inclusão de produtores rurais e agricultores familiares no Cadastur, que é o sistema de cadastro oficial do Ministério do Turismo para prestadores de serviços turísticos no país. A mudança atende a uma demanda histórica de estados como o Espírito Santo, pioneiro no turismo rural e referência nacional em agroturismo organizado.

Com a nova regulamentação, empreendedores que oferecem experiências turísticas em suas propriedades podem se registrar no Cadastur sem perder benefícios fiscais ou previdenciários, garantindo segurança jurídica e novas possibilidades de formalização. Isso abrange hospedagem rural, alimentação

O AGROTURISMO SE CONSOLIDA HOJE COMO UMA DAS MAIS PROMISSORAS ESTRATÉGIAS DE DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO, SOCIAL E TERRITORIAL DO ESPÍRITO SANTO

com ingredientes da propriedade, vivências agrícolas, trilhas, visitas guiadas, comercialização local e diversas outras atividades.

O efeito esperado é significativo: maior visibilidade, acesso a políticas públicas, participação em feiras e eventos, linhas de financiamento com taxas diferenciadas e mais acesso à qualificação. Para um estado cuja Capital Nacional do Agroturismo – Venda Nova do Imigrante – inspira todo o país, o fortalecimento do Cadastur deve ampliar ainda mais a presença dos produtos capixabas no mercado nacional.

O Espírito Santo avança também na consolidação de produtos turísticos associados à agricultura. Na Semana Internacional do Café (SIC), em novembro, foi apresentada a marca Sustainable Coffee - Espírito Santo - Brazil, fruto de parceria entre Sebrae/ES e Secretaria da Agricultura (Seag). A

iniciativa evidencia o compromisso da cafeicultura capixaba com práticas ambientalmente corretas, socialmente responsáveis e economicamente sustentáveis, reforçando a competitividade do café capixaba em mercados especializados.

No campo da vitivinicultura, outro movimento transformador está em curso com o lançamento do Projeto Vines. A iniciativa, desenvolvida pelo Sebrae/ES em parceria com o Senac, o Incaper e outros atores estratégicos, estimula o cultivo de uvas de inverno – Syrah, Cabernet Franc e Sauvignon Blanc – para a produção de vinhos finos.

Trata-se de um reposicionamento histórico. Como ressaltei no lançamento do projeto, estamos resgatando uma história de mais de 30 anos, quando o Espírito Santo iniciou o cultivo de uvas com o sonho de produzir vinhos. Hoje, com base em estudos da Embrapa e da Epamig, sabemos que é possível produzir uvas de inverno em regiões já zoneadas pelo Incaper, com manejo diferenciado, ideais para vinhos de alta qualidade.

O Sebrae entra com apoio técnico, modelagem de negócios e suporte para quem deseja implantar cantinas locais, fortalecendo o enoturismo e conectando essa produção às influências culturais das colônias italianas do estado. O vinho passa a ser experiência, identidade e oportunidade de renda.

Outro avanço importante é o Complexo Turístico, Ambiental e Cultural Fazenda

COM A NOVA REGULAMENTAÇÃO DO CADASTUR, EMPREENDEDORES QUE OFERECEM EXPERIÊNCIAS TURÍSTICAS EM SUAS PROPRIEDADES GARANTEM SEGURANÇA JURÍDICA E NOVAS POSSIBILIDADES DE FORMALIZAÇÃO, SEM PERDER BENEFÍCIOS FISCAIS OU PREVIDENCIÁRIOS

Santa Maria, em Muniz Freire. A iniciativa, desenvolvida pelo Sebrae/ES em parceria com a Prefeitura, reposiciona o território como um polo emergente de turismo de experiência.

A Fazenda Santa Maria carrega camadas históricas profundas: desde a memória da escravidão até a imigração italiana e a evolução da cafeicultura. O projeto prevê usos culturais, educativos, ambientais e turísticos, integrando museu, espaços gastronômicos, áreas de vivência, trilhas, loja de produtos locais e ambientes dedicados à história do café.

O processo foi construído com participação intensa da comunidade, garantindo que as soluções refletem a identidade local. O resultado é um modelo replicável para outros patrimônios rurais capixabas.

Enquanto as Montanhas Capixabas e o Caparaó se consolidaram como referências no turismo rural, impulsionadas por governança forte, articulação público-privada e produtos bem estruturados, outras regiões ainda enfrentam barreiras importantes: acessos limitados, sinalização insuficiente e carência de serviços básicos; necessidade de formação profissional orientada à hospitalidade, experiência turística e comercialização digital; fragilidade de governança local e ausência de roteiros integrados e baixa presença em canais de comercialização, com pouca formalização

Esses fatores explicam a menor tração turística desses territórios. A resposta do Sebrae/ES tem sido atuar de forma combinada: governança, qualificação, fomento, projetos estruturantes e fortalecimento de produtos de experiência com destaque para regiões como Pancas e Ibiraçu, que já estão atraindo o interesse de investidores.

Os avanços mostram que, quando há governança, integração de esforços e visão compartilhada, o turismo rural se converte em vetor de desenvolvimento rápido. A cada ano, vemos produtores assumindo protagonismo, novos destinos surgindo e o Espírito Santo avançando na agenda do turismo de experiência.

O Sebrae/ES segue comprometido em apoiar essa transformação, sempre com o olhar voltado ao desenvolvimento regional, à inovação e ao futuro do campo capixaba.



SÉRGIO RODRIGUES DIAS FILHO E RENATA APARECIDA LUCAS

SÓCIOS DO DIAS FILHO & LUCAS, ESCRITÓRIO DE CONSULTORIA JURÍDICA ESPECIALIZADO EM AGRONEGÓCIOS E TURISMO RURAL. MAIS INFORMAÇÕES EM: CONTATO@DIASFILHOELUCAS.COM.BR

CACHAÇA E TURISMO RURAL: A TRADIÇÃO QUE RESISTE, ENSINA E SE REINVENTA

Em um anuário, celebramos conquistas e os aprendizados da jornada, reavaliarmos rotas, projetamos caminhos. E, se o momento é de celebrar o agro capixaba, o ano que se encerra e aquele que se inicia, que o brinde seja especial - e, na nossa sugestão, com cachaça: não apenas pela tradição, mas porque esse destilado profundamente humano expressa a alma, a força e a história do nosso espaço rural. Do encontro entre cultura, identidade, trabalho e inovação, nasce o diálogo entre cachaça e turismo rural que trazemos nesta edição tão significativa.

Começando pelo começo: cachaça não é uma alternativa, sequer inferior, a destilados como whisky, whiskey, vodca, rum ou tequila, por exemplo; turismo rural não é uma atividade lúdica e exótica em comparação ao turismo, digamos, "convencional".

Cachaça é cachaça, nobre destilado brasileiro, Indicação Geográfica de abrangência nacional protegida pela legislação quanto a direitos de propriedade intelectual no âmbito da Organização Mundial do Comércio. Turismo rural é turismo rural, atividade carente de proteção

legislativa adequada, embora há mais de vinte anos tecnicamente definido pelo Ministério do Turismo como "o conjunto de atividades turísticas desenvolvidas no meio rural, comprometido com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, resgatando e promovendo o patrimônio cultural e natural da comunidade".

DESAFIOS

Cachaça é símbolo da sofisticação cultural e da persistência de trabalho de um povo: "forte e suave, como toda pessoa deveria ser", nas palavras de Maria Izabel que, há trinta anos, entre o verde da Mata Atlântica e a brisa suave da baía de Paraty (RJ), produz uma das cachaças mais apreciadas do país.

Apesar da relevância histórica, econômica e cultural da cachaça, já apontada nas edições do Anuário da Cachaça do Ministério da Agricultura e Pecuária, os produtores contam principalmente com o apoio das tradicionais associações representativas do segmento. Essas entidades, linha de frente das trincheiras, sob o sol e a chuva, além de lutar contra a insegurança jurídica e os produtos clandestinos que deturpam a percepção do consumidor, buscam hoje alternativas coletivas para mitigar os impactos da reforma tributária.

Nesse contexto, o turismo rural pode ser uma importante ferramenta para a preservação do método histórico e artesanal de produção de cachaça: cana-de-açúcar colhida sem queima, preparados de leveduras selvagens do próprio ambiente e uso de alambique de cobre. Todavia,

TURISMO RURAL NÃO É UMA ATIVIDADE LÚDICA E EXÓTICA, MAS UM COMPROMISSO COM A PRODUÇÃO AGROPECUÁRIA

em que pese existirem políticas públicas isoladas, projetos de lei em tramitação e atualizações pontuais na vigente lei geral de turismo, lamentavelmente, a ausência de legislação específica, adequada à complexidade da cadeia produtiva do turismo rural e capaz de estabelecer os parâmetros fundamentais de uma Política Nacional de Turismo Rural, agrava a invisibilidade jurídica dos empreendedores do segmento. Essa invisibilidade coloca obstáculos à construção de uma visão de futuro consistente e integrada – especialmente sobre como o turismo rural pode contribuir para a sustentabilidade (ambiental, econômica, social e cultural) e para a perenidade das diversas cadeias produtivas do complexo agroindustrial brasileiro, dentre elas, a cadeia produtiva da cachaça de alambique.

CAMINHOS PARA A CACHAÇA CAPIXABA

Referência nacional na produção de cachaça e na arte da tanoaria, com uso experiente – inclusive tosta – de madeiras nacionais, e com reconhecido destaque para o município de São Roque do Canaã, os alambiques capixabas possuem, a partir das articulações institucionais público-privadas promovidas pelas Instâncias de Governança Regionais de Turismo (IGR's) e da capacitação técnica de instituições parceiras, a oportunidade de liderar iniciativas de vanguarda na área de turismo de experiência.

Além de advogados e consultores jurídicos especializados em agronegócios e turismo rural, nós somos, com muito orgulho, respectivamente, Sergio e Renata, entusiasta e sommelier de cachaça. Temos grandes amigos e parceiros com brilhantes iniciativas em solo capixaba e, por respeito e carinho a cada um deles, pedimos licença para trazer de fora de nosso território duas iniciativas que podem inspirar a consolidação de produtos e serviços turísticos de experiência com as cachaças capixabas.

O primeiro exemplo é o da Cachaça Maria Izabel: joia de alambique fluminense, cuja produção artesanal é realizada pelas mãos da própria Maria Izabel, em lotes limitados, com visitação turística

de experiência em “pequenas doses” e somente mediante agendamento prévio. Uma proposta original e coerente com a história da família e com a preservação da encantadora vila, reconhecida como Patrimônio Mundial pela Unesco por sua cultura caiçara e fantástica biodiversidade.

O segundo exemplo vem do sertão do Piauí, extraído do portal on-line “Mapa da Cachaça”. Trata-se de um caso exitoso de sucessão rural familiar que impactou positivamente a fazenda e a própria cidade de Amarante: hospedagem rural, gastronomia típica e museus em casarões centenários são apenas alguns dos resultados da potencialização de toda cadeia produtiva gerada pelo turismo de experiência com a cachaça.

Ambas as experiências apontam que, onde há história, técnica, organização e respeito ao território, o turismo de experiência com cachaça se transforma em indutor de desenvolvimento sustentável. Esse potencial, sabemos, os alambiques capixabas têm de sobra.

O QUE RESISTE E TRANSFORMA

Entendemos que os alambiques artesanais representam um patrimônio cultural genuíno do espaço rural: múltiplas atividades produtivas familiares que, na transformação agroindustrial da cana-de-açúcar em cachaça, concentram fundamentos históricos, econômicos e sociais que ajudaram a formar nossa nação. A ausência de condições adequadas para sua continuidade pode comprometer empregos locais, estimular a migração para outras regiões, favorecer a descontinuidade do uso produtivo da terra e reduzir a presença da cachaça brasileira em um mercado cada vez mais disputado por rótulos estrangeiros.

Mais do que produção e sessões de degustação, as atividades rurais e o turismo de experiência com cachaça, quando tecnicamente profissionais, institucionalmente organizados e juridicamente seguros, são veículos de preservação da história, de qualificação da percepção dos consumidores e de respeito à terra e às pessoas.

Sonhar alto, olhos abertos e pés no chão. Um brinde à cachaça capixaba – e ao futuro que ela pode construir!



RENATO CASAGRANDE
GOVERNADOR DO ESPÍRITO SANTO

AGRONEGÓCIO CAPIXABA: ENFRENTANDO DESAFIOS, CONSTRUINDO SOLUÇÕES

O agronegócio é um pilar fundamental para a economia do Espírito Santo, responsável por uma parcela significativa de nossa atividade produtiva e exportações. Quando enfrentamos desafios que impactam diretamente esse setor, é preciso que o Governo atue de forma rápida e eficaz para minimizar os efeitos negativos e garantir a continuidade das atividades.

Foi exatamente isso que fizemos diante do recente “tarifaço” que abalou o segmento, com a imposição de altas tarifas de importação por parte dos Estados Unidos. Sabíamos que essa medida traria graves consequências para nossos produtores rurais e empresas do agro, afetando diretamente suas receitas e fluxo de caixa.

Nesse momento, adotamos uma série de medidas emergenciais para apoiar o setor e mitigar os impactos dessa crise. Uma delas foi a possibilidade de utilizar ou transferir créditos acumulados de ICMS decorrentes de exportação, no valor total de até R\$ 100 milhões. Essa iniciativa visou fornecer liquidez imediata às empresas, evitando que elas enfrentassem dificuldades financeiras.

Além disso, o Banco de Desenvolvimento do Espírito Santo (Bandes) desempenhou um papel crucial nesse momento. O banco implementou a suspensão temporária das prestações de financiamento por até seis meses, dando fôlego adicional às empresas. Paralelamente, o Bandes disponibilizou linhas de crédito para capital de giro e exportação, com o objetivo de suprir os efeitos de curto prazo no fluxo de caixa das companhias e garantir a manutenção de suas atividades.

É importante destacar que essas linhas de crédito são destinadas especificamente às empresas capixabas com faturamento de até R\$ 20 milhões e que exportam produtos para os Estados Unidos. Dessa forma, asseguramos que as pequenas e médias empresas, tão vitais para a economia de nosso estado, recebam o apoio necessário durante esse período de turbulência.

Acredito firmemente que o agronegócio é fundamental para o desenvolvimento sustentável do Espírito Santo. Nossos produtores rurais e indústrias do setor agroalimentar são responsáveis por gerar empregos, renda e riqueza em diversas regiões do estado. É nosso dever, como Governo, zelar por esse setor e garantir que ele continue a prosperar, mesmo diante de desafios externos.

Por isso, continuaremos a trabalhar em parceria com o setor produtivo, buscando soluções inovadoras e fortalecendo os elos dessa importante cadeia. Juntos, vamos superar os obstáculos e construir um futuro ainda mais próspero para o agronegócio capixaba.

É NOSSO DEVER, COMO GOVERNO, ZELAR POR ESSE SETOR E GARANTIR QUE ELE CONTINUE A PROSPERAR, MESMO DIANTE DE DESAFIOS EXTERNOS

Quem faz o Brasil girar, conta com **soluções financeiras completas.**

Com atendimento consultivo e apoio na gestão financeira, o Sicredi é o parceiro certo para produtores do Espírito Santo prosperarem.

↑ \$ ↘ **Crédito**

✓ **Seguros**

🔑 **Consórcios**



Abra sua conta.



É ter com
quem contar.

 **Sicredi**



RICARDO FERRAÇO
VICE-GOVERNADOR DO ESPÍRITO SANTO

EXPERIÊNCIAS QUE SÓ O ESPÍRITO SANTO OFERECE, O MELHOR RESUMO DO BRASIL

O Espírito Santo é reconhecido como pioneiro do agroturismo no Brasil, protagonizando um modelo que uniu agricultura familiar, cultura dos imigrantes e qualificação empreendedora. Atualmente são 31 destinos de turismo rural espalhados das Montanhas Capixabas ao litoral, formando uma rede diversa de experiências que vão do colhe e pague às rotas do café, vinícolas, gastronomia artesanal, vivências culturais, estruturas de aventura e esporte e muito mais.

Um dos fatores decisivos para essa consolidação foi o 'Caminhos do Campo', que neste ano completa 20 anos da entrega de sua primeira obra. O programa do Governo do Espírito Santo pavimentou mais de 1.000 km de estradas rurais, permitindo que propriedades antes de difícil acesso recebessem mais visitantes, ampliassem sua produção e se integrassem a circuitos turísticos. Esse impacto se reflete diretamente no fortalecimento do agroturismo capixaba.

Junto com as políticas públicas do governo e prefeituras, destaca-se a atuação do Sebrae/ES, referência nacional em turismo de experiência. Entre as iniciativas simbólicas está a Casa Nostra, em Pindobas, que preserva a memória da imigração italiana e integra roteiros rurais de Venda Nova do Imigrante, reforçando o vínculo entre história, cultura e produção local.

Nas Montanhas Capixabas, a Rota do Lagarto foi pioneira ao mostrar que o turismo de natureza e de experiências poderia conviver com a agricultura familiar e a gastronomia regional. A ela se somam outros circuitos emblemáticos, como o Circuito Caravaggio, o Caminho do

Vinho, roteiros rurais na Serra, Domingos Martins e Caparaó, bem como esplêndidas oportunidades naturais nas regiões Noroeste, Norte e Sul, todas contribuindo para diversificar a oferta turística.

A expansão da infraestrutura também abre novas oportunidades. O Aeroporto de Cachoeiro de Itapemirim passa por obras de ampliação e modernização e o Aeroporto das Montanhas, em Venda Nova do Imigrante, está com as autorizações para o projeto de construção. Novas estruturas para impulsionar o fluxo de visitantes para as regiões e roteiros do Sul, Caparaó e Montanhas, reforçando o potencial do interior como destino turístico competitivo. Vem aí também o Novo Centro de Eventos de Carapina, para substituir o tradicional Pavilhão.

Integrado à promoção do estado, o turismo rural complementa o sol e a praia, o turismo de negócios e a aventura, prolongando estadias e revelando ao visitante a riqueza cultural e gastronômica do Espírito Santo. Com tradição, inovação e políticas públicas consistentes, o Espírito Santo reafirma sua posição como uma das principais referências brasileiras em turismo rural.

**COM TRADIÇÃO, INOVAÇÃO
E POLÍTICAS PÚBLICAS
CONSISTENTES, O ESPÍRITO SANTO
REAFIRMA SUA POSIÇÃO COMO
UMA DAS PRINCIPAIS REFERÊNCIAS
BRASILEIRAS EM TURISMO RURAL**

ALEGRE

ALEGRE: ONDE O CAMPO SE TRANSFORMA EM AGROTURISMO

EM ALEGRE, O CAMPO NÃO É APENAS CENÁRIO: É DESTINO, É ORGULHO, É OPORTUNIDADE.



Nosso município cresce com a força da agricultura familiar, da pecuária, do turismo rural e de produtores que fazem da terra um exemplo de trabalho, qualidade e inovação.



Aqui, o agroturismo se consolida como uma das grandes vocações do território. A experiência de visitar Alegre é viver de perto a essência capixaba: propriedades acolhedoras, sabores autênticos, paisagens que renovam e uma cadeia produtiva que valoriza quem planta, colhe e recebe.



Alegre investe na diversificação econômica, na profissionalização do campo, na modernização das propriedades e na integração entre turismo, agricultura e inovação. Cada rota, cada sítio, cada família rural abre suas portas para mostrar que desenvolvimento também nasce do cuidado com a natureza e do respeito às tradições.



Somos terra de oportunidades, de gente trabalhadora e de um futuro que se constrói com propósito.

**ALEGRE É REFERÊNCIA. ALEGRE É AGROTURISMO.
ALEGRE É DESENVOLVIMENTO.**



PREFEITURA DE
ALEGRE



SEDEIT

Instituto Estadual de Desenvolvimento Econômico, Inovação e Turismo

TRABALHANDO HOJE PARA
TRANSFORMAR O AMANHÃ



MARCELO SANTOS

PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO

ARRANJOS PRODUTIVOS: QUANDO O LEGISLATIVO CHEGA AO CAMPO E GERA DESENVOLVIMENTO

A atuação de uma Assembleia Legislativa vai além da produção de leis e da fiscalização do Poder Executivo. Um Parlamento moderno e conectado com a realidade da população também tem o papel de fomentar políticas públicas capazes de gerar desenvolvimento econômico, inclusão social e oportunidades. No Espírito Santo, essa visão se traduz no Projeto “Arranjos Produtivos”, uma iniciativa que vem fortalecendo a agricultura familiar e promovendo o crescimento regional sustentável.

Criado em 2023, o “Arranjos Produtivos” já alcançou mais de 25 mil agricultores capixabas, beneficiando diretamente cerca de 6.000 famílias do campo. Entre os principais resultados estão a distribuição de mais de 2 milhões de mudas, a concessão de equipamentos produtivos — como estufas de morango, áreas hidropônicas e kits de apicultura — e o apoio técnico à regularização e consultoria de mais de 60 agroindústrias em diferentes regiões do estado.

O diferencial do projeto está na sua atuação prática e territorializada. Mais de 30 técnicos agrícolas realizam consultorias gratuitas diretamente nas propriedades rurais, oferecendo orientação sobre diversificação de culturas, boas práticas produtivas, sustentabilidade e ampliação da renda. O objetivo é fortalecer cadeias produtivas locais, gerar autonomia para os pequenos produtores e transformar vocação regional em desenvolvimento econômico.

O “Arranjos Produtivos” nasceu da escuta. Ao visitar municípios e dialogar com agricultores, cooperativas e lideranças locais, a Assembleia Legislativa compreendeu que muitos produtores

tinham capacidade produtiva, mas careciam de apoio técnico, orientação e oportunidade. A partir dessa realidade, transformamos demandas locais em uma política pública estruturada, eficiente e regionalizada.

Os resultados alcançados renderam reconhecimento nacional. O projeto foi vencedor do Prêmio “Assembleia Cidadã”, concedido pela União dos Legisladores e Legislativos Estaduais (Unale), na categoria “Projetos Especiais”, destacando-se entre iniciativas de Assembleias de todo o Brasil. Essa premiação confirma que estamos no caminho certo ao colocar as pessoas no centro das políticas públicas.

Investir na agricultura familiar é investir no desenvolvimento humano, na economia local e na qualidade de vida. O Projeto “Arranjos Produtivos” demonstra que, quando o Legislativo capixaba atua de forma responsável, próxima do cidadão e comprometida com resultados, é possível transformar realidades e construir um Espírito Santo mais forte e mais justo.

PROJETO DA ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO ESPÍRITO SANTO FORTALECE A AGRICULTURA FAMILIAR, AMPLIA RENDA E LEVA CAPACITAÇÃO TÉCNICA A MILHARES DE PRODUTORES CAPIXABAS



NO AGRO, QUEM TEM PARCERIA SÓLIDA CRESCE MAIS.

APOIANDO PRODUTORES RURAIS NO ESPÍRITO SANTO
E EM TODO O BRASIL, COM 30 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

A Cresol Fronteiras PR/SC/SP/ES caminha ao lado do produtor rural, oferecendo crédito, investimento e orientação especializada para fortalecer cada etapa da produção. **Nosso compromisso é impulsionar quem faz o agro acontecer, com soluções seguras e personalizadas.**

Com presença consolidada no Espírito Santo e atuação em todo o país, disponibilizamos um portfólio completo para o campo: crédito rural, custeio, aquisição de máquinas e implementos, irrigação, energia solar, pecuária, expansão de estruturas produtivas, além de seguros e consórcios que garantem tranquilidade no planejamento.

Nosso atendimento é próximo e consultivo, construído dentro das comunidades, nas feiras, nos eventos técnicos e no dia a dia das propriedades, sempre acompanhando a evolução das necessidades de cada cooperado, do pequeno ao grande produtor.

A Cresol acredita no potencial do agro capixaba e brasileiro e segue atuando com agilidade, visão estratégica e compromisso com o desenvolvimento sustentável das regiões onde está presente.

**CRESOL FRONTEIRAS PR/SC/SP/ES
30 ANOS IMPULSIONANDO O AGRO POR TODO BRASIL.**

**ENIO BERGOLI**# SECRETÁRIO DE ESTADO DA AGRICULTURA,
ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA DO ESPÍRITO SANTO

COMO O AGRO CAPIXABA ENFRENTOU O ‘TARIFAÇO’ EM 2025

As tarifas anunciadas pelos Estados Unidos ao longo de 2025 ocasionaram um movimento brusco e escalonado no comércio internacional, que exigiu reação rápida do poder público e do setor privado. Esse fato trouxe incerteza e retração, mas também muitas lições e aprendizados. Para entender melhor essa dinâmica, deve-se separar em três fases as ocorrências que caracterizaram o chamado “tarifaço”.

A primeira foi a tarifa recíproca de 10% sobre importações de todos os países, anunciada em 2 de abril, que incidiu sobre importações norte-americanas sob o argumento de reequilibrar as relações comerciais. Esse foi o marco inicial que causou preocupação nas cadeias globais de comércio externo, deixando frágeis e instáveis as relações comerciais e diplomáticas com o governo norte-americano.

Contudo, foi a segunda fase que atingiu diretamente o Espírito Santo, anunciada em 30 de julho: a imposição de uma tarifa adicional de 40% sobre uma cesta de produtos brasileiros, elevando para 50% a taxa de importação de diversos itens. No agronegócio, a exceção entre os setores-chave foi apenas a celulose. Nesse momento crítico, o governador Renato Casagrande agiu rápido e designou o vice-governador, Ricardo Ferraço, para liderar o Comitê de Enfrentamento das Consequências do Aumento das Tarifas de Importação.

A Secretaria de Estado da Agricultura assumiu a responsabilidade de dialogar diariamente com os segmentos afetados, entendendo de perto as angústias dos exportadores e produtores, ouvindo as vozes de quem produz e comercializa e transformando essas vozes em dados e relatórios. Com informações reais e concretas, subsidiamos o Governo Federal para avançar nas negociações. O Governo do Estado também fez o dever de casa, liberando créditos acumulados de ICMS para os setores afetados, além de articular linhas de financiamento específicas, com taxas de juros abaixo da Selic. Também incentivou a diversificação de mercados ao viabilizar espaço de uso coletivo para participação em feiras internacionais, como a Anuga, na Alemanha.

As tarifas adicionais começaram a vigorar a partir de agosto, e os dados confirmam o impacto negativo nas exportações do agro capixaba. A partir daquele mês, a queda nas relações comerciais com os Estados Unidos foi contínua até outubro. Importante lembrar que o mercado norte-americano é o principal destino das exportações do agronegócio do Espírito Santo, com cerca de 23% do total.

Entre agosto e outubro, a queda nas exportações para os norte-americanos foi relevante no volume de vários produtos, em relação ao mesmo período de 2024: pimenta-do-reino (-94%), café verde (-54%), pescados (-33%), café solúvel (-24%) e gengibre (-23%). O mercado de ovos, que era altamente promissor até julho, praticamente parou a partir de agosto. Em apenas três meses, o volume exportado dos principais produtos do agro caiu de 15 mil toneladas para 8,6 mil toneladas, e a redução das divisas geradas foi de 25 milhões de dólares.

A terceira fase ocorreu em dois momentos, com duas ordens executivas do presidente Trump. A partir de 13 de novembro, os EUA retiraram a tarifa recíproca de 10% de alguns produtos agrícolas, entre eles café, gengibre, frutas e carnes. Logo após, em 20 de novembro, houve nova modificação, retroativa a 13 de novembro, removendo parte dos produtos brasileiros da tarifa adicional de 40%, trazendo alívio para o agronegócio. Apesar dos avanços, setores estratégicos como café solúvel, pescados e ovos permaneceram taxados, evidenciando a necessidade de continuidade das negociações diplomáticas.

O tarifaço foi um teste de resistência e resiliência, no qual o Espírito Santo respondeu com técnica, união e estratégia. Com os pés no chão, a cabeça no planejamento e voz ativa, seguimos estruturando ações de fortalecimento e apoiando quem produz. Proteger nosso agronegócio é defender a economia capixaba, o emprego no campo e a dignidade de milhares de famílias. No agro capixaba, enfrentamos crises sem perder o rumo, porque quem cultiva esperança não recua diante de barreiras.



PROGRAMA RENOVACANA

PROGRAMA PRÓ-CAFÉ

Presidente Kennedy: mais dignidade e apoio ao homem do campo



A Prefeitura avança no fortalecimento da produção de cana-de-açúcar, com o plantio de **mil hectares** pelo **Programa RenovaCana**.



Já na cafeicultura, **mais de 180 mil mudas** já foram distribuídas, com apoio técnico e irrigação pelo **Programa Pró-Café**.



Na pecuária leiteira, **280 produtores** recebem **ração mensalmente**, reforçando uma das maiores bacias leiteiras do Estado.



MAIOR BACIA LEITEIRA DO SUL DO ESTADO



Presidente Kennedy

**PRESIDENTE
KENNEDY**
PREFEITURA



JÚLIO ROCHA

PRESIDENTE DA FEDERAÇÃO DA AGRICULTURA
E PECUÁRIA DO ESPÍRITO SANTO (FAES)

AO LADO DO PRODUTOR RURAL

Em mais um ano, os produtores capixabas demonstraram resiliência diante do cenário enfrentado pelo setor agropecuário. Entre os principais fatores que influenciaram o desempenho do agro nos últimos meses estão as tarifas impostas pelos Estados Unidos, a discussão sobre a cobrança pelo uso da água, o crédito rural e a necessidade de avanços nas políticas públicas voltadas ao campo.

Mesmo com a suspensão das tarifas anunciadas pelo governo norte-americano, o setor segue impactado pela instabilidade da política comercial dos Estados Unidos, o que exige cautela por parte dos produtores e da indústria. No caso do café, os efeitos são particularmente significativos.

O café solúvel brasileiro permanece sujeito a uma taxa de 50% no mercado norte-americano, reduzindo a competitividade da indústria nacional. Esse cenário afeta diretamente o Espírito Santo, uma vez que o café conilon, base da produção de café solúvel, está entre os principais produtos do agro capixaba, tornando o estado especialmente sensível às mudanças nas regras do comércio internacional. Diante disso, o acompanhamento permanente do cenário externo e a adoção de estratégias de diversificação de mercados tornam-se essenciais para mitigar riscos.

No âmbito estadual, a discussão sobre a cobrança pelo uso da água ganhou centralidade ao longo de 2025 e gerou insegurança regulatória para produtores que dependem da irrigação para manter suas atividades. Preocupados com o possível aumento de custos e com a insegurança jurídica no campo, a Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Espírito Santo, os Sindicatos Rurais, a Assembleia Legislativa e entidades parceiras atuaram de forma articulada na construção de uma solução legislativa.

O pleito do setor agropecuário se fundamenta no entendimento de que o produtor rural já financia integralmente a infraestrutura de conservação ambiental e exerce, simultaneamente, o papel de

produtor de água, ao preservar nascentes, áreas de mata e solos produtivos. Esse esforço coletivo resultou na aprovação do Projeto de Lei nº 759/2025, de autoria do deputado estadual Marcelo Santos, com relatoria do deputado Mazinho dos Anjos, aprovado em regime de urgência pela Assembleia Legislativa. A matéria deu origem à Lei nº 12.639/2025, que prevê a isenção da cobrança pelo uso da água para produtores rurais, representando uma conquista importante para o setor e para a segurança hídrica do estado.

Olhando para 2026, o agro capixaba segue diante de um cenário desafiador, marcado por instabilidades climáticas, entraves logísticos e oscilações de mercado. Ainda assim, produtores, entidades representativas e lideranças do setor mantêm uma visão otimista, sustentada pela modernização das linhas de crédito, especialmente aquelas voltadas à recuperação de lavouras atingidas por eventos climáticos recorrentes. A ampliação do acesso ao financiamento também é vista como estratégica para viabilizar investimentos em tecnologia, infraestrutura e expansão da produção.

As perspectivas para o próximo período também incluem o aprimoramento das políticas de suporte ao produtor rural, com atenção especial à regularização ambiental, à gestão hídrica e à capacitação profissional. Nesse contexto, a pecuária leiteira se destaca como um tema emblemático, e a crise enfrentada pelo setor pode ser analisada de forma mais estratégica.

A elaboração da Lista Nacional de Espécies Exóticas Invasoras pela Conabio, hoje suspensa, também gera grande preocupação para o setor, uma vez que inclui espécies amplamente utilizadas por cadeias produtivas consolidadas, como a tilápia. Essa medida poderia desencadear um significativo problema social em importantes municípios capixabas, além de ampliar a burocracia e elevar os custos para a regularização.

A conjuntura atual evidencia a necessidade de políticas públicas que fortaleçam as atividades e garantam maior sustentabilidade às cadeias produtivas.



LETÍCIA TONIATO SIMÕES
* SUPERINTENDENTE DO SENAR-ES

SAÚDE NO CAMPO: O CUIDADO QUE SUSTENTA O AGRO

Valorizar a saúde das famílias rurais é reconhecer que o desenvolvimento do nosso estado começa pelas pessoas. No Senar-ES, temos a convicção de que nenhum avanço se sustenta sem cuidar de quem faz o agro acontecer todos os dias.

É nesse contexto que o programa Saúde no Campo, idealizado pelo Sistema CNA/Senar e colocado em prática no estado pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Espírito Santo, se torna além de uma iniciativa e simboliza uma mudança de cultura, de atitude e de visão sobre o bem-estar no meio rural.

Historicamente, o produtor tende a colocar o trabalho à frente da própria saúde. Mas o trabalho no campo exige mais do que força física: exige equilíbrio, saúde mental, prevenção e, sobretudo, bem-estar integral.

Com o Saúde no Campo, são feitas visitas domiciliares, além do atendimento por telessaúde, que amplia o acesso dos produtores e orienta de forma contínua, sempre respeitando a realidade de cada família e o contexto de cada comunidade. E esse cuidado não se limita ao corpo.

A saúde mental, por muito tempo negligenciada no meio rural, é reconhecida hoje como um fator determinante para a qualidade de vida e para a própria atividade produtiva. Ansiedade, estresse e sobrecarga afetam diretamente o rendimento do trabalho, as relações familiares e a capacidade de tomar decisões.

Cuidar da mente é tão essencial quanto cuidar do corpo, e o programa inclui esse olhar amplo sobre o bem-estar das famílias do campo.

As cinco diretrizes do programa — Mapeamento da saúde familiar; Planejamento individual; Execução do planejamento individual; Ações integrativas de saúde; e Análise dos resultados do programa — formam um processo responsável e personalizado. Os Técnicos e Supervisores de Saúde Rural avaliam condições, identificam riscos, planejam ações e acompanham cada etapa, com foco na prevenção.

Outro ponto fundamental é a união de forças. Quando o Sistema Faes/Senar-ES, os Sindicatos Rurais e parceiros da área de saúde atuam juntos, conseguimos promover atendimentos que transformam realidades.

O impacto é visível e crescente: famílias mais conscientes, comunidades mais protegidas e um setor agropecuário fortalecido. Porque quando o produtor rural está bem, tudo ao seu redor prospera.

Investir na saúde do campo é investir no futuro. E esse compromisso, no Senar-ES, é permanente.

**O IMPACTO É VISÍVEL E
CRESCENTE: FAMÍLIAS MAIS
CONSCIENTES, COMUNIDADES
MAIS PROTEGIDAS E UM
SETOR AGROPECUÁRIO
FORTALECIDO. PORQUE QUANDO
O PRODUTOR RURAL ESTÁ BEM,
TUDO AO SEU REDOR PROSPERA**



ALESSANDRO BROEDEL
DIRETOR-GERAL DO INCAPER

INCAPER EM 2025: RESULTADOS QUE FORTALECEM A AGROPECUÁRIA NO ESPÍRITO SANTO

O ano de 2025 foi marcado por avanços expressivos para o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper). Investimentos em infraestrutura, ampliação da capacidade técnica e resultados sólidos em pesquisa e extensão reforçaram o papel estratégico do Instituto como referência em inovação, geração de conhecimento e apoio direto ao agricultor capixaba.

Na cafeicultura, principal atividade agrícola do Espírito Santo, recomendamos de café arábica adaptadas às condições do estado, com potencial para dobrar a produtividade e elevar a qualidade desse produto capixaba. Com o projeto “Cafeicultura Sustentável”, avançamos para quase 6.000 propriedades cadastradas, ampliando a adoção de boas práticas e fortalecendo a sustentabilidade e a competitividade do setor.

A infraestrutura de pesquisa do Incaper foi ampliada e modernizada. Entregamos as novas instalações do Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação Norte, em Linhares, reforçando nossa capacidade de desenvolver soluções para as principais cadeias produtivas da região. As Fazendas Experimentais receberam novos veículos e máquinas, garantindo mais eficiência às atividades de pesquisa e experimentação agrícola.

Demos importante contribuição à rede de monitoramento climático do estado com a instalação de duas novas estações agrometeorológicas (em Domingos Martins e

Boa Esperança), ampliando a precisão das informações meteorológicas, essenciais para o planejamento da produção, o desenvolvimento de pesquisas e o suporte às políticas públicas.

O fortalecimento institucional também passou pela ampliação do quadro de servidores, com a chegada de novos pesquisadores, extensionistas e técnicos que ampliam nossa presença nos territórios e elevam a qualidade dos serviços prestados. Investimos ainda em melhores condições de trabalho, com ações como a aquisição de novos veículos, a renovação do parque de computadores e o início de serviços de manutenção predial em diversas unidades, garantindo, também, melhorias no atendimento aos agricultores.

Outro marco de 2025 foi alcançarmos o recorde de 197 projetos de pesquisa, desenvolvimento e inovação em andamento, todos alinhados aos desafios da sustentabilidade e das mudanças climáticas. São iniciativas que estão gerando soluções tecnológicas voltadas às principais demandas da agropecuária capixaba. No campo editorial, publicamos 22 novas obras técnico-científicas, reafirmando o compromisso do Incaper com a difusão de conhecimento de excelência.

Todos esses resultados refletem um Incaper fortalecido, ainda mais presente em todas as regiões do estado e preparado para continuar impulsionando o desenvolvimento da agropecuária capixaba, unindo ciência, técnica e compromisso com o futuro.

A força do Brasil está no agro.

SAFRA
25/26

E quando o agro precisa
de uma força, pode contar
com o Sicoob.

SICOOB

Custeio

Comercialização

Industrialização

Investimentos

Seguro Rural

Fale com seu gerente
e contrate.

Central de Atendimento

Atendimento WhatsApp: 61 4000 1111 | Atendimento via ligação: 61 4000 1111

Demais regiões: 0800 642 0000 | Exterior (ligue a cobrar): +55 61 3030 6717

Deficientes auditivos ou de fala: 0800 940 0458 (de segunda a sexta, das 8h às 20h)

SAC 24 horas: 0800 724 4420 (Informações, dúvidas, reclamações e comunicação de

ocorrência de fraude) | Canais de oferta Sicoob Pra Você: 41 3180 0676

Ouvidoria: 0800 725 0996 (de segunda a sexta, das 8h às 20h) - ouvidoria@sicoob.com.br

Mais que uma
escolha financeira.

 SICOOB

**ÁREA COLHIDA
SOBE DE 300 PARA
1.344 HECTARES E
RENDIMENTO MAIS
QUE DOBRA; VENDA
NOVA DO IMIGRANTE
CONCENTRA QUASE
METADE DA SAFRA
ESTADUAL**



**EM UMA DÉCADA,
ABACATE TOMA CONTA
DAS TERRAS CAPIXABAS**

FOTO: FREEPIK



FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de abacate no Espírito Santo passou por uma transformação expressiva na última década. Em 2014, o estado colheu 3.474 toneladas. Em 2024, o volume chegou a 33.735 toneladas — crescimento de 871%.

A expansão é acompanhada de aumento contínuo da área colhida. Em 2014, eram 300 hectares destinados à cultura; em 2024, o número alcança 1.344 hectares. A alta é de 348%, com avanços mais acelerados a partir de 2019, quando a área praticamente dobra em relação ao ano anterior e marca o início de um novo patamar para o cultivo.

O rendimento médio também mudou de forma marcante. Em 2014, a produtividade era de 11.580 quilos por hectare. A partir de 2022, o indicador dobra e ultrapassa os 25 mil quilos por hectare, permanecendo nesse nível em 2023 e 2024. O salto coincide com o aumento de produção, que salta de 11.657 toneladas em 2021 para 24.991 toneladas em 2022, quase o dobro em apenas um ano.

O perfil municipal mostra forte concentração territorial. Venda Nova do Imigrante lidera com ampla vantagem, respondendo por 15.600 toneladas, o equivalente a 46,24% de toda a produção estadual em 2024. Na sequência aparecem Marechal Floriano, com 4.500 toneladas (13,34%), e Vargem Alta, com 2.800 toneladas (8,30%). Castelo

Municípios mais representativos na produção do abacate em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Venda Nova do Imigrante	15.600	46,24%
Marechal Floriano	4.500	13,34%
Vargem Alta	2.800	8,30%
Castelo	2.400	7,11%
Domingos Martins	1.500	4,45%
Muniz Freire	1.320	3,91%
Conceição do Castelo	1.216	3,60%
Santa Maria de Jetibá	1.200	3,56%
Santa Leopoldina	700	2,07%
Afonso Cláudio	430	1,27%
Itarana	340	1,01%
Brejetuba	300	0,89%
Viana	225	0,67%
Baixo Guandu	196	0,58%
Divino de São Lourenço	160	0,47%
Laranja da Terra	120	0,36%
Itaguaçu	120	0,36%
Guarapari	100	0,30%
Ibatiba	90	0,27%
Iconha	86	0,25%
Alto Rio Novo	72	0,21%
Alfredo Chaves	49	0,15%
Presidente Kennedy	45	0,13%
Rio Novo do Sul	35	0,10%
Marataízes	33	0,10%
Cariacica	30	0,09%
Irupi	24	0,07%
Anchieta	15	0,04%
Santa Teresa	12	0,04%
Iúna	9	0,03%
Dores do Rio Preto	8	0,02%
Total	33.735	100,00%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

(7,11%) e Domingos Martins (4,45%) completam a lista dos municípios mais representativos.

Os números indicam que a cultura do abacate atravessa um ciclo de expansão inédita no Espírito Santo, marcado por aumento de área, salto de produtividade e concentração em municípios de altitude, especialmente na região Serrana Central do Estado.



PRODUTORES PIONEIROS AMPLIAM CULTIVO DE ABACATE EM BAIXO GUANDU

FOTO ARQUIVO PESSOAL



IRMÃOS CARLOS HENRIQUE E ILDINEI BUGGE, PIONEIROS NA PRODUÇÃO DE ABACATE EM BAIXO GUANDU

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Em 2018, os irmãos Carlos Henrique Bugge e Ildinei Bugge, da comunidade Santa Rosa, em Patrimônio da Penha, no interior de Baixo Guandu, decidiram investir no cultivo de abacate da variedade Geada. No início, plantaram 10 hectares e, algum tempo depois, ampliaram a área com mais 215 mudas, desta vez consorciadas com café Conilon.

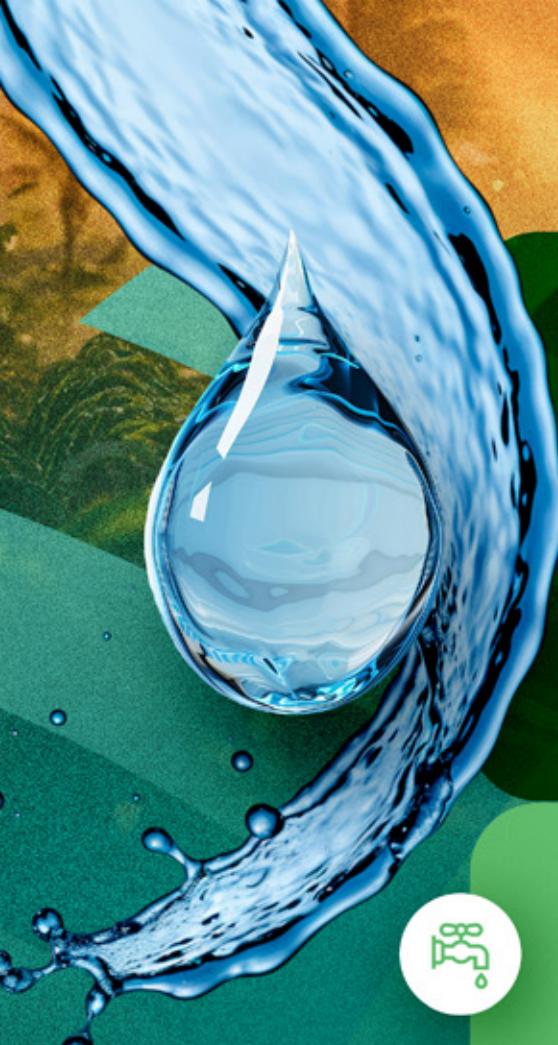
“Na época, a gente plantava inhame e recebemos aqui na propriedade um senhor de Venda Nova do Imigrante, que compra o nosso inhame e também produz abacate lá em Venda Nova. Ele sugeriu que plantássemos uma área de abacate. Disse que, devido ao clima mais quente de Baixo Guandu, o fruto chegaria ao ponto de colheita mais cedo do que nas demais regiões. Resolvemos investir — e deu certo”, relata Carlos.

Pioneiros no cultivo no município, os produtores afirmam que a escolha foi acertada. Além da alta produtividade, a comercialização é garantida. “Tem mercado. Nunca ficou uma fruta aqui na roça. Entregamos tudo o que vendemos na Ceasa e para um distribuidor. Para nós, está sendo um bom negócio, e recomendo o cultivo sem medo”, destaca.

Abacate			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	300	3.474	11.580
2015	319	3.953	12.392
2016	345	4.434	12.852
2017	389	4.992	12.833
2018	422	5.446	12.905
2019	773	7.391	9.561
2020	855	8.958	10.477
2021	918	11.657	12.698
2022	959	24.991	26.059
2023	1.137	29.556	25.995
2024	1.344	33.735	25.100

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

IRMÃOS BUGGE
APOSTAM NA CULTIVAR
GEADA E GARANTEM
PRODUTIVIDADE E
MERCADO PARA A FRUTA
NO MUNICÍPIO



Compromisso com o produtor. Respeito aos recursos naturais.



Produtores rurais agora estão isentos da cobrança pelo uso da água

A conquista da isenção da cobrança pelo uso da água em atividades agropecuárias e silvipastoris foi garantida pela mobilização da Federação da Agricultura e Pecuária do Estado do Espírito Santo, dos Sindicatos Rurais e da colaboração fundamental da Assembleia Legislativa, com a sanção da Lei 12.639/2025.

A medida reforça o papel do produtor na conservação das nascentes, na proteção ambiental e na segurança hídrica do Espírito Santo, fortalecendo o setor e trazendo mais segurança jurídica para quem produz.

Representando e fortalecendo os produtores rurais capixabas!





LUCAS REZENDE

ESPECIALISTA EM GESTÃO DE CRISE E DE REPUTAÇÃO

POR QUE O AGRO PRECISA CONTAR MELHOR SUA HISTÓRIA

Como um setor que alimenta o país, move bilhões e responde por uma parcela gigantesca do PIB ainda enfrenta dificuldades para contar sua própria história? O agronegócio brasileiro encerra mais um ano pressionado por um cenário que exige comunicação mais madura, estratégica e contínua. O setor segue avançando em tecnologia, produtividade, digitalização e sustentabilidade, mas ainda luta para traduzir esses progressos de modo claro para a sociedade. Isso se reflete em estudos de percepção que apontam distância entre o que o agro faz e o que o público urbano entende. É um desafio que não nasce da produção, mas da narrativa.

Esse contexto ganha ainda mais força quando se considera a transformação digital que avançou de forma decisiva. Hoje, cerca de 70% dos produtores utilizam smartphones e internet para decisões de negócio, gestão de riscos, contratação de serviços e acesso a informações de mercado. A tecnologia é um eixo central da operação rural. Essa conexão levou o agro a outro patamar: deixou de ser apenas produção e logística e passou a ser também conteúdo, dados, transparência e reputação.

Mesmo assim, existe um descompasso evidente entre o peso econômico do setor e sua capacidade de comunicar avanços, esclarecer temáticas sensíveis e construir confiança pública. Apesar de representar aproximadamente um quarto do PIB nacional, o agro continua enfrentando resistência na opinião pública, sobretudo nos grandes centros urbanos. Estudos e análises apontam que existe uma verdadeira barreira de imagem ao agronegócio brasileiro, especialmente relacionada à pauta ambiental e à forma como o setor é percebido nos mercados internacionais. Temas como uso de insumos, impactos ambientais, desmatamento e rastreabilidade seguem gerando desconfiança porque faltam contexto, didatismo e narrativa. O setor produz, entrega e inova, mas muitas vezes não

explica. E reputação não se sustenta apenas no que se faz, mas no que se comunica com clareza.

As tendências que moldaram 2025 não ficam para trás com a virada do calendário. Pelo contrário, elas pavimentam 2026 com ainda mais exigência. Sustentabilidade, rastreabilidade, agricultura digital, bioeconomia, automação, dados em tempo real, comunicação transparente, origem comprovada e conteúdo técnico acessível devem pautar marcas, produtores, empresas e instituições no próximo ano. É um ecossistema em que tecnologia e narrativa passam a ser inseparáveis. E comunicar bem se torna tão estratégico quanto produzir bem.

As grandes marcas do agro já entenderam essa lógica e vêm evoluindo suas estratégias de comunicação. JBS, BRF e Cargill reforçam discursos de sustentabilidade, segurança alimentar e metas ambientais. Bayer e Syngenta investem em conteúdo técnico traduzido para linguagem simples, explicando inovação, manejo e agricultura regenerativa. John Deere transformou tecnologia e automação em narrativa emocional sobre futuro e produtividade. Raízen articula comunicação corporativa com temas de transição energética e bioeconomia. Todas operam com a mesma premissa: reputação é construção diária, método e explicação.

É justamente aqui que as relações públicas se tornam fundamentais. O agro precisa de ponte com a sociedade, voz qualificada na mídia, produção de narrativas baseadas em dados, capacidade de resposta rápida e coerência institucional. A imprensa ajuda a ocupar o debate público com fatos, contexto e informação técnica. Relações públicas estruturam reputação, gerenciam riscos, constroem vínculos de longo prazo com formadores de opinião, fortalecem marcas e organizam o diálogo com diferentes audiências. Sem esses pilares, o setor continuará produzindo muito, mas comunicando mal.

O aumento do interesse do público urbano confirma essa necessidade. Em 2025, programas dedicados ao campo ampliaram a audiência e voltaram a ocupar as primeiras posições no Ibope. O consumidor das capitais quer entender o que há por trás da comida, da energia, da tecnologia agrícola e das decisões que afetam preço, abastecimento e meio ambiente. O campo, que antes era tema de nicho, tornou-se interesse nacional.

Essa virada de percepção não é recente. A campanha Agro é Pop ajudou a romper a barreira simbólica entre o urbano e o rural, destacando a presença do agro no cotidiano. A campanha abriu caminho para que o setor deixasse de ser percebido apenas como produtor de commodities e passasse a ser entendido como ciência, tecnologia, pesquisa, inovação e impacto direto na vida das pessoas. Criou um imaginário de orgulho e pertencimento que impacta até hoje a forma como a sociedade enxerga o agro.

E quando o assunto é comunicar no lugar certo, o papel das publicações especializadas se torna ainda mais evidente. Revistas como a Conexão Safra, que há anos traduzem a complexidade do agronegócio para produtores, gestores e lideranças, são parte essencial desse ecossistema. Elas ajudam a sustentar o debate, qualificam a informação e conectam o agro aos públicos que realmente importam.

Quando se observa esse conjunto, o retrato é claro: o agronegócio brasileiro vive uma mudança de época. Encerra 2025 consolidando sua digitalização, reconhecendo seus desafios, experimentando alta no interesse do público e entrando em 2026 pressionado por tendências que exigem mais transparência, mais diálogo e mais presença. A reputação do agro não será construída apenas por produtividade ou cifras. Ela dependerá da capacidade de traduzir tecnologia, práticas, impactos e valores em uma narrativa única, comprehensível e contemporânea. O setor sabe produzir como poucos. Agora precisa aprender a comunicar com a mesma competência.

Visite Marataízes

AQUI É

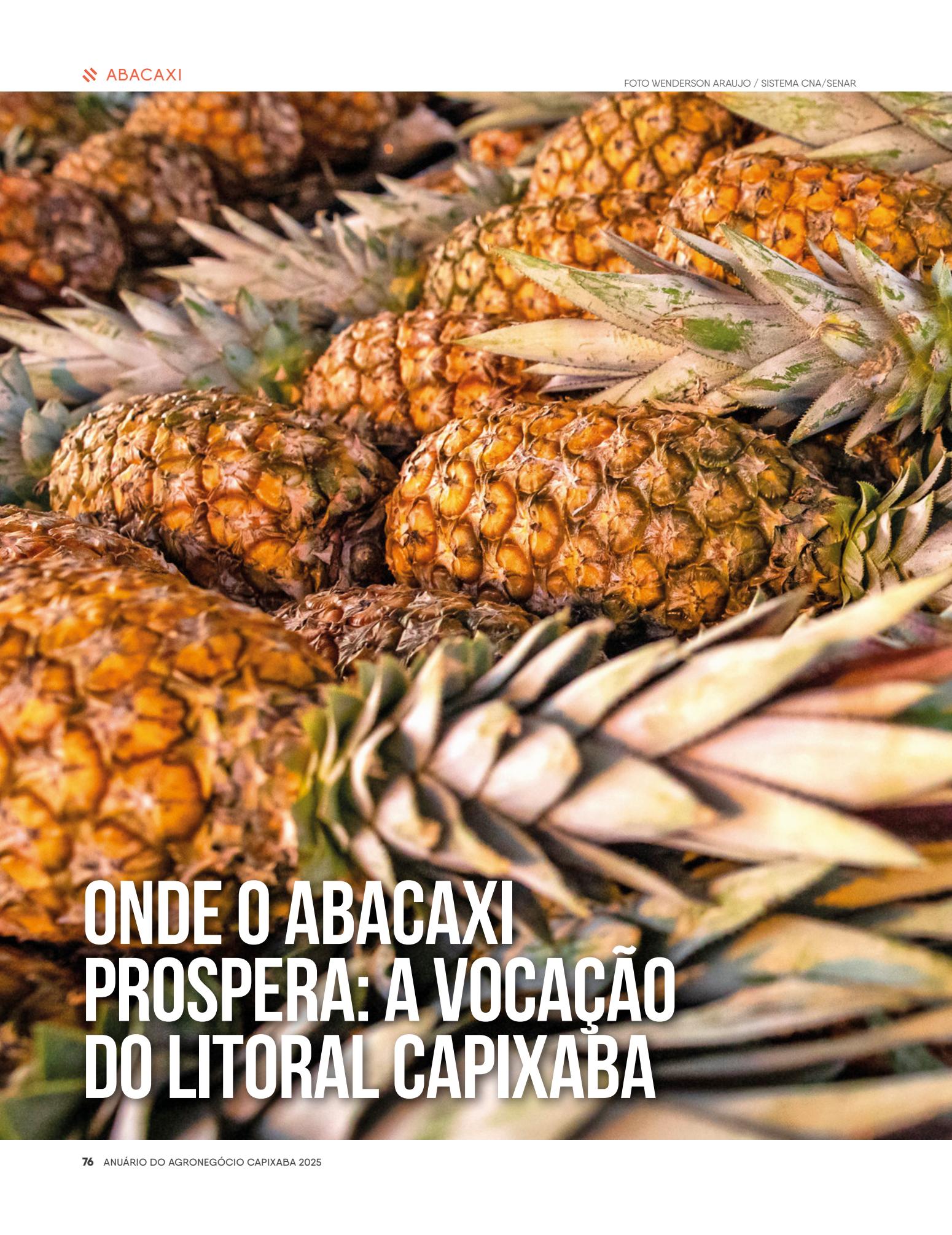
MARA

O ANO INTEIRO.

Não espere o verão chegar para viver o melhor da Pérola Capixaba. Quando o destino é certo, qualquer data vale a viagem.



PREFEITURA DE
MARATAÍZES
MARATAIZES.ES.GOV.BR



ONDE O ABACAXI PROSPERA: A VOCAÇÃO DO LITORAL CAPIXABA

DADOS DO IBGE MOSTRAM LEVE AVANÇO DA PRODUÇÃO CAPIXABA E FORTE CONCENTRAÇÃO REGIONAL EM 2024

FERNANDA ZANDONADI

jornalismo@conexaosafra.com

A produção de abacaxi no Espírito Santo registrou leve crescimento em 2024, mantendo a tendência de estabilidade observada na última década. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sistematizados pela Conexão Safra, o estado colheu 44,7 milhões de frutos em 2024, volume superior ao de 2023 (43,8 milhões). A área colhida permaneceu em 2.250 hectares, nível praticamente constante desde 2014.

A série histórica mostra oscilações moderadas na produção ao longo dos anos, com picos em 2014 (50 milhões de frutos) e 2019 (50,3 milhões). O rendimento médio em 2024 chegou a 19.888 kg/ha, acima do registrado em 2023 (19.505 kg/ha), mas ainda abaixo dos melhores resultados da década, como os 21.932 kg/ha de 2014.

O comportamento estável indica um setor consolidado, com cadeias produtivas regionalizadas e forte especialização territorial — uma característica marcante da fruticultura capixaba.

CONCENTRAÇÃO REGIONAL

A produção permanece altamente concentrada no Litoral Sul. Marataízes lidera com ampla vantagem e respondeu por 58,05% do total estadual em 2024, com 25,9 milhões de frutos. Presidente Kennedy aparece em seguida, com 29,50% (13,2 milhões). Juntos, os dois municípios foram responsáveis por quase 88% de todo o abacaxi colhido no Espírito Santo.

Na sequência, surgem Itapemirim (7,54%), São Mateus (2,10%) e Jaguaré (1,04%). O cenário reforça a vocação produtiva da faixa mais costeira do estado, impulsionada por clima favorável, tradição agrícola e infraestrutura voltada à fruticultura tropical.

Municípios mais representativos na produção do abacaxi em 2024

Município	Produção (mil frutos)	(%)
Marataízes	25.974	58,05%
Presidente Kennedy	13.200	29,50%
Itapemirim	3.375	7,54%
São Mateus	939	2,10%
Jaguaré	465	1,04%
Colatina	160	0,36%
Santa Leopoldina	100	0,22%
Pancas	100	0,22%
Conceição da Barra	90	0,20%
Nova Venécia	79	0,18%
Pedro Canário	65	0,15%
Montanha	43	0,10%
Pinheiros	40	0,09%
Águia Branca	32	0,07%
Boa Esperança	27	0,06%
Vila Pavão	23	0,05%
Ponto Belo	20	0,04%
Cariacica	15	0,03%
Total	44.747	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

* NOVA GERAÇÃO DE JUPI

As pesquisas em torno do abacaxi também avançam. Pesquisadores do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) estão desenvolvendo mudas de abacaxi da variedade Jupi com maior resistência à fusariose, doença fúngica que compromete produtividade e qualidade no principal polo produtor da fruta no estado, que é Marataízes.

A iniciativa, coordenada pelo professor Luiz Flávio Viana Silveira, do Campus Alegre, integra o programa Fortalecimento da Agricultura Capixaba (FortAC) e tem como meta revitalizar uma variedade tradicional e muito apreciada pelo sabor doce.

A fusariose é um problema recorrente na região, causando perdas expressivas e levando produtores a buscar mudas de outros estados, especialmente da Bahia. Essa prática, embora necessária diante das infecções, ameaça descharacterizar o perfil produtivo local. O projeto do Ifes propõe uma solução baseada em sanidade, rastreabilidade e autonomia.

Abacaxi			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (mil frutos)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	2.280	50.006	21.932
2015	2.448	41.261	16.855
2016	2.429	46.326	19.072
2017	2.415	45.530	18.853
2018	2.423	45.995	18.983
2019	2.426	50.307	20.737
2020	2.236	42.130	18.842
2021	2.239	41.875	18.703
2022	2.246	46.270	20.601
2023	2.250	43.887	19.505
2024	2.250	44.747	19.888

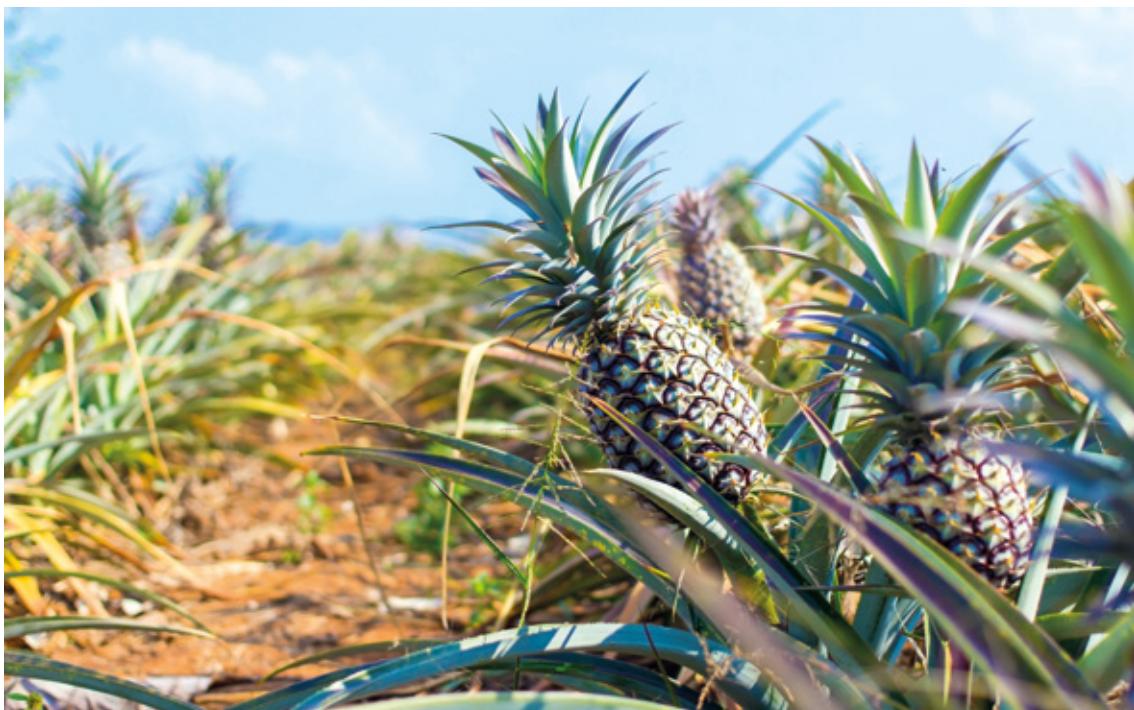
FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

SECCIONAMENTO DE CAULE

Para combater a doença, os pesquisadores utilizam a técnica conhecida como secçãoamento de caule. O método consiste em selecionar plantas matriz aparentemente sadias, retirar todas as folhas e cortar o caule longitudinalmente para identificar qualquer sintoma da fusariose. As partes realmente livres do fungo são então desinfetadas e colocadas em canteiros de areia, onde permanecem até emitirem brotações de aproximadamente 2 centímetros.

Em seguida, as brotações são transferidas para sacolas com substrato e conduzidas até atingirem cerca de 25 centímetros de altura — estágio em que as mudas podem ser levadas a campo com segurança.

A estratégia alia inovação e fortalecimento territorial. Ao recuperar a sanidade da variedade Jupi, o Ifes busca restabelecer uma identidade produtiva associada ao Litoral Sul Capixaba, garantindo competitividade e continuidade à cultura.



TECNOLOGIA CAPIXABA REDEFINE O CALENDÁRIO DO ABACAXI

Uma inovação desenvolvida pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) promete mudar a lógica de produção do abacaxi no Espírito Santo. A pesquisa, conduzida pela agrônoma Sara Dousseau Arantes, apresenta uma solução para um dos principais entraves da cultura: a floração natural desuniforme, que compromete o planejamento da colheita e reduz a rentabilidade dos produtores.

A tecnologia utiliza a aviglicina (AVG), substância capaz de inibir a produção de etileno — o hormônio vegetal que desencadeia a floração. Aplicada no momento adequado, antes do inverno, a AVG permite ao produtor controlar quando a planta floresce e, consequentemente, escolher a melhor janela de mercado para ofertar os frutos.

Segundo Sara Dousseau, o estudo nasceu da necessidade de evitar a concentração da floração entre junho e agosto, período em que a natureza interfere diretamente no ciclo da cultura. O resultado são colheitas irregulares, estoque desordenado e queda nos preços, já que a maior parte da produção chega ao mercado entre novembro e janeiro. “Com essa tecnologia, foi possível ajustar o manejo do abacaxizeiro para produzir frutos com qualidade nas épocas de melhor preço para os agricultores”, explica.

RESULTADOS DO ESTUDO

Realizado entre 2019 e 2020, em parceria com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), o experimento ocorreu na Fazenda Experimental do Incaper em Sooretama, no norte do Estado — uma das regiões mais tradicionais na produção do fruto. O trabalho testou as cultivares ‘Pérola’, amplamente usada por agricultores familiares, e ‘Vitória’, desenvolvida pelo próprio Incaper e resistente à fusariose.

A aplicação correta da aviglicina apresentou taxa de inibição de até 80% da floração natural, permitindo a indução artificial no momento mais estratégico. Isso abriu espaço para colheitas entre abril e junho, fase historicamente marcada por preços mais elevados.

O estudo aponta que a dose de 100 mg/L de AVG é suficiente para oferecer controle sem prejudicar o desenvolvimento das plantas nem a qualidade dos frutos. Concentrações mais altas ampliaram o período de controle, mas causaram fitotoxicidade, reduzindo crescimento e massa dos abacaxis — o que reforça a necessidade de manejo preciso e acompanhamento técnico.

PLANEJAMENTO E ASSISTÊNCIA SÃO DECISIVOS

Controlar a floração é também uma ferramenta para escalar a produção ao longo de todo o ano, reduzindo riscos e ampliando a previsibilidade dos cultivos. No entanto, ainda existem desafios. A aviglicina não possui registro específico para o abacaxi no Brasil, e os produtores precisam adquirir a substância na forma pura, preparando a solução de aplicação. “É um processo que exige conhecimento técnico, protocolos de segurança e acompanhamento profissional”, destaca a pesquisadora.

A tecnologia, porém, é considerada acessível para a agricultura familiar. A dose recomendada tem baixo custo relativo, desde que acompanhada de boa assistência técnica, especialmente no que diz respeito à diluição correta, cronograma e condições climáticas.

O Incaper mantém estrutura de orientação por meio de seus Escritórios Locais de Desenvolvimento Rural, onde engenheiros agrônimos e técnicos agrícolas capacitados oferecem suporte a agricultores interessados em adotar a prática.



O ALHO QUE VOLTA À TERRA

LEANDRO FIDELIS
jornalismo@conexaosafra.com

Por décadas, o alho foi sinônimo de prosperidade na região Serrana do Espírito Santo. No distrito de Aracê, em Domingos Martins, produtores mediam o sucesso da safra pela troca anual de carro. O ciclo virtuoso começou a ruir no início dos anos 1990, com a abertura do mercado e a entrada massiva do alho importado, primeiro da Argentina e depois da China. A cultura perdeu competitividade, muitos agricultores migraram para outras atividades (mangaço, café e agroturismo) e o alho capixaba ficou restrito à memória de quem viveu seu auge.

Agora, mais de 30 anos depois, a história começa a mudar. Com o uso de alho-semente livre de vírus, tecnologia desenvolvida pela Embrapa Hortaliças e aplicada no Espírito Santo por meio de parceria com o Incaper e o Ministério do Desenvolvimento

TECNOLOGIA, MEMÓRIA E AGRICULTURA FAMILIAR RESGATAM UMA CULTURA HISTÓRICA NA REGIÃO SERRANA CAPIXABA

Agrário e Agricultura Familiar (MDA), agricultores familiares voltam a enxergar no alho uma cultura viável, produtiva e rentável.

O resgate passa pela ciência, mas também pela experiência acumulada de quem nunca deixou a lavoura. É o caso de Moacir Bellon (80), produtor de São Paulo de Aracê (Domingos Martins), na foto abaixo, que cultiva alho há mais de meio século. Ele recebeu oito quilos de alho-semente



livre de vírus da variedade Amarante, plantados em março deste ano. O resultado surpreendeu até os técnicos: 150 kg colhidos em apenas 160 m², com safra encerrada em agosto.

“São necessários pelo menos 145 dias na lavoura. O cultivo ocupa uma área pequena e o custo não é alto”, explica Bellon, com a tranquilidade de quem domina o ciclo da cultura. “Um quilo plantado de alho tem obrigação de produzir dez quilos.”

A conta, desta vez, fechou com sobra. Animado, o produtor destaca outro fator decisivo: o preço. “O alho nacional

está valendo mais. Enquanto o chinês fica entre R\$ 14 e R\$ 15, o nosso chega a R\$ 19”, compara. Bellon vende a produção no próprio barracão da propriedade, às margens da rodovia que liga a BR-262 a Vargem Alta, e já planeja expandir a área a partir de 2026, em outro sítio, em Venda Nova do Imigrante. “É uma terra à beira de represa que, para o alho, é show de bola.”

O caso de Bellon não é isolado. Ele próprio lembra que, três anos atrás, colheu duas toneladas. E que, no passado, produtores da região chegavam a colher entre dez e 15 toneladas por safra. “Tem muita gente retomando o alho”, afirma.

■ CIÊNCIA NO CAMPO, PRODUTIVIDADE QUE MUDA O JOGO



Os resultados observados na propriedade de Moacir Bellon refletem um movimento mais amplo. Dados apresentados no encontro técnico de encerramento do projeto “Apoio ao fortalecimento da cadeia de valor do alho na região central do Espírito Santo”, realizado no Centro de Pesquisa, Desenvolvimento e Inovação Serrano (CPDI Serrano), na Fazenda do Estado, em Domingos Martins, mostram produtividades entre 12 e 16 toneladas por hectare — desempenho superior à média estadual (9 t/ha) e também à média nacional (13 t/ha).

O destaque foi Santa Maria de Jetibá, que atingiu os maiores índices. Além do volume, houve ganho expressivo em qualidade, com bulbos maiores, dentes mais uniformes e maior resistência, fatores que elevam o valor comercial do produto. “O produtor sempre sentiu que o alho estava cansado”, resume a pesquisadora Andréa Ferreira da Costa (Incaper), uma das coordenadoras do projeto. “As viroses podem causar perdas de 30% a 50% da produtividade e comprometer completamente a qualidade do bulbo. Um alho livre de vírus sempre vai produzir mais.”

O protocolo adotado no Espírito Santo é um dos mais avançados do mundo. Desenvolvido pela Embrapa Hortalícias, inclui termotерапия, cultura de ápices caulinares, bulbificação *in vitro*, testes laboratoriais (Elisa e PCR) e a manutenção das matrizes em telados com telas antiafídeos, que impedem a reinfeção por insetos vetores. Duas dessas estruturas funcionam no CPDI Serrano, onde todo o alho-semente

distribuído aos produtores passou por controle sanitário rigoroso.

Segundo Andréa, o potencial ainda não foi totalmente atingido. “Esse material saiu há pouco tempo dos telados. À medida que os ciclos avançam, produtores mais experientes podem alcançar até 20 toneladas por hectare. Além disso, temos variedades que produzem de cinco a sete toneladas a mais do que o Gigante Roxo e o Amarante.”



DA SEMENTE CANSADA AO ALHO NOBRE: QUANDO A TECNOLOGIA MUDA A PROPRIEDADE

Em Santa Maria de Jetibá, o produtor Rosemíro Schmidt viveu, na prática, a transformação provocada pelo alho-semente livre de vírus. Durante anos, ele trabalhou com alho crioulo e enfrentou perdas recorrentes por pragas e doenças. “Eu não conseguia produzir um alho de qualidade, e isso prejudicava muito na hora de vender”, relata. “Com o alho livre de vírus, já consigo produzir um alho melhor, com mais qualidade e maior produção. O custo fica mais barato e eu consigo um preço bem melhor na negociação.”

A mudança não se limitou à semente. O acompanhamento técnico foi decisivo. “O manejo é bem diferente. Só o corte da irrigação, que precisa ser feito no momento exato, já exige mais conhecimento. Sem o suporte técnico, eu não teria conseguido”, reconhece.

Agora, Schmidt projeta um novo papel para a família na cadeia produtiva. “Minha expectativa é que a gente se torne produtor de sementes de alho nobre e seminobre. O pessoal da comunidade já está me procurando, querendo sementes. Isso vai aumentar a produção de alho de qualidade na nossa região.”

Essa é justamente a estratégia do projeto: formar agricultores multiplicadores, responsáveis por ampliar o acesso ao alho-semente livre de vírus e reduzir um dos maiores entraves da cultura. “A semente pode representar até 30% do custo total da produção”, explica Andréa Costa (Incaper). “Ao democratizar o acesso, reduzimos o risco e estimulamos novos produtores a entrar ou retornar à atividade.”





MEMÓRIA, POLÍTICA E O IMPACTO DA IMPORTAÇÃO



FRANCISCO RESENDE (EMBRAPA), ANGELO ULIANA, TIAGO MONTEIRO (INCAPER),
OUTRO PESQUISADOR DA EMBRAPA E ANDRÉA COSTA (INCAPER)

O resgate do alho no Espírito Santo também passa pela memória de quem viveu seu auge. José Onofre Pereira (73) foi extensionista da antiga Acares e acompanhou de perto a expansão da cultura na região Serrana a partir do final dos anos 1970. “O alho começou no distrito de Garrafão (Santa Maria de Jequitibá) por volta de 1978”, relembra. “Foi um trabalho articulado entre pesquisa e extensão, com apoio do Ministério da Agricultura. O Espírito Santo virou referência.”

No distrito de Aracê (Domingos Martins), o impacto foi imediato. “Era o carro-chefe do inverno. Teve uma época em que, todo ano, produtor trocava de carro. Esse era o termômetro financeiro”, conta. Nos anos 1980, o estado chegou a figurar entre os maiores produtores nacionais.

A virada veio com a importação. Primeiro Argentina e Espanha, depois a China. “O alho importado chegava

com preço competitivo e qualidade superior. O produtor nacional não conseguiu acompanhar”, diz José Onofre. Ele lembra das mobilizações que levaram à criação da Associação Nacional dos Produtores de Alho (Anapa) e de políticas que tentavam equilibrar o mercado. “Para comprar uma caixa de alho importado, o atacadista tinha que comprar uma nacional. Esse ‘tarifaço’ não é novidade”, brinca, em referência ao aumento de impostos aplicado a vários setores de uma só vez pelo governo norte-americano em 2025.

O impacto foi devastador. “Muitos produtores abandonaram a cultura”, resume Ângelo Uliana, produtor de Nossa Senhora do Carmo, no distrito de Aracê. “Quando passou a importar alho argentino, a gente partiu para o morango e depois para o agroturismo.” Hoje, com orientação do Incaper e da Embrapa, ele voltou a investir no alho, dedicando quase 3.000 m² à cultura. Em 2025, a produção ficou perto de 2 toneladas. “A gente está aprendendo mais. A qualidade melhorou.”

UM NOVO CICLO PARA O ALHO CAPIXABA

Atualmente, o Espírito Santo é o sétimo maior produtor de alho do país, com cerca de 1,6 mil toneladas em 154 hectares, concentradas principalmente em Santa Maria de Jetibá, Domingos Martins e Afonso Cláudio. Em 2024, a produção foi de apenas 863 toneladas, número que evidencia o espaço para crescimento.

Para o pesquisador Francisco Vilela Resende (Embrapa Hortaliças), o resgate da cultura é viável e necessário. “O Espírito Santo tem uma tradição muito forte, especialmente com as variedades do grupo Gigante. No nosso banco de germoplasmas, temos cinco ou seis variedades originárias do estado. Ali está toda a história do alho no Brasil.”

Segundo Resende, o foco na agricultura familiar é estratégico. “Estamos revitalizando a cultura subs-

tituindo uma semente cansada, muitas vezes com 50 ou cem anos de uso, por material novo, livre de vírus, com alta capacidade produtiva. Gradativamente, essas sementes serão reintroduzidas nas propriedades.”

A proposta apresentada ao MDA prevê uma segunda fase do projeto em 2026, com ampliação das áreas, introdução de novas cultivares e intercâmbio técnico com a Bahia, um dos principais polos produtores do país. “O alho capixaba vinha perdendo qualidade e produtividade, desanimando os agricultores”, avalia Andréa Costa. “Agora, estamos abrindo um novo ciclo. Mais competitivo, mais sustentável e com identidade regional.”

**Com informações apuradas pela reportagem da Conexão Safra e do Incaper*





**AGROTÓXICOS SÃO
RESPONSÁVEIS POR QUASE
METADE DAS MORTES
DE ABELHAS NO ES**

ATÉ SETEMBRO DE 2025, O IDAF COLETOU 14 AMOSTRAS; DESTAS, SEIS APONTARAM RESÍDUOS DE AGROTÓXICOS

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

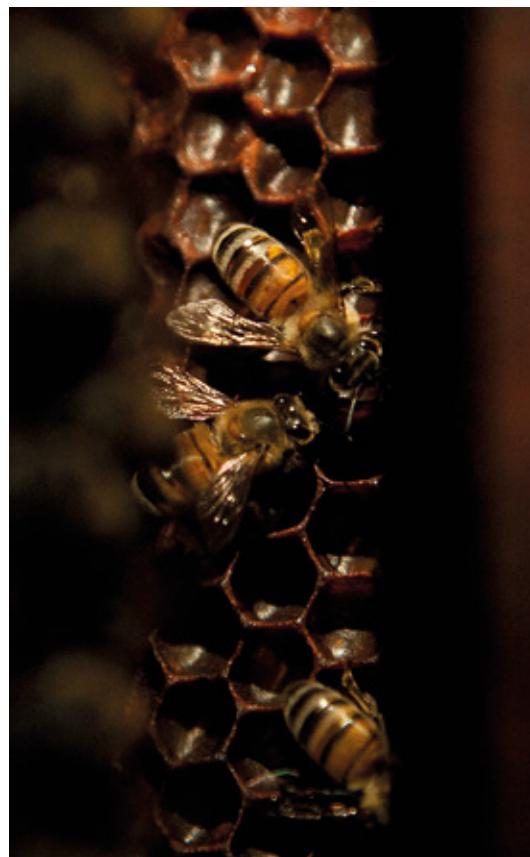
O Espírito Santo registrou um aumento nas notificações de mortandade de abelhas nos últimos anos. Depois de um longo período sem registros formais, três ocorrências foram notificadas em 2023, nos municípios de Santa Teresa, Colatina e Linhares. Desde então, o número de comunicações ao Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) tem aumentado: até 1º de setembro de 2025, o órgão já havia atendido 15 notificações, das quais 14 permitiram a coleta de amostras e seis apresentaram resíduos de agrotóxicos como agente causador da morte dos animais.

A relação entre a aplicação de agrotóxicos e a mortandade de abelhas é um tema sensível e, segundo especialistas, exige mais conscientização e cooperação no campo. Apicultor há mais de 30 anos e presidente da Associação de Apicultores de Aracruz (Apiara), Lomir José da Silva diz que o problema é real e já é sentido na rotina de quem depende das abelhas para manter a produtividade.

Ele explica que o conilon é uma cultura de polinização cruzada e depende fortemente das abelhas para garantir qualidade e aumento de produtividade. “A florada é muito rica em néctar e atrai muitas abelhas. Quando colocamos colmeias para polinização, a quantidade de abelhas na área aumenta ainda mais”, afirma.

Para Lomir, falta sensibilidade e informação aos produtores sobre o impacto do uso inadequado de defensivos agrícolas. Ele destaca que boas práticas básicas — como não aplicar produtos durante a florada ou priorizar aplicações noturnas — já reduziriam drasticamente os riscos.

“Há uma conversa sobre isso, mas é superficial. Falta orientação constante, massificada. Não adian-



ta falar uma vez no dia de campo e depois nunca mais. O produtor faz uso dos defensivos às vezes sem necessidade, sem orientação e sem pensar que a abelha é uma parceira dele”, critica.

Engenheiro agrônomo e apicultor há mais de 40 anos, Fábio Mora Passos endossa o que diz Lomir. “Falta consciência por parte dos produtores quanto ao respeito às normas de pulverização, para que não ocorra a contaminação e a morte das abelhas. E, por outro lado, falta suporte técnico dos órgãos responsáveis por informar, mobilizar e fiscalizar”, explica Passos.

Fábio diz ainda que está acostumado a perder animais sempre que leva as abelhas para polinizar lavouras de café, o que não ocorre com a polinização em outras culturas, como no eucalipto, por exemplo. “Toda vez que coloco as colmeias em cafezais acontece a morte das abelhas; às vezes mais, às vezes me-

nos, mas sempre morrem. Já perdi 40 colmeias de uma só vez. Acredito que a conscientização é o caminho para equilibrar apicultura e agricultura”, relata.

Lomir defende uma aproximação maior entre entidades, governo, técnicos, apicultores e produtores rurais. “A parceria é fundamental. O apicultor precisa do produtor, e o produtor precisa das abelhas. É uma relação de benefício mútuo. Mas precisa haver responsabilidade na aplicação, bom senso e mais educação no campo”, completa.

Sobre os questionamentos dos apicultores quanto à falta de fiscalização e de mobilização para orientar os produtores, o Idaf explicou, por meio de nota, que “em outubro de 2024, o órgão, em parceria com o Ministério Público do Espírito Santo, por meio do Centro de Apoio Operacional da Defesa do Meio Ambiente (Caoa) e do Fórum Espírito-Santense de Combate a Impactos de Agrotóxicos e Transgênicos (Fesciat), iniciou uma campanha de conscientização sobre a importância das abelhas e a necessidade de notificar mortandade e doenças. A iniciativa incluiu materiais educativos, ações em redes sociais e ampla divulgação na imprensa”.

A nota informa ainda que o órgão possui uma gerência de educação sanitária e ambiental que realiza ações rotineiras em todo o Estado, como palestras em escolas e faculdades, participação em eventos agropecuários, entrega de material educativo e dias de campo com a comunidade e produtores rurais.

COMO PROCEDER EM CASO DE MORTANDADE DAS ABELHAS

O Idaf reforça aos apicultores a obrigatoriedade de informar ao ór-

gão a mortandade de abelhas — ou ainda a suspeita de doenças nesses animais — com a maior rapidez possível, já que o tempo é decisivo para a coleta de amostras válidas. Esse procedimento, segundo o Instituto, é essencial para que o serviço oficial avalie o ocorrido e, se necessário, adote as medidas sanitárias preconizadas para o controle.

Ao receber uma notificação, uma equipe inicia a fiscalização na propriedade para descartar doenças ou pragas de notificação obrigatória, conforme normas do Ministério da Agricultura e Pecuária (Mapa) e da Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA). Somente após essa etapa é feita a coleta de abelhas para análise de multiresíduos de agrotóxicos, quando os critérios técnicos são atendidos.

Quando o laudo comprova que a morte foi causada por intoxicação por defensivos agrícolas, um fiscal é designado para apurar as condições locais, na tentativa de identificar o possível produtor rural que deu causa à intoxicação dos animais e orientar produtores e apicultores. Porém, de acordo com o Idaf, em muitos casos, a identificação do responsável pela aplicação irregular é dificultada pela falta de informações precisas. Quando o órgão identifica o infrator, ele é autuado. A multa pode chegar a R\$ 23 mil.

Para notificar o Idaf, acesse o e-Sisbravet ou procure o Idaf em seu município.

BOAS PRÁTICAS

No período da florada do café, o processo de polinização é mais intenso; por isso, é importante evitar a aplicação e redobrar os cuidados. O Idaf orienta que os produtores observem alguns itens para evitar a contaminação, como, por exemplo: seguir as orientações do rótulo, da bula e da receita agronômica, fazer a aplicação somente se as condições climáticas estiverem favoráveis e evitar aplicar os defensivos em horários de visitação das abelhas.

Cartão BNB Agro

*Crédito com
a menor taxa
para modernizar
sua produção.*



O Banco do Nordeste, maior financiador do agronegócio da região, conhece bem quem vive do campo. Por isso, oferece o Cartão BNB Agro: crédito rotativo pré-aprovado com as menores taxas e condições ideais para você continuar crescendo.

Acesse bnb.gov.br/cartao-bnb-agro e saiba mais.



- Até 8 anos para pagar.
- Até 1 ano de carência.
- Bônus de adimplência.





PRODUÇÃO DE MEL CRESCE NO ESPÍRITO SANTO E VALOR DA SAFRA ULTRAPASSA R\$ 12 MILHÕES

COM 846 MIL QUILOS PRODUZIDOS EM 2024, APICULTURA CAPIXABA MANTÉM TRAJETÓRIA DE ALTA

FERNANDA ZANDONADI

jornalismo@conexaosafra.com

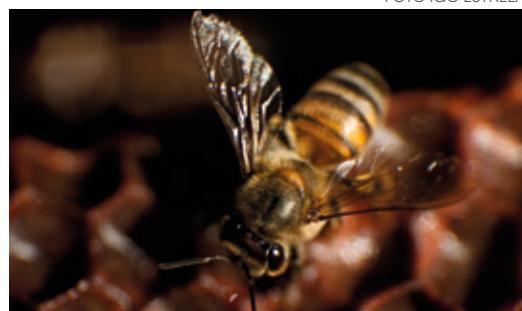
A produção de mel no Espírito Santo alcançou 846 mil quilos em 2024, gerando um valor de R\$ 12,3 milhões, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). O resultado confirma a tendência de crescimento gradual da apicultura capixaba, que tem se fortalecido com o avanço tecnológico, a diversificação dos sistemas produtivos e o aumento da demanda por produtos naturais.

PRODUÇÃO EM ALTA

Nos últimos dez anos, a produção estadual de mel cresceu 3,9%, enquanto o valor da safra subiu 68,4% — reflexo da valorização de produtos apícolas e do aumento das exportações. Em 2014, o Espírito Santo produziu 813,9 mil quilos, movimentando R\$ 7,3 milhões. Após uma queda em 2016, o setor retomou o ritmo de crescimento e atingiu, em 2024, seu maior valor de produção da série histórica.

O desempenho é atribuído à capacitação técnica dos apicultores e incentivo ao manejo sustentável, fatores que garantem maior produtividade e qualidade do mel capixaba.

FOTO IGO ESTRELA



Municípios mais representativos na produção de mel em 2024		
Município	Produção (Kg)	(%)
Aracruz	90.000	10,64%
Fundão	81.875	9,68%
Maréchal Floriano	80.000	9,46%
Domingos Martins	51.487	6,09%
São Mateus	50.000	5,91%
Colatina	38.000	4,49%
São Domingos do Norte	37.000	4,37%
Boa Esperança	32.857	3,88%
São Gabriel da Palha	30.000	3,55%
Santa Maria de Jetibá	30.000	3,55%
Santa Teresa	25.500	3,01%
Linhares	25.500	3,01%
Vargem Alta	22.500	2,66%
Vila Valério	17.560	2,08%
Viana	16.800	1,99%
Rio Bananal	16.500	1,95%
Jaguaré	15.000	1,77%
Águia Branca	15.000	1,77%
Pancas	10.000	1,18%
Alto Rio Novo	10.000	1,18%
Guarapari	9.750	1,15%
Cachoeiro de Itapemirim	9.000	1,06%
Governador Lindenberg	8.700	1,03%
Laranja da Terra	7.797	0,92%
Nova Venécia	7.000	0,83%
Ibiráçu	6.500	0,77%
Guacuí	5.903	0,70%
Venda Nova do Imigrante	5.000	0,59%
Iconha	5.000	0,59%
Alfredo Chaves	5.000	0,59%
Divino de São Lourenço	4.830	0,57%
Dores do Rio Preto	4.820	0,57%
Ibatiba	4.590	0,54%
Serra	4.500	0,53%
Vila Velha	4.276	0,51%
Ecoporanga	4.000	0,47%
Conceição da Barra	4.000	0,47%
Muniz Freire	3.690	0,44%
Sooretama	3.650	0,43%
Muqui	3.220	0,38%
Santa Leopoldina	3.000	0,35%
Iúna	2.650	0,31%
Conceição do Castelo	2.400	0,28%
Castelo	2.400	0,28%
Itapemirim	2.050	0,24%
São Roque do Canaã	2.000	0,24%
Mantenópolis	2.000	0,24%
Cariacica	2.000	0,24%
Água Doce do Norte	2.000	0,24%
Vila Pavão	1.545	0,18%
Rio Novo do Sul	1.450	0,17%
Mimoso do Sul	1.300	0,15%
Marilândia	1.300	0,15%
Itaguaçu	1.200	0,14%
Pinheiros	1.029	0,12%
Barra de São Francisco	1.000	0,12%
Baixo Guandu	1.000	0,12%
Afonso Cláudio	1.000	0,12%
Brejetuba	913	0,11%
João Neiva	880	0,10%
Ibitirama	875	0,10%
Apiaçá	773	0,09%
Jerônimo Monteiro	760	0,09%
Itarana	700	0,08%
Anchieta	700	0,08%
Piúma	600	0,07%
Pedro Canário	421	0,05%
Irupi	406	0,05%
Montanha	329	0,04%
Alegre	276	0,03%
Marataízes	100	0,01%
Bom Jesus do Norte	80	0,01%
São José do Calçado	65	0,01%
Total	846.007	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

Mel		
Ano	Produção (Kg)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	813.997	7.312
2015	870.240	8.235
2016	544.853	6.220
2017	583.029	6.492
2018	620.407	6.519
2019	660.758	6.597
2020	687.504	7.389
2021	690.067	9.780
2022	804.348	12.168
2023	811.258	11.928
2024	846.007	12.314

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

MUNICÍPIOS LÍDERES

Os principais polos apícolas do estado estão distribuídos entre a faixa litorânea e a região Serrana, com destaque para Aracruz, Fundão e Marechal Floriano, responsáveis pelas maiores produções em 2024. Aracruz liderou com cerca de 90 mil quilos, seguido por Fundão (81,8 mil quilos) e Marechal Floriano (80 mil quilos).

Na sequência aparecem Domingos Martins (51,4 mil kg), São Mateus (50 mil kg), Cachoeiro (38 mil kg), São Domingos do Norte (37 mil kg), Boa Esperança (32,8 mil kg), São Gabriel da Palha (30 mil kg), Santa Maria de Jetibá (30 mil kg) e Santa Teresa (25,5 mil kg).

Esses municípios combinam áreas de Mata Atlântica preservada e diversidade florística, condições ideais para a produção de mís silvestres e multiflorais de alta.



MEL CAPIXABA: DESAFIOS, SABORES E A URGÊNCIA DE PROTEGER AS ABELHAS NATIVAS

Elas são pequenas, discretas e fundamentais para a vida na Terra. Responsáveis pela polinização de grande parte dos alimentos e por manter florestas vivas, as abelhas enfrentam um declínio preocupante em todo o mundo. No Espírito Santo, um movimento crescente de meliponicultores, pesquisadores e ambientalistas têm atuado para proteger espécies nativas, fomentar a produção de mel e conscientizar a população.

A bióloga Camilla Zanotti Gallon, sommelier de mel e diretora da Associação dos Meliponicultores do Espírito Santo (AME-ES), fala dos desafios da atividade, comenta a queda no número de polinizadores e revela as curiosidades sensoriais de diferentes mís produzidos no estado — incluindo o mel da urucu-capixaba, espécie única no mundo e ameaçada de extinção.

O Espírito Santo tem potencial para produção de mel nativo?

Tem, e muito. O estado reúne uma grande diversidade de abelhas e floradas. Hoje já existe produção de mel, própolis e derivados da cera, e estamos em crescimento. A meliponicultura ainda é uma atividade emergente, mas com enorme potencial, especialmente porque muitas espécies se destacam tanto na produção de mel quanto na polinização agrícola.

Por que as abelhas nativas são tão importantes para a agricultura?

Elas são os principais polinizadores da natureza. Além de garantir frutos, legumes e a qualidade do café — inclusive influenciando o sabor da bebida — contribuem para a regeneração de florestas. Muitos produtores já utilizam colmeias próximas a cultivos como o café para aumentar a produtividade. Estudos mostram que a

polinização das abelhas melhora tanto o tamanho quanto a qualidade dos grãos.

As pessoas têm sentido falta de abelhas no campo. Elas estão realmente desaparecendo?

Infelizmente, sim. O declínio dos polinizadores é real e está ligado ao desmatamento, ao uso de agrotóxicos e às mudanças climáticas. Há países que já recorrem à polinização manual — algo caro e insustentável. Isso mostra o quanto precisamos proteger as abelhas agora.

O uso de agrotóxicos é o maior problema?

É um dos principais fatores. Muitos defensivos usados para controlar pragas também atingem abelhas. Por isso, defendemos políticas públicas e acordos entre vizinhos: combinar horários de aplicação, ajustar manejos e conscientizar para que a produção agrícola não prejudique os polinizadores. Sustentabilidade é o equilíbrio entre o econômico e o ambiental.

Como a paisagem capixaba influencia as abelhas?

O Espírito Santo é 100% Mata Atlântica. Isso nos dá uma riqueza imensa de floradas e espécies. Plantios margeados por mata se beneficiam diretamente das abelhas nativas — elas vivem tanto nas florestas quanto próximo das áreas agrícolas, aumentando a produtividade.

Existe risco causado por espécies de árvores exóticas?

Sim. Um exemplo é a espatódea (*Spathodea campanulata*), árvore africana muito usada em paisagismo, mas cujo néctar é tóxico para abelhas e até para pásaros. A AME-ES conduziu uma campanha baseada em estudos científicos e resultou na aprovação de leis municipais que estimulam a substituição da espatódea por espécies nativas.

Você é sommelier de mel. Como funcionam as diferenças de sabor, cor e textura dos méis nativos?

O universo dos méis nativos é tão complexo quanto o do café ou do vinho. A cor, a viscosidade, o aroma e o sabor variam conforme a espécie de abelha, a florada, o clima e a região — é o que chamamos de terroir. No Espírito Santo, por exemplo, os méis de uma mesma espécie podem ser diferentes entre o Norte quente e as montanhas frias.



A BIÓLOGA CAMILLA ZANOTTI GALLON É BIÓLOGA, SOMMELIER DE MEL E DIRETORA DA ASSOCIAÇÃO DOS MELIPONICULTORES DO ESPÍRITO SANTO (AME-ES)

A uruçu-capixaba é uma espécie única no mundo. O que torna essa abelha tão especial?

Ela só existe aqui, nas Montanhas Capixabas acima de 600–700 metros de altitude. É grande, muito produtiva e produz um mel singular. Por estar ameaçada, tem manejo controlado e projetos de pesquisa em andamento com Ufes, Ifes, Incaper e outras instituições. Houve grande perda de habitat e também tráfico ilegal de enxames no passado. Hoje, trabalhamos para conservar e reintroduzir a espécie.

Quais os maiores desafios para a meliponicultura capixaba?

Assim como qualquer cadeia produtiva, precisamos de organização e profissionalização dos criadores, manejo correto e específico para cada espécie, apoio técnico contínuo, estrutura para beneficiamento e comercialização e mais incentivo público e privado. A meliponicultura é sustentável, tem alto potencial econômico e pode fortalecer a agricultura familiar — mas necessita de apoio para crescer.

Para encerrar, qual é a principal mensagem sobre a conservação das abelhas?

As abelhas nativas são fundamentais para a biodiversidade, para a agricultura e para o equilíbrio ambiental. Quando consumimos mel de espécies nativas, valorizamos nossa biodiversidade e ajudamos a conservá-la. Precisamos levar esse conhecimento às escolas, às famílias e aos produtores rurais. Quanto mais gente entender a importância das abelhas, mais chances teremos de protegê-las.

PRODUÇÃO ANIMAL AVANÇA NO ESPÍRITO SANTO



FRANGO, OVOS E SUÍNOS MANTÊM TRAJETÓRIA DE ALTA E REFORÇAM O PESO ECONÔMICO DO SETOR NO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O abate de frango no Espírito Santo encerrou 2024 com 135,4 mil toneladas de carcaças, resultado que confirma a estabilidade da atividade no estado e sua manutenção próxima de 1% da produção nacional. O desempenho capixaba evoluiu de forma consistente ao longo da última década, saindo de 85,8 mil toneladas em 2014 para patamares acima de 130 mil toneladas desde 2016.

Os dados nacionais mostram um mercado igualmente robusto. O Brasil fechou 2024 com 13,7 milhões de toneladas abatidas. A série histórica indica que o volume brasileiro oscilou entre 12,8 e 14,6 milhões de toneladas entre 2014 e 2024.

A fatia do Espírito Santo avançou de 0,69% em 2014 para a casa de 1% nos anos seguintes, chegando ao pico de 1,05% em 2022. Em 2024, a participação ficou em 0,99%.

OVOS DE GALINHA

A produção de ovos de galinha no Espírito Santo registrou recuperação em 2024, alcançando 380,6 milhões de dúzias após dois anos de retração. O resultado confirma a força da atividade na avicultura estadual e consolida uma trajetória de expansão que se intensificou a partir de 2016, quando o setor passou a registrar saltos expressivos tanto em volume quanto em valor.

Os números mostram que o estado saiu de 271,2 milhões de dúzias em 2014 para atingir um dos maiores patamares da série histórica em 2024. O valor da produção acompanhou essa evolução e ultrapassou R\$ 1,8 bilhão no último ano, resul-

Ovos de galinha		
Ano	Produção (Mil dúzias)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	271.255	572.675
2015	285.824	580.025
2016	319.123	685.229
2017	374.002	981.891
2018	391.682	1.027.062
2019	396.973	1.077.554
2020	402.077	1.268.667
2021	368.040	1.450.191
2022	346.241	1.682.240
2023	345.305	1.963.155
2024	380.650	1.855.793

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

tado apenas inferior ao pico registrado em 2023, quando a receita ultrapassou R\$ 1,96 bilhão.

A distribuição territorial evidencia a forte concentração da atividade em Santa Maria de Jetibá, que respondeu por mais de 91% de toda a pro-

Frango (peso total das carcaças)			
Ano	Abate (t) Espírito Santo	Abate (t) Brasil	Participação do Espírito Santo
2014	85.819	12.504.387	0,69%
2015	120.183	13.149.202	0,91%
2016	130.207	13.234.959	0,98%
2017	134.564	13.607.352	0,99%
2018	133.676	13.511.750	0,99%
2019	129.012	13.516.525	0,95%
2020	136.807	13.787.480	0,99%
2021	136.480	14.636.478	0,93%
2022	135.352	12.875.404	1,05%
2023	128.829	13.321.863	0,97%
2024	135.410	13.714.702	0,99%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção em de ovos de galinha 2024		
Município	Produção (Mil dúzias)	(%)
Santa Maria de Jetibá	346,602	91,06%
Santa Teresa	9,800	2,57%
Santa Leopoldina	9,613	2,53%
Domingos Martins	5,016	1,32%
Venda Nova do Imigrante	2,859	0,75%
Itarana	1,223	0,32%
Conceição do Castelo	708	0,19%
Muniz Freire	686	0,18%
Alegre	381	0,10%
Marechal Floriano	314	0,08%
Afonso Cláudio	306	0,08%
Irupi	218	0,06%
Cachoeiro de Itapemirim	199	0,05%
Castelo	161	0,04%
Nova Venécia	160	0,04%
Alfredo Chaves	127	0,03%
Guarapari	116	0,03%
Itaguaçu	104	0,03%
São Gabriel da Palha	102	0,03%
Linhares	92	0,02%
São Mateus	90	0,02%
Mimoso do Sul	88	0,02%
Ecoporanga	83	0,02%
Vila Valério	80	0,02%
Barra de São Francisco	76	0,02%
Pancas	74	0,02%
Laranja da Terra	62	0,02%
Vargem Alta	58	0,02%
Pinheiros	58	0,02%
Rio Bananal	54	0,01%
Viana	51	0,01%
Serra	51	0,01%
Águia Branca	49	0,01%
Águia Doce do Norte	47	0,01%
Aracruz	44	0,01%
Mantenópolis	43	0,01%
Caraciaca	43	0,01%
Iconha	41	0,01%
Anchieta	41	0,01%
Governador Lindenberg	40	0,01%
Colatina	36	0,01%
Baixo Guandu	36	0,01%
Muqui	34	0,01%
Vila Pavão	33	0,01%
São Roque do Canaã	30	0,01%
Jaguaré	30	0,01%
Sooretama	29	0,01%
Alto Rio Novo	29	0,01%
Presidente Kennedy	28	0,01%
Ibáliba	27	0,01%
Iúna	26	0,01%
Conceição da Barra	26	0,01%
Boa Esperança	24	0,01%
Atilio Viváquera	23	0,01%
São José do Calçado	21	0,01%
Marilândia	20	0,01%
Apicá	19	0,00%
Itapemirim	17	0,00%
Guaçuí	17	0,00%
São Domingos do Norte	14	0,00%
Rio Novo do Sul	14	0,00%
Jerônimo Monteiro	14	0,00%
Montanha	13	0,00%
Brejetuba	13	0,00%
Pium	12	0,00%
Vila Velha	11	0,00%
Dores do Rio Preto	11	0,00%
João Neiva	10	0,00%
Ibitirama	10	0,00%
Fundão	10	0,00%
Bom Jesus do Norte	10	0,00%
Ponto Belo	9	0,00%
Pedro Canário	8	0,00%
Divino de São Lourenço	8	0,00%
Mucurici	7	0,00%
Ibirapuera	7	0,00%
Marataízes	6	0,00%
Vitória	1	0,00%
Total	380,650	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

Ovos de codorna		
Ano	Produção (Mil dúzias)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	45.278	29.300
2015	64.455	50.804
2016	61.767	49.420
2017	54.882	45.956
2018	71.077	61.207
2019	81.671	81.389
2020	74.310	71.884
2021	70.636	85.162
2022	46.665	76.062
2023	46.346	89.859
2024	45.155	99.226

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

dução estadual em 2024, sustentando sua posição histórica de maior polo produtor de ovos do estado. O município produziu 346,6 milhões de dúzias, desempenho muito superior ao dos demais centros produtores. Santa Teresa, Santa Leopoldina, Domingos Martins e Venda Nova do Imigrante completam o grupo de maior representatividade, mas com participação bastante inferior.

OVOS DE CODORNA

A produção de ovos de codorna no Espírito Santo encerrou 2024 com 45,1 milhões de dúzias, resultado que mantém o setor em patamar estável apesar de oscilações mais acentuadas nos anos anteriores. A série histórica mostra que o volume estadual já esteve acima de 80 milhões de dúzias, como em 2019, mas desde 2020 segue uma trajetória de acomodação.

Mesmo com a redução no volume produzido em relação aos anos de maior intensidade, o valor da produção continuou

FOTO FREEPIK



Municípios mais representativos na produção de ovos de codorna em 2024

Município	Produção (Mil dúzias)	(%)
Santa Maria de Jetibá	44.522	98,60%
Santa Teresa	250	0,55%
Domingos Martins	150	0,33%
Santa Leopoldina	126	0,28%
Barra de São Francisco	95	0,21%
São Gabriel da Palha	4	0,01%
Pancas	2	0,00%
Colatina	2	0,00%
São Roque do Canaã	1	0,00%
São Domingos do Norte	1	0,00%
Mantenópolis	1	0,00%
Ecoporanga	1	0,00%
Total	45.155	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

em alta. O faturamento do setor chegou a R\$ 99,2 milhões em 2024, o maior da série histórica registrada. A evolução do valor, que passou de R\$ 29,3 milhões em 2014 para quase R\$ 100 milhões em 2024, indica que o mercado permanece atrativo.

A distribuição territorial da produção revela forte concentração em Santa Maria de Jetibá, responsável por praticamente todo o volume estadual em 2024, com 44,5 milhões de dúzias. Os demais municípios contribuíram com parcelas muito menores, como Santa Teresa, Domingos Martins, Santa Leopoldina e Barra de São Francisco.

SUÍNOS

O Espírito Santo encerrou 2024 com 32,3 mil toneladas de suínos abatidos, alcançando o maior volume da série histórica. Os dados mostram que o estado expandiu sua produção de forma consistente ao longo da década.

Em 2014, o volume abatido era de 13,7 mil toneladas e, desde então, houve progressão gradual, com crescimento mais expressivo a partir de 2016.

No cenário nacional, o Brasil manteve trajetória de alta e atingiu 5,35 milhões de toneladas abatidas em 2024.

Suínos (peso total das carcaças)

Ano	Abate (t) Espírito Santo	Abate (t) Brasil	Participação do Espírito Santo
2014	13.720	3.192.918	0,43%
2015	17.032	3.430.734	0,50%
2016	21.631	3.711.235	0,58%
2017	24.239	3.824.682	0,63%
2018	25.621	3.950.759	0,65%
2019	25.877	4.125.728	0,63%
2020	23.555	4.482.048	0,53%
2021	23.610	4.898.967	0,48%
2022	25.011	5.186.303	0,48%
2023	28.687	5.298.566	0,54%
2024	32.338	5.358.897	0,60%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-SIDRA DE 2014-2024.

FRANGO, OVOS E SUÍNOS MANTÊM TRAJETÓRIA DE ALTA E REFORÇAM O PESO ECONÔMICO DO SETOR NO AGRONEGÓCIO CAPIXABA



AVICULTURA CAPIXABA MANTÉM CAUTELA, AVANÇA EM 2025 E PROJETA AJUSTES PARA 2026

A avicultura de postura comercial do Espírito Santo registrou estabilidade ao longo de 2024 e 2025. Até outubro desse ano, o segmento apresentou cerca de 1% de crescimento na produção em relação ao ano anterior, ritmo que deve se manter até o fechamento do exercício. Apesar da leve evolução, os alojamentos mensais de 2025 indicam retração em comparação ao mesmo período de

2024, o que pode resultar em números produtivos menores em 2026.

Ainda assim, o estado permanece como um dos principais produtores de ovos do país, ocupando a terceira posição nacional e mantendo Santa Maria de Jetibá como o maior município produtor de ovos do Brasil. No panorama nacional, a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA) projeta alta de 7,9% na produção brasileira de ovos em 2025.

FOTO FREEPIK



RECUPERAÇÃO

Enquanto a postura opera de forma mais estável, a produção capixaba de frango de corte vive um movimento de retomada. Depois de encerrar 2024 com queda de 2,5% em relação a 2023, o setor alcançou, até outubro de 2025, um crescimento acumulado de 15% frente ao mesmo período do ano anterior.

O avanço reflete principalmente a busca por recompor volumes que haviam recuado nos últimos anos. A expectativa nacional segue a mesma direção: a ABPA estima que a produção brasileira de 2025 pode superar em até 2,2% o desempenho de 2024.

DESAFIOS

O diretor-executivo da Associação dos Avicultores do Estado do Espírito Santo (Aves), Nélio Hand, destaca que o crescimento mais cauteloso da avicultura capixaba está diretamente ligado às dificuldades enfrentadas em anos anteriores, quando os custos de produção tiveram forte impacto.

Hand aponta ainda a concorrência tributária com outros estados produtores como um dos principais entraves para a competitividade local. Soma-se a isso, segundo ele, “desafios relacionados aos conceitos sanitários, ambientais, de bem-estar animal, me-

SETOR AVÍCOLA DO ESPÍRITO SANTO ATRAVESSA 2024 E 2025 COM ESTABILIDADE NA POSTURA, FORTE RECUPERAÇÃO NO FRANGO DE CORTE E DESAFIOS ESTRUTURAIS QUE DEVEM INFLUENCIAR O DESEMPENHO EM 2026

lhorias na logística de insumos, meios para ajudar a amenizar as dificuldades com mão de obra; legislações e demais ferramentas que estejam condizentes com a realidade e não engessem o setor”, avalia.

AVANÇOS DISCRETOS, MAS IMPORTANTES

Mesmo em um ambiente de cautela, o setor registrou avanços em 2025. No entanto, segundo ele, “o produtor está cauteloso, especialmente frente aos momentos difíceis passados em anos recentes e frente às dúvidas que se postam em alguns momentos. O fato de existir melhor remuneração é um dos pontos positivos, mas que precisa ser mais constante e linear para que o produtor e a indústria possam se sentir seguros para investir”.



ESTERCO DESIDRATADO E ESTERILIZADO VIRA RENDA PARA AVICULTORES

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

A avicultura no Espírito Santo segue em expansão. O Relatório de Produção Animal do Espírito Santo, elaborado pela Gerência de Dados e Análises e divulgado pela Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) no início de setembro, aponta que o estado registrou um plantel

POSIÇÃO NACIONAL PERMANECE ESTÁVEL

O Espírito Santo manteve, em 2025, suas posições no cenário brasileiro: terceiro maior produtor de ovos e 14º na produção de frangos.

Na postura, o estado já ocupou a segunda colocação nacional. “A posição foi perdida em decorrência da queda ocorrida durante a crise dos altos custos, no início da década de 2020. Mas isso não tirou o protagonismo da produção local, já que Santa Maria de Jetibá permanece como o maior município produtor de ovos do país”.

PERSPECTIVAS PARA 2026

As projeções nacionais indicam que 2026 deve ser um ano de ajustes, tanto para a postura quanto para o frango de corte, com evolução possivelmente menor do que a registrada entre 2024 e 2025.

“E aqui no Espírito Santo não deve ser diferente, o setor deve seguir com cautela. Existe expectativa de melhorias nas exportações. No caso da postura comercial capixaba, a tentativa de retomar os volumes perdidos, especialmente em decorrência do tarifaço dos Estados Unidos, e no frango, buscando o incremento nos mercados existentes. Também se espera que os desafios locais, que prejudicam a concorrência com demais estados produtores, possam ser minimizados”, finaliza.

de 16 milhões de aves poedeiras no 2º trimestre de 2025.

Com esse volume de animais, surge um desafio diário para os avicultores: o destino dos dejetos. A prática mais comum é misturar as fezes ao pó de serra e deixar a compostagem descansar por 20 a 30 dias. Depois desse período, o material pode ser aplicado nas lavouras como adubo.

“O esterco de galinha é uma importante fonte de matéria orgânica. Ele contém concentrações de macronutrientes essenciais para a nutrição das plantas, como nitrogênio, fósforo, potássio, cálcio, magnésio e enxofre, além de apresentar teores relevantes de micronutrientes”, explica o engenheiro agrônomo e

FOTO ROSIMERI RONQUETTI



AVICULTOR INVESTIU EM MÁQUINA QUE DESIDRATA E ESTERILIZA O ESTERCO DAS AVES

mestre em agroecologia, Arildo Sebastião Silva.

Nos últimos anos, porém, alguns produtores passaram a investir em tecnologias para transformar os dejetos em um insumo diferenciado e de maior valor agregado. Foi o que fez o avicultor Manfredo Kruger, da Avícola Rio Bonito, em Santa Maria de Jetibá. Há cerca de oito anos, ele adquiriu uma máquina que desidrata e esteriliza o esterco.

Pioneiro no município, Manfredo destaca que, com o equipamento, em vez de aumentar o volume do material com a adição de pó de serra, ele o reduz. “Com o pó de serra, você dobra ou triplica o volume; já esse sistema enxuga, retira a água das fezes e o produto diminui. Fica puro, concentrado e sem odor”. Segundo o produtor, o adubo

obtido dessa forma chega a ser 30% a 50% mais caro do que o semicompostado.

O processo é totalmente automatizado. As fezes caem em uma esteira sob as gaivotas das aves e seguem diretamente para a máquina secadora, sem contato manual. O fluxo é diário, evitando acúmulo dentro da granja. O equipamento, que utiliza fogo indireto, tem capacidade de produzir 15 toneladas de esterco em 10 horas.

Marcos Kruger, filho e sócio de Manfredo, responsável pela operação, explica que a principal vantagem do esterco desidratado e esterilizado está na logística. “Por ser concentrado, o volume é menor. O produtor que compra um adubo com 50% de umidade e 50% de pó de serra vai ter mais dificuldade. Já o que tem apenas 15% de umidade e nenhuma mistura é muito mais prático, tanto para transportar quanto para aplicar na lavoura, além de permitir maior automação no processo”, afirma.

O aproveitamento pela planta também é superior. “Enquanto do outro esterco você precisa aplicar um quilo, desse concentrado bastam 300 gramas. O resultado é fantástico”, completa.

A procura pelo produto é crescente. Marcos relata que as vendas alcançam diversos municípios do Espírito Santo e também da Bahia. Entre os compradores, 80% são produtores de café conilon e 20% utilizam o insumo em lavouras de inhame, gengibre, banana, abacate e café arábica orgânico. A aplicação é feita tanto com espalhador de calcário quanto de forma manual.

Um dos clientes é Diecson Donna Cominotti, de Alfredo Chaves, que utiliza o produto há três anos no cultivo de banana e conilon. Para ele, o aproveitamento é total. “É muito bom. A diferença para o esterco com pó de serra é a maior disponibilidade de nutrientes e o melhor aproveitamento pela planta. É 100% de eficiência”, avalia.

Outro benefício relevante é o impacto ambiental. Segundo Marcos, o sistema contribui para manter a água na propriedade. “Durante o processo de secagem, a água das fezes evapora e retorna para a atmosfera, fechando o ciclo natural”, explica.

COOPERAR É DAR VOZ A QUEM FAZ

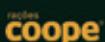
Somos **25 mil famílias**
que unem força e propósito.
Do campo à mesa, do
Espírito Santo ao mundo,
nossas marcas alimentam
milhares de lares.

Na indústria, no café, no
leite ou no varejo, cooperar
é construir juntos.

Nater Coop.
Famílias que alimentam famílias.



CONHEÇA NOSSAS MARCAS



LIMITES CLIMÁTICOS E ALTO CUSTO DESAFIAM EXPANSÃO DAS AZEITONAS



FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de azeitona no Espírito Santo registrou forte retração em 2024 e expôs os limites ainda presentes para transformar a olivicultura capixaba em atividade economicamente sólida. O estado colheu apenas duas toneladas, após alcançar dez toneladas em 2023 e seis toneladas em 2022. A área colhida também diminuiu drasticamente, de 52 hectares para 11 hectares no período. O rendimento médio, em queda gradual, fechou o ano com 182 kg/ha.

A produção permanece concentrada em um único município. Em 2024, Santa Leopoldina foi o responsável pelas duas toneladas colhidas, reforçando o caráter experimental e restrito da cultura no território capixaba.

O LIMITE DO CLIMA

Segundo o extensionista do Incaper, João Medeiros, a grande queda na produção — de dez a duas toneladas — está diretamente relacionada ao clima. “A oliveira precisa de um número significativo de horas de baixa temperatura para florir e dar frutos. Em regiões de deserto, por exemplo, a temperatura

cai muito durante a noite. Aqui, isso não acontece com a frequência necessária. Sem esse frio, a planta até cresce, mas não produz como deveria”, explica.

O especialista destaca que o interesse pela cultura existe, inclusive em outros municípios, mas os desafios são consideráveis. “Até que a muda não é o maior problema, mas o custo é alto. A muda é cara. Além disso, a oliveira demora de três a quatro anos para começar a produzir. É um investimento de longo prazo, que exige planejamento e paciência”.

Ele cita o caso de um produtor que implantou oito hectares em Alfredo Chaves, apostando no potencial da cultura, mas reforça que a oliveira exige condições muito específicas para prosperar. “Ela gosta de solo arenoso, pobre. Não é toda região que oferece o ambiente ideal.”

* DESAFIOS PROFUNDOS

As informações reforçam que a olivicultura no Espírito Santo ainda enfrenta desafios profundos: clima, custo elevado das mudas, ciclos longos até o início da produção e forte sensibilidade a variações ambientais. Mesmo assim, experiências pontuais demonstram que há espaço para nichos produtivos, especialmente em áreas serranas com microclimas mais amenos.





ES TEM 1º AZEITE EXTRAVIRGEM RECONHECIDO EM PREMIAÇÃO INTERNACIONAL

FOTO DIVULGAÇÃO



ORIUNDO DE PLANTIOS DE OLIVEIRAS EM AFONSO CLÁUDIO, O AZEITE ALTOÉ GANHOU DUAS MEDALHAS DE OURO EM COMPETIÇÃO NA TURQUIA

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo entrou para a história da olivicultura brasileira. O Azeite Altoé, produzido a partir de oliveiras plantadas na região de Alto Santa Joana, em Afonso Cláudio, nas Montanhas Capixabas, conquistou duas medalhas de ouro no renomado concurso internacional Olive Istanbul IOOC 2025, realizado na Turquia, no final de abril.

Foram premiados os azeites monovarietal Grappolo e o blend de três variedades (Arbequina, Grappolo e Koroneike). O Azeite Altoé é o primeiro azeite extravirgem do Espírito Santo reconhecido internacionalmente. Com acidez de apenas 0,57%, bem abaixo do limite de 0,8% exigido para a classificação extravirgem, o produto se destaca pela alta qualidade.

Leonardo Briosqui Altoé, produtor da marca, explica que a premiação certifica que os azeites ganhadores são extra virgens sem defeitos e comemora a conquista.

“O principal ganho destas medalhas de ouro, desse reconhecimento do nosso produto, é a certeza de que o nosso azeite é de boa qualidade. Não somos nós os produtores ou uma organização qualquer que está dizendo isso; é uma competição mundial, com tradição milenar, que confirma a excelência do azeite”, destaca Leonardo.

O AZEITE ALTOÉ FOI CRIADO EM 2022

O olivicultor também afirmou que o prêmio ajuda na divulgação e valorização do azeite Altoé, além de ser importante para impulsionar a cultura no Espírito Santo.

“Para nós, sem dúvida, é muito importante a visibilidade e a notoriedade que essas

medalhas nos proporcionarão, mas esse reconhecimento tem uma importância gigantesca também para o crescimento da olivicultura em nosso estado. Ainda estamos no início de um trabalho com a olivicultura, e esse prêmio é muito impactante. Até outro dia, não existiam oliveiras no estado; agora, já temos oliveiras, colhemos um pouco e produzimos azeite tão bom quanto qualquer outro do Brasil ou do mundo. Isso prova que temos condições de produzir azeites de qualidade", afirma.

Segundo o produtor, os próximos passos são "aumentar a produção, conscientizar a população sobre o consumo de azeite de qualidade, o azeite extravirgem puro, que é benéfico para a saúde e excelente para a culinária". Leonardo tem cerca de 1.700 pés de oliveira e iniciou a produção de azeite em 2022.

ANATOLIAN IOCC

O Anatolian IOCC é uma das principais competições do mundo e um dos mais rigorosos e prestigiados concursos internacionais do setor,

reconhecido por seu rigor científico ao obter nota 9/10 no ranking mundial. A edição 2025, reuniu as principais marcas de azeites de oliva de diferentes continentes.



DAS MÃOS DOS NOSSOS COOPERADOS PARA A SUA XÍCARA.



PROVE OS CAFÉS DA CAFESUL

CAFESUL..COOP.BR

@CAFESUL.COOPERATIVA

CAFESUL



CAFESUL
COOPERATIVA DOS CAFEZALDOES DO SUL DO BRASIL

somos COOP,



SERGIO CASTANHEIRO
CEO DA FERTILIZANTES HERINGER

O LEGADO, A HISTÓRIA E O FUTURO DA HERINGER E O AGRONEGÓCIO CAPIXABA

O Espírito Santo faz parte da essência da Fertilizantes Heringer. Mais do que relações comerciais, nossa trajetória no estado nasceu de raízes familiares, confiança e compromisso com o desenvolvimento do agronegócio. A família Heringer, fundadora da empresa, é capixaba, e foi da paixão pela agricultura que surgiu, em 1968, a inspiração para criar uma empresa que até hoje é referência em fertilizantes.

Na década de 1970, ampliamos nossa presença com a construção da unidade de produção em Viana, consolidando nossa atuação regional. Desde então, o Espírito Santo se tornou estratégico pela proximidade com os produtores e pela infraestrutura logística que impulsiona nossas operações. O Terminal Vila Velha é um exemplo de porta de entrada para fertilizantes e matérias-primas importadas que abastecem o nosso mercado.

Atualmente, empregamos mais de cem pessoas no Espírito Santo e nossa unidade tem alta capacidade de produção para atender nossos mais de 300 clientes ao longo do ano. Para 2026, nossa projeção é ultrapassar 400 parceiros, reforçando o compromisso com quem faz o campo prosperar, especialmente nas culturas que se destacam: o café, grande produto da região, além da cana-de-açúcar e do hortifrutí.

Nosso relacionamento com o produtor rural é reconhecido no mercado. Pelo segundo ano consecutivo, em 2025, fomos eleitos a Maior Empresa do Setor de Química e Petroquímica em operação no Espírito Santo, pelo Anuário IEL 200 Maiores e Melhores Empresas do Estado. Um reconhecimento que reforça nossa responsabilidade com o desenvolvimento local.

A linha Fertiva, do nosso portfólio premium, é exemplo do impacto que buscamos gerar no campo ao entregar nutrição completa e equilibrada em cada grânulo. Na 6ª edição do Concurso de Qualidade de Café de Pinheiros, durante o AgroShow 2025, oito dos dez cafés premiados foram produzidos com a nossa linha premium, mostrando como tradição e inovação podem caminhar juntas.



Com nutrientes altamente solúveis e disponíveis para as plantas, os fertilizantes Fertiva contribuem para o melhor aproveitamento no solo, maior eficiência no manejo e desempenho superior na cafeicultura. O Espírito Santo, maior produtor de café conilon do país, tem sido um importante propulsor da nossa presença junto ao setor.

A SERVIÇO DO AGRICULTOR

Estamos iniciando um novo capítulo na Heringer, com gestão renovada e foco em áreas estratégicas. E o Espírito Santo segue como um dos mercados fundamentais para o nosso negócio. Somos uma marca tradicional, com olhar voltado ao futuro, sempre ao lado do produtor. Quando falamos em “Junto de quem faz o campo prosperar”, estabelecemos um compromisso de oferecer produtos premium e atendimento de excelência para fortalecer, safra após safra, a confiança que nos une.

O Espírito Santo é parte da nossa história e seguirá protagonista no nosso futuro. Continuaremos juntos, apoiando o agronegócio capixaba e contribuindo para que cada safra seja sinônimo de prosperidade hoje e nos próximos capítulos da nossa história.



Junto de
quem faz

o campo
prosperar.

Onde o campo capixaba
prospera, a Heringer está
presente.

Ao lado de quem produz,
com qualidade, eficiência e
compromisso em cada safra.

Acesse:
heringer.com.br





BANANA MANTÉM EXPANSÃO E ATINGE MAIOR PRODUÇÃO EM UMA DÉCADA NO ES

PRODUÇÃO DE BANANA NO ES CHEGA A 426 MIL TONELADAS EM 2024, MAIOR VOLUME DA DÉCADA, COM AVANÇO DA ÁREA E ESTABILIDADE DA PRODUTIVIDADE

FERNANDA ZANDONADI

jornalismo@conexaosafra.com

A cultura da banana consolidou, em 2024, o maior volume produzido no Espírito Santo em dez anos. Com avanço da área colhida e estabilidade na produtividade, o estado alcançou 426,3 mil toneladas, superando o desempenho de 2023 e mantendo tendência de expansão observada desde 2017.

A área destinada à bananicultura cresceu de 22,3 mil hectares, em 2014, para 29,1 mil hectares em 2024 — alta de 30% no período. O maior impulso ocorreu entre 2017 e 2018, quando o cultivo avançou mais de 3.000 hectares.

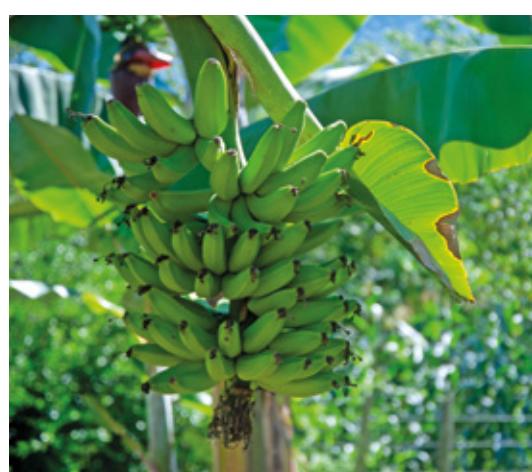
A produção seguiu trajetória semelhante. Depois de um início de década marcado por oscilações, o volume colhido subiu continuamente entre 2017 e 2024, passando de 339 mil toneladas para 426 mil toneladas. O rendimento médio também evoluiu: de 13,1 mil kg/ha em 2014 para 14,6 mil kg/ha em 2024, com estabilidade ao longo dos últimos anos.

A produção estadual é distribuída em diferentes regiões, mas apresenta polos bem definidos. Em 2024, Itaguaçu liderou o ranking, com 46.070 toneladas (10,81%). Logo em seguida aparecem Alfredo Chaves (44.800 t), Linhares (35.296 t), Iconha (34.820 t) e Laranja da Terra (33.750 t), municípios que juntos somam quase 46% de toda a banana produzida no Espírito Santo.

“A produção de banana tem contribuído para a economia capixaba, promovendo a diversificação nas propriedades rurais e gerando empregos no setor agrícola. O valor da produção de banana em

Banana			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	22.330	294.371	13.182
2015	23.638	277.512	11.740
2016	23.385	262.566	11.227
2017	25.020	339.082	13.552
2018	28.191	408.740	14.498
2019	28.236	410.020	14.521
2020	28.737	415.882	14.472
2021	28.797	412.684	14.331
2022	28.595	399.989	13.988
2023	28.734	411.962	14.337
2024	29.103	426.363	14.650

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.





NOVAS PESQUISAS DEFINEM DOSES IDEAIS DE ADUBAÇÃO DA BANANA NO ESPÍRITO SANTO

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Apesar da importância da bananicultura para o Espírito Santo, a última atualização das tabelas de recomendação de adubação e calagem da bananeira ocorreu em 2007. O manual diferencia apenas as doses de nutrientes para cultivos irrigados e não-irrigados. Não há, portanto, distinção entre os diferentes subgrupos de bananeira,

ainda que apresentem comportamentos distintos no campo em termos de altura, produtividade, ciclos produtivos, entre outros fatores.

Essa realidade, porém, está prestes a mudar. Duas pesquisas iniciadas em 2023, como parte do Programa de Fortalecimento da Agricultura Capixaba (FortAC), podem ajudar os produtores capixabas de banana Prata (Prata-Anã) e Terra Maranhão (Plátano).

O pesquisador Otacílio José Passos Rangel, do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) Campus Alegre, coordena os estudos voltados à atualização das recomendações de adubação para a cultura da banana Prata. Entre os objetivos do estudo está a melhoria da produtividade da fruta. Segundo Otacílio, em algumas regiões produtoras observa-se baixa produtividade, e a defasagem nas recomendações de adubação pode ser um dos fatores que explicam esse resultado.

“Os programas de adubação para as bananeiras Prata no Espírito Santo baseiam-se em recomendações desatualizadas, o que tem levado os produtores a buscarem novas doses e formulações sem embasamento técnico-científico. Isso tem provocado sintomas de desbalanço nutricional e, consequentemente, queda na produtividade e na qualidade dos frutos”, destaca o pesquisador.

Ele acrescenta que o objetivo é avaliar, na prática, o desenvolvimento vegetativo e produtivo da banana Prata em resposta a diferentes doses de fósforo, nitrogênio e potássio.

A segunda pesquisa, intitulada “Produtividade e qualidade da banana ‘Terra Maranhão’ decorrentes da adubação com diferentes combinações de NPK”, já foi concluída e avaliou as melhores doses des-

O PESQUISADOR OTACÍLIO JOSÉ PASSOS RANGEL, DO IFES CAMPUS ALEGRE, COORDENA OS ESTUDOS DE ATUALIZAÇÃO DAS RECOMENDAÇÕES DE ADUBAÇÃO PARA A BANANA PRATA



**ALTA PRODUÇÃO
SE DEVE TANTO AO
POTENCIAL PRODUTIVO
DA VARIEDADE QUANTO À
OTIMIZAÇÃO DAS DOSES
DE NUTRIENTES**

ses nutrientes para aumentar a produtividade da variedade. Coordenado pelo pesquisador Gustavo Soares de Souza, o estudo foi desenvolvido no Ifes Campus Itapina, em Colatina.

Gustavo explica que, por se tratar de uma variedade recente — diferente das bananas Prata e Nanica, que já contam com estudos consolidados sobre adubação —, ainda não existia uma recomendação adequada para a Terra Maranhão.

“A estrutura da planta dessa variedade é muito maior, e a produtividade, mais elevada que as das bananas Prata e Nanica. Por isso, a Terra Maranhão tem uma demanda nutricional muito maior. Como não há recomendações específicas, o produtor utiliza adubações destinadas a outras variedades, o que limita o potencial produtivo”, ressalta o pesquisador.

Com o intuito de definir as melhores doses de potássio, nitrogênio e fósforo — macronutrientes essenciais ao atendimento das demandas nutricionais da planta e ao alcance de maior eficiência produtiva —, foram realizados diversos testes com diferentes dosagens. Por meio de modelagem matemática, foi possível estimar as doses ideais para alcançar maiores produtividades.

RESULTADOS

Gustavo afirma que os resultados alcançados para a variedade Terra Maranhão são promissores: “Obtivemos uma produtividade média de 60 toneladas por hectare, chegando a 70 em alguns experimentos. Nos municípios capixabas, a produtividade costuma variar de 15 a 30 toneladas por hectare. Ou seja, conseguimos o dobro da média estadual”, explica.

O pesquisador acrescenta que essa alta produção se deve tanto ao potencial produtivo da variedade quanto à otimização das doses de nutrientes, o que permite associar ganhos de produtividade ao uso eficiente dos fertilizantes testados.

“Isso é muito positivo para o produtor. Ele passa a saber quanto deve investir e qual retorno pode esperar, garantindo maior assertividade nos investimentos e na rentabilidade”, completa.

No caso da banana Prata, a pesquisa ainda está em andamento, mas já apresenta resultados preliminares. A aplicação de diferentes doses de fertilizantes demonstrou influência significativa na produtividade da bananeira.

“A maior produtividade, de 14,4 t/ha, foi alcançada com a aplicação de 300 kg/ha/ano de nitrogênio, 80 kg/ha/ano de fósforo e 425 kg/ha/ano de potássio. Essa produtividade estimada é 73% superior à média estadual para a banana Prata, que é de 8,3 t/ha”, pontua Otacílio.

O principal resultado esperado é o aumento da eficiência no uso de fertilizantes à base de nitrogênio, fósforo e potássio, considerando as condições de solo e clima da Microrregião Litoral Sul do estado.

Para Otacílio, definir as doses ideais de fertilizantes e atualizar os manuais de recomendação de calagem e adubação é uma necessidade urgente para a bananicultura capixaba.

“O cultivo da banana Prata tem grande destaque econômico e social no meio rural capixaba. No entanto, para atingir níveis satisfatórios de produtividade, são necessárias doses elevadas de fertilizantes, o que requer altos investimentos e aumenta a insegurança quanto ao retorno financeiro. Determinar as doses corretas permite o desenvolvimento de uma agricultura mais moderna, competitiva e sustentável, contribuindo para a conservação dos recursos naturais e o fortalecimento do meio rural”, enfatiza.

TRANSFERÊNCIA DE CONHECIMENTO

Mesmo com a pesquisa sobre a banana Prata ainda em andamento, os resultados já obtidos vêm sendo repassados aos produtores por meio de visitas técnicas às propriedades, dias de campo e palestras.

A pesquisa com a banana Terra Maranhão, já concluída, encontra-se na fase de elaboração das recomendações de uso para os produtores.

Municípios mais representativos na produção de banana em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Itaguaçu	46.070	10,81%
Alfredo Chaves	44.800	10,51%
Linhares	35.296	8,28%
Iconha	34.820	8,17%
Laranja da Terra	33.750	7,92%
Domingos Martins	27.495	6,45%
Santa Leopoldina	17.839	4,18%
Rio Novo do Sul	16.506	3,87%
Guarapari	14.532	3,41%
Marechal Floriano	13.500	3,17%
Viana	11.503	2,70%
Colatina	10.990	2,58%
Baixo Guandu	9.900	2,32%
Mimoso do Sul	8.851	2,08%
Barra de São Francisco	7.791	1,83%
Anchieta	6.800	1,59%
Cariacica	6.100	1,43%
Montanha	5.750	1,35%
São Roque do Canaã	5.600	1,31%
Pinheiros	5.400	1,27%
Vargem Alta	5.040	1,18%
São Mateus	4.246	1,00%
Santa Teresa	4.234	0,99%
Castelo	4.170	0,98%
Itarana	3.669	0,86%
Pâncas	3.621	0,85%
Marilândia	2.240	0,53%
Cachoeiro de Itapemirim	2.000	0,47%
Afonso Cláudio	1.900	0,45%
Atilio Vivácqua	1.824	0,43%
Muniz Freire	1.800	0,42%
Aracruz	1.673	0,39%
Sooretama	1.600	0,38%
Conceição do Castelo	1.555	0,36%
Santa Maria de Jetibá	1.245	0,29%
Rio Bananal	1.200	0,28%
Nova Venécia	1.173	0,28%
Fundão	1.166	0,27%
Conceição da Barra	1.115	0,26%
Guacuí	1.100	0,26%
Vila Pavão	1.040	0,24%
Ibiraguá	1.020	0,24%
Águia Branca	980	0,23%
Mucurici	924	0,22%
Vila Valério	880	0,21%
Pedro Canário	840	0,20%
Governador Lindenberg	840	0,20%
Alegre	814	0,19%
São José do Calçado	800	0,19%
São Gabriel da Palha	720	0,17%
Ecoporanga	663	0,16%
Venda Nova do Imigrante	600	0,14%
Ibitirama	600	0,14%
Apiaçá	570	0,13%
Boa Esperança	550	0,13%
Ibatiba	525	0,12%
Mantenópolis	520	0,12%
Jaguaré	513	0,12%
Água Doce do Norte	396	0,09%
Irupi	348	0,08%
João Neiva	337	0,08%
Iúna	280	0,07%
Presidente Kennedy	250	0,06%
Muqui	240	0,06%
Dores do Rio Preto	240	0,06%
Brejetuba	240	0,06%
Itapemirim	200	0,05%
Ponto Belo	110	0,03%
Serra	100	0,02%
São Domingos do Norte	100	0,02%
Bom Jesus do Norte	100	0,02%
Jerônimo Monteiro	50	0,01%
Alto Rio Novo	40	0,01%
Divino de São Lourenço	30	0,01%
Piúma	20	0,00%
Maratáizes	19	0,00%
Total	426.363	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

“A ideia é ir além das instituições e chegar aos produtores, compartilhando as informações para apoiar tanto os agricultores quanto os técnicos responsáveis pelo manejo das lavouras”, explica Gustavo de Souza.

A pesquisa com a banana Prata contou com o apoio do Incaper e a participação de estudantes do curso de Agronomia e do Programa de Pós-Graduação em Agroecologia (mestrado e doutorado profissionais) do Ifes Campus Alegre.

Já o estudo com a banana Terra Maranhão foi realizado em parceria com o Incaper e uma propriedade rural privada de Marilândia, contando com a participação de alunos de iniciação científica do Ifes Campus Itapina.



PROJETO ARRANJOS produtivos

É a Assembleia
mais perto, levando
capacitação
ao agricultor
familiar capixaba.



SOMAR CONHECIMENTO
SEMEAR DESENVOLVIMENTO
COM
SUSTENTABILIDADE

**AGRICULTOR FAMILIAR,
VOCÊ TAMBÉM PODE PARTICIPAR!**

Basta entrar em contato com a Casa dos
Municípios: (27) 3182.2216 ou dcm@al.es.gov.br

Há 2 anos, o Projeto Arranjos Produtivos cultiva resultados no Espírito Santo. Realizado pela Assembleia Legislativa, em parceria com o Governo do Estado, o projeto já distribuiu quase **2 milhões de mudas** e beneficiou mais de **25 mil pessoas** do campo.

A iniciativa leva conhecimento técnico e já auxiliou na consultoria e regularização de **mais de 60 agroindústrias**, promovendo a diversificação, a sustentabilidade e o fortalecimento da agricultura familiar capixaba.



CASA DOS
MUNICÍPIOS



ALES
Assembleia Legislativa
do Espírito Santo

PRODUTIVIDADE DO CACAU DISPARA NO ESPÍRITO SANTO



EM DEZ ANOS, PRODUTIVIDADE DO CACAU NO ES CRESCE QUASE 300% E GARANTE PRODUÇÃO RECORDE MESMO COM REDUÇÃO DA ÁREA COLHIDA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de cacau no Espírito Santo alcançou um novo patamar de eficiência na última década. Mesmo com a redução da área colhida, que caiu de 22 mil hectares em 2014 para 15,7 mil hectares em 2024, o Estado registrou forte avanço em produtividade e consolidou uma das safras mais expressivas de sua história recente.

Entre 2014 e 2024, a produtividade do cacau capixaba quase quadruplicou: passou de 195 kg/ha para 771 kg/ha, alta de 296%. A virada ocorre em 2018, quando o rendimento salta para 613 kg/ha e estabelece um novo padrão tecnológico para a cultura. Desde então, o desempenho segue crescente, com recorde de 778 kg/ha em 2023 e leve recuo para 771 kg/ha em 2024, mas ainda o segundo maior da série.

Com esse aumento de eficiência, o Espírito Santo elevou a produção anual de 4,3 mil toneladas, em 2014, para 12,16 mil toneladas em 2024, quase o triplo, mesmo com área menor. O salto mais significativo ocorreu entre 2017 e 2018, quando a produção avançou 53%, impulsionada pelo ganho de produtividade e pela adoção de manejos mais tecnificados.

A produção estadual é altamente concentrada no Norte do estado, especialmente em Linhares, que responde por 68,4% de todo o cacau capixaba. Em 2024, o município produziu 8.321 toneladas, seguido por Colatina (584 t), Rio Bananal (543 t), São Mateus (542 t) e Águia Branca (232 t), que completam a lista dos maiores produtores.

Municípios mais representativos na produção de cacau em 2024		
Município	Produção (t)	(%)
Linhares	8.321	68,40%
Colatina	584	4,80%
Rio Bananal	543	4,46%
São Mateus	542	4,46%
Águia Branca	232	1,91%
Pancas	228	1,87%
Marilândia	175	1,44%
São Domingos do Norte	144	1,18%
Aracruz	130	1,07%
Governador Lindenberg	122	1,00%
João Neiva	111	0,91%
Nova Venécia	91	0,75%
Vila Valério	85	0,70%
São Gabriel da Palha	81	0,67%
Sooretama	79	0,65%
Jaguaré	79	0,65%
Santa Teresa	67	0,55%
Pinheiros	45	0,37%
Ibiraçu	45	0,37%
Conceição da Barra	45	0,37%
Anchieta	37	0,30%
São Roque do Canaã	35	0,29%
Iconha	34	0,28%
Boa Esperança	32	0,26%
Vila Pavão	31	0,25%
Fundão	23	0,19%
Guarapari	22	0,18%
Alfredo Chaves	21	0,17%
Água Doce do Norte	21	0,17%
Ecoporanga	18	0,15%
Barra de São Francisco	16	0,13%
Serra	15	0,12%
Baixo Guandu	14	0,12%
Itaguaçu	13	0,11%
Santa Maria de Jetibá	12	0,10%
Rio Novo do Sul	12	0,10%
Pedro Canário	10	0,08%
Santa Leopoldina	9	0,07%
Ponto Belo	9	0,07%
Viana	7	0,06%
Itarana	7	0,06%
Cachoeiro de Itapemirim	7	0,06%
Laranja da Terra	3	0,02%
Domingos Martins	3	0,02%
Piúma	2	0,02%
Jerônimo Monteiro	1	0,01%
Caraciaca	1	0,01%
Alegre	1	0,01%
Afonso Cláudio	1	0,01%
Total	12.166	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.



SUBSTRATO PRODUZIDO NO ESPÍRITO SANTO REDUZ CUSTO DE PRODUÇÃO DE MUDAS

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Em busca de alternativas para baratear o custo de produção das mudas de cacau, um grupo de trabalho do Instituto

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



SUBSTRATO É FEITO COM CASCA DE CACAU, PALHA DE CAFÉ, MARAVALHA DE MADEIRA E CAMA DE FRANGO

Cacau (Amêndoas)			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	22.044	4.300	195
2015	22.265	5.467	246
2016	22.340	5.507	247
2017	22.568	6.674	296
2018	16.726	10.245	613
2019	16.999	11.051	650
2020	17.185	11.305	658
2021	17.228	11.544	670
2022	17.484	11.702	669
2023	15.655	12.184	778
2024	15.784	12.166	771

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Federal do Espírito Santo (Ifes), Campus Itapina, desenvolveu um substrato usando materiais capixabas, como a casca do próprio cacau, seca e triturada, além de palha de café, maravalha de madeira e cama de frango.

O resultado da pesquisa, que foi apresentado em outubro, mostrou-se eficaz e, o melhor, indicou uma redução de até 50% no custo com o substrato utilizado na produção das mudas, segundo o coordenador do estudo, o pesquisador Leonardo Martineli.

“Fizemos dois ciclos de experimento, de 120 dias cada um — tempo necessário para a muda ser enxertada —, e os resultados foram ótimos. Em ambos os testes, houve uma diminuição de até 50% no custo com o substrato para produção das mudas”, explicou o pesquisador.

No primeiro ciclo, a equipe testou o substrato desenvolvido no projeto em comparação ao substrato convencional, em diferentes concentrações. A mistura com 40% do produto desenvolvido no estado e 60% do substrato convencional apresentou o melhor desempenho.

“Foi tão bom quanto o processo feito com 100% do substrato que vem do Sul do Brasil. Ou seja, se daqui por diante usarmos essa proporção, já teremos uma economia para os viveiristas e, consequentemente, para os produtores”, explicou.

No segundo ciclo, foi utilizado apenas o substrato desenvolvido no projeto, acrescido de diferentes doses de adubos de liberação controlada e de uma dose única de 15 gramas de superfosfato simples, adubo à base de fósforo, em todas as mudas.

“Conseguimos resultados melhores do que com o substrato convencional. Nossa material, enriquecido com pequena dose de fertilizante, já proporcionou um resultado superior ao obtido pelos viveiristas com o produto comprado de fora.”

Emir de Macedo Gomes Filho, da Fazenda São Luiz — onde foram feitos os testes —, avalia que o substrato tem futuro. “As mudas tiveram bom desenvolvimento, bom enraizamento e uma boa arranada, com ótima formação de folhas e lançamentos. Acho que tem futuro”, disse o produtor e viveirista.

Martineli, mestre em agroecologia e doutor em produção vegetal, acrescenta que, além da economia, “o produto é sustentável e atende aos princípios da agroecologia e da economia circular”. Agora, sua expectativa é ver o produto sendo utilizado em larga escala. “Desenvolvemos algo que pode ajudar os cacaueiros. Espero que o material entre na cadeia produtiva e venha a atender os produtores de muda da fruta.”

O PROJETO

Denominado “Impacto na produção e qualidade de mudas de cacau com o uso de substratos alternativos”, o projeto surgiu em 2023, durante as entrevistas do Programa de Fortalecimento da Agricultura Capixaba (FortAC), desenvolvido pelo Ifes com cacaueiros para ouvir as demandas de quem atua na atividade. Um dos gargalos apontados pelos produtores foi o alto custo das mudas.

O coordenador explica que o substrato utilizado nos viveiros capixabas vem de estados do Sul do país, como Rio Grande do Sul e Santa Catarina. “Além de

representar um custo elevado de produção, devido ao transporte, há também a questão da distância. Essa logística pode atrasar — ou até mesmo paralisar — a produção, caso falte o substrato”, enfatiza.

O documento para requerer a patente do projeto está em elaboração e será entregue ao Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI). A inovação é fruto do trabalho do FortAC e foi desenvolvida pelo Ifes Campus Itapina, em parceria com a Fazenda São Luiz, localizada em Linhares, com recursos da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) e de emenda parlamentar.

FOTO: ARQUIVO PESSOAL



MARTINELI EXPLICA QUE O PRODUTO É SUSTENTÁVEL E ATENDE OS PRINCÍPIOS DA AGROECOLOGIA E ECONOMIA CIRCULAR



LINHARES GANHA O MUNDO COM O CACAU QUE INSPIRA CHOCOLATES PREMIADOS

ROSIMERI RONQUETTI

jornalismo@conexaosafra.com

Em novembro, o International Chocolate Awards, considerado o “Oscar do Chocolate”, anunciou as marcas vencedoras da edição 2025. Entre elas estava uma fabricante brasileira que utiliza como matéria-prima as amêndoas de cacau produzidas em Linhares.

A notícia é excelente — embora não exatamente uma surpresa. Desde 2017, quando o cacau do produtor Emir de Macedo Gomes, da Fazenda

São Luis, ficou entre os 18 melhores do mundo no Salão do Chocolate, em Paris, o Espírito Santo passou a ganhar visibilidade internacional.

Foi assim que Ricardo Campos, da Miroh Chocolate Makers, de Gramado (RS), conheceu as amêndoas produzidas por Emir. Há cerca de cinco anos, em busca de matéria-prima premiada, ele pesquisava fornecedores na internet quando descobriu a Fazenda São Luis.

Ricardo acaba de conquistar a medalha de prata na categoria “Barras de chocolate ao leite com inclusões ou pedaços” com a barra 42% Leite com

FOTO JONY PARTOS



EM BUSCA DE MATERIA-PRIMA PREMIADA, RICARDO CAMPOS DESCOBRIU AS AMÊNDOAS DE LINHARES



ANA RUZZARIN ENTRE O CASAL EMIR DE MACEDO GOMES FILHO E MÁRCIA, NA PREMIAÇÃO BEAN TO BAR BRASIL 2019. A NEGRO DOCE GANHOU PRATA NA COMPETIÇÃO

Banana e Castanha de Caju, no International Chocolate Awards 2025.

Mas esse não foi o único prêmio conquistado graças ao cacau capixaba. O mesmo chocolate recebeu bronze na etapa continental da competição, realizada em Nova York. E os reconhecimentos continuam: em 2022, a Miroh levou ouro em Seattle, nos

Estados Unidos, no Northwest Chocolate Festival; já em 2023, ganhou bronze novamente no International Chocolate Awards.

“Trabalhar com as amêndoas de Linhares é uma experiência espetacular. Fiz uma triagem até chegar ao perfil do cacau SJ02, que compro aqui, e que agrada muito aos clientes. As amêndoas de Linhares não perdem em nada para as que compro de outros países”, afirma Ricardo.

Ele lembra também que, em 2022, quando venceu o ouro em Seattle como melhor chocolate ao leite, competiu com chocolates bean to bar do mundo inteiro. Já no International Chocolate Awards 2025, disputou com produtores de outros 14 países.

Ana Ruzzarin, da Cocolateria Negro Doce, de Caxias do Sul (RS), também acumula troféus com chocolates feitos a partir do cacau linharense. Assim como Ricardo, ela pesquisou o mercado antes de escolher seu fornecedor e chegou à Fazenda São Luis.

“O cacau de Linhares é muito bom, tem um sabor forte e um aroma inigualável. É uma amêndoia rica, com características marcantes que contam a história de um povo. O cacau de Linhares colocou Caxias do Sul na rota dos melhores chocolates do mundo”, destaca Ana Ruzzarin.

Em 2022, a Negro Doce levou bronze com o chocolate 50% ao leite de coco em Londres; em 2023, ficou em 3º lugar no mundial na Alemanha; e em 2024, conquistou bronze com um blend de amêndoas de Linhares, Bahia e Pará.

Para Emir, ver chocolates feitos com suas amêndoas ganhando o mundo é motivo de alegria.

“É a sensação de que o trabalho está sendo bem realizado, de que tratamos nossas amêndoas com cuidado e dedicação. Produzimos um produto de excelência, que está nos permitindo conquistar reconhecimento internacional. Isso nos enche de prazer e orgulho”, afirma.



ANA CLAUDIA MILANEZ RIGONI JÁ GANHOU DEZ PRÊMIOS, ENTRE NACIONAIS E INTERNACIONAIS, COM AMÊndoAS PRODUZIDAS NA FAZENDA GUARANI

Segundo ele, o sucesso das amêndoas linharense se deve ao fato de que “o cacau de Linhares tem uma característica única e singular, que talvez venha do terroir. Por isso somos a primeira região a conquistar uma Indicação Geográfica. Isso também está ligado à cultura, ao saber fazer e, claro, ao cuidado no manejo”.

LEGADO

Assim como a Fazenda São Luiz, a Fazenda Guarani, em Bebedouro, da produtora Ana Claudia Milanez Rigoni, também acumula prêmios nacionais e internacionais. Em 2021, a chocalteria La Brigaderia de Paris, da França, ganhou medalha de prata no International Chocolate Awards, na etapa continental realizada na Europa, na categoria “Micro-batch – plain/origin dark chocolate bars”.

Para Ana Claudia, o segredo do sucesso está no legado de dedicação e amor pelo cacau herdado de seu pai, Laurindo Rigoni, além do manejo adequado.



“Meu pai era um engenheiro agrônomo apaixonado pelo cacau. Ele foi plantando, selecionando as melhores amêndoas e clonando para melhorar as lavouras. Nós demos continuidade. E isso inclui



ALEXANDRE E O SÓCIO, DAVE HAUGHEY, NA ENTREGA DO PRÊMIOS DA CHOCOLATE ALLIANCE DO NORTHWEST CHOCOLATE FESTIVAL DE 2023. GANHARAM OURO NA CATEGORIA AO LEITE

fazer o básico bem-feito: oferecer tudo que a planta precisa em nutrição e tratamento”, destaca.

Ela afirma ainda estar muito feliz por continuar o trabalho iniciado pelo pai.

“Meu pai era uma pessoa boa, que ajudava todo mundo. Tenho orgulho de seguir essa história e de contar aos meus filhos quem ele foi. Para mim, é motivo de muito orgulho dar continuidade ao trabalho dele.”

Com amêndoas produzidas às margens do Rio Doce, na região de Perobas, sentido Regência, a Ana Bandeira Chocolates Brasil também acumula títulos. Em 2022, levou ouro em duas categorias no Chocolate Alliance, no Northwest Chocolate Festival, nos Estados Unidos: Ao Leite (barra 60% ao leite) e Inclusão (barra Caffè Latte). Em 2023, repetiu o ouro na categoria Ao Leite.

Diferentemente dos casos anteriores, a Ana Bandeira produz chocolates com o próprio cacau colhido na fazenda da família — o chamado processo “da árvore à barra”. Alexandre Augusto de Deus Pontual, diretor da empresa, é neto de Ana Batista de Deus, que empresta seu nome à chocolateria, e de Sebastião Bandeira, cacauicultor que sempre prezou pela qualidade e, complementa o nome da marca.

“Minha família produz cacau desde os meus bisavôs. Meu avô Sebastião sempre se preocupou em produzir amêndoas da melhor qualidade possível. Quando fui estudar na Europa, percebi que, embora dominem a fabricação de chocolate, eles não entendiam de cacau. Foi aí que percebi que havia algo errado nessa história”, conta Alexandre.

Ao retornar ao Brasil, ele propôs à família transformar parte da produção em chocolate. Estudaram, se dedicaram ao aprendizado e, em 2018, começaram a desenvolver o plano de negócios. Em 2019, fizeram cursos na Bélgica e, em 2020, abriram a empresa, inicialmente apenas com vendas *on-line* devido à pandemia.

Hoje, a chocolateria possui lojas nos Estados Unidos e em Vitória.

“Primeiro abrimos a loja nos Estados Unidos e, em 2023, inauguramos a loja própria em Vitória. Eu não queria cair na armadilha de sempre vender para fora aquilo que temos de melhor”, ressalta.

Ciente do legado que carrega, Alexandre fala como é fazer parte dessa trajetória que une trabalho, produção, qualidade e família. “É muito gratificante trabalhar dando continuidade ao trabalho dos meus bisavôs e avós. Em Linhares tem pessoas que só me chamam de ‘neto do Bandeira’. É um sentimento diferente, quando o seu trabalho envolve a sua própria história. Minha avó e meu avô são assuntos quase diariamente. Quem conversa sobre os avós no trabalho? É um privilégio trabalhar com isso”.



CACAU EM AMÊndoAS DE LINHARES É PIONEIRO NO BRASIL EM OBTENÇÃO DE REGISTRO DE IG NA MODALIDADE INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA

O PESO DA INDICAÇÃO GEOGRÁFICA

O pesquisador do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes) Campus Linhares, Faiçal Gazel, que atua com inovação em produtos derivados de cacau e oferta cursos e capacitações em chocolateria, aponta dois fatores que justificam o sucesso das amêndoas linharenses.

O primeiro é o conhecimento acumulado pelos produtores.

“São décadas de experiência: como plantar, como cuidar, adubar, manejar antes da colheita e, principalmente, como trabalhar a amêndoas. Esse saber fazer, aliado à pesquisa, tem ampliado ainda mais a qualidade. Os produtores têm buscado conhecimento no mundo todo para entender onde

podem melhorar. É um processo construído ao longo do tempo”, explica.

O segundo fator é a Indicação Geográfica (IG). “A IG de Linhares está fortemente associada ao terroir da região do Baixo Rio Doce, uma área de deposição sedimentar que reúne características únicas. Essas amêndoas têm um terroir sensorial mais interessante, são melhor avaliadas e possuem identidade própria.”

O cacau em amêndoas produzido em Linhares recebeu a primeira Indicação Geográfica de cacau em amêndoas do Brasil. O registro comprova a origem, a qualidade e a identidade de um produto único, resultado do clima, do solo e do trabalho de quem cultiva. O selo garante que apenas as amêndoas produzidas no município, seguindo padrões rigorosos, podem adotar o nome da região.



JOHN ADÃO
INSTAGRAM: @JORNALDOJOHN

SIC: UMA SÉRIE IMPERDÍVEL SOBRE CAFÉ

Assim como na abertura da série "Black Mirror", que mostra que todas as telas de dispositivos eletrônicos não são, na verdade, completamente pretas; se observarmos bem, elas brilham como um espelho negro que reflete nossa imagem.

Uma xícara de café também é um grande espelho: brilha sabor, tradição e nos faz parar para respirar um aroma inconfundível. E igualmente reflete imagens que vão além do nosso reflexo no líquido escuro. Reflete famílias que dedicam todo o seu trabalho na lavoura para entregar essa bebida quase mágica em nossas mãos aquecidas.

E todo ano, uma série sobre café tem uma nova temporada de três episódios marcantes, em que o último é sempre de tirar o fôlego até dos menos emocionados (que é o exato oposto do meu caso! rsrsrs).

Essa série se chama SIC, Semana Internacional do Café, que em 2025 estreou nos dias 5, 6 e 7 de novembro. Ela é uma verdadeira vitrine para o mundo dos cafés especiais do Brasil e já se consolidou como o principal evento do setor no país.

Cafeicultores, marcas, equipamentos, baristas, mestres de torra, especialistas, jornalistas e um repórter apaixonado por café, emocionado e curioso (o que vos escreve), fazendo parte dessa temporada pela primeira vez. Todos no mesmo cenário, o Expominas, em Belo Horizonte, para contar uma história inédita com personagens já marcantes.

Imagine um lugar com café bom de todo canto deste país. Tem como dar ruim?

Um "cafezeiro" alucinado como eu tem certeza de que chegou no paraíso da "cafelândia".

E vamos direto para o último capítulo da temporada...

Mas, antes, deixa eu te apresentar um dos mocinhos da trama; aquele por quem torcemos para se dar bem: o café capixaba!

Rapaz, pensando aqui em como eu posso descrever esse personagem... Estou escrevendo

essa frase e literalmente rindo, porque minha mente me levou pra Davi e Golias (inacreditável!).

E não consigo pensar em comparação melhor. Nossa café capixaba é igual Davi: pequeno, bonitinho, discreto, mas ao mesmo tempo cheio de planos e coragem. Aquele que, na hora do "vamos ver", tira uma pedrinha do bolso e detona o gigante.

Pois bem, a arena desse duelo se chama COY, Coffee of the Year. Um concurso realizado dentro da SIC, com o resultado nos últimos instantes do evento, e que elege os melhores cafés do Brasil: os cinco melhores canéforas e os dez melhores arábicas.

Sobre nosso mocinho? Terminou essa temporada grandão e com tanto troféu que preferiu nem "matar" o gigante: pediu a ajuda dele para carregar a montoeira de prêmios.

Antes do COY, no início do terceiro episódio da temporada, digo, no último dia de SIC, já tínhamos café capixaba campeão do concurso de Fairtrade e uma campeã do Florada Premiada, da 3 Corações (concurso voltado para mulheres), com pontuação recorde no concurso.

E, dos quinze títulos possíveis do COY, o nosso café capixaba levou onze. Deixa eu falar de novo: ONZEEEEEEE!!!

Na categoria canéfora, levamos três de cinco títulos, incluindo o campeão que, juntamente com o terceiro lugar, vem de Santa Teresa, e o quarto lugar do município de Alegre. E, na categoria arábica, foram oito cafés premiados entre os dez melhores do Brasil; dentre eles, sete do Caparaó capixaba e um das Montanhas Capixabas.

O campeão da categoria arábica não foi capixaba, mas vou te contar um detalhe baixinho aqui: o vencedor do arábica é do Caparaó mineiro, coladinho na gente; é quase, quase nosso também, tá?

Pra você ter uma ideia, se o campeão fizer um cafezinho na propriedade dele, a gente sente o cheirinho, pega a xícara, atravessa uma pequena ponte e chega antes de terminar de passar o café.

Meus amigos leitores, viver esse protagonismo do café capixaba tão de perto, ao vivo, foi uma experiência indescritivelmente emocionante.

Terminei o COY literalmente sem voz (estava narrando o concurso para nossa audiência do Instagram), mas com o coração ainda cheio de voz e berrando de alegria pelo nosso mocinho da temporada 2025 da SIC, que virou o grande protagonista.

Sei o quanto de amor, dedicação e suor das nossas famílias cafeicultoras tem por trás de cada título conquistado.

Bom, precisei abrir mão da minha série preferida, de um personagem bíblico e de uma, ou melhor, duas enormes xícaras de café, capixaba é claro, para tentar passar um pouco do sentimento do que é conhecer os melhores cafés do Brasil na Semana Internacional do Café.

Espero ter conseguido minimamente cumprir essa missão. E, se chegou até aqui, vou amar de verdade receber a sua mensagem me dizendo o que achou do texto no meu Instagram (@jornaldojohn)



e, claro, não esqueça de nos seguir na @conexaosafra para acompanhar todas as nossas jornadas no agro capixaba.

Até a próxima aventura!



Subimos de categoria e conquistamos novamente o Prêmio SomosCoop de Excelência em Gestão.

Essa vitória é nossa! Obrigado Cooperados, colaboradores e parceiros!



QUANDO A SUSTENTABILIDADE SOBE AO PÓDIO: A VITÓRIA DE CAROLINNA E LUIS CARLOS GOMES NO COY 2025 EXPÕE AO MUNDO A FORÇA DE UM ESPÍRITO SANTO QUE ALIOU CIÊNCIA, TRADIÇÃO FAMILIAR E COOPERATIVISMO PARA TRANSFORMAR SEUS CAFÉS EM REFERÊNCIA INTERNACIONAL DE QUALIDADE E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL



A CONSTRUÇÃO DO ESPÍRITO SANTO COMO POTÊNCIA DOS CAFÉS SUSTENTÁVEIS

LEANDRO FIDELIS

jornalismo@conexaosafra.com

O cafeicultor Luis Carlos da Silva Gomes gosta de repetir que, na roça, nada acontece por acaso. Cada mudança, seja no manejo ou na forma de olhar para a lavoura, é fruto de persistência, aprendizado e troca com outros produtores. A rotina na Fazenda São Bento, em Santa Teresa, região serrana do Espírito Santo, foi evoluindo conforme ele aprofundava conhecimentos técnicos e adotava práticas que respondiam às novas demandas do mercado, cada vez mais atento à responsabilidade com solo, água e às pessoas envolvidas na produção.

Esse movimento individual encontrou eco no esforço coletivo que transforma o estado em referência em sustentabilidade cafeeira. O resultado dessa trajetória apareceu de forma incontestável na última edição da Semana Internacional do Café (SIC), de 05 a 07 de novembro, em Belo Horizonte, quando ele conquistou o terceiro lugar no “Coffee of the Year” (COY 2025), na categoria Canéfora, e viu sua filha, Carolinna Bridi Gomes, subir ao lugar mais alto do pódio.

A cena, marcada por forte simbolismo para a cafeicultura capixaba, sintetiza o momento vivido pelo estado espiritosantense. Um alinhamento entre tradição, inovação, políticas públicas e cooperativismo, que culminou no lançamento da marca

LUIS CARLOS GOMES, PRODUTOR CAPIXABA QUE UNIU MANEJO RESPONSÁVEL E INOVAÇÃO PARA MARCAR A HISTÓRIA DO CONILON ESPECIAL



FOTO DIVULGAÇÃO/NATER COOP

COM TRABALHO FAMILIAR, ASSISTÊNCIA TÉCNICA E COOPERATIVISMO, OS PRODUTORES CAPIXABAS FORMAM O ALICERCE DA MARCA QUE PROMETE REPOSIÇÃO NOS CAFÉS RESPONSÁVEIS

“Sustainable Coffee – Espírito Santo – Brazil”, também durante o evento da capital mineira. A nova identidade, apresentada durante a SIC, reconhece formalmente o trabalho de produtores que há anos vêm ajustando técnicas, investindo em manejo mais consciente e adotando estratégias que elevam a qualidade dos cafés sem descuidar dos impactos sociais e ambientais.

FABIANO TRISTÃO (INCAPER)



FOTOS DIVULGAÇÃO

A nova marca foi desenvolvida em uma parceria entre a Secretaria da Agricultura (Seag), o Serviço de Apoio às Micro e Pequenas Empresas do Espírito Santo (Sebrae/ES) e a Agência de Desenvolvimento das Micro e Pequenas Empresas e do Empreendedorismo (Aderes). O lançamento aconteceu em um ambiente de grande destaque para o Espírito Santo. O estado chegou à SIC com 49 finalistas no Coffee of the Year, sendo 40 amostras de arábica e nove de canéfora na final, os capixabas foram 11 das 15 primeiras posições. A expressiva participação confirma a diversidade produtiva e a força dos diferentes terroirs capixabas, do conilon de altitude ao arábica do Caparaó e das Montanhas.

Para o secretário de Estado da Agricultura, Enio Bergoli, o desempenho reitera um compromisso que o governo vem reforçando, o de associar definitivamente a imagem do Espírito Santo à qualidade e à sustentabilidade. “Nós queremos colocar a imagem do Espírito Santo vinculada à qualidade como condição *sine qua non* para estar no mercado”, afirma.

Segundo Bergoli, as políticas públicas têm contribuído de forma decisiva para essa consolidação. Atualmente, quase 6.000 propriedades recebem assistência técnica dentro dos critérios de sustentabilidade, e a meta é alcançar 35 mil propriedades até 2032, um esforço de larga escala que envolve planejamento, capacitação e acompanhamento contínuo. Esse trabalho engloba ações integradas entre a Seag, o Incaper, o Sebrae e, de forma central, as cooperativas de café.

O secretário define o lançamento da marca sustentável como um “marco histórico” para o setor. Ele ressalta que a chancela expressa décadas de construção. “Producir café com qualidade, inovação e sustentabilidade é algo que o estado faz há décadas. A marca é um símbolo do nosso compromisso com o futuro, com o meio ambiente e com os produtores capixabas, que são referência nacional e internacional em práticas responsáveis.”

TRANSFORMAÇÃO ESTRUTURADA

Na base dessa transformação, um dos motores mais importantes é o Projeto Cafeicultura Sustentável, conduzido por instituições estaduais. A iniciativa mobiliza 120 extensionistas, que atuam em todos os municípios capixabas avaliando propriedades a partir de 39 indicadores de sustentabilidade, distribuídos igualmente entre os eixos ambiental, social e econômico. “A meta até 2027 é inserir pelo menos 8.070 propriedades no processo de adequação”, explica o coordenador Fabiano Tristão (Incaper).

O método é criterioso. Primeiro, o técnico visita a propriedade, aplica a avaliação e identifica onde o produtor está e o que precisa evoluir. Depois, trabalha lado a lado com ele para planejar mudanças, recomendar boas práticas e acompanhar resultados.

As orientações não se limitam ao campo individual. O projeto também investe em eventos coletivos, como dias de campo, cursos, palestras e atividades de troca de experiências, fortalecendo o espírito de comunidade entre os produtores. Esse acompanhamento tem sido essencial para difundir práticas de manejo de solo, preservação de recursos hídricos, controle de matas ciliares, uso correto de defensivos, destinação adequada de resíduos e outras medidas alinhadas às exigências do mercado.

Com o lançamento da marca “Sustainable Coffee – Espírito Santo – Brazil”, o estado reconhece oficialmente essa trajetória. E com a união entre produtores, cooperativas, instituições e políticas públicas, consolida-se uma missão compartilhada: fazer do café capixaba não apenas um produto de excelência, mas um exemplo internacional de produção responsável, rentável, digna e sustentável.

Embora a assistência técnica seja fundamental, o cooperativismo ocupa um papel estratégico para que essas práticas se tornem permanentes e rentáveis. Segundo Vinícius Schiavo, analista do Sistema OCB/ES, o cooperativismo é um dos pilares da marca “Sustainable Coffee”, justamente porque ajuda a tornar viável a adoção de práticas responsáveis. As cooperativas promovem certificações, garantem acesso a mercados, valorizam o produto e ampliam a representatividade da cadeia.

“Elas são agentes multiplicadores de boas práticas”, reforça Schiavo. No eixo ambiental, promovem capacitações, incentivam a preservação e o uso racional dos recursos. No social, fortalecem governança comunitária, inclusão de jovens e mulheres, e educação cooperativista. No econômico, ampliam o poder de negociação, facilitam acesso a crédito e promovem a comercialização coletiva.

Para o Sistema OCB/ES, o alinhamento entre cooperativas, Sebrae e Seag forma um tripé capaz de sustentar a projeção internacional do Espírito Santo como referência mundial em cafés sustentáveis. A sinergia entre essas instituições fortalece o ecossistema produtivo e amplia o impacto positivo das ações para os produtores, suas famílias e seus territórios. “Essa união estratégica entre as instituições consolida o estado como referência global em sustentabilidade cafeeira, fortalecendo o ecossistema cooperativista, ampliando os impactos sociais, ambientais e econômicos positivos e posicionando a cafeicultura capixaba como modelo de responsabilidade e inovação para o mundo”, conclui Schiavo.

Nesse mesmo sentido, o Sebrae/ES reforça que a sustentabilidade é a próxima fronteira de diferenciação e agregação de valor para diversas frentes e cadeias, principalmente para o café. Para o diretor técnico do Sebrae/ES, Eurípedes Pedrinha, mais



DIRETOR TÉCNICO DO SEBRAE/ES, EURÍPEDES PEDRINHA

que uma marca, a iniciativa ‘Sustainable Coffee’ posiciona o estado como um produtor de cafés sustentáveis, formado por pequenas propriedades, presente em todos os municípios, com forte liderança feminina. “A sustentabilidade se soma aos cafés de qualidade, aos especiais e microlotes únicos, formando um conjunto de atributos sólidos para diferenciação do café capixaba”.

Ainda segundo Pedrinha, o Sebrae tem várias ações em apoio aos produtores cooperados, desde iniciativas pontuais de assessoria gerencial a programas encadeados com grandes cooperativas, a exemplo da Nater Coop, onde “trabalhamos na melhoria do produto, no avanço gerencial e na promoção da lucratividade do negócio. Temos também parcerias com a Nestlé, onde implementamos modelos regenerativos de produção, mais avançados em sustentabilidade aplicada à produção de café no Espírito Santo”.

PROTAGONISMO

Se Marechal Floriano e o Caparaó são fortes em arábica, é no universo do conilon que o Espírito Santo reafirma sua liderança. De acordo com o Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), o Espírito Santo é o maior produtor de café conilon do Brasil, responsável por aproximadamente 70% da produção nacional. O valor de produção do conilon representa 38% do PIB agrícola capixaba. Atualmente, existem cerca de 286 mil hectares plantados de conilon no estado.

E é nesse cenário que a jornada de Luis Carlos e da filha Carolinna Bridi Gomes ganha protagonismo. A propriedade familiar trabalha com manejo técnico detalhado, que envolve escolha criteriosa de variedades, adubação baseada em análises de solo e folhas, colheita no ponto ideal e um pós-colheita altamente experimental. “A fermentação controlada que desenvolvemos na fazenda tem sido fundamental para alcançar resultados superiores”, explica Carolinna. O trabalho inclui ainda processos via úmida, cafés cereja descascados, lavados, fermentados e secagem cuidadosamente monitorada.

A divisão de tarefas fortalece a gestão. Enquanto Luis Carlos lidera o campo, Camilla coordena o desenvolvimento do negócio e da marca, além de conduzir o reflorestamento e toda a etapa sensorial, além da torra. Para ela, a Fazenda São Bento é um elo afetivo com sua infância, quando passava férias entre as lavouras conduzidas

ENTRE FILEIRAS DE CAFÉ, PAI E FILHA CULTIVAM MAIS DO QUE PRODUÇÃO, CULTIVAM CONTINUIDADE



“A FERMENTAÇÃO CONTROLADA QUE DESENVOLVEMOS NA FAZENDA TEM SIDO FUNDAMENTAL PARA ALCANÇAR RESULTADOS SUPERIORES.”
CAROLINNA BRIDI GOMES

pelos avós. Há cerca de dez anos, passou a integrar a gestão e trouxe uma abordagem mais integrada entre produção, pós-colheita, meio ambiente e inovação. “A principal contribuição foi unir as lavouras ao reflorestamento, buscando uma produção mais sustentável e resiliente às mudanças climáticas.”

O pai reconhece o papel das filhas e da esposa na evolução da propriedade. “Elas me deram coragem para sair das margens e atravessar a ponte.

A forma de produzir café mudou muito. Você tem que olhar à sua volta e ir além”, destaca.

Para ele, estar ao lado de Carolinna no pódio do COY foi a confirmação de que toda a aposta no conilon especial, antes vista como arriscada e incerta, se mostrou acertada. “A satisfação é imensurável. Lá no início, fiz por minha conta e risco. Hoje vemos que aquilo era um sonho realizável. Portanto, realizamos.”

*(*Com informações do Incaper)*



COOPERATIVISMO REDUZ RISCOS E ACELERA INOVAÇÃO

A Nater Coop, cooperativa da qual Luis Carlos é associado, desempenha um papel decisivo nesse contexto da cafeicultura sustentável. Para o gerente do Negócio Café e Espaciarias, Egídio Mattedi, a força do cooperativismo está justamente em reduzir os riscos individuais do produtor, tornando mais acessível e menos ameaçadora a adoção de práticas inovadoras e sustentáveis.

Ele explica que mudar uma técnica, introduzir um manejo de solo diferente ou investir em irrigação mais eficiente costuma exigir recursos, informação e confiança. Esse processo pode ser custoso, e, muitas vezes, assustador, para quem produz sozinho. “No campo, adotar algo novo custa dinheiro e dá medo de errar. Sozinho, o produtor assume 100% do risco. Aí entra a Nater Coop, nós dividimos esse risco”, afirma Mattedi.

Segundo o especialista, a cooperativa entra em cada etapa do processo, desde a orientação técnica até a comercialização. Um técnico especializado vai até a propriedade, faz contas junto com o produtor, apresenta alternativas, acompanha o manejo, entrega insumos, orienta decisões e garante que o café produzido tenha destino comercial seguro, inclusive no mercado internacional. Essa estrutura transforma conhecimento técnico em resultado econômico. E transforma a confiança, antes individual, em segurança coletiva. “Ninguém muda só porque ouviu falar. Muda porque viu o vizinho, que também é cooperado, tentar, acertar e ter resultado. A Nater Coop cria essa rede de confiança. É o ‘ver para crer’ funcionando.”



EGÍDIO MATTEDI

O ambiente cooperativista, onde o aprendizado flui entre propriedades, se revela decisivo no caso de produtores que atingem níveis de excelência como Luis Carlos e Carolinna Gomes. A família desenvolveu o próprio protocolo de fermentação controlada, investiu em análises precisas de solo e folhas, aprimorou o pós-colheita e consolidou uma gestão compartilhada entre pai, filhas e avós, mas encontrou, na cooperativa, o suporte que permitiu transformar a dedicação em reconhecimento. “O talento é todo deles”, ressalta Egídio Mattedi. “A Nater Coop entra como parceira que fornece insumos e consultoria técnica. Depois, cuidamos da armazenagem e da comercialização desse café para o mundo, através de nossas exportações.”

Além desse suporte direto, a cooperativa desenvolve os próprios mecanismos de estímulo à qualidade. O Prêmio Pio Corteletti, que chegou à 15^a edição em dezembro, premia os melhores cafés entre os cooperados, incentivando a busca permanente por inovação e excelência. Esse tipo de

**COM TRABALHO FAMILIAR,
ASSISTÊNCIA TÉCNICA
E COOPERATIVISMO, OS
PRODUTORES CAPIXABAS
FORMAM O ALICERCE DA
MARCA QUE PROMETE
REPOSIÇÃO NAR O ESTADO
NO MAPA MUNDIAL DOS
CAFÉS RESPONSÁVEIS**

iniciativa cria um ambiente de competição saudável, onde cada produtor se sente motivado a dar mais um passo na qualidade, sempre dentro dos parâmetros de sustentabilidade que a Nater Coop ajuda a difundir.

Quando o estado tornou pública a marca “Sustainable Coffee – Espírito Santo – Brazil”, a Nater Coop já estava preparada. Mattedi explica que a chancela apenas reforça oficialmente aquilo que, na prática, há anos vem sendo construído em cada propriedade associada. “Para nós, este selo vem oficializar um trabalho que já acontece na prática. O produtor será o maior beneficiado. Ele sabe que precisa cuidar da

CARLOS RENATO THEODORO



água e da terra para ter colheitas ano após ano. O nosso papel é ajudar ele a provar isso, orientando as boas práticas.”

E durante a SIC 2025, a Cooperativa dos Caficultores do Sul do Estado do Espírito Santo (Cafesul) confirmou a fama de “pé quente”. Apenas 30 dias antes do evento, Luis Carlos Gomes passou a fazer parte do quadro de cooperados. Vale ressaltar que a cooperativa acumula premiações em vários concursos nacionais. Na própria Semana Internacional do Café, faturou a premiação no “Golden Cup”, da Certificação Fairtrade, com a produtora Neuza Maria de Souza. Já a cooperada Maria José Rodrigues conquistou o terceiro lugar no concurso Florada Premiada, da Três Corações, na categoria Canéfora.

A percepção de que o cooperativismo reduz riscos e amplia a capacidade de resposta dos produtores frente às exigências do mercado e às pressões ambientais também é reforçada por outras lideranças do setor. Um desses nomes é Carlos Renato Theodoro, presidente da Cafesul, sediada em Muqui, que este ano cumpriu um papel histórico: representar mais de 200 mil cafeicultores da América Latina e do Caribe na 30ª Conferência das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas (COP30), em Belém.

Theodoro participou da conferência como representante da Rede de Café da Coordenadora Latino-americana e do Caribe de Pequenos(as) Produtores(as) e Trabalhadores(as) de Comércio Justo (Clac), entidade que reúne organizações certificadas Fairtrade em toda a região. A presença do capixaba reforça uma mensagem de que a transição para uma cafeicultura sustentável não é opcional, mas um caminho inevitável para garantir a sobrevivência produtiva e econômica das famílias rurais.

Segundo ele, a agricultura vive um momento de profunda vulnerabilidade. “Nos últimos anos, enfrentamos eventos cada vez mais críticos, ora pela seca, ora pela chuva excessiva, e isso atinge diretamente o agricultor”, afirma. As consequências também chegam ao mercado, que reage de forma brusca. “No ano passado, vimos grandes oscilações nos preços por causa da seca severa no Brasil e no Vietnã.” Diante desse cenário, diz, não há espaço para produtores que não estejam investindo em mitigação e adaptação climática.

Theodoro ressalta que, desde 2008, a Cafesul trabalha com a certificação internacional Fairtrade, que exige o cumprimento de um conjunto abrangente de práticas de sustentabilidade ambiental, social e econômica. Essas normas orientaram, por exemplo, um projeto decisivo executado em 2015, durante a grande seca que atingiu o Espírito Santo, de recuperação de nascentes e construção de estruturas de retenção de água. Naquele ano, foram cercadas 40 nascentes e instaladas mais de 400 caixas secas em propriedades de cooperados. Ações simples, porém fundamentais para a resiliência hídrica da região.

Ele destaca que os pequenos agricultores são os que mais têm dificuldade de realizar esses investimentos sozinhos. Por isso, o cooperativismo se torna essencial. “A Cafesul consegue captar recursos por meio de projetos, e isso faz toda a diferença para o pequeno produtor cooperado”, afirma. Um dos instrumentos mais importantes é o Fundo de Resiliência Climática da Clac, que financia iniciativas de mitigação, adaptação e capacitação técnica. “Os treinamentos ajudam a criar no produtor uma mentalidade de conservação e preservação, mostrando que aquilo vai refletir diretamente na produção de café no futuro.”

A busca por parcerias também tem ampliado o alcance das ações. Theodoro cita como exemplo recente o programa “Café Produtor de Água”, desenvolvido em conjunto com outras duas cooperativas capixabas, Nater Coop e Cooabriel, além do Conselho Nacional do Café (CNC) e do Governo do Espírito Santo, este último por meio do programa Reflorestar. O projeto envolve intervenções em bacias hidrográficas, construção de barraginhas e caixas secas, beneficiando um grande número de cafeicultores no interior capixaba.

O presidente da cooperativa ressalta ainda que o Espírito Santo tem se destacado nacionalmente por investir de forma consistente em sustentabilidade e adaptação climática. “Vivemos um momento em que não é mais possível negar as mudanças climáticas. A natureza mostra, ano após ano, que estamos enfrentando eventos cada vez mais críticos, e isso atinge tanto o campo quanto as cidades.” Para Theodoro, a participação na COP30 foi uma oportunidade de reforçar, em escala global, a urgência de políticas e parcerias que garantam resiliência às famílias que produzem café.



O CAFÉ QUE CRESCEU COM RESPONSABILIDADE

Um exemplo concreto desse impacto aparece na história do produtor José Carlos Veltén, de Marechal Floriano, na região serrana. Cultivando arábica entre 940 e 1.000 metros de altitude, ele mantém uma produção média de 150 sacas por ano, das quais 40% são cafés especiais. As mudanças que adotou na propriedade — todas orientadas por princípios de sustentabilidade — incluem análise de solo para adubação precisa, plantio em curva de nível, roçadas mecanizadas, caixas secas, manejo adensado, uso correto de EPI, rastreabilidade lote a lote, tratamento de água residuária e adequações ambientais contínuas. O resultado foi uma gestão mais consciente, que ele define como a verdadeira virada de chave. “Entendi que a propriedade é uma empresa e que eu preciso produzir respeitando o meio ambiente, vivendo bem e tendo lucro”.



EXCELENCIA QUE ABRE CAMINHOS

Na região do Caparaó, o produtor Emílio Messias Horst, de Iúna, também sente os efeitos diretos do movimento estadual. Com 42 anos dedicados ao café, e hoje com produção de arábica e conilon, ele afirma que fazer parte da marca “Sustainable Coffee” traz reconhecimento e visibilidade que alcançam mercados antes inalcançáveis. Seu trabalho, baseado em adubação por análise de solo, colheita seletiva, secagem em estufa e armazenamento em sacos de alta barreira, demonstra como as boas práticas constroem reputação e abrem oportunidades. “O impacto é enorme. Traz valorização do nosso trabalho e novas possibilidades de mercado e aprendizado”, diz.



SMARTIRRIGA

Tecnologia que transforma cada gota em produtividade

Com a Smartirriga, você tem um sistema completo que integra irrigação, fertirrigação, retrolavagem de filtros e monitoramento em tempo real. Tudo de forma automática, precisa e sem intervenção humana.



O resultado?

- Até 50% de economia de água
- Redução significativa no consumo de energia
- Menos mão de obra
- Mais produtividade por hectare.

A Smartirriga trabalha por você. Para que você trabalhe pelo que realmente importa: um cultivo mais eficiente, sustentável e rentável.

Smartirriga — Inteligência que faz o campo crescer.



1º lugar no Prêmio Biguá

Instagram: @smartirriga | WhatsApp: (27) 99793-4334

IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO TRANSFORMA MANEJO E AUMENTA EFICIÊNCIA NO CAMPO

A busca por mais regularidade no campo tem levado produtores a investir em tecnologias capazes de enfrentar períodos quentes, variações de chuva e custos crescentes. Entre as alternativas disponíveis, a irrigação por gotejamento ganha espaço por aplicar água de forma precisa, com menor desperdício e maior estabilidade ao longo do ciclo produtivo.

No sistema de gotejamento, a água chega diretamente às raízes, em baixa vazão, mantendo o solo úmido de maneira

TECNOLOGIA REDUZ DESPERDÍCIO, MELHORA A REGULARIDADE PRODUTIVA E DÁ MAIS PREVISIBILIDADE AO PRODUTOR RURAL

constante e reduzindo oscilações no desenvolvimento das plantas. “Quando você entrega a água exatamente no ponto que interessa, o plantio responde melhor e o produtor economiza”, afirma o engenheiro agrônomo Elídio Terezani, diretor da Hydra Irrigações, primeira revenda Netafim no Brasil.

A previsibilidade no manejo é outro diferencial. Com maior controle do volume aplicado, o produtor consegue planejar melhor suas decisões e diminuir incertezas, especialmente em anos secos ou de custos apertados. “É um sistema que trabalha a favor da rotina do campo. A previsibilidade faz diferença num cenário de risco climático”, complementa Terezani.

DIFERENÇAS DO MÉTODO

Sistemas de aspersão, segundo Elídio, exigem maior pressão e molham toda a área, o que amplia o consumo de água. A influência do vento e das temperaturas altas também aumenta as perdas por evaporação. Além disso, nesse tipo de irrigação, o solo funciona como um depósito: a frequência de aplicação depende do volume armazenado, o que torna a disponibilidade hídrica variável ao longo dos dias.

O gotejamento, por sua vez, opera de forma muito mais controlada. A água é aplicada em



FÁBIO DALL'ORTO DALVI EM SUA PROPRIEDADE DE CAFÉ CONILON

pequenos volumes e alta frequência, acompanhando a velocidade de consumo da planta. Para o diretor da Hydra Irrigações, isso reduz riscos de falta d'água, encharcamento ou erosão.

A fertirrigação, ou seja, o processo em que os nutrientes são aplicados junto com a água de irrigação, chegando diretamente às raízes, também se torna mais eficiente nesse sistema. “O produtor percebe que a adubação rende mais porque vai para onde deve ir, sem dispersão”, explica o agrônomo.

INSTALAÇÃO E GESTÃO

A adoção do gotejamento exige um projeto bem dimensionado, baseado em análises de solo, topografia, cultura implantada e qualidade da água. Fatores esses que definem vazões, emissores, filtragem e garantem o desempenho do sistema. “Não existe sistema universal. Cada área pede um desenho diferente. É isso que garante performance”, destaca Terezani.

Quando instalado corretamente, o sistema apresenta longa durabilidade e retorno consistente, reduzindo perdas e trazendo estabilidade ao manejo. “Um projeto bem feito dura muitos anos. É um investimento que se paga na produtividade e no tempo que o produtor ganha para focar na gestão”, afirma.

VISÃO DO PRODUTOR

Para o produtor rural Fábio Dall'Orto Dalvi, administrador da J4 Agropecuária, em Sooretama (ES), a irrigação por gotejamento transformou completamente a forma de conduzir os 60 hectares de café conilon da

IRRIGAÇÃO POR GOTEJAMENTO NA PLANTAÇÃO DA PROPRIEDADE DO FÁBIO DALLORTO DALVI

FOTO: J4 AGROPECUÁRIA



FOTO: ACERVO HYDRA



ENGENHEIRO AGRÔNOMO ELÍDIO TOREZANI

propriedade. A Fazenda Paineira utiliza sistemas instalados pela Hydra Irrigações desde 1997.

Ele conta que a adaptação ao gotejamento foi gradual, mas essencial para que o manejo evoluisse. O sistema ganhou força quando passou a ser integrado às decisões de nutrição, solo e rotina da lavoura, tornando o processo mais técnico e sustentável.

“No início foi mesmo a economia de água. Foi quando a gente começou a implantar mais tecnologia na cultura que percebemos que o sistema tinha muito a nos oferecer e que a gente não estava aproveitando”, relata.

PRODUÇÃO COM RESPONSABILIDADE

Com maior precisão na aplicação da água e redução de desperdícios, o gotejamento tem contribuído para uma produção mais estável, mesmo em anos marcados por irregularidades climáticas. A tecnologia reforça a segurança do manejo e amplia a sustentabilidade das áreas irrigadas.

Para Terezani, os resultados se acumulam ao longo do tempo. “Quem entende o valor da água produz mais respeitando o recurso. É uma tecnologia que melhora a lavoura e ajuda a proteger o futuro”, conclui.

SOBRE A HYDRA IRRIGAÇÕES

A Hydra Irrigações é uma das empresas detentoras da tecnologia mais avançada no segmento em nível nacional. Primeira revenda Netafim no Brasil, a empresa, com sede em Linhares (ES), tem experiência de quase três décadas de atuação e pesquisa para associar em seus projetos critérios agronômicos rigorosos a equipamentos de ponta.

A close-up, shallow depth of field photograph showing a pile of dark brown coffee beans spilling out from a light-colored burlap sack. The sack's texture is visible in the background.

ENTRE MONTANHAS E PLANÍCIES: A FORÇA RENOVADA DO CAFÉ CAPIXABA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo segue firmando seu lugar como um dos pilares da cafeicultura brasileira. No intervalo de pouco mais de uma década, os dados revelam um setor resiliente, capaz de superar adversidades climáticas, modernizar seus sistemas produtivos e manter alta participação no mercado nacional.

ARÁBICA

O arábica no Espírito Santo encerra 2025 com produção de 3,29 milhões de sacas, resultado que confirma a eficiência do setor. A área colhida caiu para 121,6 mil hectares, a menor da série desde 2014, mas o rendimento médio permaneceu em patamar elevado, alcançando 27 sacas por hectare. O comportamento indica que os avanços técnicos, o manejo mais preciso e o uso crescente de tecnologias vêm compensando a redução estrutural da área plantada.

O desempenho de 2025 sucede um ano de forte recuperação. Em 2024, o estado colheu 4,02 milhões de sacas, com rendimento médio recorde de 31 sacas por hectare. O contraste entre os dois anos reflete o comportamento típico da bienalidade. Desde 2014, anos de ciclo positivo sempre ultrapassam a casa de 3,9 milhões de sacas, como ocorreu em 2016, 2018, 2020, 2022 e 2024, enquanto os anos de baixa se mantêm próximos de 3 milhões de sacas, como em 2017, 2019, 2021, 2023 e agora em 2025.

A trajetória geral da série reforça o ganho de produtividade do Espírito Santo. Em 2014, o rendimento era de 19 sacas por hectare. Uma década depois, mesmo com redução de quase 30 mil hectares na área colhida, a média estadual se transformou, registrando 22 sacas por hectare em 2023, 31 em 2024 e 27 em 2025, consolidando um salto tecnológico significativo.

A distribuição geográfica da produção tem Brejetuba na liderança em 2024, com 14,42% do total estadual, seguida por Iúna, Irupi, Ibatiba e Muniz Freire.

CONILON

A produção de café conilon no Espírito Santo atinge em 2025 o maior volume da série histórica,

Café Arábica			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (Mil Sc)	Rendimento médio (Sc/ha)
2014	150.118	2.858	19
2015	150.118	2.939	20
2016	150.025	3.932	26
2017	150.123	2.950	20
2018	156.603	4.751	30
2019	152.097	3.002	20
2020	156.294	4.477	29
2021	151.584	2.986	20
2022	143.305	4.363	30
2023	130.839	2.859	22
2024	128.363	4.022	31
2025	121.611	3.289	27

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DA CONAB.

Café Conilon			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (Mil Sc)	Rendimento médio (Sc/ha)
2014	283.124	9.949	35
2015	283.124	7.761	27
2016	260.032	5.035	19
2017	235.415	5.915	25
2018	231.323	8.988	39
2019	241.805	10.496	43
2020	243.993	9.132	37
2021	248.858	11.140	43
2022	259.174	12.358	48
2023	261.921	10.155	39
2024	262.988	9.843	37
2025	258.211	14.159	54

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DA CONAB.

com 14,15 milhões de sacas colhidas e rendimento médio de 54 sacas por hectare. O resultado supera com folga todos os anos anteriores e confirma uma virada expressiva após oscilações registradas desde 2020. Mesmo com redução da área colhida para 258,2 mil hectares, menor patamar desde 2021, a

Municípios mais representativos na produção de café conilon em 2024	
Município	(%)
Rio Bananal	7,32%
Linhares	7,07%
Vila Valério	5,21%
Colatina	4,32%
Jaguáre	4,26%
Nova Venécia	4,23%
São Mateus	4,09%
Pancas	3,95%
Sooretama	3,29%
Governador Lindenberg	3,19%
Pinheiros	3,07%
São Gabriel da Palha	2,91%
Marilândia	2,83%
Aracruz	2,43%
Santa Teresa	2,41%
Castelo	2,41%
Águia Branca	2,34%
São Domingos do Norte	2,12%
Afonso Cláudio	1,86%
Barra de São Francisco	1,84%
Santa Leopoldina	1,84%
Boa Esperança	1,69%
São Roque do Canaã	1,56%
Mimoso do Sul	1,49%
Vila Pavão	1,40%
Itaguaçu	1,40%
Fundão	1,33%
Montanha	1,28%
Cachoeiro de Itapemirim	1,25%
Muqui	1,25%
Laranja da Terra	1,11%
Vargem Alta	0,96%
Iconha	0,93%
Muniz Freire	0,90%
Ecoporanga	0,78%
Baixo Guandu	0,78%
Jerônimo Monteiro	0,73%
Alfredo Chaves	0,66%
Conceição do Castelo	0,64%
Alto Rio Novo	0,60%
Alegre	0,55%
Rio Novo do Sul	0,54%
Atílio Viváquica	0,53%
Ibiraçu	0,53%
Água Doce do Norte	0,51%
Pedro Canário	0,45%
João Neiva	0,45%
Conceição da Barra	0,40%
Itarana	0,37%
Anchieta	0,31%
Guarapari	0,27%
Serra	0,25%
Mantenópolis	0,23%
Apiaçá	0,18%
Ponto Belo	0,13%
Piuma	0,11%
Caraciaca	0,09%
Itapemirim	0,08%
São José do Calçado	0,07%
Viana	0,07%
Mucurici	0,05%
Santa Maria de Jetibá	0,04%
Presidente Kennedy	0,02%
Bom Jesus do Norte	0,02%
Iúna	0,02%
Domingos Martins	0,01%
Irupi	0,00%
Ibitirama	0,00%
Total	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Municípios mais representativos na produção de café arábica em 2024	
Município	(%)
Brejetuba	14,42%
Iúna	11,54%
Irupi	7,85%
Ibatiba	6,13%
Muniz Freire	5,65%
Afonso Cláudio	5,17%
Guacuí	4,31%
Ibitirama	4,26%
Mimoso do Sul	4,14%
Domingos Martins	3,83%
Venda Nova do Imigrante	2,40%
Santa Teresa	2,36%
Dores do Rio Preto	2,31%
Mantenópolis	2,17%
Alegre	2,15%
Castelo	2,07%
Alfredo Chaves	1,95%
Itarana	1,91%
Divino de São Lourenço	1,91%
Santa Maria de Jetibá	1,88%
Conceição do Castelo	1,84%
Marechal Floriano	1,76%
Vargem Alta	1,67%
Apiaçá	1,28%
Alto Rio Novo	0,90%
Itaguaçu	0,78%
São José do Calçado	0,74%
Baixo Guandu	0,51%
Santa Leopoldina	0,49%
São Roque do Canaã	0,40%
Guarapari	0,31%
Muqui	0,18%
Água Doce do Norte	0,13%
Iconha	0,10%
Jerônimo Monteiro	0,10%
Ecoporanga	0,07%
Cachoeiro de Itapemirim	0,07%
Colatina	0,06%
Bom Jesus do Norte	0,05%
Laranja da Terra	0,03%
Caraciaca	0,02%
João Neiva	0,02%
Rio Novo do Sul	0,01%
Águia Branca	0,01%
Barra de São Francisco	0,01%
Viana	0,01%
Total	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

EM UMA DÉCADA MARCADA POR OSCILAÇÕES CLIMÁTICAS E EXPANSÃO TECNOLÓGICA, O ESPÍRITO SANTO SUSTENTA SUA POSIÇÃO DE POTÊNCIA CAFEEIRA, COM AVANÇOS EM RENDIMENTO E QUALIDADE NO ARÁBICA E NO CONILON

produtividade alcançou altos níveis, o que alavancou a produção.

O desempenho de 2025 contrasta com o ciclo anterior. Em 2024, a produção foi de 9,84 milhões de sacas, com rendimento de 37 sacas por hectare. Em 2023, o estado colheu 10,15 milhões de sacas, mantendo um padrão de estabilidade, mas distante dos recordes atuais. Nos anos anteriores, no entanto, o conilon mostrava sinais de forte evolução, como em 2022, quando alcançou 12,36 milhões de sacas e rendimento médio de 48 sacas por hectare.

A leitura da série histórica demonstra a transformação da cafeicultura capixaba ao longo da última década. Em 2014, o estado produziu 9,94 milhões de sacas, com rendimento médio de 35 sacas por hectare. Após momentos de queda, como em 2016, quando a estiagem que assolou o estado reduziu o rendimento para 19 sacas por hectare, o conilon passou a se recuperar de maneira consistente.

A distribuição da produção em 2024 manteve Rio Bananal na primeira posição estatal, com 7,32% do volume, seguido por Linhares, Vila Valério, Colatina e Jaguáre.

NOVAS CULTIVARES PODEM DOBRAR A PRODUÇÃO DE ARÁBICA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

Um projeto iniciado em 2017 pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) está redesenhando as perspectivas da cafeicultura do arábica no Espírito Santo. Coordenado pelo pesquisador Maurício Fornazier, o estudo nasceu a partir da constatação de uma lacuna entre o material genético de café disponível no Brasil e o que vinha sendo introduzido no estado. Os resultados foram publicados na cartilha Café arábica: cultivares validadas para o estado do Espírito Santo.

A equipe identificou as áreas mais aptas, com altitudes adequadas, e distribuiu dez materiais genéticos em três regiões estratégicas: Montanhas, Caparaó e Noroeste do Espírito Santo. Após a instalação dos experimentos, o projeto atingiu a condição de indicar cultivares de café arábica específicas para o estado, com base em resultados consolidados de campo.

PRODUTIVIDADE DUAS VEZES MAIOR

Um dos objetivos centrais do trabalho é a recomendação final de cultivares de café arábica para os produtores capixabas. O extensionista e pesquisador Cesar Krohling explica que os experimentos avaliaram resistência à ferrugem, produtividade, qualidade da bebida, estabilidade, adaptabilidade, vigor vegetativo e peneira dos grãos.

Todos os ensaios foram conduzidos com o mesmo delineamento: espaçamento de 2,5 metros entre linhas e 0,80 metro entre plantas, com uma ou duas hastes por planta. Os dados, já na sexta colheita, mostraram ganhos expressivos de produtividade.

Na média das melhores cultivares, a produtividade alcançou 50,4 sacas por hectare, quase o dobro da média atual do Espírito Santo, hoje em torno de 27 sacas por hectare. Considerando a área de arábica do estado, estimada em 121 mil hectares, os pesquisadores apontam que seria possível produzir,

PROJETO DO INCAPER INDICA NOVAS VARIEDADES CAPAZES DE DOBRAR A PRODUTIVIDADE MÉDIA DO CAFÉ ARÁBICA NO ESPÍRITO SANTO

em um cenário de adoção das melhores cultivares, mais de 6 milhões de sacas de café arábica.

A qualidade da bebida também foi avaliada. As notas variaram de 83 a 86 pontos, indicando que todas as variedades testadas têm potencial para produção de cafés de qualidade superior. Os experimentos ainda mostraram que os materiais apresentam boa adaptabilidade e estabilidade frente às mudanças climáticas observadas nos últimos seis anos.

Com base nos resultados, os pesquisadores destacam que há opção real para substituição gradual do parque cafeeiro do Espírito Santo com materiais mais produtivos e adaptados. Segundo a publicação, isso poderia, em pouco tempo, levar o estado a, no mínimo, dobrar a produção de café.

FOTO DIVULGAÇÃO



FABIANO AVANCI É PRODUTOR DE CAFÉ ARÁBICA EM VENDA NOVA DO IMIGRANTE E PARTICIPA, DESDE 2019, DE PESQUISAS EM PARCERIA COM O INCAPER PARA TESTAR E VALIDAR NOVAS CULTIVARES ADAPTADAS ÀS CONDIÇÕES DO ESPÍRITO SANTO, CONTRIBUINDO PARA O AUMENTO DA PRODUTIVIDADE E DA RESISTÊNCIA A PRAGAS. PRODUTOR DE QUARTA GERAÇÃO, ELE DECIDIU INTEGRAR O PROJETO COMO FORMA DE APOSTAR NA INOVAÇÃO E NO FUTURO DA SUA LAVOURA.



PESQUISA APONTA POTENCIAL DA FLOR DE CAFÉ CONILON PARA PRODUÇÃO DE CHÁ

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Todos os anos, as flores de café pintam de branco o chão das lavouras e acabam desperdiçadas. Essa realidade pode mudar. Pesquisa pioneira no mundo, publicada recentemente na revista científica *Foods*, importante publicação internacional na área de alimentos agrícolas, aponta o potencial das flores do café conilon para a produção de chás.

O estudo, desenvolvido pelas universidades federais do Espírito Santo (Ufes) e do Rio de Janeiro (UFRJ) e pela Universidade do Porto, em Portugal, foi realizado com seis genótipos de *Coffea canephora* produzidos em Nova Venécia, no Noroeste do Espírito Santo. São eles: Verdim R, B01, Bicudo, Alecrim, 700 e CH1.

A ideia do estudo surgiu a partir de uma inquietação do pesquisador e professor da Ufes, Campus São Mateus,

Fábio Partelli. “Quando falamos de café, a gente só pensa no grão. Mas todo mundo admira a flor do café, o seu cheiro. Comecei a me indagar se não seria possível fazer chá com essas flores, e assim surgiu a proposta de desenvolver essa análise”, conta.

O objetivo do estudo foi investigar e caracterizar os principais compostos bioativos e os perfis sensoriais das flores de conilon e de suas infusões. As flores apresentaram teores variáveis de substâncias oxidantes, cafeína e trigonelina, presente também no grão do café, que foram, em sua maioria, extraídos quando entraram em contato com a água quente.

“Esses dados sugerem grande potencial para a produção de produtos de valor agregado, com prováveis benefícios à saúde, como o chá”, explica o pesquisador.

O estudo apontou também atributos sensoriais floral, jasmim e flor de laranjeira, herbal, café verde, amadeirado e doce para fragrância, aroma e sabor. Partelli explica que os estudos continuam.

FOTO LEANDRO FIDELIS/ARQUIVO CONEXÃO SAFRA 2021



“Essa foi uma primeira pesquisa, um trabalho pioneiro, que não por acaso foi publicado em uma excelente revista científica, e apontou o potencial da flor do café para fazer chá. Sabemos que daqui para a produção é um longo e demorado caminho, mas é um nicho de mercado, mais um subproduto proveniente do café, com potencial de se tornar mais uma renda para o cafeicultor”, salienta.

O trabalho teve o apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes) e da Fundação de Amparo à Investigação do Rio de Janeiro (Faperj).

FOTO ARQUIVO PESSOAL



PROF. FÁBIO LUIZ PARTELLI

MERCADO PROMISSOR

O chá é a segunda bebida mais consumida no mundo, perde apenas para o café. Pesquisa da Euromonitor International, empresa que analisa os hábitos dos consumidores, divulgada em 2024, mostra

que o consumo de chá e infusões no Brasil cresceu 25% entre 2013 e 2020, quase o dobro da média mundial de 13%, comprovando o vasto interesse dos brasileiros pela bebida e um mercado promissor.

Mais tecnologia. Mais produtividade. Mais resultados.

O futuro do café
ao alcance
de todos.

**Nova
Reconiflex
Master Plus**
novo sistema de câmeras
mais agilidade, segurança e rendimento



**Recolhedora
Automotriz
ColhePlus**

PALINIAVES
sempre à frente



CAFEICULTOR REVOLUCIONA LAVOURA COM BIOFERTILIZANTE ORGÂNICO

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Há 13 anos, em um momento de baixa no preço do café, alta nos insumos e áreas da lavoura infestadas de nematoídes, o cafeicultor José Francisco Taufner se viu em uma encruzilhada. A indicação para reverter os prejuízos com a praga era aumentar os níveis de matéria orgânica no solo ou utilizar nematicida, o que elevaria ainda mais os custos.

Naquela época, o cafeicultor, que sempre se preocupou com as boas práticas agrícolas, resolveu produzir seu próprio biofertilizante para usar nos cafezais cuidados por ele e seus dois meeiros nos sítios da família, localizados no Córrego Mangangá, no interior de Santa Teresa.

Abundante no município vizinho, Santa Maria de Jetibá, devido à produção de ovos, a principal matéria-prima

utilizada pelo produtor era o esterco de galinha. Após a aquisição do produto de qualidade, com análise química e patológica, o mesmo era misturado com água e passava 30 dias descansando em toneis, para então ser aplicado na lavoura por meio da fertirrigação. “Em pouco tempo observei resultados satisfatórios e, após um ano, a lavoura era outra, estava renovada”, conta o produtor.

Em 2020, orientado por um engenheiro agrônomo, Taufner começou a adicionar microrganismos encontrados em material vegetal em decomposição, os chamados microrganismos eficientes (EM), no biofertilizante. Os EMs ajudam na liberação dos nutrientes do esterco de forma mais eficiente e aceleram o processo de produção, passando de 30 para, no máximo, 15 dias.

“Esses microrganismos, por meio de reações de fermentação, que ocorrem durante o preparo do biofertilizante, produzem ácidos orgânicos, hormônios vegetais, vitaminas, e antibióticos que favorecem e desempenham importantes papéis no solo e nas plantas. Eles potencializam as propriedades biológicas na composição do biofertilizante e na absorção dos nutrientes pelas plantas”, explica o engenheiro agrônomo com mestrado em agroecologia, Arildo Sebastião Silva.

O especialista acrescenta que o que chama a atenção é o uso do biofertilizante como fonte de nutrição para plantas perenes, como o café. “Essa receita com o uso do EM desenvolvida pelo Francisco é inovadora. Não temos estudos mais aprofundados, relacionados à nutrição de plantas focados em culturas perenes, utilizando apenas insumos orgânicos que você precisa repor nutrientes. O que mais se encontra são pesquisas para o uso do biofertilizante em culturas de ciclos curtos, de 45 e 60 dias, com raízes bem mais superficiais, em canteiros. O trabalho do Francisco abriu os olhos para o fato de

FOTO ARQUIVO PESSOAL





SUA CAFEICULTURA EM NÍVEL SUPERIOR

**CUIDAR DA LAVOURA É CUIDAR
DE QUEM VEM DEPOIS**



www.caparaojr.com

@caparaojr | (28) 9 9994 - 0719



ARILDO AO LADO DE FRANCISCO E DO CASAL DE MEEIROS NELSON E MARIA DE LOURDES OLIVEIRA, NA ÁREA ONDE FOI REALIZADO O PROJETO

que é possível trabalhar assim”, pontua o especialista.

Arildo atuou durante sete meses como bolsista no projeto intitulado “Produção de Alimentos Através dos Princípios Agroecológicos e seus Impactos nos Agroecossistemas”, desenvolvido na propriedade de Taufner para acompanhar o uso do biofertilizante na lavoura de café.

Os resultados preliminares do estudo indicam concentração de nutrientes como magnésio, fósforo, potássio, nitrogênio, entre outros, em quantidade que apontam que o biofertilizante é fonte alternativa sustentável e ecológica para nutrição das plantas, o que contribui para a redução do uso de fertilizantes químicos.

O PRODUTOR COMEÇOU A ADICIONAR MICRORGANISMOS ENCONTRADOS EM MATERIAL VEGETAL EM DECOMPOSIÇÃO, OS CHAMADOS MICRORGANISMOS EFICIENTES, NO BIOFERTILIZANTE

Dada a relevância dos resultados observados com o uso de biofertilizante na cultura do café, o próximo passo será a realização de uma pesquisa científica para avaliação do produto.

O projeto que Arildo Silva participou foi desenvolvido pelo Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), com recursos da Fapes.

PRODUÇÃO ORGÂNICA

Satisfeito com os resultados alcançados, José Francisco Taufner destaca a preservação do solo entre os benefícios do biofertilizante. “Uma das grandes vantagens é a preservação da microbiota do solo, ou seja, mantém o equilíbrio, o que não acontece quando você faz uso dos produtos químicos. Quando você tem esse equilíbrio você reduz as pragas e as doenças”.

O cafeicultor diz ainda que em Santa Júlia, distrito de Santa Teresa, já tem produtores fazendo uso do biofertilizante. “Eu fico muito feliz de ver mais gente aproveitando os insumos que a gente tem aqui na porta de casa, que é Santa Maria”.

Mesmo antes do biofertilizante, Taufner já implementava ações de preservação ambiental na propriedade. Itens como conservação do solo e dos mananciais, bem como o armazenamento de água, sempre foram práticas presentes.

Com a ajuda do Incaper de Santa Teresa, ele buscou iniciativas para reduzir também o uso de agrotóxicos. Para isso, deu início à produção e uso da calda sulfocálcica, produto benéfico à lavoura por seu poder inseticida, fungicida, acaricida, virucida, importante para o combate à cochonilha, além de reduzir os custos.

“Nós ainda jogamos alguma coisa de químico na lavoura, muito pouco, para combater a cochonilha. Já não usamos mais calcário em nosso cafezal há muito tempo. Isso reduz os nossos custos e nos deixa tranquilos com o preço do café, por exemplo. Gastamos muito pouco com a manutenção da lavoura, então, mesmo que o café caia de preço, não temos prejuízo”, pontua.



**R\$ 1 bilhão
investido
no agro capixaba.**

**E hoje, nossa terra
colhe os frutos.**

Os investimentos do Governo do Espírito Santo estão transformando o agro capixaba. Já foram investidos mais de R\$ 1 bilhão em novos equipamentos e modernização do setor, tornando a agricultura do nosso estado cada vez mais referência e o Espírito Santo cada dia mais produtivo, com mais de R\$ 11 bilhões exportados em 2025.

**Do Campo
que alimenta
nasce o futuro**

**UM ESTADO MELHOR
A CADA DIA**

**GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO**





COM DEDICAÇÃO, ERROS E ACERTOS, ELES MUDARAM A REALIDADE DO SÍTIO

UM ENCONTRO INESPERADO COM O CAFÉ

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

A trajetória de Renata Alexandre Monassi (45) e do marido, Luiz Cláudio Borges Fardim (54), com o café começou de forma totalmente repentina. Ambos sem nenhuma ligação com a vida rural, em 2021, após o falecimento do sogro, Luiz Cláudio assumiu integralmente o Sítio Tijuca, propriedade da família localizada em Cachoeiro de Itapemirim.

“Quando cheguei, tudo era estranho. Eu não entendia nada da rotina no campo, nem da cultura do café”, relembra Renata. Para completar o desafio do casal, a lavoura, que há anos não recebia cuidados devido aos problemas de saúde (do pai da Renata), estava abandonada.

“Nem eu nem ele sabíamos por onde começar. Nossa vida era outra. Eu no setor financeiro e ele à frente de uma empresa de contabilidade. De repente, tínhamos diante de nós um plantio de café. Mesmo assim, encaramos o desafio. Tivemos que aprender praticamente do zero”, recorda ela, sorrindo.

Com coragem e determinação, o casal decidiu transformar completamente a propriedade. Abandonaram o cultivo convencional e iniciaram um processo de transição para a produção orgânica e sustentável. Um caminho desafiador, mas repleto de aprendizado.

“Foram muitos erros e acertos, noites sem dormir e uma boa dose de paciência. O mais difícil foi acreditar no processo, porque os resultados não aparecem de imediato. Mas sabíamos que es-

CASAL DESCOBRE NO CAFÉ UMA NOVA PAIXÃO E TRANSFORMA DESAFIO FAMILIAR EM UMA HISTÓRIA DE SUPERAÇÃO E SUSTENTABILIDADE

távamos construindo algo com propósito”, afirma Renata.

A dedicação deu frutos: o Sítio Tijuca conquistou o certificado de produção orgânica da Ecocert, reconhecendo o cultivo de café conilon 100% orgânico, livre de agrotóxicos e produzido com respeito ao meio ambiente.

O processo de conversão para o orgânico, segundo Renata, exigiu não apenas investimento financeiro, mas também uma mudança de mentalidade. “Aprendemos que o tempo da natureza é diferente. A transição reduz a produção nos dois primeiros anos, mas depois a lavoura se fortalece. É uma forma mais consciente de produzir e viver”, destaca.

Atualmente, o sítio possui cerca de 15 mil pés de café conilon orgânico, além de outras culturas, como limão-taiti, banana-prata, banana-da-terra, mexerica poncá, acerola e jabuticaba.

NASCE O CAFÉ TIJUCA

O orgulho e a realização com o novo ciclo de vida no campo inspiraram o casal a dar um passo além.



RENATA E LUIZ VISITARAM A SEMANA INTERNACIONAL DO CAFÉ (SIC) PARA DIVULGAR A MARCA

Em 2024, nasceu o Café Tijuca, marca própria da família, com uma linha gourmet de cafés orgânicos de torra média e notas sensoriais de amêndoas e caramelo.

A princípio, começaram a torrar para consumo próprio e para presentear amigos. Mas a aceitação foi tão grande que, em 2025, decidiram comercializar o Café Tijuca em feiras e eventos locais. Animados com os resultados, já estão dando os primeiros passos para ingressar no *e-commerce*.

Com os pés fincados na terra e o olhar voltado para o futuro, o casal trabalha na renovação de parte da lavoura, o que deve aumentar a produção em cerca de 30% até 2026. O próximo passo é fortalecer as vendas diretas e ampliar a presença do Café Tijuca em novas regiões do Espírito Santo e, futuramente, em outros estados.

“O Café Tijuca é mais do que uma marca. É o resultado de uma história de amor, aprendizado e gratidão. Cada grão carrega um pouco da nossa jornada”, conclui Renata.

Mesmo com parte do café ainda sendo vendida como commodity, o casal segue firme no propósito de fortalecer a marca própria e inspirar outros produtores. “Nosso sonho é mostrar que é possível unir qualidade, sustentabilidade e propósito no campo. O café transformou a nossa vida.”

O EXEMPLO FEMININO QUE INSPIRA

Renata Monassi é integrante do Grupo Pôde Mulheres, iniciativa da Cooperativa dos Cafeicultores do Sul do Estado do Espírito Santo (Cafesul) — da qual o casal também é cooperado — que incentiva o protagonismo feminino no campo. Sua história de superação e aprendizado já inspira outras mulheres a acreditarem no próprio potencial.

“Ser convidada para palestrar e compartilhar minha trajetória é emocionante. Mostra que é possível recomeçar, aprender e vencer, mesmo sem ter vindo da roça. O mais importante é acreditar”, afirma.

João Corradi, cooperado de Boa Esperança
Gabriela Schineider Batista, colaboradora



Somos a maior cooperativa capixaba e a 15ª maior empresa do Espírito Santo.

(Anuário IEL 200 Maiores e Melhores do ES - Edição 2025)

Com orgulho, crescemos ao lado de mais de 9 mil cooperados, transformando o campo, criando oportunidades e gerando renda.

Juntos cooperamos para conectar o AGRO ao futuro, construindo um modelo sustentável para as próximas gerações.

www.cooabriel.coop.br



somoscoop





CAFÉS, NO PLURAL: COMO O BRASIL CONSTRÓI VALOR NA DIVERSIDADE

THAIS FERNANDES

jornalismo@conexaosafra.com

Onde está o valor de um café especial? Esse questionamento tem impulsionado mudanças profundas na cadeia do café nacional. Não à toa, este ano a Associação Brasileira de Cafés Especiais (BSCA) lançou o novo protocolo oficial para avaliação sensorial do produto no Brasil, o Sistema “Coffee Value Assessment” (CVA).

A ferramenta foi destacada durante a Semana Internacional do Café (SIC), em Belo Horizonte. O CVA coloca em prática o que muita gente já estava identificando no dia a dia: a qualidade precisa ir muito além da pontuação. O consumidor busca cafés que carreguem história. E isso o Brasil tem de sobra.

Outra mudança com o protocolo é que os atributos também terão lugar de destaque. “Se o café tem 87 pontos, ele pode ser 87 com uma acidez alta, mas ele também pode ser 87 com perfil chocolate. Isso precisa ser informado para o consumidor. A ideia

DIVERSIDADE: NO PERFIL, NAS HISTÓRIAS, NA ORIGEM E NA SUSTENTABILIDADE. COMO O NOVO PROTOCOLO DE AVALIAÇÃO DO CAFÉ ESPECIAL ESTÁ ENCONTRANDO AS AÇÕES PRÁTICAS NAS DIVERSAS REGIÕES BRASILEIRAS

é, no protocolo, trazer o descriptivo”, explica o vice-presidente da BSCA, Luiz Roberto Saldanha.

O objetivo é que a percepção de valor seja dada pelo consumidor, não mais pelo provador. “Afinal, quem paga a conta? Quem é que manda? O consumidor. E é quem deveria estar nos direcionando. Agora, nós estamos olhando para ele”, concluiu o vice-presidente da instituição.

“CAFÉ ESPECIAL É O RELACIONAMENTO, ENTÃO O CLIENTE QUER SABER COMO É QUE FOI PRODUZIDO, ONDE FOI PRODUZIDO”, EXPLICA LUIZ ROBERTO SALDANHA, VICE-PRESIDENTE DA BSCA



FOTO ALEXANDRE REZENDE / NITRO

A ideia é que, adicionando mais camadas ficará mais fácil de o consumidor identificar aquilo que realmente quer e perceber valor no produto, para além do preço concreto. Entre essas informações estão rastreabilidade, modo de produção, perfil sensorial, entre outros. "Café especial é o relacionamento, então o cliente quer saber como é que foi produzido, onde foi produzido. Vai querer informação e se você não tiver uma rastreabilidade robusta e real, você não consegue mostrar isso", arrematou Saldanha.

A JORNADA DE CONSTRUÇÃO DO VALOR

Essa nova forma oficial de avaliar os cafés abre um campo fértil para regiões como o Caparaó, que carrega uma história robusta e ainda mais relevante em 2025. Não por acaso, oito dos dez melhores arábicas do "Coffee of the Year 2025" nasceram lá, fazendo com que o nome do território ressoasse com força na premiação realizada no último dia do evento, na capital mineira.

FUNDADA EM MAIO DE 2010, A CAPARAÓ JR. ATENDE A MAIS DE 1.600 PRODUTORES RURAIS DA REGIÃO DO CAPARAÓ E DE SEU ENTORNO, TENDO ENTRE OS PARCEIROS ASSOCIAÇÕES E PREFEITURAS

Mas foram mais de dez anos até chegar em um pódio recheado de sabores e histórias de qualidade. E no centro da narrativa estavam produtores e pesquisadores, ambos curiosos para desvendar o que o Caparaó já começava a oferecer.

Diversas instituições marcaram esse caminho. Do lado mineiro, a Emater, do lado capixaba, o Incaper. Mas uma em comum apostou em uma abordagem diferente: a Caparaó Jr.

Empresa formada por alunos do Curso Superior de Tecnologia em Cafeicultura do Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), campus Alegre, com orientação dos professores e servidores técnicos-administrativos, a Caparaó Jr. atua na prestação de serviços de agronomia e consultorias a atividades agrícolas voltadas para a cafeicultura.

Fundada em maio de 2010, atende a mais de 1.600 produtores rurais da região do Caparaó e de seu entorno, tendo entre os parceiros associações e prefeituras. "A Caparaó Jr. foi lançada porque já tínhamos entendido que existia essa demanda por profissionais que fizessem atendimentos na prática, em campo", relata João Batista Pavesi Simão, um dos fundadores da empresa e, à época, professor de cafeicultura do Instituto Federal.



FOTO DIVULGAÇÃO



PRIMEIRA FORMAÇÃO DA CAPARAÓ JR., EMPRESA FORMADA POR ALUNOS DO CURSO SUPERIOR DE TECNOLOGIA EM CAFEICULTURA DO INSTITUTO FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO (IFES), CAMPUS DE ALEGRE

No início, a empresa trabalhou muito com produtividade. E a pesquisa aplicada tornava a prática extensiva dos alunos uma forma de promover o desenvolvimento regional. "Ao mesmo tempo que favorecia o produtor atendido, era um laboratório para o estudante", lembra Pavesi.

Uma das revoluções logo no primeiro ano da Caparaó Jr. foi o uso de um estudo socioeconômico baseado em dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Os pesquisadores identificaram uma grande parte da população semianalfabeto. Essa era a raiz de um problema que se estendia e impactava até a produtividade na região. Na época, o arábica tinha uma média de produtividade de 13 sacas por hectare; enquanto na cultura do canéfora era de cerca de 17 sacas por hectare.

Em 2015, a produtividade subiu para 40 sacas por hectare para o arábica, e 60 sacas por hectare de canéfora. "Hoje, o conilon pode chegar a 140 sacas por hectare com sistema de irrigação. Mas ainda tem espaço para crescer, com o uso da fertirrigação, por exemplo", relata Pavesi.

Já a qualidade passou a ser trabalhada entre 2013 e 2014, com a sementinha do café especial sendo plantada ainda em 2012. Na ocasião, os pesquisadores foram chamados a uma reunião na sede da propriedade de Onofre Lacerda, em Pedra Menina (Dores do Rio Preto). "Eles queriam entender a qualidade que já estavam produzindo".

Na época, Manoel Protázio de Abreu se propôs a investigar a qualidade também. Daí, nasceu o estudo "Grãos do Caparaó", que somou 13 municípios e 110 famílias, cada uma delas enviando suas amostras para análise de qualidade.

Na secagem e pós-colheita, uma mulher, "Altilina Lacerda fez todo o trabalho de secagem em 2014 e 2015 para este estudo", revelou Pavesi. E o resultado foi surpreendente: das cem amostras, 93 eram de café especial, segundo os provadores.

Entendendo agora o potencial da região do Caparaó, 16 municípios, entre mineiros e capixabas, se juntaram para criar a Associação de Produtores de Cafés Especiais do Caparaó (Apec). Em 2021, o Caparaó foi reconhecido como Denominação de Origem.

O crescimento foi acompanhado de perto pelo projeto Caparaó Jr., que ganhou sede própria dentro do Ifes, além de laboratórios móveis e outras ferramentas. "Hoje, o projeto atende de Ouro Preto até Guarapari. De Marechal Floriano a Matipo", destaca o professor. A empresa júnior também extrapolou os limites do Sudeste e oferece serviços de análises para produtores de Rondônia, de Maciço do Baturité e até de Goiás.

E não foi só a vida dos cafeicultores que mudou com essa jornada em busca de mapear onde estava o valor do café especial do Caparaó. "A palavra-chave do trabalho no campo é confiança. E a Caparaó Jr.

FOTO ALEXANDRE REZENDE / NITRO



CAROLINNA BRIDI GOMES E GUILHERME ABREU, VENCEDORES DO COFFEE OF THE YEAR 2025, NAS CATEGORIAS CANÉFORA E ARÁBICA, RESPECTIVAMENTE

me ajudou a ser mais professor. Ensino a me reinventar, ter novos desafios. Nós fomos voluntários de 2010 até o ano passado. Agora, me aposentei e continuo com eles como consultor voluntário. E mudei da cidade para a roça por causa dessa garotada. Comecei a ver outros valores da vida”, concluiu Pavesi.

Além disso, a lista de jovens impactados pelo trabalho no Caparaó, e que hoje se destacam no café especial, é extensa. Deneval Júnior, Larissa Sodré, Willians Valério, Amanda Lacerda. Cada um teve sua história marcada pela ciência e se lembra bem disso. “A sucessão familiar só acontece se o jovem estiver motivado”.

Como não existem coincidências, as histórias de boa parte desses produtores já se misturaram a uma das principais premiações do país, o “Coffee Of The Year”.

HISTÓRIAS DE VALOR

E lembra do Seu Manoel Protázio, que foi um dos responsáveis pelo foco em qualidade? Como muitas vezes o fruto não cai longe do pé, este ano quem ganhou o COY na categoria arábica foi o neto dele, o Guilherme Abreu. “Eu tenho 17 anos, mas desde pequeno eu acompanho meu pai no trabalho. Eu sempre estou olhando o que ele faz, para buscar aprender. E há dois anos ele me deu uma lavoura. A partir daí eu fui pegando mais gosto ainda e fui buscando sempre estar melhorando”, contou ele.

Seja Protázio ou Abreu, os nomes dessa família figuram há anos no cenário de cafés especiais, mas esta foi a primeira vez que eles conquistaram o lugar mais alto do pódio. “É uma alegria muito, muito grande essa vitória. Isso é o reconhecimento do trabalho. E fico muito feliz em saber que eu consegui realizar um sonho que era do meu pai, que sempre teve esse sonho de ganhar o COY. Graças a Deus, este ano eu pude estar realizando esse sonho dele”, revelou.

E o caminho de construção até esse sonho foi longo. “Nos anos de 2007 e 2008, meu avô já mexia com um café, só que era café commodity, um café que não tinha muita qualidade. Como meu pai e meus tios não quiseram ir para fora estudar, eles tinham que buscar uma forma de conseguir mais dinheiro no café”, lembra ele.

Além dos aprendizados com a Caparaó Jr., a família buscou mais. “Eles iam para outras cidades que já mexiam com café especial, participavam de palestras e aprendiam. Assim, trouxeram esse conhecimento para cá e foram colocando em prática no nosso sítio. A partir do ano de 2012 já conseguiram trabalhar com café especial e foram ganhando os primeiros prêmios”.

Em 2025, o café campeão foi um cereja descascado, mas, segundo o vencedor, o se-

gredo não está na variedade nem em outro detalhe tangível. “A técnica que a gente usa é cuidar com muito carinho e amor, mexer o café na hora certa. Porque se fazendo com amor e carinho tudo fica bom”.

Outro ingrediente imprescindível para ele é cuidar do entorno. “O meio ambiente também é essencial, a terra. Se ela não estiver boa, nós não vamos conseguir produzir”, explicou o rapaz, que concilia o trabalho na lavoura com os estudos. “Eu ajudo meu pai depois que eu chego da escola. Vou me formar este ano. Então eu auxilio no plantio, na adubação, na limpeza das lavouras, na colheita de café, ajudo no terreiro. Faço de tudo na lavoura”, orgulha-se.

Outra família que foi movida pela curiosidade e vontade de inovar é a de Deneval Vieira, de Iúna. E neste ano, os frutos vieram triplicados. A família conquistou três dos dez melhores cafés no ranking do COY na categoria arábica. “Não trabalhamos para fazer café para concurso. Isso é consequência. Fazemos excelentes cafés porque dedicamos o máximo ao nosso trabalho”, destacou Douglas Vieira, que teve o café vice-campeão neste ano.

Até essa conquista, foram longos anos de dedicação. “Eu estou aqui trabalhando desde quando eu nasci. Minha paixão, na verdade, é pela agricultura,

né? Tenho prazer em colocar a muda na terra, em ver ela crescendo, produzindo”.

Apesar de já produzirem muito antes disso, foi em 2010 que a família descobriu a possibilidade do café especial e passou a processar a ideia. O patriarca queria algo para agregar um valor àquele trabalho. “As grandes viradas de chave da nossa vida foram em 2010, quando no primeiro prêmio que participamos, ficamos em 4º lugar; em 2015, quando fomos para a SIC, e em 2018, vencemos o COY!”, elencou Douglas.

Para começar a fazer essa revolução pessoal, Deneval buscou apoio na cooperativa de cafeicultores da região, a Coocafé, e um dos funcionários pediu para que ele levasse uma amostra de café recém-colhido. Só então a família recebeu a orientação e as explicações sobre cada grão: os frutos imaturos, verdes, boias e aqueles que eram mais maduros.

OUTRA FAMÍLIA QUE FOI MOVIDA PELA CURIOSIDADE E VONTADE DE INOVAR É A DE DENEVAL VIEIRA, DE IÚNA



OS CAMPEÕES DO COY 2025: ESPÍRITO SANTO FOI PREMIADÍSSIMO E LEVOU 11 DOS 15 PRÊMIOS

Somente aí a família entendeu que precisaria mudar muita coisa no manejo, em uma lavoura que tinha altos, baixos e muita desuniformidade na maturação dos grãos. Começaram, então, a jornada de aprendizado constante para entender o que, afinal, era um café especial – e o principal – como produzi-lo!

Em 2010, veio o primeiro lote de café especial, no concurso da cooperativa local. “Nós ficamos em 4º e é um troféu que está aqui guardado na casa do meu pai até hoje. Representa muito, quase igual ao COY dele de 2023, no qual a gente foi campeão”, explicou Douglas.

Mas esse seria apenas o primeiro marco. Eles ainda conheciam outros cafeicultores que focaram em qualidade e já estavam conquistando o Brasil, como Clayton Barrossa, da Fazenda Ninho da Águia (Alto Caparaó).

Ainda em 2015, Deneval e a mulher, Rosa, foram se aventurar na SIC, em Belo Horizonte. Sem reservas em hotel, apoio e sem nem mesmo ter credencial para o evento. Mais uma vez, amigos no caminho ajudariam a família não só a entrar, mas a conhecer um novo mundo que se abria. “A Carla Fernanda, do Sebrae, encontrou meus pais e ajudou com tudo. Ela ficou marcada na nossa história. Temos várias pessoas



que estiveram ao nosso lado. E meu pai chegou em casa falando dessa premiação e observou, então, que o Coffee of the Year era um concurso que seria fundamental para darmos uma virada de chave, ganhar nome.", contou Douglas.

Conforme avançavam, os irmãos começaram a provar café e receber a visita de compradores estrangeiros de grandes marcas como Five Elephant e a The Barn. E foram estudando e conquistando cada vez mais espaço.

Hoje, a torrefação Muda, na França, é uma das principais parceiras da família. Mais uma prova de que o relacionamento é parte do valor agregado ao café especial, já que a marca é de um belga que passou tempos na propriedade da família.

"Abrimos as portas de coração para ele e depois soubemos que ele estava atrás de um café inesquecível e esse café tinha sido produzido por nós. Quando voltou para a França, ele batizou a torrefação por causa da muda de 785,

que levou daqui. Para nós, é como se fosse um Cordilheiras, lá na França, na região de Lille", contou o produtor.

A família também exporta para países como a Austrália e Noruega, e tem um casal parceiro no Chile. "Passa um filme na nossa cabeça. Porque foi muito difícil até aqui. Trabalhamos muito, meu pai viajou muito e investiu nisso. Foi buscar coisas novas e conhecimento", lembrou Douglas.

E essas inovações se expressaram também por meio da torrefação própria, que deu espaço ao Café Cordilheiras. Um dos mais recentes lançamentos é o Café da Ester, batizado em homenagem à filha de Douglas. "Todos os meus filhos sempre tomaram café especial sem açúcar. A Ester me pedia muito um café com o nome dela, demonstra todo carinho e tem essa desenvoltura. Então separei o lugar mais alto da lavoura e de lá fizemos o café dela", explicou.

E a escolha deu sorte. Afinal, o Sítio Café da Ester conquistou o 4º lugar neste ano no COY, categoria arábica. Resultado: a família toda subiu ao palco nos três momentos em



QUANDO A SUSTENTABILIDADE SOBE AO PÓDIO: A VITÓRIA DE CAROLINNA E LUIS CARLOS GOMES NO COY 2025 EXPÔE AO MUNDO A FORÇA DE UM ESPÍRITO SANTO QUE ALIOU CIÊNCIA, TRADIÇÃO FAMILIAR E COOPERATIVISMO PARA TRANSFORMAR SEUS CAFÉS EM REFERÊNCIA INTERNACIONAL DE QUALIDADE E RESPONSABILIDADE AMBIENTAL

que foram laureados. "Ficamos muito emocionados e ela também. E aí já estávamos no palco quando anunciam que o segundo era nosso também. Nunca tinha acontecido de uma família vencer com três cafés. E para o município de Iúna foram quatro", comemora Douglas.

Agora, o objetivo é focar na venda de café torrado no Brasil e fortalecer os laços com os parceiros no exterior. "Muita gente vem nos visitar e fica surpre-
so, porque a propriedade não é muito grande. Mas o diferencial está nas pessoas, não nas estruturas", declarou o produtor.

"NUNCA TINHA ACONTECIDO DE UMA FAMÍLIA VENCER COM TRÊS CAFÉS", COMEMORA DOUGLAS. NO COFFEE OF THE YEAR, O CLÃ DE IÚNA SUBIU AO PALCO REPETIDAS VEZES, PREMIANDO INCLUSIVE O GRÃO BATIZADO EM HOMENAGEM À FILHA, ESTER

Já na categoria Canéfora, a campeã do COY teve uma alegria extra. Carolinna Bridi venceu o prêmio e dividiu o pódio com um produtor especial: seu pai, Luis Carlos que ficou em 3º lugar neste ano. "Eu até agora não desci das nuvens", alegra-se Luis Carlos Gomes, pai de Carolinna.

E não é para menos. O caficultor trabalhou anos cultivando arábica e investindo na qualidade do conilon, quando essa ideia ainda parecia descabida para muitos. "A gente já vinha fazendo um trabalho que é muito relevante e faltava essa coroa. Esse título. E valeu a pena esperar porque ela veio de uma forma que tem um simbolismo tão grande. Por estarmos, minha filha e eu, sendo premiados".

Apesar do trabalho de pioneirismo da família, Luis conta que ainda assim ficou admirado com o carinho que recebeu, "As pessoas mandavam mensagem, eu não imaginava que estivessem olhando tanto, torcendo tanto. Esse campeonato está vindo depois de uma longa história de trabalho, é um gostinho diferente, né? E renova a esperança", detalha o patriarca.

Carolinna, uma das filhas do casal Luis Carlos e Maria Rosalina, tem 36 anos e já são décadas acompanhando o trabalho dos pais na lavoura. "O prêmio traz uma satisfação muito grande e coroa muitos anos

de trabalho, não encerra um ciclo, nos dá ânimo para continuar e indica que estamos no caminho certo”, contou.

A empreendedora cursou Direito e, há cerca de nove anos, decidiu se aproximar ainda mais da produção dos cafés especiais. “Eu faço a condução do processo de reflorestamento e sustentabilidade da fazenda e compartilho com meu pai estratégias relacionadas aos cafés especiais, como o pós-colheita, controle e prova de lotes e torra”, destacou.

A família produz em uma propriedade centenária, localizada em Santa Teresa, a uma altitude entre 580 e 820 metros, onde seguem cultivando tanto arábica quanto canéfora.

Além do trabalho na produção, Carolinna segue se dedicando a cursos e a estudar outros idiomas. “É preciso reservar um tempo para atividades que enriquecem o conhecimento e nos atualizam das diversas demandas de mercado. Faz parte do negócio evoluir, inclusive

em aspectos que não estão diretamente relacionados ao café, mas que contribuem para o crescimento da fazenda. Conhecimento nunca é demais”, destaca ela.

O aprimoramento tem motivo. Tanto o arábica quanto o conilon de qualidade continuam em ascensão e a família não quer perder a dianteira da história. “Com as mudanças climáticas, estão limitando muito a produção do café arábica e o conilon, com o advento da qualidade, está galgando novos mercados e ocupando o vácuo”, explica Luis Carlos.

E, se em 2002, quando iniciaram o trabalho com conilon, ainda faltava tecnologia, a família decidiu tornar sua própria lavoura uma espécie de campo de experimentos. “Começamos a fazer testes de seleção, mas por nossa conta e risco. Com o passar do tempo, fomos adquirindo conhecimento e amizades no meio acadêmico. Trocando figurinhas, aprendendo com eles e, de certa forma, também eles aprendendo com a gente”, conta ele sobre os períodos em que

FOTO MARCUS DESIMONI / NITRO



"ALI TIVEMOS CERTEZA DE QUE O CONILON TINHA POTENCIAL PARA TER A MESMA QUALIDADE QUE O ARÁBICA", REVELA LUIS CARLOS SOBRE O MOMENTO HISTÓRICO EM QUE SEU CAFÉ SURPREENDEU ESPECIALISTAS NO PRIMEIRO CURSO DE R-GRADER DO BRASIL

produtores, pesquisadores, incluindo equipes do Incaper, e consultores se somaram em prol da qualidade do café na região.

Na época, muito era identificado a partir da experiência de mercado do arábica. "Vimos algumas exigências em relação ao arábica e a gente imaginou, lá atrás, 'se o arábica pede isso, em algum momento vão pedir isso para o conilon também'. E começamos a selecionar plantas que se encaixavam nessas exigências do mercado", explica Luis Carlos.

Em 2010, o cafeicultor conta que sentiu que o conilon de qualidade finalmente estava se consolidando. "Quando foi realizado o primeiro curso de R-Grader em Vitória, me pediram uma amostra de conilon para utilizar no curso. Foi o primeiro realizado no Brasil", conta ele sobre o sistema de avaliação sensorial e classificação de cafés da espécie canéfora.

"Eles ficaram impressionados com a pontuação e ali tivemos certeza de que o conilon tinha potencial para ter a mesma qualidade que o arábica", revela.

Até chegar nessa validação, Luis Carlos viu e participou de muitas inovações. Entre elas, embarcou grãos que chegaram até Portland, nos Estados Unidos, e teve seu café se destacando em blends da grande indústria. Isso sem falar nas conquistas coletivas.

"Nós, produtores, juntamos e levamos para a cooperativa a demanda de ajuda para esse trabalho que já estávamos fazendo pela qualidade do conilon. E dali surgiu o primeiro concurso de café com conilon especial, conilon descascado, do Espírito Santo [atual Prêmio Pio Corteletti, da Nater Coop]", lembra.

Outros projetos precursores de qualidade desses produtores passaram por empresas como Nestlé e Melitta. "Foi desenvolvido um protocolo para fazer as fermentações com consultoria do Ensei Neto,

que bancamos", revelou ele. "Depois, continuamos o trabalho e em 2023 foi lançado, pela grande indústria, o primeiro café canéfora especial e fermentado com esse protocolo", orgulha-se.

Se antes, muitas coisas do arábica eram replicadas para o conilon, hoje Luis Carlos explica que também é possível fazer o caminho inverso. "As técnicas de fermentação que usamos aqui, levamos do conilon para o arábica", conta.

Tão inovador e revolucionário quanto o conilon capixaba, os robustas amazônicos mexeram no tabuleiro do jogo da cafeicultura há alguns anos. E seguem trazendo destaques como Angélica Alexandrino Nicola, do Sítio São Sebastião, de Seringueiras, em Rondônia, que conquistou o 2º lugar no Coffee of the Year 2025 na categoria Canéfora.

Com apenas 3 hectares de lavoura produtiva e 1,5 hectares em formação, Angélica e sua família se somam ao núcleo familiar da cunhada para produzir cerca de 260 sacas ao ano.

A produtora trabalha com cafeicultura focada em grãos especiais desde 2023, quando se mudou para o sítio e passou a completar o grupo. Porém, o restante da família já estava focado em qualidade desde 2021.

A família participa do COY desde 2022 e essa foi sua melhor colocação no prêmio. "A premiação traz mais visibilidade e reconhecimento para um trabalho que desenvolvemos desde 2021", detalha ela.

Além do COY, a família também ficou entre os cafés campeões no Concurso Concafé, chegando ao 3º lugar no quesito Sustentabilidade. "A cada ano nós buscamos nos aperfeiçoar e melhorar a qualidade e sustentabilidade, buscando novas formas de manejo".

DIVERSIDADE: DO CAMPO ÀS PESSOAS

Para além de cuidar do que ainda está em pé, o reflorestamento é um caminho que parece se fazer cada vez mais necessário. No caso da Fazenda São Bento, a decisão de reflorestar parte da fazenda partiu da matriarca e das filhas.

"Minha mãe, minha irmã e eu fomos assistir ao documentário O Sal da Terra, sobre a vida de Sebastião Salgado. O documentário retrata a trajetória do fotógrafo e como iniciou a criação do Instituto Terra. Fomos inspiradas por essa iniciativa e resolvemos que faríamos como ele e a esposa. Então, em meados de 2015, começamos o processo de reflorestamento

FOTO GUSTAVO BAXTER / NITRO



da propriedade. Já recuperamos cerca de 12 hectares de mata e estamos implementando cerca de 40 hectares com plantio e regeneração natural", detalha Carollina Bridi.

O pai acredita que a ideia de reflorestamento foi sendo maturada por anos a fio. "Elas saíram para estudar e quando voltavam, de férias, viam que tinha menos árvores. Era um sentimento que ficava reprimido dentro delas. E aí minha esposa com as filhas resolveram fazer o caminho inverso. Tirar algumas áreas

mais íngremes de café, e reflorestar", explica Luis Carlos.

Para ele, a qualidade está em um âmbito muito mais amplo, não só na qualidade sensorial. "Tem muitas outras coisas envolvidas", destaca ele. A linha de raciocínio casa com o novo protocolo da BSCA.

Para a família, também é importante o cuidado com os seres que habitam o território, desde insetos como as abelhas que fazem a polinização do café, até toda a flora e a fauna. "É possível isso acontecer sem prejuízo econômico. E mais, o consumidor muitas vezes quer remunerar quem trabalha com sustentabilidade", conclui ele.

Para Carolina, a diversidade humana também é peça-chave para fazer girar a engrenagem verde da sustentabilidade real. "Vejo muitas mulheres em diversas etapas da produção do café, o que é muito positivo pois é uma rede que colabora e se fortalece para enfrentar o machismo que ainda persiste. Além disso, vejo que as mulheres trazem para a cultura uma visão mais integrada e sustentável, e cada vez mais homens e mulheres veem o valor que a diversidade agrrega. O caminho é longo, mas a perspectiva é positiva", concluiu ela.

Lá em Rondônia, quem parece concordar com as ações práticas é Angélica e sua família. "Nossa produção não é orgânica, porém buscamos formas mais sustentáveis, como manejo de mato, de recursos hídricos, uso de adubação com matéria orgânica como palha de café ou cama de frango. Isso contribui com o aumento da produtividade da lavoura", destaca.

Além de ações mais pontuais, tem se tornado mais comum a escolha por técnicas mais completas como a agricultura regenerativa e agroflorestal.

Para Luiz Roberto Saldanha, vice-presidente da BSCA, as exigências que o país já atende, incluindo sustentabilidade, rastreabilidade, o Código Florestal e a legislação trabalhista, já colocam o Brasil em um patamar completamente diferente das demais origens. "Alguns países consumidores, incluindo a União Europeia, estão buscando essa consistência e transparência.



E, hoje, ter essa sustentabilidade comprovada, não só falada, tem aberto cada vez mais espaço para o Brasil", lembra o executivo.

Se a produção sustentável se espalha por todo território nacional, alcançando estados diversos, como Ceará e Acre, em Rondônia a sustentabilidade tem sido o coração do trabalho há alguns anos.

A partir da maior floresta tropical do mundo, uma comitiva apresentou seu trabalho atual e perspectivas futuras para manter os cafés robustas em harmonia com seu entorno. Durante uma apresentação cheia de cores e vivacidade na SIC, pesquisadores da Embrapa Rondônia se uniram a cafeicultores para lembrar que a sustentabilidade real precisa de cultivos diversos.

"Uma indicação geográfica não se faz só com um produto", apontou Juan Travain, um dos líderes da cafeicultura em Rondônia, durante sua fala no palco.

Para tornar a ideia mais concreta, eles mostraram na prática como é possível extrair o máximo de cada item produzido, sem desperdício e com inovação também na mesa. Os produtos, feitos com subprodutos do café, incluíram a já conhecida cáscara, um chá feito com cascas do fruto do café, cookies e infusões com cada uma das cascas enviadas, kombucha, dermatocosméticos e até uma farinha que pode ser base para panificação.

E mais do que a floresta em pé, os robustas Amazônicas levaram um show de diversidade para o palco da SIC 2025, para defender que a sustentabilidade precisa ser diversa. Por isso, catimbó e outros ritmos do Norte do País foram estrelas na apresentação, que também contou com a participação de produtores indígenas.

Além da apresentação dos robustas Amazônicas, eles também estiveram da SIC participando de concursos e expondo seus cafés em estandes como os de Rondônia e do Acre.

Além das etnias indígenas que vêm se destacando e movimentando a cafeicultura, quando se fala em pluralidade no café é preciso lembrar também do trabalho da população negra nessa construção. Visando esse reconhecimento, existem hoje iniciativas como a

TIRAR ÁREAS DE CAFÉ E REFLORESTAR: FAMÍLIA MOSTRA QUE É POSSÍVEL UNIR PRESERVAÇÃO E LUCRO. "O CONSUMIDOR MUITAS VEZES QUER REMUNERAR QUEM TRABALHA COM SUSTENTABILIDADE", GARANTE PRODUTOR



CAFÉ DI PRETO, FUNDADO POR RAPHAEL BRANDÃO



do Café Di Preto, fundado por Raphael Brandão.

A microtorrefação compra cafés produzidos por pessoas negras e utiliza embalagens que também homenageiam grandes nomes brasileiros. “Eu acho que tem que aumentar trabalhos como o do Rapha e de outros negros no café. Ele vem realmente ajudar os produtores negros a conquistarem espaço, porque muitas pessoas são muito retraídas”, acredita Luis Carlos.

Para ele, é preciso falar mais sobre a presença da população negra na cadeia do café atualmente. “Sei que o Rapha, no início, teve muita dificuldade para encontrar ou receber indicações de um produtor negro. Eu sinto que muitas pessoas lá ficavam também com receio de falar ‘O Luis Carlos é um produtor negro’, entendeu? Sem saber como isso seria recebido por mim também”, explica o cafeicultor, sobre o tabu que ainda envolve a identidade negra no campo e no café como um todo.

Hoje, o produtor vê com satisfação que há mais pessoas negras ocupando posições de destaque como torrefado-

res e baristas, mas ainda sente falta dessa representatividade no campo. “Falta espaço para os produtores negros, talvez um trabalho que os ajude a se posicionarem. São coisas que acredito que vão acontecer. Nós fundamos a associação em Santa Teresa justamente para buscar essas oportunidades que aparecem, como participação em concursos e iniciativas desse tipo”, explica.

Para Luis Carlos, o avanço também depende da coletividade. “Eu sempre acho que é preciso compartilhar informações; nunca guardo para mim. Muitas pessoas falavam que eu sou muito generoso, que às vezes precisava me segurar mais. Eu respondo que conhecimento é feito para ser partilhado. Dividindo é que a gente cresce”, afirma.

BRASIL, MOSTRA A TUA CARA

Se o Brasil tem tantas histórias incríveis, sustentabilidade na produção e ainda muito espaço para crescer em diversidade, o que falta para mudar de vez o olhar de quem enxerga o país apenas como produtor de volume?

“Qual é o nosso problema? É que quem compra, que é o profissional que sabe de

**CADA VEZ
MAIS PERTO
dos profissionais
de Engenharia,
Agronomia e
Geociências.**



Em 2025, a Mútua-ES se **destacou** por apoiar profissionais em todo o estado, ampliando sua presença e relevância.

Se você ainda não conhece, saiba que a **Mútua-ES oferece:**

- » Plano de saúde
- » Benefícios sociais
- » Seguros
- » Benefícios reembolsáveis em forma de empréstimo, para investir na sua carreira, empresa ou te apoiar nos momentos necessários.

A Mútua é a mão amiga que você pode contar, sempre ao seu lado. **E em 2026, será ainda melhor!**

Vem para a Mútua você também. A casa é sua!

Saiba mais:



café, entende o quanto o Brasil é profissional e, por isso, compra mais. Mas o grande público consumidor ainda não sabe. Nós estamos nos comunicando mal. Temos o Código Florestal mais exigente do mundo. Temos uma legislação trabalhista que, comparada com as demais, é das mais rigorosas. Mantemos sistemas de rastreabilidade e certificações socioambientais. É muito robusto. Mas o grande público não sabe disso", aponta o vice-presidente da BSCA.

Uma das formas de reverter essa percepção é aproximar compradores das origens e estimular que essas histórias sejam contadas. Uma dessas ações foi promovida pela Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (ApexBrasil) na SIC 2025, que trouxe 24 compradores estrangeiros vindos de países como Estados Unidos, Portugal, Polônia, Rússia, Emirados Árabes Unidos, África do Sul, Índia e China.

Outro comprador presente no evento foi Otávio Sandrin, gerente comercial da Capricórnio Coffees. "O Brasil tem uma vantagem competitiva muito forte em relação a outras origens, porque temos vários terroirs dentro de um único país. Isso é incrível. São diversas regiões e perfis sensoriais, sabores diferentes. E isso impressiona", avalia.

Segundo Sandrin, os cafés brasileiros têm ganhado cada vez mais visibilidade lá fora. "Participamos de vários eventos no exterior e vemos o mercado buscando esses cafés e se impressionando com a qualidade do café brasileiro."

Quando necessário, o trader costuma conduzir exercícios de cupping às cegas com clientes e parceiros. "Na hora em que ele prova, não falamos a origem. E, quando revelamos que é um café do Brasil, eles ficam chocados. Dizem que poderia ser uma bebida da Etiópia, do Quênia. E a gente fica orgulhoso do trabalho dos produtores brasileiros."

Além da qualidade, Sandrin reforça outro diferencial: "O Brasil tem o componente da consistência. Quando o cliente prova algo, ele quer voltar ao mesmo lugar e repetir aquela experiência. O Brasil consegue entregar isso."

Para Saldanha, a forma como o Brasil é visto lá fora evoluiu muito, especialmente a partir dos anos 2000. "A mudança é gigantesca. Com a extinção do IBC na década de 1990, os fundadores da BSCA tiveram a visão de que o Brasil também tinha cafés especiais e precisava mostrar isso. E os primeiros impactos foram ouvir dos compradores, que provavam esses cafés e diziam: 'Mas isso não é café do Brasil!?'".

Ainda assim, há uma longa trilha para mostrar todo o potencial e a pluralidade do país. "O trabalho nas lavouras, a tecnologia genética com o meio ambiente, as novas gerações — filhos, filhas e produtores voltando para as propriedades, colaboradores sendo treinados — tudo isso está criando um pacote de mais qualidade, mais consistência e mais perfis", lembra o executivo.

Ele reforça que, embora o comprador profissional já tenha esse entendimento, o consumidor final ainda não tem. "E é aí que mudanças como o novo protocolo do CVA entram. O novo padrão carrega rastreabilidade e sustentabilidade para que essas informações cheguem ao consumidor final", completa o vice-presidente da BSCA.

E isso vale não só para consumidores estrangeiros, mas também para os brasileiros que começam a descobrir o valor de um café especial.

Para Sandrin, é animador ver que a cena do café especial está mudando também no Brasil. "Muitas pessoas costumam dizer que o café bom é todo exportado. Mas eu consigo provar que não. Há muitas torrefações que fazem um trabalho magnífico. Há algumas semanas, participamos do concurso de café do Norte Pioneiro do Paraná, por exemplo, e arrematamos vários lotes — e um já vai ficar aqui. É uma cultura que precisamos desenvolver, e muito trabalho tem sido feito. Vem mudando. Estamos nessa luta também para mudar", conclui.



RURALMAC

TORRADORES PARA PESSOAS EXIGENTES!



Escaneie e
conheça
melhor nossa
empresa.

ruralmac.com.br



A close-up photograph of several oranges hanging from a tree branch. The oranges are ripe, with a mix of orange and green colors. The background is filled with green leaves, creating a lush, organic feel.

A NOVA SAFRA DOS CITROS DO ES: RECUO, DESAFIOS E FORÇA PRÓDUTIVA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de laranja no Espírito Santo encerrou 2024 com retração após dois anos de alta. Os produtores do estado colheram 19,8 mil toneladas, queda de 18% em relação a 2023. A redução reflete a diminuição da área colhida, que passou de 1.803 para 1.690 hectares, e a queda do rendimento médio, que recuou de 13.447 kg/ha para 11.749 kg/ha.

Os dados mostram que a cadeia apresentou crescimento consistente entre 2017 e 2023, período em que a área aumentou 35% e a produção avançou 31%. O ponto mais alto da série foi em 2023, com 24,2 mil toneladas. Em 2024, o desempenho menor está associado a condições climáticas adver-

sas e à variação natural das lavouras, mas não altera a tendência de estabilidade da citricultura capixaba ao longo da década.

Entre 2014 e 2024, a produção manteve-se relativamente equilibrada, variando entre 15 mil e 24 mil toneladas, com rendimento médio sempre próximo de 13 mil kg/ha.

A atividade permanece distribuída em diferentes regiões. Em 2024, Pinheiros liderou a produção, com 3.040 toneladas (15,31%), seguido por Linhares (1.800 t), Jerônimo Monteiro (1.710 t), São Domingos do Norte (1.060 t) e Marataízes (1.050 t). Juntos, esses cinco municípios concentraram 43,6% de toda a laranja produzida no estado.

• LIMÃO: ESTABILIDADE E AVANÇO DA ÁREA

A cadeia do limão no Espírito Santo registrou leve retração em 2024, mas manteve o padrão de crescimento que marcou a última década. O estado produziu 20,6 mil toneladas — volume inferior ao de 2023, quando a colheita atingiu 21,8 mil toneladas, mas ainda acima da média observada entre 2014 e 2019.

ESPÍRITO SANTO REGISTRA QUEDA NA PRODUÇÃO DE LARANJA EM 2024 APÓS SEQUÊNCIA DE ALTAS, MAS MANTÉM BASE PRODUTIVA ESTÁVEL E BEM DISTRIBUÍDA NO ESTADO



FOTO WENDERSON ARAUJO / SISTEMA CNA/SENAR

Municípios mais representativos na produção de limão em 2024

Município	Produção (t)	(%)
São Mateus	4.360	21,16%
Linhares	3.133	15,20%
Itarana	2.475	12,01%
Pinheiros	2.400	11,65%
Pedro Canário	1.800	8,74%
Jaguaré	1.126	5,46%
Viana	420	2,04%
Sooretama	411	1,99%
Guarapari	374	1,82%
Conceição do Castelo	351	1,70%
Vila Velha	330	1,60%
Santa Leopoldina	292	1,42%
Itaguaçu	270	1,31%
Coletina	240	1,16%
Presidente Kennedy	225	1,09%
Santa Teresa	224	1,09%
Alfredo Chaves	220	1,07%
Domingos Martins	205	0,99%
Cachoeiro de Itapemirim	200	0,97%
Mimoso do Sul	168	0,82%
Marechal Floriano	140	0,68%
Afonso Cláudio	131	0,64%
Rio Novo do Sul	125	0,61%
Muniz Freire	120	0,58%
Cariacica	120	0,58%
Santa Maria de Jetibá	90	0,44%
Nova Venécia	90	0,44%
Conceição da Barra	81	0,39%
São José do Calçado	80	0,39%
Fundão	78	0,38%
Águia Branca	64	0,31%
Itapemirim	40	0,19%
Guacuí	40	0,19%
Venda Nova do Imigrante	30	0,15%
Ibatiba	30	0,15%
Atílio Vivácqua	25	0,12%
Serra	24	0,12%
Iconha	20	0,10%
Alegre	20	0,10%
Iúna	15	0,07%
Apiaçá	10	0,05%
Muqui	9	0,04%
Total	20.606	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Limão			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	563	12.375	21.980
2015	645	14.570	22.589
2016	647	12.258	18.946
2017	571	11.963	20.951
2018	675	14.046	20.809
2019	664	14.355	21.619
2020	757	17.289	22.839
2021	867	19.768	22.800
2022	937	21.230	22.657
2023	969	21.860	22.559
2024	980	20.606	21.027

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

A área colhida, por sua vez, seguiu em expansão. Em 2014, o cultivo ocupava 563 hectares; em 2024, atingiu 980 hectares, o maior patamar da série histórica. Esse avanço indica aumento do interesse pela cultura, fortalecido pela adaptação do limoeiro às condições climáticas capixabas e pela diversificação da fruticultura regional.

O rendimento médio apresentou oscilação ao longo da década. Após alcançar picos próximos de 23 mil kg/ha entre 2015 e 2021, o indicador recuou para 21.027 kg/ha em 2024, reflexo de variações climáticas e da alternância natural das plantas cítricas.

A produção é concentrada em polos consolidados do Norte e Noroeste do estado. Em 2024, São Mateus liderou com 4.360 toneladas (21,16%), seguido por Linhares (3.133 t), Itarana (2.475 t), Pinheiros (2.400 t) e Pedro Canário (1.800 t). Juntos, esses cinco municípios responderam por 68% do total produzido no Espírito Santo.

Mesmo com leve queda na safra de 2024, a citricultura de limão permanece em trajetória de fortalecimento no estado, com expansão de área, crescente diversificação territorial e bom nível de produtividade.



TANGERINA: EFICIÊNCIA NAS MONTANHAS

A produção de tangerina no Espírito Santo encerrou 2024 com retração após três anos de estabilidade. O estado colheu 27,5 mil toneladas, queda em relação às 31,6 mil toneladas registradas em 2023. A redução acompanha a diminuição da área colhida, que passou de 1.376 para 1.344 hectares, e o recuo do rendimento médio, que caiu para 20.481 kg/ha.

A série histórica revela grande variação ao longo da década. O ponto de maior produção foi 2020, quando o estado alcançou 37,9 mil toneladas. Desde então, a tangerina mantém um padrão de produtividade elevado — entre 20 mil e 23 mil kg/ha — e uma área plantada relativamente estável, oscilando pouco acima de 1.300 hectares.

A cultura é caracterizada por forte concentração regional. Em 2024, Domingos Martins respondeu sozinho por quase metade de toda a produção estatal, com 13.260 toneladas (48,17%). Na sequência aparecem Santa Leopoldina (2.240 t), Marechal

Floriano (2.131 t), Conceição do Castelo (1.854 t) e Alfredo Chaves (1.220 t), que completam o núcleo produtivo das áreas altas do Espírito Santo.

As condições de altitude, clima ameno e tradição de cultivo fazem da região um território especialmente favorável à tangerina, garantindo frutos de qualidade e rendimento estável mesmo em anos de alternância natural das plantas.

DESAFIOS E RETOMADAS

Segundo Flávio de Lima Alves, pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), entre 2001 e 2008, a citricultura capixaba enfrentou um dos períodos mais críticos de sua história, marcado pela erradicação de pomares devido à pinta preta e pela necessidade de substituir o porta-enxerto limão-cravo, altamente suscetível à morte súbita que avançava sobre pomares de São Paulo e Minas Gerais.

Apesar de existir controle para a pinta preta, a doença ainda preocupa técnicos e agricultores; por

Municípios mais representativos na produção de tangerina em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Domingos Martins	13.260	48,17%
Santa Leopoldina	2.240	8,14%
Marechal Floriano	2.131	7,74%
Conceição do Castelo	1.854	6,74%
Alfredo Chaves	1.220	4,43%
Venda Nova do Imigrante	1.055	3,83%
Guarapari	884	3,21%
Muniz Freire	680	2,47%
Pinheiros	660	2,40%
Linhares	570	2,07%
Santa Teresa	510	1,85%
Santa Maria de Jetibá	400	1,45%
Viana	255	0,93%
Fundão	255	0,93%
Castelo	228	0,83%
Cariacica	216	0,78%
Afonso Cláudio	196	0,71%
Vargem Alta	125	0,45%
Água Doce do Norte	112	0,41%
Iconha	98	0,36%
Cachoeiro de Itapemirim	90	0,33%
Mimoso do Sul	83	0,30%
São Mateus	82	0,30%
São José do Calçado	70	0,25%
Alegre	60	0,22%
Atilio Vivácqua	42	0,15%
Brejetuba	40	0,15%
Muqui	34	0,12%
Jerônimo Monteiro	26	0,09%
Ibatiba	20	0,07%
Guaçuí	15	0,05%
Boa Esperança	15	0,05%
Total	27.526	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Tangerina

Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	1.262	26.360	20.887
2015	1.307	24.358	18.637
2016	1.299	25.701	19.785
2017	1.308	29.041	22.203
2018	1.329	22.677	17.066
2019	1.278	23.730	18.568
2020	1.365	37.922	27.782
2021	1.377	30.332	22.028
2022	1.405	30.936	22.018
2023	1.376	31.641	22.995
2024	1.344	27.526	20.481

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

FOTO WENDERSON ARAUJO / SISTEMA CNA/SENAF



outro lado, o Espírito Santo permanece livre do *greening*, cuja transmissão depende de um inseto associado à murta e não encontrado no território capixaba.

Para o pesquisador, além dos desafios fitossanitários e do alto custo de produção — pressionado pela escassez e pelo preço da mão de obra —, pesa também a falta de orientação alimentar da população. “Estimular o consumo de frutas cítricas é, segundo ele, parte essencial da retomada da competitividade, sobretudo diante da concorrência de produtos vindos de outros estados”.

ENTRE 2001 E 2008, A CITRICULTURA CAPIXABA ENFRENTOU UM DOS PERÍODOS MAIS CRÍTICOS DE SUA HISTÓRIA, MARCADO PELA ERRADICAÇÃO DE POMARES DEVIDO À PINTA PRETA



Folheando o que aí, hein?!

**Relaxa, essa fiscalização
a gente não faz.**

O agente fiscal do Crea-ES garante que só *profissionais registrados* atuem onde *a segurança não pode falhar*.

**Sem palpite.
Fiscalização
é segurança.**

CONFEA
Conselho Federal de Engenharia
e Agronomia



CREA-ES
Conselho Regional de Engenharia e
Agronomia do Espírito Santo



mutua
Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea



PRODUTORES CAPIXABAS RECORREM À SUBENXERTIA PARA SALVAR POMARES DE LARANJA

Um problema silencioso, mas de grande impacto para a citricultura capixaba, tem mobilizado produtores capixabas, especialmente de Linhares. Mudas de laranja comercializadas com porta-enxertos inadequados, resultando em incompatibilidade entre copa e cavalo e comprometendo o desenvolvimento das plantas. Em alguns casos, citricultores têm sido obrigados a realizar subenxertia para evitar a perda total dos pomares.

A situação foi registrada recentemente em um pomar de Linhares. Mudas de Valéncia Tuxpan (uma variedade de laranja doce tardia, desenvolvida pela Embrapa como alternativa à clássica laranja-pera) enxertadas em porta-enxerto

índio (Citrandarin Índio), apresentaram problemas graves de compatibilidade. Segundo Flávio de Lima Alves, pesquisador do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper), a falha é recorrente sempre que a combinação genética não é adequada.

O problema se traduz em troncos rachados, engrossamentos anômalos e falhas de condução, sinais clássicos da incompatibilidade entre copa e cavalo. Ele acontece também entre as cultivares de laranja-pera e os porta-enxertos híbridos: Citrandarins Riverside, Índio, San Diego, e Citromello Swingle.

“A inadequação de enxertia fez com que produtores de Linhares fossem obrigados a subenxertar milhares de árvores após receberem mudas com porta-enxerto incorreto”, explica o pesquisador.

Para evitar perdas, segundo o pesquisador, é necessário um trabalho intensivo de subenxertia. A técnica trata de adicionar um segundo porta-enxerto (um cavalo) abaixo do enxerto principal. Isso cria um sistema radicular duplo para melhorar a resistência a doenças do solo ou salvar plantas danificadas. No procedimento usado nos laranjais capixabas, dois novos cavalos são colocados lateralmente no tronco para restabelecer o fluxo de seiva e devolver estabilidade à planta.

FOTO WENDERSON ARAUJO / SISTEMA CNA/SENAF



**CITRICULTORES
ENFRENTAM PERDAS E
RECORREM À SUBENXERTIA
APÓS RECEBEREM MUDAS
COM COMBINAÇÕES
INADEQUADAS ENTRE COPA
E CAVALO, ESPECIALMENTE
EM LINHARES**

MUDAS E SUBENXERTIA DE LARANJA

Segundo o pesquisador, a combinação Valência Tuxpan x Índio tem apresentado problemas onde quer que tenha sido plantada. Por isso, ele reforça a necessidade de o produtor adquirir mudas somente em viveiros certificados, que garantem rastreabilidade e seleção adequada das combinações copa-cavalo. A subenxertia, ressalta, apesar de eficaz como medida corretiva, demanda mão de obra especializada, tempo de recuperação e custo adicional. Isso reforça a importância da escolha correta dos materiais genéticos desde o início.

“O Espírito Santo possui viveiros com longa tradição na produção de mudas cítricas de alta qualidade. Não há necessidade de importar mudas de outros estados. O fundamental é que o produtor faça o planejamento do pomar. Além disso, recomendo encoriar as mudas com, no mínimo, um ano e meio de antecedência ao plantio. É preciso evitar, a todo custo, a compra de mudas de última hora, especialmente de regiões externas”, avalia Flávio de Lima Alves.

Ele alerta também que as mudas sem procedência podem gerar outros problemas graves. “Hoje, milhares de estabelecimentos comercializam mudas terceirizadas, o que dificulta a fiscalização. Esse tipo de prática representa um risco enorme para a citricultura capixaba como um todo. Ela aumenta a possibilidade de introdução inadvertida do *greening*, uma das doenças mais destrutivas da cultura”, conclui.

Laranja			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	1.240	16.984	13.697
2015	1.201	15.369	12.797
2016	1.231	15.798	12.833
2017	1.339	18.518	13.830
2018	1.350	18.633	13.802
2019	1.354	17.305	12.781
2020	1.437	18.410	12.811
2021	1.535	20.173	13.142
2022	1.817	24.182	13.308
2023	1.803	24.245	13.447
2024	1.690	19.856	11.749

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção de laranja em 2024		
Município	Produção (t)	(%)
Pinheiros	3.040	15,31%
Linhares	1.800	9,07%
Jerônimo Monteiro	1.710	8,61%
São Domingos do Norte	1.060	5,34%
Marataízes	1.050	5,29%
Jaguaré	947	4,77%
Domingos Martins	813	4,09%
Santa Leopoldina	720	3,63%
Alfredo Chaves	677	3,41%
Sooretama	606	3,05%
Viana	400	2,01%
Vila Valério	384	1,93%
Aracruz	360	1,81%
Vargem Alta	340	1,71%
Colatina	320	1,61%
Santa Teresa	300	1,51%
São José do Calçado	286	1,44%
Presidente Kennedy	285	1,44%
Guaçuí	276	1,39%
Guarapari	273	1,37%
Nova Venécia	270	1,36%
Alegre	255	1,28%
Muniz Freire	240	1,21%
Dores do Rio Preto	240	1,21%
Santa Maria de Jetibá	224	1,13%
Mimoso do Sul	216	1,09%
Água Doce do Norte	207	1,04%
São Mateus	198	1,00%
Mantenópolis	196	0,99%
Marechal Floriano	180	0,91%
Iconha	175	0,88%
Fundão	150	0,76%
Castelo	132	0,66%
Rio Novo do Sul	120	0,60%
Muqui	120	0,60%
Cariacica	120	0,60%
Itarana	105	0,53%
Atílio Vivácqua	100	0,50%
Cachoeiro de Itapemirim	90	0,45%
Águia Branca	90	0,45%
Serra	80	0,40%
Ecoporanga	80	0,40%
Apiaçá	80	0,40%
Conceição do Castelo	75	0,38%
Afonso Cláudio	70	0,35%
São Gabriel da Palha	60	0,30%
Ibatiba	60	0,30%
Bom Jesus do Norte	58	0,29%
Itapemirim	50	0,25%
Venda Nova do Imigrante	48	0,24%
São Roque do Canaã	30	0,15%
Divino de São Lourenço	30	0,15%
Boa Esperança	25	0,13%
Ibitirama	21	0,11%
Baixo Guandu	14	0,07%
Total	19.856	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

FAES E SENAR-ES: QUANDO O CAMPO CAPIXABA RECEBE CUIDADO, CONHECIMENTO E FUTURO

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Em 2025, o Senar-ES deu início ao Programa Saúde no Campo, um movimento que chega de porta em porta nas comunidades rurais levando acolhimento, prevenção e presença — algo que, para muitas famílias, ainda parecia distante. As visitas domiciliares levam mais do que serviços: levam alívio, dignidade e a sensação de que o campo também merece ser prioridade.

O impacto não começou agora. Em 2024, mais de 2.000 pessoas foram atendidas pelo Programa de Saúde do Homem e da Mulher Rural. Em cada ação, histórias se transformam. Em 2025, foram mais de 1.300 atendimentos em quatro eventos.

“Em vários municípios, vimos pessoas receberem próteses dentárias que mu-

PROGRAMAS DO SENAR-ES E DA FAES LEVAM SAÚDE, CONHECIMENTO E GESTÃO ÀS COMUNIDADES RURAIS, FORTALECENDO FAMÍLIAS, SUCESSÃO NO CAMPO E O FUTURO DO AGRO CAPIXABA

daram não só o sorriso, mas a autoestima. É emocionante ver alguém com uma nova expressão de esperança”, lembra o presidente da Faes, Júlio Rocha.

Essa mesma energia de transformação pulsava nos programas que fortalecem as famílias e os negócios rurais. O Mulheres em Campo desperta talento, liderança e autonomia em produtoras e trabalhadoras rurais. Já o Herdeiros do Campo ajuda famílias a organizarem a sucessão, garantindo que cada propriedade continue sendo palco de histórias, tradições e novos sonhos.

Na gestão e no desenvolvimento das propriedades, a Assistência Técnica e Gerencial (ATeG) tornou-se uma aliada indispensável. Com acompanhamento individual por dois anos, o programa já levou conhecimento prático e orientação para mais de 7.000 produtores, somando mais de 135 mil visitas. Em 2025, mais de 30 mil visitas, em 74 municípios, ajudaram a escrever capítulos de progresso nas lavouras e na vida das famílias.

O Sistema também promove conhecimento para todas as idades. Para jovens, há mais de cem capacitações que abrem caminhos, da

FOTOS DIVULGAÇÃO FAES/SENAR-ES



informática às máquinas agrícolas. Para quem quer formação técnica, cursos de Agronegócio, Zootecnia, Fruticultura, Agricultura e Segurança do Trabalho no Agro, reconhecidos pelo MEC e CFTA, oferecem base sólida para quem deseja construir carreira no campo.

E é impossível falar de transformação sem mencionar o Agrinho. O programa, que mobilizou mais de 76 mil crianças e jovens em 2025, desperta senso crítico, criatividade e protagonismo social. O tema “Tecnologia que transforma o campo” convidou os estudantes a olhar para o futuro sem perder a raiz — e isso diz muito sobre o espírito do Senar-ES.

Para Júlio Rocha, presidente da Faes, esse conjunto de ações forma uma rede que honra e fortalece a vida no campo.

“Muitas pessoas ainda precisam de conteúdos que mudem sua realidade sociocultural e econômica. E não há transformação possível se tratarmos apenas uma parte da vida rural. Tudo é conectado”, destaca.

Assim, a Faes e o Senar-ES seguem firmes em sua missão: cuidar das pessoas, fortalecer o agro e fazer do campo capixaba um lugar de oportunidade, orgulho e futuro.

Porque quando o conhecimento chega, a saúde acontece, a gestão melhora, a comunidade cresce e o campo inteiro floresce.





QUANDO O CRÉDITO VIRA FUTURO

DE EDUCADOR FÍSICO A AGRICULTOR: RAFAEL CALDONHO TROCOU OS TÊNIS DE CORRIDA PELAS BOTAS DE BORRACHA E, COM APOIO DO COOPERATIVISMO, VENCEU DESAFIOS NA LAVOURA DE BANANA E CAFÉ

FOTO DIVULGAÇÃO/SICOOB ES

**CASOS COMO OS DE
FABIANI, RAFAEL E
JOÃO MOSTRAM COMO
O COOPERATIVISMO DE
CRÉDITO SE TORNOU
UM CATALISADOR DE
DESENVOLVIMENTO
NO ESPÍRITO SANTO,
CONECTANDO HISTÓRIAS
DE DIFERENTES GERAÇÕES
E REALIDADES, MAS SEMPRE
COM UM ELO EM COMUM:
A COOPERAÇÃO COMO
FORÇA DE MUDANÇA**



**COM CORAGEM E PROPÓSITO,
FABIANI ENCONTROU NO CAMPO E NO
COOPERATIVISMO A CHANCE DE REINVENTAR
SONHOS E CULTIVAR NOVAS OPORTUNIDADES**

ROSIMERI RONQUETTI

jornalismo@conexaosafra.com

Na zona rural do Espírito Santo, três trajetórias se entrelaçam ao redor de uma mesma força silenciosa e transformadora: o cooperativismo de crédito. Em Colatina, Iconha e Pancas, jovens agricultores resgatam raízes, reinventam atividades e consolidam novos modelos de desenvolvimento a partir da confiança e do apoio de cooperativas como o Sicoob, o Sicredi e a Cresol.

Filha de agricultores, Fabiani Reinholtz deixou o interior para estudar engenharia. Como tantos jovens, acreditava que a vida no campo não poderia garantir estabilidade financeira. Mas a realidade bateu à porta em forma de urgência familiar. O diagnóstico precoce de Parkinson do pai, agravado pelo uso intensivo de agrotóxicos na lavoura, levou Fabiani a tomar uma decisão difícil, mas necessária: retornar ao campo.

“Descobrimos a doença muito precoce, que teve um aceleramento grande, principalmente por causa do uso de agrotóxicos na propriedade”, relata Fabiani. Foi esse alerta que motivou uma mudança radical na gestão da propriedade da família em Colatina. Com espírito empreendedor,

ela iniciou uma transição para práticas sustentáveis e encontrou no cacau fino uma nova vocação produtiva e ambiental.

Assim nasceu a Reinholtz Chocolate, um negócio que alia produção de cacau a uma fábrica de chocolates finos, sustentado por práticas regenerativas, energia solar e compostagem. “A fábrica se sustenta hoje por causa da energia que nós mesmos geramos, graças à parceria com o Sicoob”, afirma a produtora, que hoje colhe os frutos de um processo que une inovação, responsabilidade e conexão com a terra.

O projeto foi reconhecido nacionalmente neste ano com o Prêmio Produtor Rural Sustentável, promovido pelo Sicoob nacional, que valoriza práticas agrícolas alinhadas ao desenvolvimento socioambiental. A diretora operacional do Sicoob Conexão, Michelle Sabaini Calmon Manzoli, reforça o impacto da história. “Essa é uma trajetória que inspira pela coragem, pela inovação e pelo compromisso com a sustentabilidade. Para o Sicoob, é gratificante fazer parte de histórias que conectam pessoas, propósito e transformação no campo.”

SUPERANDO BARREIRAS COM COOPERAÇÃO

Do outro lado do estado, em Iconha, Rafael Bianchini Caldonho (na foto que abre esta reportagem) também protagoniza uma virada de chave. Educador físico por formação, Rafael lecionava na rede pública e integrava delegações paraolímpicas estaduais e nacionais. Ainda assim, mantinha viva a vontade de cultivar a terra, desejo herdado da família e cada vez mais forte com o passar do tempo.

Há quatro anos, Rafael decidiu trocar os tênis de corrida pelas botas de borracha. Iniciou o plantio de banana e café conilon em área montanhosa e, com apoio familiar, investiu pesado em tecnologia desde o início. Mas a topografia acidentada tornava a logística um desafio. Sem acesso adequado, a lavoura dependia de um veículo improvisado e inseguro, conhecido como “aranha” — um chassi de Fusca adaptado que limitava transporte, aumentava custos e colocava em risco a segurança no campo.

“O maior desafio com relação ao uso da aranha era a logística, pois não comportava uma grande quantidade de carga ou peso. Muitas vezes não conseguia carregar insumos suficientes para o trabalho quando estava com vários colaboradores na lavoura. Isso ocasionava perda de rendimento

e atrasava cronogramas de pulverizações, adubações e aplicação de agroquímicos”, explica Rafael, hoje com 27 anos.

Ao conhecer o Sicredi, com agência na cidade desde fevereiro, o jovem encontrou um parceiro para transformar o cenário. Com o apoio de um técnico agrícola e acompanhamento especializado, ele obteve financiamento via Pronaf e adquiriu sua primeira caminhonete 4x4 zero quilômetro.

A mudança foi imediata. “Agora, faça chuva ou faça sol, eu consigo trabalhar com mais produtividade e qualidade de vida. Isso não tem preço”, comemora.

Sobre essa proximidade, o gerente de Negócios Agro do Sicredi em Iconha, Eduardo Oza, reforça que o diferencial do cooperativismo está justamente na relação de confiança e no acompanhamento constante. “Por estarmos próximos do associado, conhecemos sua realidade, seu jeito de ser e suas raízes. O cooperativismo respeita os processos e se preocupa não somente com o resultado, mas com todo o caminho até a liberação do crédito e, principalmente, com o suporte após a concessão, seja por meio de orientações financeiras e profissionais ou da troca de ideias. É no dia a dia, olhando no olho.

JUVENTUDE E INOVAÇÃO NO AGRO

Em Larginha, distrito de Pancas, noroeste capixaba, outro jovem reforça como o cooperativismo abre portas. João Carlos Schwartz, também de 27 anos, assumiu a propriedade da mãe após a separação dos pais e encontrou no café uma oportunidade de transformação.

“Na época eu tinha apenas 20 anos quando minha mãe me pediu para assumir o terreno. A situação era bem precária, porque meu pai havia começado a abandonar a propriedade. Tive que investir muita mão de obra para renovar as lavouras, cortar e deixar brotos novos, além de limpar os matos que tinham tomado conta. Naquele

HÁ QUATRO ANOS, RAFAEL DECIDIU TROCAR OS TÊNIS DE CORRIDA PELAS BOTAS DE BORRACHA. INICIOU O PLANTIO DE BANANA E CAFÉ CONILON EM ÁREA MONTANHOSA E, COM APOIO FAMILIAR, INVESTIU PESADO EM TECNOLOGIA DESDE O INÍCIO

ínicio, a produção girava em torno de 400 sacas, mas hoje já alcancei colheitas de até 1.100 sacas nas mesmas áreas”, lembra João.

Aos poucos, o Sítio Schwartz deixou de ser deficitário e passou a render colheitas que hoje sustentam a família. Mais do que isso, o trabalho de João ajuda a pagar a faculdade de medicina da irmã. “É muita satisfação e orgulho. Só quem viveu perto sabe como foi difícil e, graças a Deus, estamos nos erguendo”, afirma.

O apoio da Cresol foi essencial nessa caminhada. Além de financiar custeio agrícola, a cooperativa possibilitou que João adquirisse um drone, ampliando a eficiência no manejo do café e abrindo um novo mercado de serviços para outros produtores. “Graças à Cresol conquistamos uma tecnologia de ponta para elevar ainda mais nossas produções”, destaca.

Entre pulverizações ao amanhecer e fins de semana dedicados ao motocross e ao voo livre, o jovem agricultor projeta o futuro com confiança. “Minha vida sempre será do agro, mas pretendo continuar expandindo e agora, com o drone, abrimos uma microempresa para atender outros produtores também”, planeja.

Para o presidente do Sistema OCB/ES, Pedro Scarpi Melhorim, histórias como as de Fabiani, Rafael e João Carlos demonstram o quanto o cooperativismo de crédito é um verdadeiro agente de transformação social e econômica. “As cooperativas de crédito desempenham um papel fundamental em todos os lugares em que estão inseridas, inclusive no campo. Lá, elas são financiadoras de projetos e de sonhos, permitindo que produtores possam acessar crédito com taxas muito mais justas e competitivas. Isso é tão verdade que o cooperativismo financeiro está entre os maiores repassadores de crédito rural do estado”.

A relevância apontada por Melhorim é confirmada pelos dados divulgados no Anuário do Cooperativismo Capixaba 2025 (OCB/ES). Entre 2022 e 2024, o faturamento do ramo cresceu de R\$ 3,9 bilhões para R\$ 6,5 bilhões, um salto de 67,5%. No mesmo período, as operações de crédito registraram forte crescimento, com destaque para o crédito rural, que avançou 31,2% entre 2022 e 2023 e mais 11,2% no ano seguinte, chegando a R\$ 1,9 bilhão. Mesmo diante da retração de 18,4% nas operações de crédito não-rural entre 2023 e 2024, o resultado evidencia a força do cooperativismo

FOTO ACERVO PESSOAL



COM APENAS 20 ANOS, JOÃO CARLOS SCHWARTZ ASSUMIU A PROPRIEDADE DA FAMÍLIA, RENOVOU LAVOURAS DE CAFÉ E HOJE, AOS 27, COLHE RESULTADOS QUE SUSTENTAM A CASA E FINANCIAM O SONHO DA IRMÃ NA UNIVERSIDADE

financeiro e sua contribuição crescente para o desenvolvimento do campo capixaba.

Ainda de acordo com o presidente do Sistema OCB/ES, para os jovens agricultores, as cooperativas de crédito são verdadeiras parceiras na modernização e no desenvolvimento das suas propriedades. “É lá que eles encontram as melhores condições para investir no seu negócio, uma tarefa que não contribui apenas para o seu ganho direto, mas que beneficia todo o campo, pois profissionaliza as produções, melhora as condições de vida da localidade e contribui até para o processo de sucessão familiar”, afirma.

ANTES DE SER SEMENTE, O AGRO É GENTE



A JORNALISTA KÁTIA QUEDEVEZ,
EDITOR DA CONEXÃO SAFRA E DO
ANUÁRIO DO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

O ano de 2025 marcou uma virada importante: nunca o público esteve tão atento aos conteúdos que tratam das pessoas por trás do agronegócio. O site e as redes sociais alcançaram recordes históricos de audiência, impulsionados, principalmente, por duas reportagens que extrapolaram a esfera produtiva e tocaram questões profundas do campo: sucessão familiar e saúde mental.

**SUCESSÃO FAMILIAR E SAÚDE MENTAL NO
CAMPO PUXARAM RECORDES DE LEITURA
E ENGAJAMENTO EM 2025 E ORIENTARÃO A
COBERTURA JORNALÍSTICA DE 2026
NA CONEXÃO SAFRA**

Esses temas não apenas mobilizaram leitores, como também se consolidaram como pilares da agenda editorial para 2026. Ambas as matérias foram capas de edições recentes: a edição 61, dedicada à sucessão familiar, conquistou o primeiro lugar na categoria Texto do Prêmio de Jornalismo Cooperativista 2025; já a edição 62, sobre saúde mental, abriu espaço para um debate urgente sobre bem-estar, rotina rural e vulnerabilidades que atravessam o cotidiano das famílias agricultoras.

“O agronegócio não se resume ao ato de plantar, aos dados ou à produtividade. Há temas que dizem respeito a todas as pessoas, em qualquer lugar, porque são inerentes à própria condição humana. No campo, esses desafios se intensificam. Pesam a pressão climática, o uso inadequado de defensivos, a falta de equipamentos de proteção, o isolamento, a ausência de um trabalho estruturado de sucessão e a dificuldade de reconhecer o campo como um espaço de futuro, não apenas como ponto de partida para que os filhos sigam rumo às cidades”, afirma Kátia Quedevéz, editora da revista Conexão Safra e do Anuário do Agronegócio Capixaba.

Esse olhar ampliado também encontra eco em movimentos concretos de mudança. Empresas, escolas, universidades e cooperativas vêm implementando iniciativas que transformam a realidade de jovens rurais, criando oportunidades de formação, renda e permanência qualificada no campo. É um processo diretamente ligado à sucessão familiar e ao fortalecimento das comunidades, um dos maiores desafios estruturais do agro brasileiro.

Mas o avanço dessa agenda social exige outro cuidado essencial: a saúde mental do produtor e de seus filhos. Questões como ansiedade e depressão atravessam todos os espaços, mas ganham contornos mais complexos no meio rural, onde isolamento geográfico, pressões climáticas e incertezas de mercado intensificam vulnerabilidades.

Com a repercussão das reportagens e a resposta massiva do público, fica claro que o agro quer, e precisa, falar sobre gente. Em 2026, portanto, a sucessão familiar e a saúde mental estarão novamente no centro das histórias, ajudando a construir um retrato mais completo do campo: produtivo, sim, mas também humano, diverso e em transformação contínua.

CAMPEÃS DE AUDIÊNCIA

CONFIRA TRÊS REPORTAGENS DA CONEXÃO SAFRA QUE BRILHARAM EM 2025. PARA LER AS REPORTAGENS COMPLETAS E TER ACESSO A DADOS EXCLUSIVOS, APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA OS QR CODES ABAIXO E ACESSE



SUCESSÃO FAMILIAR NO CAMPO

UMA NOVA SAFRA: PREPARANDO OS HERDEIROS DA TERRA

MATÉRIA CAMPEÃ DA CATEGORIA IMPRESSO DO 18º PRÊMIO DE JORNALISMO COOPERATIVISTA 2025. CONHEÇA PROJETOS NO ESPÍRITO SANTO QUE INCENTIVAM A SUCESSÃO FAMILIAR NO CAMPO



DOR CALADA

SAÚDE MENTAL NO CAMPO: O SILENCIO QUE ADOECE

O SOFRIMENTO MENTAL AVANÇA SILENCIOSAMENTE NAS ÁREAS RURAIS, MARCADO POR ISOLAMENTO, ESTIGMAS E FALTA DE APOIO



CAFEICULTURA

CONILON COM AROMA DE FAMÍLIA, TRABALHO E SUCESSO

TRAJETÓRIA DOS IRMÃOS RONQUETTI RETRATA DEDICAÇÃO, RESILIÊNCIA E AMOR, SENTIMENTOS COMUNS A MUITOS PRODUTORES DE CONILON

BANESTES DIVULGA LUCRO DO TERCEIRO TRIMESTRE COM CRESCIMENTO DE 21,6% EM RELAÇÃO AO COMPARATIVO DO ANO PASSADO

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

O Banestes registrou lucro líquido de R\$ 111 milhões no terceiro trimestre de 2025 (+21,6%) e acumulou R\$ 304 milhões no ano (+17,3%), o maior resultado de sua série histórica. A carteira de crédito ampliada chegou a R\$ 15,1 bilhões em setembro, alta de 8,3% em doze meses, com destaque para a carteira comercial, que somou R\$ 12,6 bilhões (+13,2%).

Para o presidente Amarildo Casagrande, o desempenho reflete o planejamento estratégico da instituição, impulsionado pelo expressivo aumento no Crédito Rural (+33,5%), no Consignado (+8,6%) e no Capital de Giro, que beirou os R\$ 3 bilhões. O faturamento anual atingiu R\$ 4,6 bilhões (+14%), e as receitas de serviços somaram R\$ 282 milhões, puxadas pelos segmentos de seguros e cartões.

O patrimônio líquido alcançou R\$ 2,4 bilhões. Segundo o diretor Silvio Grillo, o resultado recorde decorre da expansão de receitas, bom desempenho em TVM e gestão eficiente de despesas. No ano, o banco destinou R\$

105 milhões aos acionistas e gerou R\$ 961 milhões em valor para a sociedade.

Com rating AA+ (bra) pela Fitch e perspectiva estável, o Banestes segue como o único banco presente nos 78 municípios capixabas. A base de clientes cresceu 2,2%, totalizando mais de 1,43 milhão de correntistas.

“DE CARA NOVA”

**banestes**
juntos para o futuro

Em outubro de 2025, durante a comemoração dos 88 anos do banco, o Banestes lançou uma nova identidade visual como parte de um processo de rebranding. A mudança não foi apenas estética, mas estratégica, buscando modernizar a imagem e aproximar a marca dos clientes.



AMARILDO CASAGRANDE
* PRESIDENTE DO BANESTES

PARCERIA NO CAMPO E NO DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO

Nos últimos cinco anos, o Banestes voltou a atuar de forma estratégica no mercado de Crédito Rural. Em 2020, anunciamos a abertura do Plano Safra em R\$ 200 milhões. Neste ano, com muito orgulho, disponibilizamos R\$ 1 bilhão para financiamentos no Plano Safra 2025/26.

Nossa carteira atingiu R\$ 1,15 bilhão no terceiro trimestre de 2025, um crescimento 33,5% superior em relação ao final de 2024. Este resultado é fruto do trabalho dedicado e competente das equipes Banestes, que atuam com proximidade, transparência e parceria com os produtores e cooperativas rurais, fortalecendo suas atividades agrícolas e de pecuária já consolidadas, além de incentivarem novas culturas e criações.

O agronegócio é um setor fundamental do ambiente econômico de todo o País. Neste contexto, o Banestes se destaca como parceiro estratégico na oferta de condições especiais de crédito, com taxas reduzidas e subsidiadas, que proporcionam aos produtores de todos os portes o custeio da produção e o investimento na atividade produtiva, aumentando a competitividade.

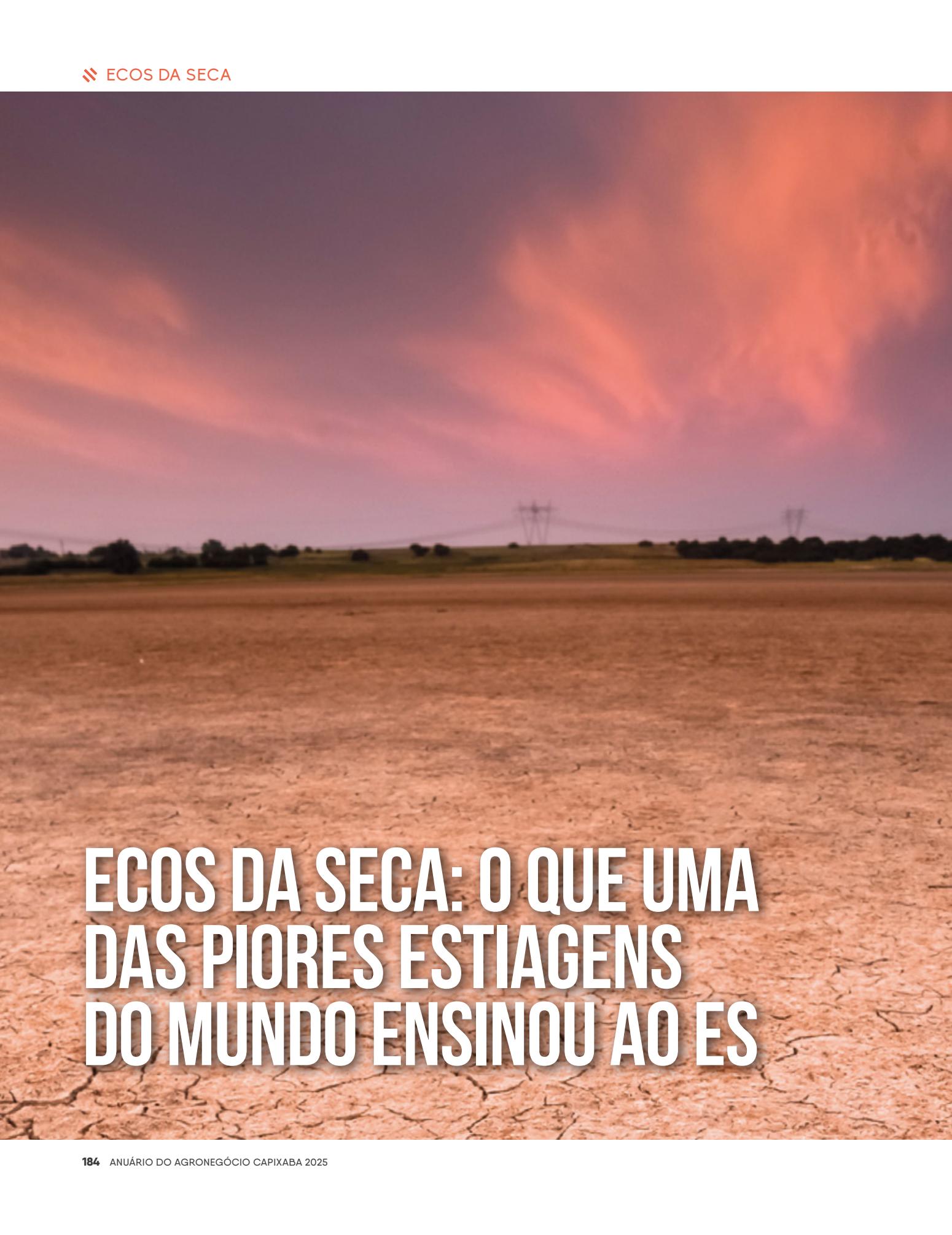
Além disso, somos a única instituição financeira que está presente em todos os municípios do Espírito Santo e, além das agências, temos diversos parceiros privados de assessoria técnica.

O Banestes permanece atento às oportunidade e às necessidades dos agricultores, acompanhando de perto as tendências tecnológicas que contribuem para o aprimoramento técnico das produções. Nossa



meta é sermos sempre e mais o melhor parceiro do campo, de Norte a Sul do Espírito Santo e também em São José do Rio Preto (SP), onde também atuamos com destaque no crédito rural.

**NOSSA CARTEIRA ATINGIU
R\$ 1,15 BILHÃO NO TERCEIRO
TRIMESTRE DE 2025, UM
CRESCIMENTO 33,5% SUPERIOR
EM RELAÇÃO AO FINAL DE 2024**



ECOS DA SECA: O QUE UMA DAS PIORES ESTIAGENS DO MUNDO ENSINOU AO ES

SOMENTE NO FINAL DE 2017 E INÍCIO DE 2018 AS CONDIÇÕES FORAM ATENUADAS DEVIDO ÀS CHUVAS ACIMA DA MÉDIA EM PARTE DAS ÁREAS MAIS CRÍTICAS

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

“Haverá ainda, no mundo, coisas tão simples e tão puras como a água bebida na concha das mãos?”

A reflexão poética de Mario Quintana leva-nos a pensar nas conexões que perdemos com a natureza e como a correria do dia a dia nos impede de desfrutar os pequenos prazeres. Num tom mais grave, alerta-nos sobre a perspectiva da ausência. O que seria do mundo se a água, fonte da vida, se tornasse escassa? É uma pergunta urgente, dado o aumento da frequência de eventos extremos de seca mundo afora.

A Organização das Nações Unidas (ONU) confirmou que 2024 foi o ano mais quente já registrado, com temperaturas médias 1,55°C acima dos níveis pré-industriais. Essa elevação térmica, combinada com a escassez de chuvas, configura uma tempestade perfeita que se manifesta em estiagens severas em diversas partes do planeta.

Um panorama recente do Monitor de Secas da Agência Nacional de Águas (ANA), referente a fevereiro de 2025, revela a extensão do problema no Brasil. Apenas áreas isoladas do Sul, Nordeste e Norte do país foram consideradas livres de seca relativa, enquanto o restante do território nacional enfrentava condições que variavam de seca fraca a grave.

O cenário brasileiro reflete uma tendência global apontada por um estudo publicado em janeiro de 2025 na revista *Science*. Pesquisadores analisaram dados entre 1982 e 2018 e identificaram 13 mil eventos de estiagem com duração mínima de dois anos em todo o mundo.

“As secas representam uma ameaça crescente com impactos sociais e ecológicos severos, desde a escassez de água potável e quebras de safra até incêndios florestais e a degradação de ecossistemas inteiros”,

alerta o estudo, enfatizando a intensificação e o prolongamento das estiagens em escala global.

A pesquisa da *Science* trouxe à luz dois eventos de seca no Brasil que se destacaram entre os mais severos do planeta. A estiagem que assolou a Amazônia Sul-Ocidental entre 2010 e 2018, abrangendo partes do Acre, Amazonas, Rondônia e Mato Grosso, classificou-se como a sétima mais grave em termos de intensidade.

O impacto da estiagem no leste do Brasil, que inclui Minas Gerais, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Paulo, foi igualmente significativo. A pesquisa revelou que a seca que atingiu essas localidades entre os anos de 2014 e 2017 ficou em nono lugar entre as dez mais severas do mundo no período analisado.

OS ANOS QUE NÃO TERMINARAM

No Espírito Santo, a estiagem foi considerada uma das piores da história. Só em 2015, a produção de conilon caiu 50%. No mesmo período, o prejuízo estimado para os produtores agrícolas foi de mais de R\$ 1,7 bilhão. Naquele cenário, a Agência Estadual de Recursos Hídricos (Agerh) editou as Resoluções 005 e 006/2015. As regras eram claras: era momento de ficarmos alertas e a prioridade da água era para matar a sede da população e dos animais.

As regiões Norte e Noroeste do Estado foram as mais afetadas pela estiagem. O antes caudaloso Rio Doce quase sumiu e grandes áreas com areia e sedimentos ficaram expostas, com apenas alguns canais estreitos de água serpenteando pela paisagem. Pinheiros, Alto Rio Novo, São Roque do Canaã, Vila Pavão e parte de Conceição da Barra, Barra de São Francisco, Ecoporanga, Fundão e Santa Teresa só poderiam captar água dos minguados rios para dessedentação.

Uma força-tarefa foi criada para fiscalizar a utilização da água em todas as bacias hidrográficas. Formada por representantes dos Comitês de Bacias, da Agerh, do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal (Idaf), do Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema), da Polícia Militar e de prefeituras, a força-tarefa verificava *in loco* se as resoluções da Agerh estavam sendo cumpridas. Em caso de desrespeito, os infratores pagariam multas de até R\$ 268 mil.

A secura instalou-se em todo lugar. No distrito de Imburana, em Ecoporanga, e em Cidade Nova da Serra, em Fundão, 100% do fornecimento para a

população foi feito por meio de carro-pipa. Na Grande Vitória, a vazão dos rios Santa Maria da Vitória e Jucu ainda era suficiente para abastecer a população, mas os níveis ficavam cada vez mais baixos e preocupantes.

O ALÍVIO CAIU DO CÉU; A SOLUÇÃO, NÃO!

Somente no final de 2017 e início de 2018 as condições foram atenuadas devido às chuvas acima da média na maior parte das áreas mais críticas do Espírito Santo. Se o alívio literalmente caiu do céu, o trabalho para mitigar impactos futuros estava só começando. No estado, foi implantado o Programa Águas Capixabas com uma série de medidas para conservação e revitalização de bacias e corpos hídricos.

Com foco prioritário em áreas de agricultura familiar, foi feito o aporte de R\$ 12 milhões para investimentos na implantação de estruturas para captação e armazenamento de água, como barragens e cisternas, além da adoção de biodigestores para melhorar as condições de saneamento ambiental. A meta do programa, que está em andamento, é elaborar projetos e implantar cerca de 26.887 estruturas em todo o Espírito Santo, beneficiando aproximadamente 4.300 propriedades rurais.

“Disponibilizamos uma linha de financiamento subsidiado para que produtores possam fazer barragens com custo baixo. É um programa muito audacioso e necessário. Não estamos afastados de sofrer uma nova estiagem prolongada, mas vamos enfrentar com menos dificuldade do que foi no passado”, disse o governador do Espírito Santo, Renato Casagrande, em um evento alusivo ao Dia Mundial da Água, comemorado em 22 de março.

A indústria também está incluída no pacote preventivo. Em abril deste ano, a Vale e o consórcio Águas de Reúso de

Vitória, subconcessionária da Companhia Espírito-santense de Saneamento (Cesan), assinaram um Memorando de Entendimentos (MoU) para reciclagem da água proveniente do tratamento de esgoto sanitário da Grande Vitória. O material será utilizado na parte operacional em Tubarão, em Vitória.

RESILIÊNCIA, CRÉDITO E TRABALHO

André Pagoto é filho de Maria de Lourdes Reboli Pagoto e Sebastião Bejamim Pagoto. Ele gerencia a propriedade rural da família, localizada em Santo Isidoro, Tiradentes, Rio Bananal. As terras foram compradas em 1976 por Sebastião. Até a década de 1990, a produção era voltada para o café arábica e o gado. Depois, a família decidiu migrar para o café conilon.

Em 2004, por meio do crédito rural do Banco do Nordeste (BNB), começaram a investir em irrigação, mas não na fonte de água. “Ainda fazíamos a captação direto no rio. Não tínhamos vazão para aumentar a área irrigada e, nos meses de estiagem, ficávamos sem água”.

Sem reservas ou barragens, a seca de 2014 a 2017 castigou a plantação. “Ficamos dois anos sem produção”, conta André, afirmando que acessaram o crédito rural na modalidade custeio para manter as atividades.

No auge da seca, o cenário era tão crítico que, segundo o superintendente estadual do BNB no Espírito Santo, Lourenzo de Oliveira, a instituição ofereceu linhas de crédito com juros mais baixos, renegociação de dívidas e bons descontos.

“Essas ações fizeram com que muitos produtores, principalmente familiares, não perdessem suas terras e pudesssem continuar no campo”, explicou, informando que o banco financiou todos os projetos ligados ao café irrigado em sua área de atuação e tem linhas especiais para os seis municípios capixabas incluídos no semiárido.

Oliveira também destacou que a prevenção também é foco do banco, por meio da política de investimento em energia solar e

a rigorosa observância da legislação ambiental em todos os financiamentos, abrangendo a proteção da mata ciliar e projetos de reflorestamento com linhas de crédito específicas. Adicionalmente, explicou, empresas com atuação na área ambiental contam com linhas diferenciadas.

Foi com foco na prevenção contra futuras secas que, em 2018, a família Pagoto decidiu investir

em uma barragem e um açude. “Apresentamos a ideia ao BNB e construímos as estruturas. Hoje, temos um sistema de irrigação excelente, com água boa, e 90% da propriedade é atendida, podendo chegar a 100%, se quisermos. Ano passado, houve um período de estiagem prolongado e não registramos impacto significativo nas lavouras”, contou André.

VOZES DA SECA

LUZENIR MATTEDI

“Meu nome é Luzenir Mattedi e, junto com minha esposa, Isabel Condi Mattedi, e o restante da minha família, trabalhamos na roça aqui no interior de Rio Bananal. Estou falando especificamente de Córrego Mattedi e Jacarandá, no interior do município. A vida toda plantamos café conilon. A pimenta, plantamos de uns dez anos para cá, mas o café vem de muito tempo, desde o meu avô, que passou para o meu pai e para mim e meus irmãos. Hoje, estamos passando esse conhecimento para nossos filhos.

Lembro-me bem daquela época. Tínhamos plantado café e pimenta. Mas a seca pegou tudo. Perto da plantação, só tínhamos uma represa, que secou. Fomos procurar um lugar para plantar e abrimos espaço perto da Lagoa das Palminhas, no Jacarandá. Na época, a Palminhas era o único lugar que tinha água. Temos outras áreas plantadas hoje, mas a nossa área mais forte é o Jacarandá mesmo, por causa da água.

Naquela época, o que estava plantado não dava pra salvar. Algumas lavouras de café nem conseguimos. Saímos de uma colheita boa, em 2013, e todo mundo estava achando que ia dar bastante café em 2014 em diante; aí veio a seca.

No Mattedi, o café ficou completamente seco, principalmente na área mais adensada, no morro. As plantas sofreram muito. E olha que plantamos o conilon, que dizem ser mais resistente. Nunca tínhamos visto uma coisa assim, nem meus tios, que já tinham



VOZES DA SECA

mais de 70 anos na época, tinham presenciado algo parecido. Até água para beber ficou difícil de encontrar.

Mas, no fim das contas, foi um aprendizado. Hoje, graças a Deus, é tudo automatizado, tudo no gotejo. E foi com aquela seca que a gente aprendeu essa lição. Na época, apertou um pouco a situação financeira. Mas foi um aprendizado. Meus irmãos, antigamente, trabalhavam comigo aqui. Hoje, trabalho com meu filho, e meus irmãos estão em outra área, no interior de Linhares.

Conseguimos modernizar nossa irrigação. O Banco do Nordeste ajudou muito a gente. Pegamos um empréstimo e estamos terminando de pagar este ano. Na época, plantamos 35 mil pés de café e quatro mil pés de pimenta. Depois disso, fizemos mais financiamentos.

Vários vizinhos aqui no Jacarandá, uns 80% deles, também estão preparados. Investiram em irrigação, barraginhas, fertirrigação – jogamos adubo junto com a nutri irrigação. E a Lagoa das Palminhas dá conta da nossa necessidade; ela tem até 20 metros de profundidade”.

FABRÍCIO CARRARETTO BARRETO

“Entre 2014 e 2017, vivemos uma situação muito crítica em uma de nossas propriedades, tanto por indisponibilidade de água quanto por restrição em períodos em que os horários para irrigação foram limitados. Na época, não tínhamos condições de aumentar a disponibilidade de água, uma vez que a perfuração de poços foi reduzida.

Naquele momento resolvemos, então, reduzir o tamanho da área plantada. Parte da lavoura não era tão produtiva, apesar de ainda ter viabilidade econômica. Mas pegamos as piores áreas e cortamos. Naquela época, chegamos a ficar com apenas 40% da área plantada. Depois da seca, em 2017, iniciamos a renovação das áreas, logo depois aumentamos o número de poços artesianos e, de lá para cá, renovamos 90% da área da propriedade.



Hoje, o que era o patinho feio do nosso negócio virou a menina dos olhos. Fizemos uma limonada com o limão e vivemos uma situação de conforto, tanto por termos aumentado a disponibilidade de água, quanto por renovar a lavoura em um momento oportuno.

Sempre nos lembramos de buscar e ter eficiência no uso da água. Já tínhamos, mas hoje estamos mais avançados no manejo da irrigação, com uso de tensiômetros digitais, para vermos a todo momento como está o nível de água na lavoura. Isso facilita o uso racional da água”.

||

A PRÓXIMA GRANDE ESTIAGEM JÁ TEM DATA PARA CHEGAR

Apesar da previsão otimista de uma década com clima estável e chuvas bem distribuídas, o meteorologista Luiz Carlos Molion fez um alerta para o futuro: uma seca severa deverá atingir o Brasil entre 2034 e 2035. A previsão, feita em abril, em uma postagem nas redes sociais, compara o evento climático aos períodos de estiagem intensa de 2014/2017 e de 1987/1988, anos de super El Niños. “Preparem-se, a próxima grande seca será entre 2034 e 2035”, enfatizou Molion, baseando sua previsão na ocorrência do fenômeno de aquecimento anormal das águas do Pacífico no período.

Segundo o meteorologista, os próximos dez anos trarão um clima dentro da média, com pre-

cipitações regulares que beneficiarão a agricultura. “Este ano já será muito bom, de chuva bem distribuída. A tendência de longo prazo é de que, nos próximos dez anos, não tenhamos eventos extremos, ou seja, não teremos seca severa e possivelmente nenhum ano extremamente chuvoso. Serão anos dentro da média, chovendo um pouco mais ou menos”, explicou.

No entanto, a janela de clima favorável antecede um período crítico de estiagem. “O próximo El Niño forte, que fará uma seca severa, eu estimo que seja em 2034 ou 2035, algo semelhante a 2015 e 2016 e 1987 e 1988”, detalhou Molion, sublinhando a necessidade de preparação para enfrentar os impactos dessa futura seca.

O SUL DO ESTADO ACONTECE AQUI

Credibilidade que você confia. **O AQUINOTICIAS.COM consolidou-se como a maior força jornalística do Sul Capixaba e uma das maiores potências do estado.** Jornalismo gratuito, ágil e com qualidade para mais de 300 mil seguidores nas redes sociais e mais de 3 milhões de acessos no portal todos os meses. Siga @aquinoticias e fique por dentro de tudo.



APONTE A CÂMERA PARA
O QR CODE E PARTICIPE
DO NOSSO CANAL
GRATUITO NO WHATSAPP.

AQUI
NOTICIAS.COM

INFORMAÇÃO
QUE CONECTA



JORGE SILVA

ENGENHEIRO AGRÔNOMO E PRESIDENTE DO CREA-ES

A MULTIFUNCIONALIDADE DO RURAL CAPIXABA

A trajetória do agronegócio capixaba nas últimas décadas é motivo de orgulho para todos nós. Em um território que representa apenas 0,54% do Brasil, o Espírito Santo conseguiu alcançar resultados extraordinários, superando, proporcionalmente, até mesmo o desempenho nacional em diversos indicadores. Tornamo-nos referência em produtos como café conilon, pimenta-do-reino, gengibre e inhame, além de ocupar posições de destaque na produção de café (somando conilon e arábica), mamão e ovos de codorna. Trata-se de um feito que não aconteceu por acaso: é fruto de um modelo de desenvolvimento alicerçado na cooperação, na técnica e na confiança.

O sucesso capixaba nasceu da união de esforços entre o Estado, instituições de pesquisa e assistência técnica, um cooperativismo forte e atuante, entidades de classe alinhadas ao setor e, sobretudo, da determinação incansável dos produtores rurais. É essa parceria sólida que transformou grande parte do meio rural capixaba em um território multifuncional, no qual atividades tradicionais convivem, hoje, com experiências inovadoras como o turismo rural. Famílias inteiras encontraram nesse movimento uma nova forma de gerar renda, diversificar a produção e fortalecer a permanência no campo. Pouquíssimos estados brasileiros avançaram tanto nesse sentido quanto o Espírito Santo.

Ao analisarmos estudos estratégicos como “As 8 Macrotendências Mundiais de Mercado até 2030”, elaborados pela FIESP/CIESP, percebemos o quanto estamos alinhados ao futuro. Entre elas, estão o aumento da demanda por alimentos e energia, a urbanização acelerada, as mudanças nos padrões produtivos, a modernização da

infraestrutura, o envelhecimento populacional e o crescimento das tensões geopolíticas. E é importante destacar: em todas essas áreas, os profissionais do Sistema Confea/Crea têm um papel essencial.

No Espírito Santo, o Crea-ES tem promovido, nos últimos cinco anos, um ambiente favorável à atualização e à capacitação permanente. Cursos, congressos, simpósios, workshops e o apoio à participação em grandes eventos nacionais têm fortalecido a formação dos profissionais registrados, resultando em mais segurança à sociedade e valorização profissional. Investir no conhecimento é investir no desenvolvimento.

Entre todas as tendências globais, merece especial atenção a expansão do entretenimento e do turismo — um movimento que encontra no Espírito Santo um campo fértil. O ecoturismo e o turismo rural se consolidam como alternativas sustentáveis e de grande potencial: caminhadas em trilhas, banhos de cachoeira, contemplação da Mata Atlântica, vivências gastronômicas, cavalgadas, tirolesas, balonismo — experiências que aproximam o visitante da riqueza cultural e natural do nosso estado.

A aposta do produtor capixaba no turismo rural não foi apenas acertada; foi visionária. Ela revela a capacidade do Espírito Santo de inovar, de se reinventar e de enxergar oportunidades onde muitos ainda veem limitações. É essa mentalidade que nos trouxe até aqui — e que continuará nos impulsionando.

Parabenizo todos os profissionais, produtores, instituições e famílias que contribuíram para que o agro capixaba se tornasse referência nacional. Sigamos em frente. O que não podemos, definitivamente, é parar.

Hotel Fazenda
China Park evoluiu,
agora somos:



Somos o primeiro
Resort do Espírito Santo
aprovado por:



*Aqui, cada
detalhe foi pensado
para encantar.*

Seja com a família, em casal ou em eventos corporativos, o destino certo para viver momento inesquecíveis de alegria



**Mais de 35 atrações
para todas as idades:**



Espaços temáticos e
atividades para crianças.

Recreação todos os
dias, o ano inteiro.

Gastronomia com
sabor e qualidade.

Acomodações amplas,
confortáveis e rodeadas de verde.

Trilhas ecológicas e contato
direto com a natureza.



Entre em contato e faça sua reserva:
27 3341-9770 | www.chinapark.com.br

BR 262, Km 72, Domingos Martins - ES
[contato@chinapark.com.br](mailto: contato@chinapark.com.br)
[@chinaparkecoresort](https://www.instagram.com/@chinaparkecoresort)

MÚTUA AMPLIA ATUAÇÃO E REFORÇA APOIO À INOVAÇÃO NO AGRONEGÓCIO CAPIXABA

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A atuação da Mútua, tradicionalmente reconhecida pelo caráter assistencial e previdenciário, vem ganhando novos contornos diante das transformações que atravessam o agronegócio brasileiro, especialmente no Espírito Santo, onde a agricultura de precisão e a inovação avançam rapidamente.

FOTO DIVULGAÇÃO



À frente dessa mudança, o diretor-presidente da instituição, Joel Krüger, destaca que a Mútua tem se posicionado como um agente estratégico no fortalecimento da tecnologia, da qualificação profissional e da permanência de engenheiros, agrônomos e técnicos no meio rural. Em entrevista, ele detalha as principais linhas de apoio, os investimentos em capacitação e as ações voltadas aos jovens que integrarão o futuro do setor. Confira:

A Mútua tem ampliado sua atuação para além do apoio previdenciário, passando a ser uma parceira direta do desenvolvimento tecnológico. Como o senhor enxerga essa contribuição no contexto do agronegócio, especialmente em um estado como o Espírito Santo, onde a agricultura de precisão e a inovação têm avançado rapidamente?

Não só previdenciário, mas também para além do caráter assistencial, tornando-se uma parceira estratégica na promoção da inovação. No contexto do agronegócio, temos no cenário capixaba uma grande relevância, e nosso papel é apoiar os profissionais que lideram essa transformação. Por meio de linhas de crédito acessíveis e programas voltados à aquisição de equipamentos e tecnologias, contribuímos para que engenheiros e agrônomos possam implementar práticas mais eficientes e sustentáveis, fortalecendo a competitividade do setor.

Quais são hoje os principais benefícios e linhas de apoio que a Mútua oferece aos profissionais ligados ao campo — engenheiros

EM ENTREVISTA, O DIRETOR-PRESIDENTE JOEL KRÜGER EXPLICA COMO A INSTITUIÇÃO TEM SE CONSOLIDADO COMO PARCEIRA ESTRATÉGICA DA ENGENHARIA E DA AGRONOMIA, IMPULSIONANDO TECNOLOGIA, CAPACITAÇÃO E CONECTIVIDADE NO CAMPO

de várias áreas, em especial os agrônomos, técnicos e especialistas — e como esses instrumentos fortalecem a assistência, a segurança e a permanência desses profissionais no território rural?

Hoje, a Mútua oferece uma série de benefícios. Entre eles, destacam-se os planos de saúde, seguros, auxílios para capacitação e, principalmente, linhas de crédito com condições diferenciadas para aquisição de máquinas, softwares e insumos tecnológicos. Esses instrumentos garantem não apenas assistência e segurança, mas também a permanência dos profissionais no meio rural, permitindo que eles tenham condições de investir em inovação e enfrentar os desafios do mercado. Um grande exemplo é o benefício Equipa-Link, voltado à aquisição de equipamentos e/ou tecnologia para o fornecimento de serviços de internet via satélite de alta velocidade e com conectividade em áreas remotas e rurais onde o acesso é limitado ou inexistente, destinadas a profissionais que necessitam de acesso à internet em locais com pouca ou nenhuma infraestrutura de rede convencional para o desenvolvimento de suas atividades.

A transição climática e a adoção de sistemas mais sustentáveis exigem novos perfis profissionais e novas competências. Como a Mútua tem contribuído para estimular a qualificação, a atualização técnica e o acesso a tecnologias que ajudam os profissionais a enfrentarem esses desafios?

A transição para sistemas mais sustentáveis exige atualização constante. A Mútua tem atuado fortemente nesse sentido, oferecendo apoio financeiro para a realização de cursos de capacitação e desenvolvimento profissional. Além disso, incentivamos a adoção de tecnologias que promovem eficiência energética, manejo inteligente e redução de impactos am-

bientais. Nossa compromisso é dar aos profissionais as ferramentas necessárias para liderar essa mudança com conhecimento e segurança.

Olhar para o futuro também significa olhar para a sucessão e para a atração dos jovens profissionais. Que estratégias a Mútua vem adotando para aproximar novas gerações da engenharia, da agronomia e das ciências aplicadas ao campo, garantindo um agronegócio capixaba mais inovador e resiliente nos próximos anos?

Olhar para o futuro significa investir nas novas gerações. A Mútua tem desenvolvido ações para aproximar jovens da engenharia, da agronomia, das geociências e de apoio aos estudantes dessas áreas. O Mútua Júnior oferece capacitação, crescimento e integração para futuros profissionais das áreas do Sistema Confea/Crea e Mútua, e reforça a importância das nossas instituições para a sociedade. Na seara da agronomia, incentivamos que os futuros profissionais enxerguem no agronegócio um espaço de inovação e oportunidades, garantindo um setor cada vez mais resiliente e conectado às demandas do futuro.

*** SOBRE JOEL KRÜGER**

**Joel Krüger nasceu em Curitiba em 5 de maio de 1961. É graduado em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Paraná, mestre em Educação e especialista em Didática no Ensino Superior e Gestão Técnica do Meio Urbano, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná e pela Université de Technologie de Compiègne (França). Foi professor da PUC-PR no curso de engenharia civil, onde lecionou por 40 anos, tendo coordenado o curso de graduação em Engenharia Civil da instituição.*

Atuou na área de Engenharia de Trânsito e Transportes, com ênfase em planejamento e organização de sistemas de transportes, em especial nas áreas de mobilidade urbana, trânsito e acessibilidade. Trabalhou por vinte anos como engenheiro na Prefeitura de Curitiba, onde exerceu diversos cargos, inclusive o de Secretário de Trânsito.

Foi presidente eleito do Crea-PR em dois mandatos (2012-2017) e presidente eleito do Confea também por dois mandatos (2018-2023). Foi conselheiro federal do Confea, representando as instituições de ensino da engenharia. Em 2024, foi eleito pelo plenário do Confea, Diretor Presidente da Mútua, Caixa de Assistência dos Profissionais do Crea.

É casado com a engenheira Poliana Krüger, presidente da Federação de Associações de Mulheres da Engenharia, Agronomia e Geociências (Fameag).



FILIPE MACHADO
ENGENHEIRO CIVIL E AMBIENTAL

O PRÓXIMO PASSO DO ESPÍRITO SANTO: FAZER O INVESTIMENTO PRIVADO CHEGAR AO INTERIOR

O Espírito Santo vive um ciclo extraordinário de crescimento. Grandes empresas estão apostando no estado e anunciando bilhões em investimentos. Anchieta, Serra, Presidente Kennedy e Vitória lideram esse movimento, impulsionados pela infraestrutura, pela segurança jurídica e pela boa gestão pública que se tornou marca do Governo do Estado.

O estado se transformou em um hub logístico. Portos eficientes, rodovias estruturadas, equilíbrio fiscal e um ambiente de negócios cada vez mais profissional criaram bases sólidas para atrair novos empreendimentos.

É um momento de orgulho para nós capixabas. Mas também de reflexão.

Quando analisamos de perto onde esses investimentos estão acontecendo, percebemos que o interior ainda recebe menos atenção do setor privado. Municípios menores continuam dependentes das prefeituras e do Governo do Estado para movimentar a economia local e as obras estruturantes.

Mesmo regiões fortes em produção agrícola, como o Sul, a Serrana, o Norte e o Noroeste, ainda carecem de empresas que gerem emprego permanente, diversifiquem as atividades e criem renda ao longo do ano.

O agronegócio é poderoso, mas sozinho não sustenta todo o ciclo de desenvolvimento. É preciso atrair pequenas e médias indústrias, serviços especializados, centros de distribuição, tecnologia,

turismo estruturado e novos modelos de negócio que façam o interior crescer com independência.

Esse é o grande desafio: levar investimento privado para onde a vida acontece de verdade. Não se trata apenas de números, mas de oportunidades. Cada empresa que se instala em um município pequeno gera empregos, fortalece o comércio, movimenta a construção civil e dá perspectiva para as famílias.

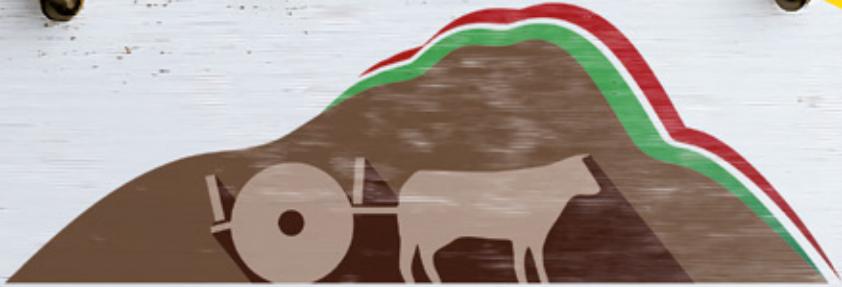
Para avançar, é preciso criar mais condições para que o investidor enxergue potencial além da Região Metropolitana. Isso inclui infraestrutura de acesso, energia confiável, processos mais ágeis nas prefeituras e fortalecimento dos arranjos produtivos locais.

O Governo do Estado tem feito um trabalho importante, investindo em obras estruturantes que melhoram a competitividade do interior. Mas o desenvolvimento pleno só virá quando o setor privado ocupar seu espaço também nessas regiões, que possuem enorme potencial.

O Espírito Santo já provou que sabe crescer com organização, transparência e visão de futuro. Agora, o próximo passo é garantir que esse crescimento chegue a todos os municípios. Levar empresas, inovação e oportunidades para o interior é o caminho para gerar mais emprego e renda e construir um estado ainda mais equilibrado.

Se o momento do Espírito Santo é extraordinário, o desafio é compartilhá-lo. O futuro está nas cidades do interior, e é para lá que precisamos olhar com seriedade, estratégia e ação.

ENTRADA
GRATUITA



RuralturES

FEIRA ESTADUAL DE TURISMO RURAL

TURISMO | EXPERIÊNCIAS | NEGÓCIOS

em 2026
13 a 16 de agosto

DISTRITO TURÍSTICO
PINDOBAS

Venda Nova do Imigrante . ES

@ruraltures | www.ruraltures.com.br

Realização



Apoio





VINÍCIUS SANTOS
ENGENHEIRO DE PRODUÇÃO E DIRETOR ADMINISTRATIVO DA MÚTUA-ES

A EVOLUÇÃO DA INOVAÇÃO NO ESPÍRITO SANTO: MENOS COMPLEXIDADE, MAIS CONSISTÊNCIA

Antes de mirar o próximo ciclo econômico, o Espírito Santo precisa transformar o ciclo atual em resultado concreto. Nos últimos anos, a agenda da inovação ganhou força no agronegócio capixaba e movimentou toda a cadeia produtiva. Eventos, programas e investimentos ampliaram o debate, mas também deixaram evidente um desafio silencioso: a distância entre falar sobre inovação e conseguir fazê-la funcionar na prática, com rotina, disciplina e entrega.

Muitas iniciativas nascem com grande potencial, mas ficam pelo caminho porque começam pela etapa mais complexa. Há projetos que buscam tecnologia antes mesmo de validar a dor real do cliente; outros apostam em plataformas robustas sem ter um processo mínimo funcionando; e há ainda quem procure investimento sem apresentar uma entrega recorrente. Entre a empolgação inicial e o trabalho cotidiano existe um espaço decisivo — é ali que se define quem amadurece e quem estagna.

A inovação que prospera surge do entendimento profundo do problema, de escolhas conscientes e da capacidade de testar rápido. Muitas vezes, uma planilha bem estruturada vale mais do que um software implementado antes da hora. Processos simples, quando bem executados, ensinam mais do que soluções complexas criadas sem base sólida. A complexidade sem entrega vira custo; a simplicidade com método vira estratégia.

Essa lógica já aparece em experiências concretas no estado. Projetos de serviços ambientais, por exemplo, começaram diretamente no campo, com diagnóstico, acompanhamento e rastreabilidade construídos passo a passo. A tecnologia só entrou depois, para fortalecer o que já funcionava na prática.

Inovar com consistência significa olhar para o mercado antes de olhar para a solução. Significa entender quem sente o problema, qual é a oportunidade real e quais indicadores realmente importam. Não é a tecnologia que fracassa: é o diagnóstico malfeito que impede resultados.

Hoje, o Espírito Santo vive um momento de expansão gradual, impulsionado pelo agro e pela sustentabilidade, pela logística e pelos serviços. Esse cenário abre espaço para soluções técnicas, iniciativas de agroturismo, certificações, capacitações e modelos de hospitalidade que ampliam o potencial do que já existe.

Essa expansão é sustentada por uma base institucional sólida. Sebrae, Senar, cooperativas, instituições financeiras e programas estaduais oferecem caminhos para estruturar negócios. Em muitos casos, o empreendedor não precisa de uma nova plataforma — precisa de rotina, organização e métodos para testar ideias.

O estado já coleciona exemplos que ilustram essa trajetória. Projetos de sustentabilidade que nasceram no campo evoluíram para sistemas de rastreabilidade e governança reconhecidos nacionalmente. O Empório Sofia Santos, em Alegre, tornou-se um ponto de conexão entre produção local, hospitalidade e inovação em modelos de negócio. Já a Mútua fortalece profissionais da engenharia com capacitação e apoio institucional, demonstrando como iniciativas consistentes crescem quando resolvem problemas reais antes de ampliar sua escala.

O futuro da inovação no Espírito Santo depende menos de soluções sofisticadas e mais da capacidade de fazer o essencial funcionar bem. Ideias têm valor, mas a entrega consistente é o que sustenta o território. Antes de avançar para um novo ciclo, o estado ainda precisa consolidar o que já está em curso — porque, nesse contexto, maturidade vale mais do que velocidade.



2025 Ano Internacional das Cooperativas

COOPERATIVAS são negócios que transformam

O CAMPO NO ESPÍRITO SANTO



**Unimos pessoas,
propósito e prosperidade**

É por isso que, ano após ano,
cultivamos um legado que cresce
com o Espírito Santo.

Conheça essas
iniciativas e veja
como é possível
fazer diferente.



 **Sistema OCB/ES**
somoscoop,

SUCESSO DA 80ª SOEA NO ES PROJETANDO CAMINHOS PARA O FUTURO DO BRASIL

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A 80ª edição da Semana Oficial da Engenharia e da Agronomia (SOEA), o maior encontro nacional de profissionais das áreas tecnológicas, foi realizada no Pavilhão de Carapina, na Serra, Grande Vitória, e reuniu 7.363 participantes entre

engenheiros, agrônomos, geocientistas, estudantes, autoridades e representantes de todo o país.

O evento, promovido pelo Sistema Confea/Crea em parceria com a Mútua (Caixa de Assistência dos Profissionais), teve como tema central “Engenharia, Agronomia, Geociências, sustentabilidade e transformação digital: projetando caminhos para o futuro do Brasil”.

FOTOS DIVULGAÇÃO CREA ES





ABERTURA E ESTRUTURA DA SOEA

A SOEA 2025 foi oficialmente aberta na noite de 6 de outubro, com o presidente do Confea, o engenheiro Vinicius Marchese, enfatizando a importância do encontro como um espaço para debater soluções técnicas que subsidiem políticas públicas e impulsionem o desenvolvimento nacional.

O encontro ocupou quatro dias inteiros de intensa programação, com palestras, debates, fóruns, minicursos, painéis temáticos, atividades práticas, exposições tecnológicas e espaços de networking. Houve ainda atrações culturais, espaços para famílias e iniciativas educativas.

PRINCIPAIS TEMAS E DEBATES

INOVAÇÃO E TRANSFORMAÇÃO DIGITAL

A tecnologia foi tema transversal da SOEA, com destaque para Internet das Coisas (IoT) e Inteligência Artificial Generativa; debates sobre cidades inteligentes, economia azul e sustentabilidade tecnológica; estreita conexão entre inovação e práticas profissionais modernas.

SETOR AEROESPACIAL E CIÊNCIA

A Arena Inovação promoveu debates sobre o setor aeroespacial, com explanações científicas sobre exploração espacial, tecnologia de observação terrestre e o papel das engenharias nesse contexto.

PAINÉIS TÉCNICOS E ESTUDOS SETORIAIS

Outros painéis abordaram temas como: energia limpa e mobilidade elétrica; debates sobre políticas públicas e infraestrutura nacional; mercado de trabalho e formação profissional; cobrança de água e gestão de recursos naturais.

PALESTRAS E PARTICIPAÇÕES DE DESTAQUE

Entre os momentos mais relevantes, a palestra magna com Philip Yang, diplomata e especialista em urbanismo, sobre infraestrutura e o papel do Brasil no contexto global e Sylvia Anjos (diretora Executiva de Exploração e Produção da Petrobras).

Painéis com especialistas em Inteligência Artificial aplicada à engenharia e capacitações práticas com uso de drones.



INICIATIVAS INOVADORAS E INCLUSIVAS

PROJETO ‘CONTA COMIGO’

Uma iniciativa de acolhimento e segurança que ofereceu suporte às mulheres participantes em situações de vulnerabilidade, reforçando a importância da inclusão no ambiente profissional.

1ª CORRIDA SOEA

Promovida como evento esportivo entre as cidades de Vila Velha e Vitória, conectando profissionais e comunidade local em atividade de saúde e integração.

CARBONO NEUTRO E SUSTENTABILIDADE

O evento incorporou ações de neutralidade de carbono — desde incentivo ao transporte coletivo até coleta seletiva de resíduos — alinhadas com práticas de sustentabilidade ambiental.

HOMENAGENS E RECONHECIMENTOS

A Láurea ao Mérito 2025 foi a maior honraria concedida durante a 80ª Semana Oficial da Engenharia e da Agronomia (SOEA); inscrições honorárias de profissionais e instituições relevantes e, entre outras atividades, a passagem simbólica da bandeira da SOEA para o estado anfitrião da próxima edição (Sergipe), que sediará a 81ª SOEA em 2026.

CARTA DECLARATÓRIA E LEGADO

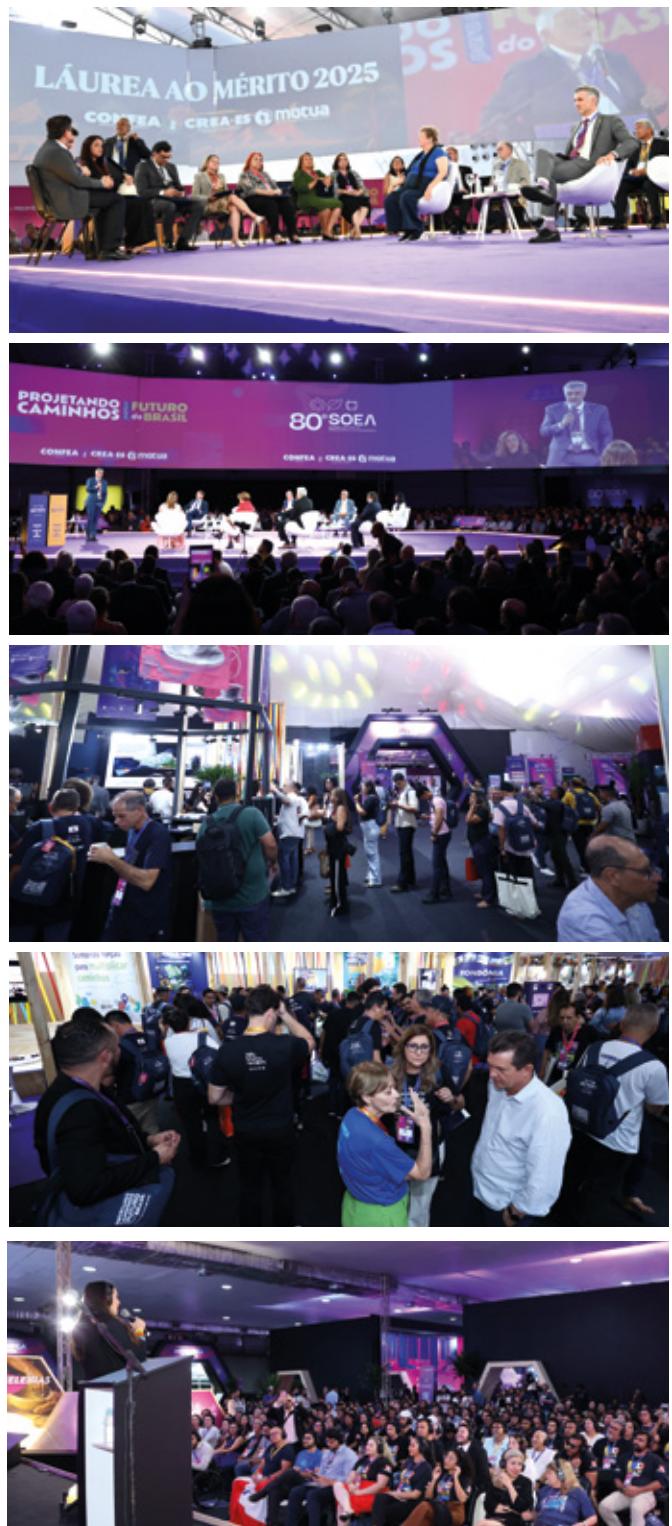
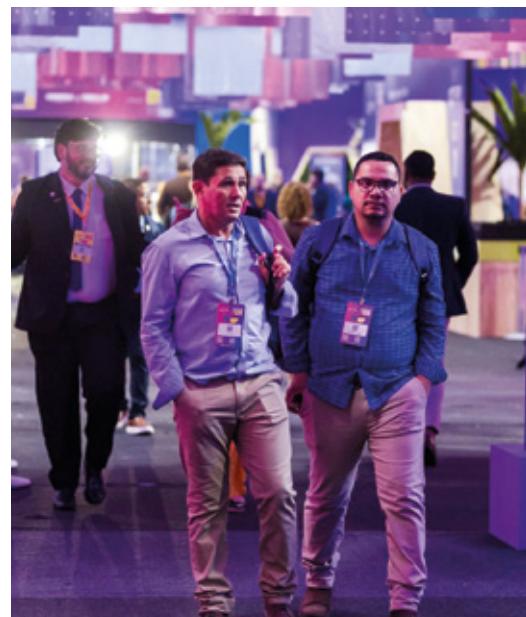
Ao final do encontro, foi publicada a Carta Declaratória da 80ª SOEA, reafirmando

o compromisso dos profissionais com estratégias de desenvolvimento sustentável, inovação tecnológica, integração com políticas públicas e o papel social da engenharia e da agronomia no Brasil.

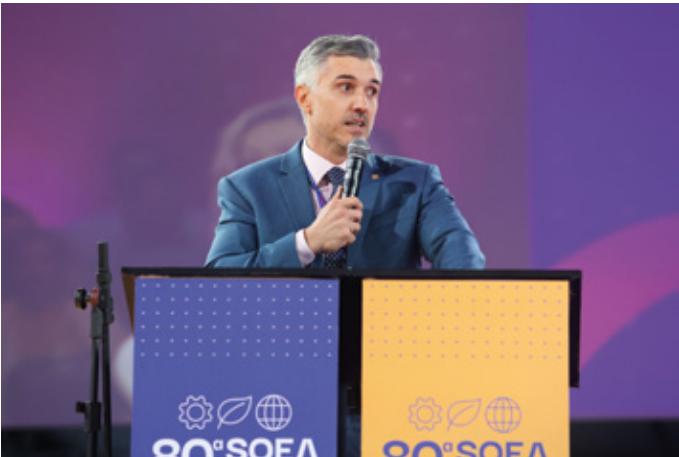
PARTICIPAÇÃO E REPRESENTATIVIDADE

A SOEA 2025 contou com ampla representação nacional, com delegações de diferentes CREA-As estaduais, promovendo troca de experiências e fortalecimento das carreiras técnicas em todo o território brasileiro.

A 80ª Semana Oficial da Engenharia e da Agronomia consolidou-se como um dos principais eventos do setor tecnológico no Brasil em 2025, reunindo profissionais, pesquisadores e líderes. Com debates de alto nível, abordagens inovadoras e iniciativas que vão além do conhecimento técnico — incluindo esporte, inclusão, cidadania e meio ambiente — a SOEA reafirmou seu papel como espaço de construção coletiva para um futuro sustentável e mais conectado.







SEEA – SOCIEDADE ESPÍRITO-SANTENSE DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS

67 ANOS DEDICADOS À VALORIZAÇÃO DA AGRONOMIA CAPIXABA



ENGENHEIRO JOSÉ ROBERTO SILVA HERNANDES, PRESIDENTE DA SEEAA

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Há mais de seis décadas, a Sociedade Espírito-Santense de Engenheiros Agrônomos (SEEA) é referência na representação e valorização da categoria no Espírito Santo. Com atuação pautada pela modernização, qualificação profissional e diálogo institucional, a entidade contribui para o desenvolvimento sustentável da agricultura capixaba.

“Uma SEEAA forte significa valorização do engenheiro agrônomo e contribuição decisiva para a produção sustentável”, afirma o presidente, José Roberto Silva Hernandes.

PRINCIPAIS FRENTE DE ATUAÇÃO

- >> Defesa e representação da categoria
- >> Debates técnicos sobre sustentabilidade, inovação e conservação do solo
- >> Articulação com órgãos públicos, entidades e instituições de ensino
- >> Apoio a políticas públicas do desenvolvimento rural





A SEEA ORGANIZA E APOIA CURSOS, WORKSHOPS, EVENTOS TÉCNICOS E ATIVIDADES DE FORMAÇÃO VOLTADAS À QUALIFICAÇÃO PROFISSIONAL DOS ENGENHEIROS AGRÔNOMOS E ESTUDANTES DA ÁREA, MUITAS VEZES EM PARCERIA COM OUTRAS ENTIDADES, COMO O CREA-ES



PROMOVE E REALIZA EVENTOS COMO SEMANAS TÉCNICAS, SIMPÓSIOS E ENCONTROS QUE REÚNEM PROFISSIONAIS, ESTUDANTES E AUTORIDADES PARA DEBATER TEMAS DE AGRONOMIA, SUSTENTABILIDADE, INOVAÇÃO E MERCADO DE TRABALHO

SOCIEDADE ESPÍRITO SANTENSE DE ENGENHEIROS AGRÔNOMOS – SEEA

Gestão 2025–2027

• DIRETORIA EXECUTIVA

Presidente: José Roberto Silva Hernandes
1º Vice-Presidente: Leonardo Paraíso Ferrari
2º Vice-Presidente: Jair Furlan Júnior
1º Secretária: Jéssica Cavalheiro Ferreira Bueno
2º Secretário: Heber Santos Filho
1º Tesoureiro: David dos Santos Martins
2º Tesoureiro: José Wallace de Tassis

• CONSELHO DELIBERATIVO

Efetivos: Álvaro João Bridi; Welington Secundino; Emir Rodrigues Batista
Suplentes: Alex Sandro Rodrigues Scandian; Geraldo Antônio Fereguetti; Magda Pavesi Felner

• CONSELHO FISCAL

Efetivos: Rosembergue Bragança; Brício Alves dos Santos Júnior; Paloma Francisca Pancieri de Almeida
Suplentes: Alton Almeida de Barros; Rodolpho Terezani Netto; Samuel de Assis Silva



TRABALHA EM PARCERIA COM O CREA-ES (CONSELHO REGIONAL DE ENGENHARIA E AGRONOMIA DO ESPÍRITO SANTO) E OUTRAS INSTITUIÇÕES PARA FORTALECER A PROFISSÃO E CRIAR AÇÕES CONJUNTAS, COMO PUBLICAÇÕES DE TABELAS DE HONORÁRIOS OU ATIVIDADES QUE VALORIZAM O TRABALHO DOS ENGENHEIROS AGRÔNOMOS



ASSOCIE-SE!

Anuidade: R\$ 110,00

Pagamento via Sicoob: Ag. 3010 CC 312.029-5

CNPJ 27.358.381/0001-31 (pix)

Contato: seea.ingenheiroagronomo@gmail.com

(27) 99717-5800

A close-up, low-angle photograph of several ginger roots (rhizomes) lying on the ground. The roots are light brown with some green leafy tops still attached. The background is blurred, showing more of the field under a bright, slightly cloudy sky.

GENGIBRE CAPIXABA CRESCE CINCO VEZES EM DEZ ANOS E CONSOLIDA LIDERANÇA NACIONAL

PRODUÇÃO SALTOU PARA 77,7 MIL TONELADAS EM 2024, PUXADA PELA EXPANSÃO DA ÁREA PLANTADA E PELA FORÇA DOS POLOS DA REGIÃO SERRANA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de gengibre no Espírito Santo vive um ciclo de expansão sem precedentes. Em uma década, o estado multiplicou por cinco o volume colhido, passando de 12,9 mil toneladas em 2014 para 77,7 mil toneladas em 2024. O crescimento é resultado da ampliação da área plantada e do aumento de produtividade das lavouras.

Entre 2014 e 2024, a área colhida saltou de 313 para 1.285 hectares — aumento de 310%. A evolução foi acompanhada por ganhos de eficiência: o rendimento médio passou de 41,2 mil kg/ha para 60,4 mil kg/ha no período. Em 2023, inclusive, a cultura registrou o melhor desempenho da série, com 62,4 mil kg/ha, impulsionada por condições climáticas favoráveis e avanços no manejo.

A cadeia é marcada por forte especialização territorial. Apenas três municípios respondem por 95% de toda a produção estadual: Santa Leopoldina (40,54%), Santa Maria de Jetibá (33,98%) e Domingos Martins (20,91%). Com 31,5 mil toneladas em 2024, Santa Leopoldina continua como o maior polo do país, sustentado pela agricultura familiar, pela tradição no cultivo e pela mão de obra experiente.

O Espírito Santo responde por cerca de 75% da produção nacional de gengibre, com 77,7 mil toneladas colhidas em 2024. O valor gerado ultrapassou R\$ 317 milhões, e as exportações somaram mais de US\$ 45 milhões, consolidando o estado como líder nacional em produção e exportação.

A consolidação do Espírito Santo como líder nacional em área plantada, produtividade e exportação também se reflete nas análises de quem acompanha de perto o comportamento do mercado internacional. Wanderley Stuhr, produtor e

Municípios mais representativos na produção de gengibre em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Santa Leopoldina	31.500	40,54%
Santa Maria de Jetibá	26.400	33,98%
Domingos Martins	16.250	20,91%
Itarana	1.980	2,55%
Cariacica	600	0,77%
Marechal Floriano	600	0,77%
Santa Teresa	322	0,41%
Alfredo Chaves	50	0,06%
Total	77.702	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO - INCAPER DE 2024.

Gengibre

Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	313	12.900	41.214
2015	306	9.790	31.993
2016	314	17.450	55.573
2017	359	18.680	52.033
2018	356	18.680	52.471
2019	499	26.660	53.427
2020	656	35.940	54.787
2021	967	54.480	56.339
2022	1.169	59.506	50.903
2023	1.070	66.803	62.433
2024	1.285	77.702	60.468

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO - INCAPER DE 2024.

exportador com larga experiência no comércio exterior de gengibre, avalia que o gengibre brasileiro ganhou espaço principalmente quando a China enfrentou problemas.

“O gengibre brasileiro conquistou mercado porque a China, que era dominante, teve problemas de produção nos últimos dez anos. Nossa produto

passou a ser visto como mais confiável e de melhor qualidade. A aceitação é muito boa e conseguimos ser competitivos em produção e preço.”

Segundo ele, essa janela permitiu ao Brasil diversificar destinos e melhorar valores, consolidando a reputação do produto capixaba.

Mas, se a década foi de ascensão, 2025 representou um freio brusco nas exportações, especialmente pelo aumento tarifário imposto pelos Estados Unidos ao gengibre brasileiro.

“O tarifaço tornou o período um dos mais difíceis dos últimos anos. Perdemos completamente o mercado americano, não vendemos nada. A maior parte do gengibre acabou indo para a Europa, que não absorveu todo o volume. O mercado ficou saturado e, como consequência, os preços caíram.”

O gengibre, assim como o café, pimenta, cacau e outros itens do agro-negócio, tiveram a tarifa adicional de 40% retirada no final de novembro. Mesmo assim, os setores tiveram per-

das, já que foram quase quatro meses sob taxação pesada.

Mas, mesmo com o fim da taxa extra, há outro desafio: o momento da queda do tarifaço. “O problema é que caiu quando a safra já tinha acabado. E exportar fora de época, por via marítima, é muito arriscado. O gengibre perde qualidade e estraga mais rápido”.

Apesar da turbulência internacional, a realidade no campo foi mais favorável aos agricultores. “Para os exportadores, foi um ano ruim. Mas para os produtores, não. O preço na roça chegou a R\$ 50 a caixa, o que é bom. A margem para quem exporta ficou apertada, mas o produtor trabalhou com valores compensadores”.

Apesar dos desafios recentes, Wanderley Stuhr se mostra otimista com os próximos ciclos. “O aumento maior de produção virá em 2026, porque o plantio deste ano foi maior. Agora precisamos acompanhar o desenvolvimento das lavouras. Se tudo correr bem, teremos uma safra mais robusta. E, como as portas da exportação continuam abertas, 2026 tem potencial para ser um ano muito bom”.



SEM DESPERDÍCIO: 'XEPA' DO GENGIBRE VIRA BIOINSETICIDA NO ES

RESULTADOS DOS TESTES COM BIOINSETICIDAS E FUNGICIDAS FEITOS A PARTIR DO ÓLEO SÃO BASTANTE PROMISSORES

ROSIMEI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Cerca de 20% do gengibre produzido no Espírito Santo é descartado por não atender ao padrão de comercialização. Para mudar esse cenário, um projeto desenvolvido pelo Instituto Federal do Espírito Santo (Ifes), dentro do programa FortAC, passou a transformar essas sobras em óleo essencial com potencial uso na agricultura.

Coordenado pelo professor de química Luciano Menini, do Ifes Campus Alegre, o projeto desenvolveu um óleo essencial de gengibre testado no controle de pragas e doenças em culturas como banana e mamão. Os ensaios indicaram bons resultados no combate à antraquinose, com aumento da vida útil das frutas e redução de riscos ao produtor e ao meio ambiente.

O professor de entomologia Vitor Pirovani, também do Ifes, participa das pesquisas que avaliam o uso do óleo no controle do ácaro rajado, praga que afeta o morango. Segundo ele, os testes iniciais mostram alta eficiência, com estudos complementares ainda em andamento.

A iniciativa conta com a parceria da CoopGinger, que forneceu o gengibre para a extração do óleo. A produtora e fundadora da cooperativa, Eliana Lange Rocha, idealizou o aproveitamento das sobras como forma de reduzir perdas, gerar renda e minimizar impactos ambientais, especialmente para pequenos produtores.

Diante dos resultados, a cooperativa planeja implantar uma destilaria para processar os rizomas fora do padrão comercial. De acordo com o diretor secretário Rafael Luiz Costa, a meta é agregar va-

FOTO ARQUIVO PESSOAL



PROFESSOR LUCIANO MENINI,
RESPONSÁVEL PELO PROJETO



CERCA DE 20% DA PRODUÇÃO DE GENGIBRE NÃO É COMERCIALIZADA

lor ao produto, reduzir o descarte e criar uma nova fonte de renda para os cooperados. A CoopGinger reúne agricultores familiares de Santa Leopoldina, Santa Maria de Jetibá e Domingos Martins.



PRODUÇÃO DE INHAME MANTÉM ESTABILIDADE E REFORÇA LIDERANÇA DE ALFREDO CHAVES

FERNANDA ZANDONADI

jornalismo@conexaosafra.com

A produção de inhame no Espírito Santo manteve-se estável em 2024, alcançando 95,5 mil toneladas colhidas em 3,2 mil hectares. O rendimento médio ficou em 29,2 mil kg/ha, valor próximo ao registrado no ano anterior, o que reflete o manejo eficiente do tubérculo nas principais regiões produtoras.

A série histórica mostra que, embora a área colhida tenha variado nos últimos dez anos, a produtividade do inhame capixaba se mantém alta. Em 2014, o estado produzia 96,6 mil toneladas em 3,6 mil hectares, rendimento de 26,3 mil kg/ha. Desde então, o setor ampliou sua eficiência produtiva, superando a marca de 30 mil kg/ha em 2022 — o maior índice da década.

Mesmo com uma leve redução na área plantada e na produção total em 2024, o rendimento médio demonstra estabilidade, reforçando o uso crescente de práticas de manejo sustentável, correção de solo e rotação de culturas, especialmente em propriedades familiares.

O extensionista do Incaper em Alfredo Chaves, João Medeiros, explica que a queda ocorreu, pois parte dos produtores reduziu as áreas cultivadas devido a custos e logística. “Alguns produtores diminuíram as áreas plantadas, diversificaram com outras culturas. Em locais montanhosos, a mecanização nem sempre é viável. E o custo sem mecanização fica muito alto, já que tem que colher e selecionar manualmente.”, pontua Medeiros.

Ele acrescenta que o mercado estabilizado de preços e o ciclo do inhame — cerca de um ano — também influenciam a decisão de plantio. “O produtor investe no inhame, mas, se percebe que a rentabilidade caiu, opta por não repetir o plan-

**COM 95,5 MIL TONELADAS
COLHIDAS EM 2024, O ESPÍRITO
SANTO SEGUE ENTRE OS
MAIORES PRODUTORES DO
PAÍS; ALFREDO CHAVES
RESPONDE POR UM TERÇO DA
PRODUÇÃO ESTADUAL**

Municípios mais representativos
na produção de inhame em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Alfredo Chaves	31.710	33,20%
Laranja da Terra	16.500	17,27%
Marechal Floriano	10.500	10,99%
Santa Leopoldina	9.290	9,73%
Domingos Martins	6.624	6,93%
Santa Maria de Jetibá	6.000	6,28%
Muniz Freire	3.450	3,61%
Baixo Guandu	2.300	2,41%
Itarana	1.700	1,78%
Castelo	1.267	
Afonso Cláudio	1.227	1,28%
Venda Nova do Imigrante	1.080	1,13%
Vargem Alta	660	0,69%
Nova Venécia	500	0,52%
Cachoeiro de Itapemirim	495	0,52%
Pancas	403	0,42%
Guarapari	240	0,25%
Ibatiba	200	0,21%
Itaguaçu	200	0,21%
Viana	200	0,21%
Santa Teresa	154	0,16%
Água Doce do Norte	150	0,16%
Cariacica	124	0,13%
Brejetuba	90	0,09%
Conceição do Castelo	90	0,09%
Vila Pavão	80	0,08%
Iconha	76	0,08%
Águia Branca	70	0,07%
Mimoso do Sul	40	0,04%
Atilio Viváqua	36	0,04%
Ecoporanga	36	0,04%
Ibitirama	25	0,03%
Total	95.517	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO - INCAPER DE 2024.

Inhame

Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	3.667	96.666	26,361
2015	3.099	84.582	27,293
2016	2.692	80.528	29,913
2017	3.252	89.891	27,641
2018	3.242	90.156	27,808
2019	3.301	91.221	27,634
2020	3.422	95.490	27,905
2021	3.632	99.865	27,496
2022	3.496	107.602	30,779
2023	3.320	98.522	29,675
2024	3.261	95.517	29,291

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO - INCAPER 2014-2024.

tio. Em Alfredo Chaves, há casos de agricultores que chegaram a interromper totalmente a produção. Já tivemos períodos de preços mais altos, mas o mercado se estabilizou e, diante disso, muitos produtores migraram para outras culturas”, avalia.

REGIÃO SERRANA DOMINA A PRODUÇÃO

A região Serrana concentra os principais polos produtores de inhame do

Espírito Santo. Alfredo Chaves lidera com ampla vantagem, respondendo por 33,2% da produção estadual — o equivalente a 31,7 mil toneladas. Em seguida aparecem Laranja da Terra (17,3%), Marechal Floriano (11%) e Santa Leopoldina (9,7%), confirmando o predomínio das áreas de relevo montanhoso e clima úmido, ideais para o cultivo.

Outros municípios de destaque são Domingos Martins (6,9%), Santa Maria de Jetibá (6,3%), Muniz Freire (3,6%), Baixo Guandu (2,4%), Itarana (1,8%) e Castelo (1,3%).

O SABOR QUE NASCE DA TERRA: OS SORVETES DE INHAME DA FAMÍLIA FARDIN

FOTOS DIRCEU CETTO



TRADIÇÃO, CRIATIVIDADE E AMOR PELO QUE SE FAZ: O FRESCOR DAS MONTANHAS MOSTRA COMO O INTERIOR CAPIXABA SE REINVENTA SEM PERDER SUAS RAÍZES

Em Alfredo Chaves, no distrito de São Bento de Urânia, a comunidade de Redentor guarda uma história que mistura trabalho, criatividade e amor pelo que se faz. É ali, em meio ao clima ameno e à paisagem verde, que a família Fardin transformou o cultivo tradicional de inhame em uma surpreendente fonte de sabor e refrescância. Assim nasceu o Frescor das Montanhas, uma sorveteria artesanal que vem conquistando paladares dentro e fora do município com o famoso sorvete — e o inusitado picolé — de inhame.

Com o tempo, o espaço tornou-se também uma parada obrigatória para visitantes que percorrem as rotas de Alfredo Chaves, atraídos pela autenticidade da produção familiar e pela experiência de provar um sabor nascido do próprio território. A sorveteria funciona de domingo a sexta-feira, até as 17 horas, e recebe visitantes de Domingos Martins, Venda Nova do Imi-

grante, Marechal Floriano, Vargem Alta e, claro, da própria Alfredo Chaves.

O empreendimento é tocado por Edinelma e Zelindo Fardin, com o apoio do filho, Yuri. A ideia surgiu há cerca de oito anos, de forma simples, como tantas histórias que nascem no interior. “Minha esposa sempre gostou de fazer doces e sobremesas. Um dia pensamos: por que não transformar essa paixão em uma renda extra?”, recorda Zelindo. O que começou com pequenas produções para vizinhos e amigos foi ganhando corpo, até se tornar uma referência regional em sorvetes e picolés artesanais.

Hoje, o Frescor das Montanhas oferece mais de 50 sabores, preparados com ingredientes selecionados e o cuidado característico das famílias rurais. O atendimento é feito no próprio local, mas os produtos também abastecem mercados, padarias, bares e restaurantes da região. “No verão, é uma correria, com muitas entregas. No inverno, a gente desacelera um pouco, mas nunca para”, conta Edinelma, sorrindo.



O SABOR DA TERRA EM VERSÃO GELADA: O INHAME, SÍMBOLO DE ALFREDO CHAVES, GANHOU NOVA VIDA NAS RECEITAS DO FRESCOR DAS MONTANHAS

UM SABOR QUE VIROU SÍMBOLO

A ideia de transformar o inhame em sorvete surgiu quase por acaso, dentro da escola da filha mais nova do casal. Durante um projeto sobre o tubérculo, símbolo de Alfredo Chaves, reconhecida como Capital Nacional do Inhame, a família decidiu testar uma receita com o ingrediente. O resultado surpreendeu: o sorvete ficou cremoso, com sabor delicado e toque de passas e ameixa seca. “Quem prova, se surpreende. É diferente de tudo”, diz Edinelma, orgulhosa.

O sucesso foi imediato. O sabor de inhame se tornou o carro-chefe da sorveteria e um retrato da identidade local. O ingrediente principal vem da própria lavoura da família, e, quando falta, é adquirido de produtores vizinhos — fortalecendo a economia local e mantendo viva a tradição da agricultura familiar. Em São Bento de Urânia, cerca de 600 famílias cultivam o inhame.

DA MONTANHA PARA O MUNDO

O nome “Frescor das Montanhas” nasceu da paisagem que cerca o negócio. “Aqui é alto, o clima é sempre fresco, e estamos cercados por montanhas. O nome veio naturalmente”, explica Zelindo. A produção é totalmente familiar: os três cuidam de todas as etapas, da colheita à fabricação. Cada pote e cada picolé carregam o sabor da terra e o orgulho de um trabalho que une gerações.

Mais do que uma sorveteria, o empreendimento se transformou em um símbolo do novo jeito de empreender no interior capixaba — com criatividade, cooperação e valorização das origens. Quem visita o espaço encontra muito mais do que um sorvete artesanal: encontra uma história feita de afeto, resiliência e um profundo respeito pela terra.

NO ALTO DAS MONTANHAS DE ALFREDO CHAVES, UMA FAMÍLIA TRANSFORMOU O INHAME EM SORVETE E FEZ DO FRESCOR DAS MONTANHAS UM NOVO PONTO DO AGROTURISMO CAPIXABA



MAMÃO MANTÉM ALTA PRODUTIVIDADE E REFORÇA LIDERANÇA CAPIXABA EM 2024

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de mamão no Espírito Santo encerrou 2024 com recuperação em relação ao ano anterior e reafirmou o protagonismo do estado como o segundo maior centro brasileiro da fruta. Foram colhidas 398 mil toneladas, volume 13% superior ao registrado em 2023, apoiado pelo aumento da área cultivada e pela manutenção de um elevado padrão de produtividade.

Após registrar queda na área e no volume produzido em 2023, a cadeia voltou a crescer em 2024. A área colhida passou de 5.971 para 6.731 hectares, enquanto o rendimento médio manteve-se em patamar elevado, alcançando 59.143 kg/ha. O comportamento da produtividade segue estável desde 2020, variando pouco em torno dos 60 mil quilos por hectare — nível que coloca o Espírito Santo entre os estados mais eficientes do país na produção da fruta.

A série histórica mostra oscilações marcantes entre 2014 e 2024. O estado atingiu sua maior produção em 2021, com 439,5 mil toneladas, seguida de retração nos anos seguintes. Mesmo assim, o mamão permanece como uma das cadeias mais consistentes do agronegócio capixaba, com forte capacidade de recuperação e alto grau de tecnificação.

A produção é amplamente concentrada no Norte capixaba. Em 2024, Pinheiros liderou o ranking estadual com 96 mil toneladas (24,11%), seguido por Montanha (90 mil t), Linhares (60 mil t), São Mateus (32,5 mil t) e Boa Esperança (30 mil t). Juntos, esses cinco municípios responderam por mais de 77% de toda a produção capixaba.

Com produtividade elevada, forte presença regional e capacidade de resposta rápida às condições

Municípios mais representativos na produção de mamão em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Pinheiros	96.000	24,11%
Montanha	90.000	22,61%
Linhares	60.000	15,07%
São Mateus	32.500	8,16%
Boa Esperança	30.000	7,54%
Pedro Canário	21.450	5,39%
Sooretama	14.000	3,52%
Vila Valério	12.667	3,18%
Aracruz	12.500	3,14%
Jaguaré	11.400	2,86%
Nova Venécia	6.000	1,51%
Ponto Belo	4.000	1,00%
Rio Bananal	2.800	0,70%
Mucurici	1.000	0,25%
Itaguaçu	1.000	0,25%
Conceição da Barra	600	0,15%
Presidente Kennedy	546	0,14%
Vila Pavão	540	0,14%
Itarana	420	0,11%
São Roque do Canaã	300	0,08%
Santa Teresa	160	0,04%
Baixo Guandu	70	0,02%
Viana	60	0,02%
Domingos Martins	60	0,02%
Cariacica	20	0,01%
Total	398.093	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

de mercado e clima, o mamão segue como uma das culturas mais importantes do Espírito Santo, sustentando renda, empregos e exportações ao longo de todo o ano.



CRESCE A PROCURA POR MUDAS DE MAMÃO SEXADA

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

Desenvolvido a partir de pesquisas iniciadas em 2018, na Universidade Estadual do Norte Fluminense (Uenf), o projeto de sexagem do mamoeiro resolveu um grande entrave do cultivo da fruta: a identificação sexual das plantas, que antes só podia ser feita tarde, obrigando o plantio de várias mudas em uma mesma cova.

Vale ressaltar que o mamoeiro é uma planta com cromossomos sexuais, cujo maior valor comercial está na planta hermafrodita. No método tradicional de cultivo, é necessário plantar de qua-

tro a seis mudas por cova para garantir pelo menos uma hermafrodita.

Com o estudo, foi possível realizar a sexagem precoce das mudas ainda no viveiro, por meio de uma tecnologia rápida e precisa que determina o sexo antes do transplantio. As vantagens são inúmeras, como explica o professor titular da Uenf e supervisor do projeto, Messias Gonzaga Pereira.

“Começa pela economia. Em vez de cuidar de quatro ou cinco plantas durante quatro meses, o produtor só vai cuidar de uma por cova. Isso significa economia de adubo, de água para irrigação e de defensivos. Além disso, a produção começa entre 40 e 60 dias mais cedo e rende, em média, 30% a mais que no método tradicional”, salienta o professor.

Passados três anos da chegada da novidade ao mercado, Messias e Cícero Alvino Covre Zanoni, engenheiro agrônomo e viveirista parceiro do projeto, avaliam a adesão dos produtores à tecnologia.

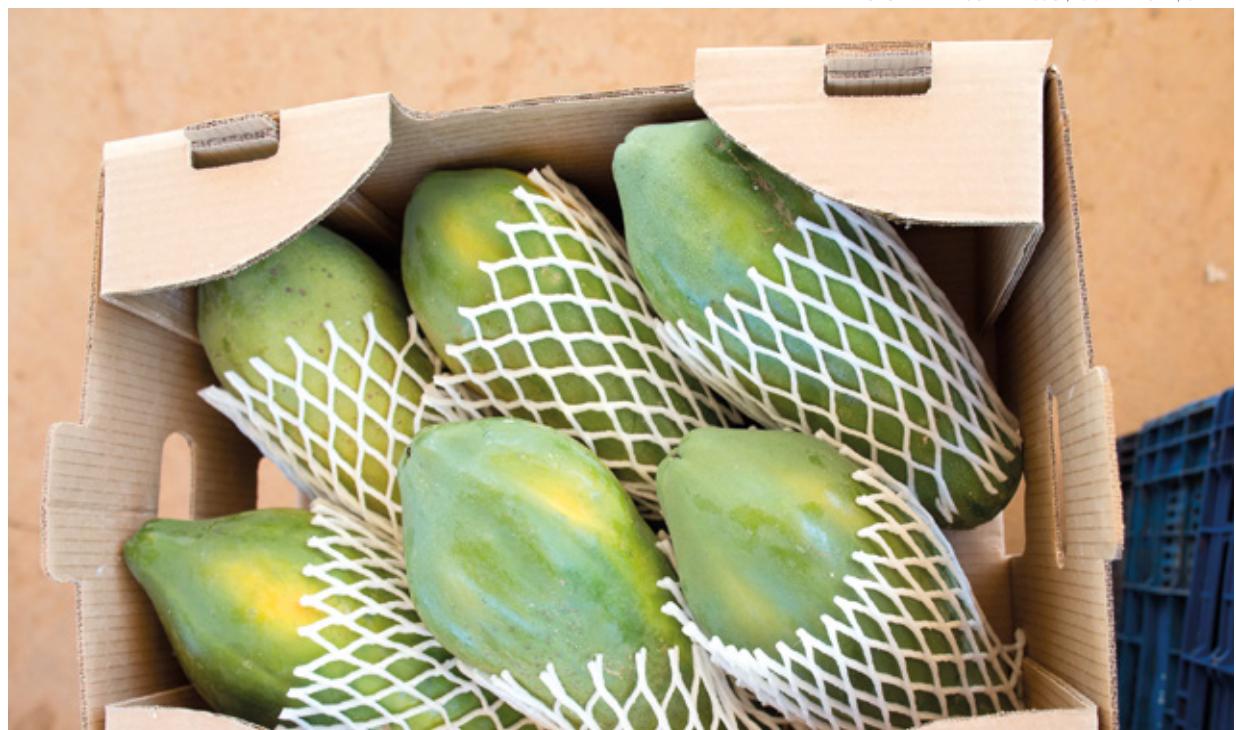
Com o viveiro instalado em Pinheiros, no Norte do Espírito Santo — região de grande produção da fruta — Cícero conta que a demanda cresce a cada dia. “Os produtores estão adotando cada vez mais as mudas sexadas. O produtor encomenda para uma área e faz o plantio; quando retorna, já pede para uma área maior que a primeira. A procura aumenta tanto no Espírito Santo quanto no Oeste da Bahia e em Minas Gerais, e já temos produtores de outras regiões do Nordeste aderindo”, afirma o viveirista, que, em meados de novembro, já estava com a agenda preenchida até fevereiro de 2026.

O que Cícero relata, Messias comprova com números. “Avalio positivamente o avanço da tecnologia; a aceitação é crescente. Em 2022, a área plantada era de 10 hectares. Passou para 100 em 2023, 300 em 2024 e, este ano, caminha para 600 hectares. A previsão é chegar ao final de 2025 com mil hectares plantados.

Mamão			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	6.342	399.790	63.038
2015	7.014	361.270	51.507
2016	6.035	251.365	41.651
2017	6.118	311.150	50.858
2018	6.503	354.405	54.499
2019	6.874	403.278	58.667
2020	7.309	438.855	60.043
2021	7.247	439.550	60.653
2022	6.918	426.616	61.667
2023	5.971	352.046	58.959
2024	6.731	398.093	59.143

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

FOTO WENDERSON ARAUJO / SISTEMA CNA/SENAR





A RESISTÊNCIA DO MARACUJÁ NO ESPÍRITO SANTO



FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de maracujá no Espírito Santo passou, na última década, por um processo contínuo de encolhimento. Os dados mostram que tanto a área colhida quanto o volume produzido vêm diminuindo desde 2014, quando o estado registrava 2.463 hectares e 70.335 toneladas. À época, o rendimento médio alcançava expressivos 28.557 kg/ha.

A partir de 2015, o setor entrou em uma trajetória de queda. A área colhida recuou ano a ano, chegando a 547 hectares em 2024 — uma redução de quase 80% em relação ao início da série histórica. A produção acompanhou o movimento, baixando para 12.318 toneladas no último ano analisado.

Apesar da forte retração em área e volume, o rendimento médio se manteve estável na faixa dos 19 mil a 22 mil kg/ha ao longo dos últimos dez anos. Em 2024, o índice alcançou 22.519 kg/ha, demonstrando que, mesmo com menos produtores e propriedades dedicadas à cultura, quem permanece no segmento segue investindo em manejo e tecnologia para garantir produtividade.

A geografia da produção também evidencia uma forte concentração no Norte capixaba. Sooretama lidera o ranking estadual com 2.267 toneladas (18,4% do total), seguida por São Mateus (10,81%), Boa Esperança (10,25%), Jaguarié (8,38%) e Pinheiros (7,67%). Aracruz completa a lista dos principais produtores, com 460 toneladas, ou 3,73% da produção estadual.

O retrato atual indica que o maracujá perdeu espaço no Espírito Santo, mas não sua relevância. A produtividade consistente e a presença concentrada em municípios com tradição e condições favoráveis mostram que a cultura segue viva — menor, mais seletiva e dependente de especialização técnica para continuar competitiva.

* NOVOS ARRANJOS, NOVAS CULTURAS

Agricultores familiares do Espírito Santo colheram, em meados de 2025, as primeiras safras de maracujá produzidas a partir de mudas doadas

FOTO: LIZANDRO NUNES



O AGRICULTOR FAMILIAR JORDÃO CAETANO DE SOUZA ESTÁ FELIZ COM A COLHEITA

Maracujá			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	2.463	70.335	28.557
2015	1.560	37.728	24.185
2016	1.310	25.391	19.382
2017	1.307	25.575	19.568
2018	1.241	25.876	20.851
2019	785	17.772	22.639
2020	757	16.868	22.208
2021	702	15.447	22.004
2022	650	14.282	21.972
2023	565	12.597	22.296
2024	547	12.318	22.519

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

pelo projeto Arranjos Produtivos, desenvolvido pela Assembleia Legislativa (Ales). Técnicos do projeto acompanharam de perto o plantio e o manejo das lavouras, orientando cada etapa do processo.

Em Itapemirim, um dos exemplos de maior êxito vem da propriedade do agricultor familiar Jordão Caetano de Souza, que recebeu 700 mudas. A expectativa é alcançar 30 mil quilos de maracujá ao longo de um ciclo de até três anos. Tradicionalmente dedicado ao cultivo de café, mandioca e cana, Jordão decidiu diversificar a produção após o incentivo do projeto — uma aposta que, segundo ele, tem se mostrado acertada.

“Sempre fui otimista e optei pelo maracujá por causa do clima seco que temos por aqui. O resultado está muito satisfatório”, afirmou.

A propriedade recebeu acompanhamento técnico contínuo. Responsável pela consultoria no local, o engenheiro agrônomo Péricles Santos destacou que as visitas ocorreram mensalmente, desde o preparo do solo até o desenvolvimento da cultura.

“Antes do plantio, foi feito o estudo do solo para identificar a necessidade de correção e fertilização. Orientamos sobre espaçamento, manejo e condução da lavoura. Aqui, o crescimento foi natural, sem uso

APÓS UMA DÉCADA DE RETRAÇÃO, A CADEIA DO MARACUJÁ MANTÉM PRODUTIVIDADE ESTÁVEL E FORTE CONCENTRAÇÃO REGIONAL, REVELANDO UM SETOR QUE SE ADAPTA PARA SOBREVIVER

de agrotóxicos. Trabalhamos sempre em busca de uma boa colheita”, explicou.

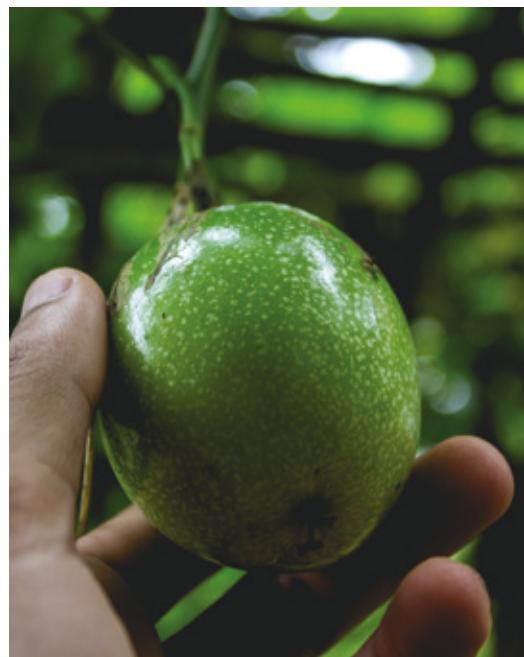
Em Itapemirim, mais de 4.000 mudas foram distribuídas, beneficiando cerca de 50 agricultores familiares cadastrados. O município também recebeu mudas de acerola, uva e aroeira.

EXPANSÃO DO PROJETO E APOIO TÉCNICO

O Arranjos Produtivos é coordenado pela Secretaria da Casa dos Municípios da Ales, em parceria com o Governo do Estado e o apoio das prefeituras. Atualmente, 27 municípios participam do ciclo de 2025; em 2024, foram 20.

Além das mudas — que incluem uva, cacau, café, pimenta, aroeira, pupunha, acerola e maracujá — os agricultores recebem assistência técnica diretamente nas propriedades. Em algumas localidades, também foram entregues equipamentos agrícolas, como kits para produção de mel, kits de hidropônia e estufas para cultivo de morango, fortalecendo ainda mais a estrutura produtiva das famílias beneficiadas.

FOTO: FREEPIK



Municípios mais representativos na produção de maracujá em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Sooretama	2.267	18,40%
São Mateus	1.332	10,81%
Boa Esperança	1.263	10,25%
Jaguaré	1.032	8,38%
Pinheiros	945	7,67%
Aracruz	460	3,73%
Presidente Kennedy	440	3,57%
Domingos Martins	329	2,67%
Conceição da Barra	318	2,58%
Nova Venécia	292	2,37%
Ecoporanga	270	2,19%
Afonso Cláudio	270	2,19%
Marataízes	264	2,14%
Marechal Floriano	250	2,03%
Alfredo Chaves	246	2,00%
Santa Teresa	240	1,95%
Pedro Canário	208	1,69%
Linhares	200	1,62%
Água Doce do Norte	180	1,46%
Santa Leopoldina	176	1,43%
Colatina	160	1,30%
Montanha	147	1,19%
Vila Pavão	135	1,10%
Santa Maria de Jetibá	100	0,81%
Mantenópolis	100	0,81%
Guarapari	100	0,81%
Laranja da Terra	90	0,73%
Rio Novo do Sul	80	0,65%
Itapemirim	80	0,65%
Vila Valério	68	0,55%
Ponto Belo	52	0,42%
Alegre	44	0,36%
Anchieta	36	0,29%
Itarana	26	0,21%
Fundão	25	0,20%
Páncas	20	0,16%
Muniz Freire	20	0,16%
Itaguaçu	20	0,16%
Viana	18	0,15%
Cariacica	15	0,12%
Total	12.318	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.



PRODUTIVIDADE DO MORANGO DISPARA NO ESPÍRITO SANTO E BATE RECORDE

A cultura do morango vive um momento excepcional no Espírito Santo. Depois de uma década de oscilações moderadas na área cultivada, os produtores capixabas alcançaram, entre 2023 e 2024, os maiores volumes e produtividades já registrados no estado. O salto está diretamente ligado à adoção crescente de sistemas tecnificados, especialmente o cultivo semi-hidropônico — modelo que melhora o manejo, reduz perdas e eleva a eficiência no uso de insumos.

Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostraram que, em 2024, o Espírito Santo colheu 32,8 mil toneladas, a maior produção da história recente, com rendimento de 110,7 mil quilos por hectare. Apenas dois anos antes, a produtividade média girava em torno de 50 mil kg/ha, o que significa que o desempenho praticamente dobrou em um intervalo curto. A área plantada, por outro lado, apresentou variações discretas, passando de 293 hectares em 2022 para 297 hectares em 2024.

A produção é concentrada na Região Serrana. Em 2024, Santa Maria de Jetibá respondeu por 25,8 mil toneladas, o equivalente a 78,46% do total estadual. Nas sequências aparecem Domingos Martins (10,26%), Venda Nova do Imigrante (5,47%), Afonso Cláudio (1,98%) e Castelo (1,06%). Esses cinco municípios somam mais de 97% da produção capixaba.

TECNOLOGIA E BASE FAMILIAR

Nos últimos anos, a cadeia de produção de morango vem passando por uma transformação silenciosa: produtores estão deixando o cultivo direto no solo e migrando para o sistema semi-hidropônico, que utiliza bancadas elevadas e substratos específicos. A tecnologia traz conforto no manejo, reduz riscos de doenças de solo e aumenta a produtividade. Mas há um entrave: o custo. A adoção do modelo exige estruturas de estufas robustas, bancadas elevadas e, principalmente, substratos industrializados importados de outros estados, com valores elevados e dependentes do frete.

Foi sobre esse desafio que se debruçou o Fortalecimento da Agricultura Capixaba (FortAC), programa do Instituto Federal do Espírito Santo

AVANÇO DE TECNOLOGIAS COMO O SISTEMA SEMI-HIDROPÔNICO IMPULSIONA PRODUÇÃO E RENDE AO ESTADO SUA MAIOR SAFRA HISTÓRICA

Morango			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	349	11.980	34.326
2015	291	9.206	31.635
2016	251	10.181	40.561
2017	273	14.013	51.329
2018	286	14.165	49.527
2019	260	12.883	49.550
2020	287	14.391	50.143
2021	287	14.346	49.986
2022	293	14.562	49.700
2023	291	31.196	107.203
2024	297	32.884	110.721

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO – INCAPER DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção de morango em 2024		
Município	Produção (t)	(%)
Santa Maria de Jetibá	25.800	78,46%
Domingos Martins	3.375	10,26%
Venda Nova do Imigrante	1.800	5,47%
Afonso Cláudio	650	1,98%
Castelo	350	1,06%
Muniz Freire	280	0,85%
Marechal Floriano	120	0,36%
Vargem Alta	120	0,36%
Alfredo Chaves	105	0,32%
Itarana	76	0,23%
Divino de São Lourenço	50	0,15%
Ibitirama	50	0,15%
Iuna	50	0,15%
Irupi	48	0,15%
Brejetuba	10	0,03%
Total	32.884	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO PAINEL AGRO – INCAPER DE 2024.

(Ifes). Ao longo de três anos de pesquisas, uma equipe liderada por Sávio da Silva Berilli desenvolveu o primeiro substrato genuinamente capixaba para cultivo semi-hidropônico de morango, utilizando matérias-primas locais como palha de café, cama de frango e outros resíduos disponíveis na região.

“Os substratos que chegam de fora são feitos com palha de arroz e casca de pírus, materiais que não temos em escala no Espírito Santo. Precisávamos criar uma solução nossa, com insumos nossos. E conseguimos”, afirma Berilli.

O projeto foi dividido em três fases. Na primeira, o desempenho ficou abaixo dos substratos industriais. Ajustes em propriedades como retenção de água e condutividade elétrica levaram à segunda formulação, que alcançou

resultados equivalentes aos comerciais. A etapa atual — uma terceira formulação — reduziu ainda mais os custos ao calibrar a proporção dos insumos sem comprometer a qualidade.

O resultado é um material compostado, estável e com vida útil estimada entre quatro e seis anos. “A maior parte do custo do substrato de fora é o frete. Mesmo que o preço final seja semelhante ao importado, só o fato de ser produzido aqui já gera uma economia real para o produtor”, explica Berilli.

Considerando que, em uma área semi-hidropônica, a infraestrutura representa metade do investimento e o substrato a outra metade, o impacto total no sistema pode significar economia de até 25%, explica. E há muita demanda pelo material. Estima-se que o Espírito Santo consuma cerca de 100 toneladas de substrato por mês.

FOTO: FREEPIK/ EYEEM



A FEBRE DO “MORANGO DO AMOR” EM 2025

Em 2025, um protagonista improvável roubou a cena nas feiras, nas redes sociais e até nos cardápios de restaurantes: o chamado “morango do amor”. Grande, vistoso e com uma aparência que parece ter saído diretamente de um editorial gastronômico, o fruto virou objeto de desejo — e ajudou a jogar ainda mais luz sobre a cadeia produtiva capixaba.

No Espírito Santo, a onda não passou desapercebida. Em julho de 2025, no auge do fenômeno, o preço do morango gráudo na Ceasa/ES registrou uma alta abrupta de 38% de um dia para o outro. Mesmo depois da explosão, o valor se manteve acima da média, um movimento incomum, mas que ilustra como tendências culinárias podem influenciar o mercado agrícola de forma quase imediata.

Para além dos números, o curioso foi observar como o doce — que mistura estética, nostalgia

e muita criatividade — conseguiu transformar a rotina de confeiteiras e pequenos empreendedores. Em todo o estado, aumentaram as encomendas, as listas de espera e o interesse por morangos maiores, mais firmes e mais bonitos. Se houve pressão nos preços, houve também incremento na renda e renovação no entusiasmo de quem trabalha com confeitoria artesanal.

A EXPLOSÃO DO “MORANGO DO AMOR” NAS REDES IMPULSIONOU PREÇOS E EVIDENCIOU COMO TENDÊNCIAS CULINÁRIAS PODEM IMPACTAR A CADEIA PRODUTIVA



FOTO GERADA POR IA/GEMINI



UMA NOVA FORMA DE CULTIVAR

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A mudança na forma de produzir morangos no Espírito Santo, substituindo o plantio convencional em terra para o atual cultivo semi-hidropônico,

trouxe avanços para os produtores e, também, para a qualidade dos alimentos cultivados. É um processo que veio para ficar.

A semi-hidroponia é uma forma de produção que combina elementos da hidroponia (na qual os alimentos são cultivados apenas com água e nutrientes e sem solo) com o uso de um chamado substrato inerte (como resíduos orgânicos, argila expandida e areia). Nesse substrato as raízes das plantas se expandem e absorvem os elementos nutritivos do cultivo.

A produção capixaba do morango que utiliza o sistema semi-hidropônico traz, entre outros benefícios, a redução de fungos que são mais típicos nas plantações em solo, a melhor ergonomia de trabalho para os produtores – já que as bases das plantas são elevadas – e também oferece melhor

TÉCNICOS E PRODUTORES APONTAM VANTAGENS DO SISTEMA SEMI-HIDROPÔNICO EM RELAÇÃO AO TRADICIONAL PLANTIO NO SOLO

qualidade do alimento, resultante dos nutrientes e água absorvidos de forma equilibrada e com menos uso de defensivos agrícolas.

Em agosto, palestrantes convidados pela Comissão de Agricultura da Assembleia Legislativa do Espírito Santo (Ales) foram convidados para falar sobre os desafios para o fortalecimento da cadeia produtiva do morango no estado.

O técnico de desenvolvimento rural do Instituto Capixaba de Pesquisa, Assistência Técnica e Extensão Rural (Incaper) Alexandre Neves Mendonça, detalhou o processo de mudança do cultivo do chão para o feito nas bancadas suspensas (slabs) da semi-hidropônia.

Ele abordou a importância de levar o conhecimento até o produtor para facilitar o trabalho, melhorar as lavouras e a qualidade do produto.

“Quando o produtor consegue aplicar todos os recursos com maestria, ele alcança ótimos resultados, inclusive com tamanho diferenciado do produto. Nossos produtores conseguem alcançar a qualidade no cultivo e produzir morangos maiores, muito saborosos e crocantes”, afirmou Mendonça.

Para aumentar a produtividade, Mendonça citou os desafios com a quantidade e a qualidade da mão de obra e com a carência de orientação técnica. Para ele, apesar de todo o trabalho desenvolvido pelo Incaper, ainda é necessário aumentar o número de pessoas para levar assistência a todos os agricultores do estado, e não apenas na produção do morango.

Na ocasião, o diretor-geral da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes), Rodrigo Varejão Andreão, relatou o trabalho desenvolvido pela autarquia para a cadeia produtiva do morango. Segundo o diretor, a Fapes disponibilizou, nos últimos 11 anos, R\$ 1,24 milhão para o setor, em 11 projetos distintos.

Os recursos envolveram projetos de pesquisa e extensão sobre temas como análise econômica da cultura, aproveitamento de resíduos para a produção de substratos, controle de pragas, desenvolvimento de bebidas funcionais, estudo da cadeia produtiva e melhoramento na produção de mudas.

QUALIDADE DAS MUDAS

O empresário Edson Cozer, do ramo de insumos agrícolas e mudas de morango, atua no município de Santa Maria de Jetibá. Para ele, além das vanta-

gens implementadas na produção, com a mudança do convencional plantio no chão para o sistema semi-hidropônico coberto, a qualidade das mudas influenciou de maneira expressiva a produção capixaba.

O empresário lembrou que as mudas importadas de países como Argentina, Espanha e Chile ajudaram muito a garantir a produção que o Espírito Santo tem hoje, sobretudo na região Serrana do estado.

Álvaro Brandt, produtor de morango em São João do Garrafão, no município de Santa Maria de Jetibá, relatou a importância do cultivo para sua família. “Tudo que tenho e preciso na minha propriedade, eu dependo da nossa produção de morango”. O agricultor, no entanto, lembrou que é preciso mais assistência e tecnologia para que os produtores consigam avanços, principalmente em áreas como o controle de pragas.

* TURISMO

Outro tema abordado durante a reunião foi a importância de eventos como a Festa do Morango em Pedra Azul, tanto para os produtores como também para o turismo e a economia das regiões produtoras.

A presidente da Associação Festa do Morango (Afemor), em Pedra Azul, Lair da Penha Cebin, avaliou que o turista que vai à região para a festa consome não apenas a tradicional torta de morango, oferecida durante o evento. Para ela, “o turista vai nas propriedades colher o morango, compra os derivados, enche os hotéis e restaurantes”, divulgando a cultura do morango e movimentando a economia local.

Lair contou que a festa, já em sua 35ª edição, conta com cerca de 700 a 800 voluntários trabalhando, e tem entre os destaques as tortas gigantes servidas no sábado (com 300 quilos) e no domingo (com 500 quilos).

Já Weliton de Oliveira, representante de empresa na região Serrana que compra os morangos de produtores e os distribui para vários estados brasileiros, falou sobre o escoamento do produto, tanto com a fruta *in natura* como congelada. A empresa, com cerca de 1.300 colaboradores, tem mais de 600 produtores parceiros cadastrados e escoa a produção para todo o país, mantendo a qualidade das frutas.



PECUÁRIA DE CORTE CRESCE EM 2024 APÓS QUATRO ANOS DE OSCILAÇÕES

ESPÍRITO SANTO REGISTRA ALTA NO ABATE DE BOVINOS EM 2024 E RETOMA NÍVEIS PRÓXIMOS AOS OBSERVADOS ANTES DA QUEDA NACIONAL DE 2021

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O abate de bovinos no Espírito Santo voltou a crescer em 2024 e alcançou 76,7 mil toneladas em peso de carcaça, aproximando-se dos volumes registrados no início da década e encerrando um período de baixa entre 2020 e 2022. O desempenho segue a recuperação do mercado nacional, que atingiu 10,35 milhões de toneladas no mesmo ano, o maior volume da série histórica.

Após registrar 88,1 mil toneladas em 2014, o estado passou por uma trajetória de queda gradual até 2021, quando o abate chegou a 34,5 mil toneladas. A partir de 2022, o Espírito Santo retomou o crescimento, acompanhando a recomposição do rebanho e o aumento da oferta de animais terminados. O abate subiu para 51,7 mil toneladas em 2022, avançou para 73,9 mil toneladas em 2023 e fechou 2024 com 76,7 mil toneladas, consolidando recuperação consistente.

Mesmo com a melhora recente, a participação capixaba no abate nacional segue inferior à observada na década passada. Em 2014, o Estado detinha 1,09% do total brasileiro; em 2024, representa 0,74%. A queda reflete o crescimento acelerado de outras regiões produtoras e a menor velocidade de expansão da bovinocultura no território capixaba.

A trajetória nacional também mostra forte oscilação. O Brasil registrou queda expressiva em 2021, com 5,11 milhões de toneladas — o menor volume da série — seguida por rápida retomada a partir de 2022 e um salto para 10,35 milhões de toneladas em 2024.

A dinâmica da pecuária ao longo desses dois anos revela como o setor respondeu às pressões econômicas e sanitárias. Em 2020 e 2021, o consumo interno retraído, as restrições impostas pela pandemia e a redução temporária das exportações pressionaram abates e preços, culminando no menor volume da série histórica. O cenário foi agra-

vado pela queda na demanda por cortes nobres, pelo fechamento de restaurantes e pela paralisação temporária de plantas frigoríficas em diferentes estados, fatores que comprometeram a rentabilidade do produtor e reduziram o ritmo da atividade.

A partir de 2022, entretanto, a cadeia reagiu com força. A retomada do mercado interno, a reabertura do setor de serviços e a intensificação das vendas externas — impulsionadas especialmente pela demanda asiática — recolocaram a pecuária em rota de crescimento consistente.

PECUÁRIA DE LEITE

O número de vacas ordenhadas no Espírito Santo registrou queda em 2024 e atingiu 234,6 mil cabeças, o menor volume da série iniciada em 2014. Naquele ano, o estado contava com 420,5 mil vacas ordenhadas. A partir de 2015, o rebanho leiteiro iniciou um movimento contínuo de retração, passando por quedas expressivas em 2016 e 2017, quando o número de animais caiu para 272,9 mil e, depois, para 262 mil cabeças. O recuo segue ao longo dos anos seguintes e estabiliza-se em torno de 240 mil animais entre 2018 e 2024, com pequenas oscilações.

Em 2024, os maiores rebanhos de vacas ordenhadas estão distribuídos em diferentes regiões do estado. Ecoporanga lidera, com 18.662 cabeças, seguida por Barra de São Francisco (10.557), Alegre (10.502), Presidente Kennedy (9.109) e Cachoeiro de Itapemirim (8.924), municípios que mantêm forte tradição na atividade leiteira.

PRODUÇÃO LEITEIRA

A produção de leite no Espírito Santo registrou novo recuo em 2024, mas manteve elevado o valor gerado pela atividade, consolidando um movimento que marca toda a última década: menos volume, maior valor econômico. O estado produziu 349,5 milhões de litros, queda de 4,2% em relação a 2023, enquanto o valor da produção somou R\$ 835,8 milhões — o segundo maior da série histórica, abaixo apenas do registrado em 2023.

Desde 2014, quando o Espírito Santo produziu 483,6 milhões de litros, o setor vem reduzindo o volume anual, influenciado pela diminuição do

Municípios mais representativos na produção de vacas ordenhadas em 2024		
Município	Número de vacas ordenhadas (Cabeças)	(%)
Ecoporanga	18.662	7,95%
Barra de São Francisco	10.557	4,50%
Alegre	10.502	4,48%
Presidente Kennedy	9.109	3,88%
Cachoeiro de Itapemirim	8.924	3,80%
Mimoso do Sul	8.367	3,57%
Nova Venécia	7.958	3,39%
Mucurici	7.402	3,15%
Linhares	7.112	3,03%
Itapemirim	6.788	2,89%
Baixo Guandu	6.625	2,82%
Aracruz	5.852	2,49%
Montanha	5.222	2,23%
Castelo	4.918	2,10%
Guaçuí	4.904	2,09%
Colatina	4.619	1,97%
Águia Doce do Norte	4.477	1,91%
Muniz Freire	4.068	1,73%
Atílio Vivácqua	4.007	1,71%
Afonso Cláudio	3.815	1,63%
São José do Calçado	3.573	1,52%
Pancas	3.557	1,52%
São Mateus	3.505	1,49%
Pinheiros	3.205	1,37%
Águia Branca	2.893	1,23%
Itaguaçu	2.863	1,22%
Ibitirama	2.853	1,22%
Jerônimo Monteiro	2.842	1,21%
Anchieta	2.810	1,20%
Laranja da Terra	2.771	1,18%
Alfredo Chaves	2.752	1,17%
João Neiva	2.680	1,14%
Ponto Belo	2.665	1,14%
Mantenópolis	2.634	1,12%
Apicá	2.615	1,11%
Vila Pavão	2.579	1,10%
Muqui	2.563	1,09%
Rio Novo do Sul	2.561	1,09%
São Gabriel da Palha	2.426	1,03%
Divino de São Lourenço	2.085	0,89%
Guarapari	2.031	0,87%
Fundão	1.820	0,78%
Dores do Rio Preto	1.777	0,76%
Serra	1.652	0,70%
Santa Leopoldina	1.615	0,69%
Pedro Canário	1.600	0,68%
Conceição do Castelo	1.550	0,66%
Alto Rio Novo	1.411	0,60%
Iconha	1.387	0,59%
Iúna	1.352	0,58%
Vargem Alta	1.300	0,55%
Santa Teresa	1.141	0,49%
Bom Jesus do Norte	1.089	0,46%
Domingos Martins	1.083	0,46%
Viana	1.080	0,46%
Itarana	1.058	0,45%
Cariacica	910	0,39%
Santa Maria de Jetibá	897	0,38%
Piúma	827	0,35%
São Domingos do Norte	747	0,32%
Vila Valério	708	0,30%
Ibatiba	700	0,30%
Sooretama	677	0,29%
Venda Nova do Imigrante	613	0,26%
São Roque do Canaã	610	0,26%
Ibirapu	610	0,26%
Vila Velha	598	0,25%
Boa Esperança	568	0,24%
Governador Lindenberg	532	0,23%
Rio Bananal	511	0,22%
Brejetuba	406	0,17%
Jaguaré	370	0,16%
Irupi	317	0,14%
Conceição da Barra	278	0,12%
Marataízes	219	0,09%
Marilândia	199	0,08%
Marechal Floriano	72	0,03%
Vitória	39	0,02%
Total	234.674	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

número de vacas ordenhadas, pelo aumento dos custos de produção e pela migração para sistemas mais intensivos e tecnificados. Entre 2014 e 2024, a produção caiu 27,7%. O valor da produção, no entanto, mais que dobrou no período, impulsionado por preços mais altos e por ganhos de produtividade por animal.

O ponto mais baixo da série foi em 2022, com 345,2 milhões de litros. A partir de 2023, houve recuperação parcial, mas a produção voltou a cair em 2024. Apesar disso, o valor gerado pelo leite permaneceu elevado, com resultados consistentes desde 2020, quando o setor ultrapassou a marca de R\$ 650 milhões e iniciou uma trajetória ascendente.

A atividade permanece amplamente distribuída pelo território capixaba, com destaque para municípios tradicionalmente ligados à pecuária leiteira. Em 2024, Ecoporanga liderou a produção estadual, com 24,57 milhões de litros (7,03%), seguida por Mucurici (14,74 milhões), Alegre (14,06 milhões), Presidente Kennedy (13,90 milhões) e Nova Venécia (12,61 milhões), que juntos respondem por mais de 22% do volume produzido no estado.

Vacas Ordenhadas	
Ano	Número de vacas ordenhadas (Cabeças)
2014	420.530
2015	381.339
2016	272.908
2017	262.055
2018	239.774
2019	239.579
2020	244.739
2021	248.981
2022	239.855
2023	244.528
2024	234.674

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

Leite		
Ano	Produção (mil litros)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	483.603	478.744
2015	469.375	467.072
2016	371.375	410.770
2017	378.172	431.473
2018	417.326	496.471
2019	415.563	532.369
2020	392.475	656.648
2021	361.797	727.088
2022	345.241	806.842
2023	365.055	867.407
2024	349.544	835.808

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção de leite em 2024

Município	Produção (mil litros)	(%)
Ecoporanga	24.572	7,03%
Mucuri	14.746	4,22%
Alegre	14.057	4,02%
Presidente Kennedy	13.903	3,98%
Novo Venâncio	12.616	3,61%
Barra de São Francisco	11.477	3,28%
Linhares	11.346	3,25%
Itapemirim	10.519	3,01%
Mimoso do Sul	10.190	2,92%
Aracruz	9.550	2,73%
Cachoeiro de Itapemirim	9.321	2,67%
Guacuí	8.625	2,47%
Castelo	8.303	2,38%
Ibirité	7.899	2,26%
Montanha	7.767	2,22%
Colatina	6.789	1,94%
Baixo Guandu	6.785	1,94%
Muniz Freire	6.470	1,85%
São José do Calçado	6.464	1,85%
Itaguaçu	5.535	1,58%
Afonso Cláudio	5.440	1,56%
Átilio Vivácqua	5.347	1,53%
Anchieta	5.230	1,50%
Águia Doce do Norte	5.009	1,43%
Santa Teresa	4.867	1,39%
São Mateus	4.686	1,34%
Águia Branca	4.647	1,33%
Pinheiros	4.584	1,31%
Alfredo Chaves	4.519	1,29%
Dores do Rio Preto	4.350	1,24%
Divino de São Lourenço	4.350	1,24%
Jerônimo Monteiro	4.176	1,19%
Laranja da Terra	4.108	1,18%
Conceição do Castelo	3.943	1,13%
Vila Pavão	3.671	1,05%
Apiaçá	3.668	1,05%
Guarapari	3.610	1,03%
São Gabriel da Palha	3.466	0,99%
Serra	3.278	0,94%
Ponto Belo	3.092	0,88%
Rio Novo do Sul	3.057	0,87%
João Neiva	3.056	0,87%
Pancas	3.017	0,86%
Muqui	2.920	0,84%
Iúna	2.844	0,81%
Fundão	2.842	0,81%
Santa Leopoldina	2.813	0,80%
Mantenópolis	2.772	0,79%
Venda Nova do Imigrante	2.514	0,72%
Pedro Canário	2.483	0,71%
Iconha	2.456	0,70%
Santa Maria de Jetibá	2.395	0,69%
Cariacica	1.761	0,50%
Viana	1.546	0,44%
Ibatiba	1.516	0,43%
Alto Rio Novo	1.493	0,43%
Vargem Alta	1.449	0,41%
Pium	1.390	0,40%
Bom Jesus do Norte	1.384	0,40%
Itarana	1.296	0,37%
Domingos Martins	1.257	0,36%
São Roque do Canaã	1.243	0,36%
Sooretama	923	0,26%
São Domingos do Norte	858	0,25%
Governador Lindenberg	845	0,24%
Vila Valério	836	0,24%
Irupi	747	0,21%
Ibirá	732	0,21%
Boa Esperança	652	0,19%
Brejetuba	613	0,18%
Vila Velha	574	0,16%
Conceição da Barra	561	0,16%
Rio Bananal	535	0,15%
Jaguáre	446	0,13%
Marataízes	353	0,10%
Marilândia	241	0,07%
Marechal Floriano	102	0,03%
Vitória	48	0,01%
Total	349.544	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

A PRODUÇÃO DE LEITE NO ESPÍRITO SANTO REGISTROU RECUO EM 2024, MAS MANTEVE ELEVADO O VALOR GERADO PELA ATIVIDADE



PECUÁRIA REGENERATIVA: O FUTURO DA CARNE PASSA PELA REGENERAÇÃO DOS RECURSOS NATURAIS

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosalta.com

No dicionário Aurélio a definição da palavra "regenerativa" aponta para aquilo que reconstrói ou restabelece, dando nova vida, vitalidade ou energia. É justamente o que prevê a pecuária regenerativa. Prática agropecuária que promove a restauração da saúde dos solos, da biodiversidade e dos ecossistemas. Uma alternativa viável, inclusive, para reduzir as emissões de carbono.

Ainda no campo dos conceitos, a zootecnista Renata Eller explica que a pecuária regenerativa não visa apenas produzir carne ou leite, mas gerar serviços ecossistêmicos: água limpa, biodi-

APESAR DA SERIEDADE DO TEMA, A ADESÃO AO MODELO É ALGO AINDA EMBRIONÁRIO NO ESTADO

versidade, solo fértil e captura de carbono. A ideia, segundo a especialista, é que a fazenda se torne mais resiliente, produtiva e ambientalmente positiva ao longo do tempo.

“Na prática, a pecuária regenerativa prioriza o aumento da matéria orgânica e da biodiversidade no solo, estimulando o ciclo de nutrientes e a infiltração de água com menor dependência de químicos (fertilizantes, defensivos), valorizando processos biológicos e naturais, potencial de sequestro de carbono no solo e na vegetação, ajudando a mitigar as emissões de gases de efeito estufa”, diz Renata.

O modelo, que propõe uma mudança estrutural na forma de produzir, é uma tendência mundial e sua prática representa um marco para o futuro da pecuária nacional e capixaba.

“No Espírito Santo, onde as propriedades rurais muitas vezes convivem com solos sensíveis e períodos de seca, a adoção de práticas regenerativas — como o manejo rotacionado de pastagens, a integração lavoura–pecuária–floresta e o uso de bioinsulmos — fortalece não apenas a sustentabilidade ambiental, mas também a resiliência econômica das famílias produtoras”, afirma o zootecnista Filipe Barbosa Martins, gestor de Projetos da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag).

Em sua avaliação, para o Brasil se tornar competitivo, principalmente para produ-

RENATA ELLER, ZOOTECNISTA



tos exportados, e diante das novas exigências dos consumidores no mercado interno, vai ter que se adaptar. “A tendência é que os pecuaristas migrem para essa prática e passem a utilizar métodos regenerativos”.

Mas, Renata faz um alerta: “não basta romantizar a mudança”. Segundo a zootecnista, alguns desafios tornam o processo mais lento e cheio de incertezas, principalmente nos primeiros anos. Esses entraves passam pela falta de assistência técnica especializada, ausência de políticas públicas estruturadas, e linhas de crédito que reconheçam os benefícios ambientais.

Na visão da especialista, no entanto, a maior barreira é a resistência cultural. “Os produtores, acostumados ao modelo convencional, têm dificuldade de abandonar velhos hábitos, mesmo sabendo que não são sustentáveis no longo prazo”. E acrescenta: “adotar práticas regenerativas, significa reformular a

lógica da produção, integrando saberes tradicionais, ciência ecológica e inovação social”.

TRANSIÇÃO LENTA

Apesar da seriedade do tema, a adesão ao modelo é algo ainda embrionário no estado. Porém, alguns bons exemplos começam a surgir de Norte a Sul do Espírito Santo. A favor do bem-estar animal, uso consciente de recursos naturais e do reaproveitamento de materiais e produtos, associado à experiência já bem-sucedida com o aproveitamento das fezes de suínos para fertirrigação de pastagens, os gestores da Fazenda do Frade, em Itapemirim, no Sul capixaba, optaram pela pecuária regenerativa.

“É muito fácil observar, através de análise visual mesmo, as diferenças de nossas pastagens que recebem a fertirrigação oriunda da suinocultura para as



27 ANOS

**LEVANDO O SANEAMENTO PARA MUITO
ALÉM DO BÁSICO EM CACHOEIRO**

Há 27 anos, transformamos a realidade do saneamento básico de Cachoeiro de Itapemirim. De forma determinada, com planejamento, investimentos contínuos e empenho das nossas equipes de funcionários, os serviços de água e esgoto da cidade se tornaram referência para o Espírito Santo e para o Brasil. Além de alcançar os índices de universalização estabelecidos pelo Marco Legal, Cachoeiro é o único município nota 10 no Ranking Capixaba de Saneamento Básico 2024 (Tribunal de Contas do Espírito Santo).

NOSSA TRAJETÓRIA DE DEDICAÇÃO EM NÚMEROS:

- 07 estações de tratamento de água
- 689,25 km de rede de água
- 99% de cobertura de abastecimento
- Índice de perdas de 23,6% - muito abaixo da média nacional de 37,8%
- 11 estações de tratamento de esgoto
- 572,04 km de rede coletora de esgoto
- 21 milhões de litros de esgoto tratados por dia



BRK

Saneamento é só o começo.





**A FAVOR DO BEM-ESTAR ANIMAL,
DO USO CONSCIENTE DOS
RECURSOS NATURAIS E DO
REAPROVEITAMENTO DE MATERIAIS
E PRODUTOS, PRODUTOR INVESTE
NA PECUÁRIA REGENERATIVA**

que não recebem. Isso se comprova quando fazemos as análises de solos dessas pastagens individuais”, explica Odael Spadeto Junior, gerente e médico veterinário responsável técnico da fazenda.

Quando adquiriram a propriedade, o local estava bastante degradado, e eles iniciaram um processo de recuperação, tanto das áreas agricultáveis quanto das pastagens. Optaram pelo sistema Compost Barn, uma cama de serragem que, misturada à urina e às fezes diárias dos animais e revolvida diariamente, passa pelo processo de compostagem e se transforma em adubo orgânico após 90 dias.

“Optamos por confinar nosso gado no sistema de compost, assim, teremos bem-estar animal associado à produção de adubo orgânico que utilizaremos tanto nas nossas lavouras de milho, para a produção de silagem, alimento para o gado, quanto nas pastagens, diminuindo assim o uso de adubos e herbicidas químicos”, pontua. Ainda segundo Junior, o confinamento é recente e a primeira cama de serragem foi retirada no final de novembro.

Nas áreas baixas da propriedade plantam milho para silagem, e nas partes altas estão fazendo o trabalho de recuperação das pastagens. “A fazenda é autossuficiente, o pasto e a produção de silagem feita com o milho conseguirão manter a fazenda o ano todo, sem a compra de ração de terceiros”, destaca Renata.

Em 2011, após concluir o curso de engenharia florestal, Caio Wan-Del-Rey decidiu aplicar os conceitos de práticas regenerativas na fazenda da família que fica em Mucurici, no Extremo Norte. Começaram pelo reflorestamento e o cercamento de nascentes, e depois o manejo de pastagem respeitando a fisiologia da planta.

“Temos um sistema com 11 módulos de pastejo, e os animais vão rodando entre esses módulos. A gente calcula a lotação, a quantidade de animais, o tempo de ocupação, sempre respeitando a planta, a altura de entrada, a altura de saída. Cada módulo desses tem a água, o cocho para a gente servir a suplementação que não tem no

pasto, e uma sombra para os animais ruminarem e deitarem-se, contribuindo assim com o bem-estar animal”, detalha Caio.

A família Wan-Del-Rey tem na fazenda o que chamam de piquete móvel. Determina o tamanho do piquete conforme a estação do ano, a quantidade de animais, a taxa de rebrota do pasto, sempre olhando para o pasto para saber se está na hora de entrar ou de tirar o gado.

“Os piquetes não são fixos e a gente consegue controlar melhor, se vai ter mais ou menos animal, se tem que descansar mais e não ter animal, porque são piquetes pequenos. A gente chega a fazer piquetes de 50 metros por 120 metros e vai acomodar de 30 a 60 animais, na média”.

Com mais de 600 árvores plantadas, a meta é chegar a aproximadamente 3.000 árvores plantadas espalhadas na propriedade para gerar sombra, melhorar o solo, melhorar a absorção de carbono e ajudar a água a se infiltrar no solo.



REFORESTAMENTO, CERCAMENTO DE NASCENTES E MANEJO DE PASTAGENS RESPEITANDO A FISIOLOGIA DAS PLANTAS ESTÃO ENTRE AS MEDIDAS ADOTADAS NA FAZENDA DE CAIO



DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DA CADEIA DO LEITE

Lançado em agosto de 2023, o Programa de Desenvolvimento Sustentável da Cadeia do Leite do Espírito Santo é uma iniciativa do Estado com horizonte de execução até 2032, voltada ao fortalecimento, à transformação sustentável e ao aumento da competitividade da cadeia leiteira capixaba.

Dentre as ações do eixo estratégico Sustentabilidade está a integração da pecuária regenerativa, com foco em restaurar ecossistemas, aumentar a eficiência produtiva e garantir a resiliência econômica e ambiental das propriedades rurais.

Para o secretário de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), Enio Bergoli, a pecuária regenerativa não é tendência, e sim necessidade. “A inserção de práticas regenerativas permite aumentar a produtividade sem ampliar áreas de pastagem, melhora a qualidade do leite, reduz custos de produção e contribui diretamente para as metas globais de baixo carbono e neutralidade climática. A pecuária regenerativa não é apenas uma tendência, é uma necessidade para garantir competitividade, segurança alimentar e equilíbrio

ambiental do campo nas próximas gerações”, salienta o secretário.

Entre as diretrizes do programa estão manejo do solo e pastagens regenerativas; integração lavoura-pecuária-floresta (ILPF), gestão da água e bem-estar animal; redução de emissões e economia circular; formação técnica e educação regenerativa e indicadores de sustentabilidade.

DENTRE AS AÇÕES DO EIXO ESTRATÉGICO SUSTENTABILIDADE ESTÁ A INTEGRAÇÃO DA PECUÁRIA REGENERATIVA, COM FOCO EM RESTAURAR ECOSISTEMAS, AUMENTAR A EFICIÊNCIA PRODUTIVA E GARANTIR A RESILIÊNCIA ECONÔMICA E AMBIENTAL DAS PROPRIEDADES RURAIS

FUNDO EMERGENCIAL DE PROMOÇÃO DA SAÚDE ANIMAL DO ESPÍRITO SANTO

Trajetória de apoio às ações de proteção dos rebanhos capixabas



2025 foi o ano do reconhecimento internacional do Espírito Santo como zona livre da febre aftosa sem vacinação. No dia 29 de maio, a Organização Mundial de Saúde Animal (OMSA) fez, em Paris, o anúncio esperado há mais de 50 anos. A expressiva conquista, que reflete o trabalho conjunto e a dedicação dos governos e do setor produtivo, representou um marco significativo para a pecuária capixaba e brasileira. Essa vitória foi o coroamento da atuação incansável da defesa sanitária e do setor produtivo.

A delegação capixaba presente no evento em Paris contou com representantes do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf) e do Fundo Emergencial de Promoção da Saúde Animal do Estado do Espírito Santo (Fepsa-ES).

Para o presidente do Fepsa-ES, Neuzedino Assis, a participação ativa e o engajamento das entidades representativas do setor produtivo foram determinantes para o sucesso das ações ao

longo dos anos, somando esforços essenciais ao trabalho governamental na busca pela certificação. "Tenho orgulho de ter acompanhado de perto todo o processo que culminou nesta importante conquista", celebrou, na ocasião, Neuzedino Assis, enfatizando a sinergia entre o setor público e privado.

A atuação do setor produtivo, organizada a partir de 1998 com a criação do Fepsa, liderado inicialmente pela Federação da Agricultura e Pecuária (FAES) sob a gestão de Nyder Barbosa de Menezes e posteriormente por Julio da Silva Rocha Junior, demonstra o comprometimento com a sanidade animal. O Fepsa hoje reúne FAES, OCB, ASES, AVES, SINDIFRIO, IDAF e MAPA, mas em sua origem teve como objetivo primordial dar sustentabilidade e agilidade às ações de fortalecimento da defesa e do plano de erradicação da aftosa. A participação fundamental do SENAR-ES e dos Sindicatos Rurais também impulsionou as iniciativas junto aos produtores.

Atualmente o Fepsa vai muito além da atuação no PNEFA (Plano Estratégico do Programa Nacional de Vigilância para a Febre Aftosa) e recentemente conquistou mais um importante marco: o regulamento que vai orientar as indenizações nos casos das doenças previstas em lei aos criadores de aves e suínos, além dos ovinos, bovinos e bubalinos.



linha do tempo



Ao longo do tempo mudaram-se os nomes dos órgãos e instituições envolvidas. Alguns personagens permanecem e no Espírito Santo é importante destacar o de Neuzedino Assis, presidente do Fepsa-ES há 15 anos e do veterinário Antônio Carlos, que acompanha essa história desde o seu primeiro capítulo em 1971. Veja o resumo dessa história na linha do tempo abaixo e saiba mais escaneando o QRCode.

Entenda a trajetória no Espírito Santo

1971 – Criação do Grupo Executivo de Combate à Febre Aftosa (Gecofa) em Montanha, Mucurici e Pinheiros



1974 – Criação da Empresa Espírito Santense de Pecuária (Emespe)

1992 - Criação do PNEFA - Plano Nacional de Erradicação da Febre Aftosa. / Início do envolvimento do setor produtivo por meio da FAES/Sindicatos Rurais e Sindicato da Indústria de Vacinas nas campanhas de vacinação

1996 – Último foco de aftosa no ES. / Estruturação do Instituto de Defesa Agropecuária e Florestal do Espírito Santo (Idaf)

1998 - Criação do Fepsa como condicionante da antiga OIE (Organização Internacional das Epizootias)

2001 - Reconhecimento do Espírito Santo como estado livre de aftosa com vacinação - Início das exportações de carne bovina do ES para a União Europeia

2006 - Reconhecimento do Brasil como país livre de aftosa com vacinação

2023 – Último ano com campanha de vacinação contra a febre aftosa no Espírito Santo

2025 – Reconhecimento internacional de livre de febre aftosa sem vacinação. Abertura de mais mercados internacionais para a carne capixaba./Regulamentação das indenizações por eventual doença no rebanho



PROGRAMA DE DISTRIBUIÇÃO DE RAÇÃO FARELADA SEGUE FORTALECENDO PRODUTORES RURAIS EM PRESIDENTE KENNEDY

FOTO DIVULGAÇÃO/PREFEITURA DE PRESIDENTE KENNEDY



ENTREGA DE RAÇÃO FARELADA BENEFICIA PRODUTORES E FORTALECE A ATIVIDADE RURAL NO MUNICÍPIO

PROGRAMA MUNICIPAL ATENDE 280 PRODUTORES E REFORÇA A ALIMENTAÇÃO ANIMAL, REDUZINDO CUSTOS E FORTALECENDO A CADEIA RURAL EM PRESIDENTE KENNEDY

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Cerca de 280 produtores rurais de Presidente Kennedy estão sendo atendidos por um programa municipal de distribuição de ração farrelada, executado pela Secretaria Municipal de Agricultura. A iniciativa busca apoiar a pecuária local e reduzir os custos de produção enfrentados pelos agricultores do município.

De acordo com a administração municipal, o fornecimento gratuito do insulmo contribui para a melhoria da alimentação animal e ajuda a manter a atividade produtiva em períodos de maior pressão econômica ou climática. Para os produtores beneficiados, a ração representa um alívio no orçamento e um suporte para a manutenção da produtividade.

O programa integra o conjunto de políticas públicas voltadas ao fortalecimento da agricultura familiar e da produção rural em Presidente Kennedy. A prefeitura afirma que ações desse tipo têm impacto direto na economia local e na segurança alimentar, ao garantir condições mínimas para a continuidade das atividades no campo.

VILA VELHA APOSTA NA PISCICULTURA COMO NOVO VETOR DE DESENVOLVIMENTO RURAL

FOTOS DIVULGAÇÃO



REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Reforçando o compromisso da Prefeitura de Vila Velha com o fortalecimento do desenvolvimento rural, a Secretaria de Agricultura e Pesca deu início, de forma prática, à política municipal de incentivo à piscicultura. No início de dezembro, equipes técnicas estiveram no Recanto da Coruja, propriedade rural na região do Xuri, acompanhando a consultoria do Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar), voltada à qualificação da criação de peixes e camarões em tanques.

A ação integra um programa mais amplo que prevê, ao longo de 2026, atendimento técnico a outras propriedades rurais do município. Ao todo, 40 produtores de Vila Velha foram cadastrados e receberão consultoria gratuita do Senar, com o objetivo de iniciar ou ampliar a produção aquícola.

Entre os beneficiados está o produtor rural José Luiz Helmer, que já trabalha em pequena escala com tilápia e camarão da Malásia. Ele acredita que o apoio técnico contribuirá para melhorar seus resultados e garantir melhores condições de vida no campo.

Helmer pretende adotar a alimentação das espécies com base vegetal, utilizando Lemna, planta rica em proteínas, como alternativa para reduzir os custos com ração. A expectativa é ampliar gradualmente a produção e alcançar até duas toneladas de pescado por mês.

Segundo o consultor técnico e instrutor do Senar, Fabiano Giori, o primeiro passo é avaliar as condições e o potencial produtivo de cada propriedade. A partir desse diagnóstico, os produtores recebem assistência técnica e gerencial gratuita mensal por dois anos, direcionada às necessidades específicas de cada atividade, visando o crescimento sustentável da produção.



DA LAVOURA AO MUNDO

O DOMÍNIO CAPIXABA DA PIMENTA-DO-REINO

SÁVIO CAZELLI TOREZANI EM UMA DE SUAS PROPRIEDADES: A APOSTA NA RENTABILIDADE FEZ A ÁREA PLANTADA SALTAR DE 20 PARA 200 HECTARES EM APENAS QUATRO ANOS

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo encerrou 2024 reafirmando sua posição de maior produtor e exportador de pimenta-do-reino do Brasil. Responsável por 61% da oferta

nacional, o estado colheu 73,5 mil toneladas em uma área de 20,2 mil hectares, mantendo desempenho elevado apesar da leve queda na produtividade em relação ao ano anterior.

Os dados mostram que a cultura passou por forte expansão na última década. Em 2014, o estado produziu 7,6 mil toneladas; em 2024,

o volume é quase dez vezes maior. A área colhida aumentou continuamente, impulsionada pelo avanço tecnológico, pela adoção de sistemas de produção mais eficientes e pela consolidação de polos produtivos no Norte capixaba.

A partir de 2017, a produtividade passou a operar em um patamar mais estável, oscilando entre 3,6 mil e 4.000 quilos por hectare. Em 2024, o rendimento ficou em 3.634 kg/ha, influenciado por fatores climáticos e pela alternância natural das lavouras.

A produção é fortemente concentrada em cinco municípios. São Mateus lidera com 26.240 toneladas (35,71%), seguido por Rio Bananal (7.700 t), Vila Valério (6.667 t), Nova Venézia (5.650 t) e Pinheiros (4.200 t). Juntos, esses municípios respondem por mais de 68% de toda a pimenta produzida no estado.

Para garantir competitividade e sustentabilidade, o Governo do Estado começou a estruturar, em 2025, o Programa de Desenvolvimento Sustentável da Pipericultura Capixaba, que cria um currículo de sustentabilidade específico para a cultura, inspirado no modelo aplicado com sucesso na cafeicultura. Segundo o subsecretário de Desenvolvimento Rural da Secretaria de Estado da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag), Michel Tesch, o objetivo é fortalecer a produção e ampliar a adoção de boas práticas. “Queremos replicar uma experiência consolidada e reconhecida nacional e internacionalmente”, destacou.

O diretor-geral do Incaper, Antonio Elias Souza da Silva, reforça que o órgão já está integrado ao processo. “Nossas equipes vão atuar na construção do programa e em ações de pesquisa, assistência técnica e extensão rural para tornar a cadeia ainda mais robusta, sustentável e competitiva”, afirmou.

A inovação também avança dentro das propriedades. Em Pinheiros, o engenheiro agrônomo e produtor Cássio Henrique destaca os resultados obtidos com a

ESPÍRITO SANTO SEGUE LÍDER ABSOLUTO DA PIMENTA-DO-REINO NO BRASIL E FORTALECE SUSTENTABILIDADE E TECNOLOGIA NA PIPERICULTURA

Municípios mais representativos na produção de pimenta do reino em 2024

Município	Produção (t)	(%)
São Mateus	26.240	35,71%
Rio Bananal	7.700	10,48%
Vila Valério	6.667	9,07%
Nova Venézia	5.650	7,69%
Pinheiros	4.200	5,72%
São Gabriel da Palha	3.968	5,40%
Conceição da Barra	3.210	4,37%
Jaguaré	3.000	4,08%
Boa Esperança	2.400	3,27%
Sooretama	2.142	2,91%
Pedro Canário	1.580	2,15%
Linhares	1.444	1,97%
Vila Pavão	782	1,06%
São Domingos do Norte	608	0,83%
Aracruz	574	0,78%
Montanha	455	0,62%
Águia Branca	403	0,55%
Marilândia	400	0,54%
Ecoporanga	360	0,49%
Ponto Belo	304	0,41%
Barra de São Francisco	300	0,41%
Governador Lindenberg	226	0,31%
Pancas	174	0,24%
Colatina	105	0,14%
Água Doce do Norte	105	0,14%
Serra	96	0,13%
Guarapari	49	0,07%
Mantenópolis	45	0,06%
São Roque do Canaã	39	0,05%
Ibiráçu	32	0,04%
Fundão	31	0,04%
Itarana	28	0,04%
Alto Rio Novo	27	0,04%
Anchieta	23	0,03%
Mucurici	21	0,03%
Santa Teresa	18	0,02%
Baixo Guandu	18	0,02%
Santa Leopoldina	15	0,02%
Itaguaçu	11	0,01%
Presidente Kennedy	8	0,01%
João Neiva	7	0,01%
Afonso Cláudio	7	0,01%
Itapemirim	6	0,01%
Viana	3	0,00%
Jerônimo Monteiro	3	0,00%
Total	73.484	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Pimenta do Reino			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	2.665	7.597	2.851
2015	3.998	13.863	3.467
2016	6.800	12.801	1.883
2017	9.701	34.591	3.566
2018	15.208	60.425	3.982
2019	15.784	62.633	3.968
2020	17.100	67.594	3.953
2021	17.921	72.084	4.022
2022	19.447	76.553	3.935
2023	19.635	77.681	3.956
2024	20.220	73.484	3.634

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

PROGRAMA DE PIPERICULTURA APOSTA EM BOAS PRÁTICAS, INOVAÇÃO NO CAMPO E ATUAÇÃO INTEGRADA

lona estática, tecnologia que reduz custos, otimiza a colheita e diminui o uso de herbicidas. O sistema mantém a umidade do solo por mais tempo e evita o contato dos frutos com o chão, preservando a qualidade da pimenta e reduzindo perdas. O investimento varia entre R\$ 20 mil e R\$ 25 mil por hectare, com retorno estimado em até três anos.

Com liderança consolidada, expansão tecnológica e um novo programa estadual estruturado, a pimenta-do-reino segue como uma das cadeias mais fortes do agronegócio capixaba.



PRODUTOR AMPLIA ÁREA DE PIMENTA-DO-REINO DE 20 PARA 200 HECTARES EM QUATRO ANOS NO ES

ROSIMERI RONQUETTI

jornalismo@conexaosafra.com

O produtor rural Sávio Cazelli Torezani tem protagonizado um dos exemplos mais recentes de expansão da cultura da pimenta-do-reino no Espírito Santo. Em 2021, ele iniciou o plantio com 20 hectares, dentro de um planejamento voltado para a sucessão da cultura do mamão. A ideia inicial era realizar uma substituição gradual, prática comum entre produtores capixabas, que geralmente adotam o café como principal alternativa. Mas a dinâmica no campo mostrou outro caminho. Logo após o primeiro plantio, a pimenta-do-reino se destacou pela boa rentabilidade e viabilidade agronômica, revelando-se uma alternativa competitiva ao café na sucessão produtiva. A partir desse resultado, Torezani decidiu ampliar a escala e expandir a área plantada. Hoje, são 200 hectares cultivados nas Fazendas Taquetti, Duas Barras, São Rafael e Boa Vista.

Segundo o produtor, a rentabilidade da cultura tem sido um dos principais fatores que impulsionam o crescimento da pimenta-do-reino no Espírito Santo.

“O estado tem tradição no cultivo e reúne condições favoráveis de clima, solo e tecnologia. Mas o que tem impulsionado a expansão nos últimos anos é a boa relação entre o custo de produção e o retorno por hectare. O preço do quilo tem sido muito atrativo. Essa combinação — alta rentabilidade, ambiente favorável e estratégia de diversificação — tem levado muitos produtores a adotarem a cultura como forma de diversificação de renda, garantindo maior equilíbrio no fluxo de caixa e reduzindo a dependência de uma única atividade agrícola. E também explica por que o Espírito Santo segue como líder brasileiro na produção de pimenta-do-reino”, destaca Torezani.



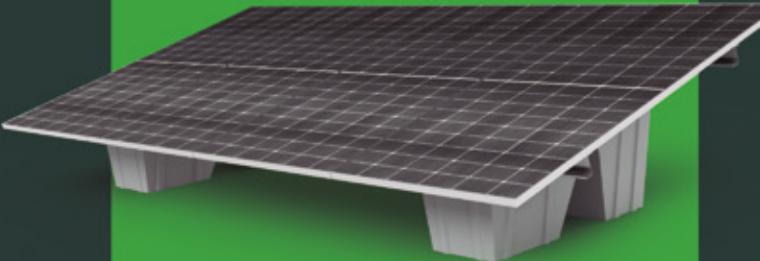
O sol é a sua nova fonte de **rentabilidade** **no campo**

Chegou a solução perfeita para o agronegócio: o Conasol, o primeiro consórcio de energia solar do Brasil. Com ele, você constrói sua usina e transforma a luz do sol em mais uma renda para sua propriedade rural.

Não deixe para depois. Invista no futuro agro mais sustentável.



**ACESSE
AGORA**



**Contemplação
garantida em
até 4 meses**



**Sem necessidade
de lance**



**Economia para
impulsionar
seus lucros**

CONASOL
CONSÓRCIO NACIONAL SOLAR | 



27 99773-9109



@conasolbr



conasol.com.br



PISCICULTURA RETOMA FÔLEGO NO ESPÍRITO SANTO

SETOR FECHA 2024 COM MAIOR VOLUME EM DEZ ANOS E CONSOLIDA LINHARES COMO POLO DA TILAPICULTURA NO ESPÍRITO SANTO

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A piscicultura capixaba voltou a ganhar ritmo em 2024. Depois de um período marcado por oscilações e retração, a produção estadual alcançou 7,07 milhões de quilos, o maior volume da série iniciada em 2014. O avanço representa uma recuperação contínua desde 2021, quando o setor registrou uma reversão importante após anos de queda.

Os dados mostram que o movimento recente é resultado de amadurecimento técnico e expansão de estruturas produtivas. A tilápia permanece como o carro-chefe da atividade. O valor da produção também avançou de maneira consistente: em 2024, a piscicultura movimentou R\$ 68,4 milhões, consolidando dois anos consecutivos de forte crescimento econômico.

Entre os municípios, Linhares se mantém como o principal polo de tilápia do Espírito Santo, respondendo por 3,2 milhões de quilos da espécie em 2024. Na sequência aparecem Domingos Martins (1,41 milhão de quilos), Marechal Floriano (550 mil quilos), Guarapari (480 mil quilos) e Muniz Freire (260 mil quilos). Juntos, esses cinco municípios representam o núcleo mais competitivo da produção estadual.

A tilápia domina amplamente o perfil produtivo, com 7,03 milhões de quilos, seguida por espécies com volumes bem menores, como tambaqui (18 mil quilos), carpa (5,6 mil quilos), pirarucu (5,5 mil quilos), curimatá/curimbatá (2,1 mil quilos) e traíra/trairão (2,1 mil quilos). A forte concentração reforça a especialização do Espírito Santo na espécie que reúne maior demanda, melhor conversão alimentar e mercado consolidado.

Ao longo da década, os dados mostram uma queda na produção até 2020 e uma recuperação

firme a partir de 2021. Depois de alcançar o pico de 7,9 milhões de quilos em 2014, os números foram caindo até 2019, quando chegaram a 3,9 milhões de quilos. A virada acontece em 2021, com a produção subindo para 4,7 milhões de quilos, e esse crescimento ganha força nos anos seguintes.

CAMARÃO DA MALÁSIA

Se a piscicultura teve uma retomada, a produção de camarão gigante da Malásia registrou novo recuo em 2024 no Espírito Santo. O volume totalizou 11,35 mil quilos, abaixo dos 12,47 mil quilos registrados em 2023, mantendo a tendência de oscilação que marca a série histórica da última década. O valor da produção acompanhou a queda e fechou o ano em R\$ 170 mil, resultado inferior ao registrado nos últimos anos e distante do desempenho mais expressivo da década, em 2014.

Os dados mostram que a criação da espécie vive uma trajetória irregular desde 2014, quando o estado produziu 67,6 mil quilos. Depois daquele pico, o setor enfrentou forte retração, chegando ao menor volume da década em 2016, com apenas 5,9 mil quilos. A atividade oscilou entre avanços moderados e recuos ao longo dos anos, mas não retomou patamares anteriores.

A distribuição geográfica da produção evidencia uma forte concentração em poucos municípios. Governador Lindenberg lidera com ampla margem, responsável por 7.500 quilos, o que representa 66,08% de toda a produção estadual. Em seguida aparece Ibitiraçu, com 2.950 quilos (25,99%). Os demais municípios têm participação modesta: Alfredo Chaves contribuiu com 500 quilos (4,41%) e Marilândia com 400 quilos (3,52%).

A soma das quatro localidades concentra 100% da produção estadual, mostrando que o cultivo do camarão permanece restrito a pequenos polos produtivos, com baixo nível de expansão territorial e ainda distante de processos mais intensivos de tecnificação.

Apesar das oscilações, a continuidade do cultivo indica que há nichos de mercado que mantêm a atividade ativa, sobretudo em municípios onde produtores já dominam o manejo e contam com estrutura instalada.

Municípios mais representativos na produção de camarão em 2024

Município	Produção (Kg)	(%)
Governador Lindenberg	7.500	66,08%
Ibiraçu	2.950	25,99%
Alfredo Chaves	500	4,41%
Marilândia	400	3,52%
Total	11.350	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.

Piscicultura

Ano	Produção (Kg)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	7.949.037	41.719
2015	6.669.190	36.370
2016	5.356.746	28.621
2017	3.737.303	24.016
2018	4.058.022	24.732
2019	3.911.147	24.594
2020	3.975.511	26.290
2021	4.717.209	44.338
2022	5.448.140	26.290
2023	6.271.033	67.233
2024	7.071.594	68.435

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

Camarão Gigante da Malásia

Ano	Produção (Kg)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	67.660	2.186
2015	32.960	1.092
2016	5.955	200
2017	13.625	540
2018	15.082	233
2019	12.467	230
2020	15.006	368
2021	9.750	243
2022	12.900	388
2023	12.475	429
2024	11.350	170

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2014-2024.

EM 2024, A PISCICULTURA CAPIXABA ALCANÇOU SEU MAIOR VOLUME HISTÓRICO IMPULSIONADA PELA TILÁPIA E POR UMA RECUPERAÇÃO INICIADA EM 2021, ENQUANTO A PRODUÇÃO DE CAMARÃO SEGUE CONCENTRADA, IRREGULAR E COM BAIXO NÍVEL DE EXPANSÃO NO ESTADO

Peixes mais produzidos em 2024

Peixe	Produção (Kg)	(%) da produção
Tilápia	7.033.222	99,46%
Tambaqui	18.012	0,25%
Carpa	5.611	0,08%
Pirarucu	5.528	0,08%
Curimatã, curimbatá	2.193	0,03%
Traíra e traírão	2.100	0,03%
Piau, piapara, piauçu, piava	1.881	0,03%
Pintado, cachara, cachapira e pintachara, surubim	1.209	0,02%
Lambari	700	0,01%
Tambacu, tambatinga	658	0,01%
Pacu e peitinga	400	0,01%
Outros peixes	80	0,00%
Total	7.071.594	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.



FOTO: FREEPIK

Municípios mais representativos na produção de tilápia em 2024

Município	Produção (Kg)	(%)
Linhares	3.200.000	45,50%
Domingos Martins	1.410.000	20,05%
Marechal Floriano	550.000	7,82%
Guarapari	480.000	6,82%
Muniz Freire	260.000	3,70%
Alegre	114.025	1,62%
Santa Teresa	100.000	1,42%
Alfredo Chaves	100.000	1,42%
Santa Maria de Jetibá	90.000	1,28%
São Domingos do Norte	80.000	1,14%
Água Doce do Norte	65.000	0,92%
Serra	60.000	0,85%
Santa Leopoldina	60.000	0,85%
Fundão	60.000	0,85%
Mantenópolis	40.000	0,57%
Nova Venécia	39.449	0,56%
Anchieta	35.000	0,50%
Cariacica	30.000	0,43%
São Mateus	25.760	0,37%
Vila Pavão	22.655	0,32%
Jaguaré	21.074	0,30%
Conceição do Castelo	20.000	0,28%
Ibiraçu	15.200	0,22%
Colatina	12.000	0,17%
Laranja da Terra	11.900	0,17%
Iúna	11.850	0,17%
Aracruz	11.500	0,16%
Vargem Alta	10.497	0,15%
Conceição da Barra	9.794	0,14%
Pinheiros	9.770	0,14%
Muqui	9.650	0,14%
Irupi	9.600	0,14%
Guaçuí	8.206	0,12%
Brejetuba	6.950	0,10%
Pedro Canário	6.032	0,09%
Ponto Belo	5.665	0,08%
Boa Esperança	5.200	0,07%
Mucurici	4.995	0,07%
Ibatiba	4.623	0,07%
Itarana	4.500	0,06%
Ibitirama	3.203	0,05%
Viana	3.000	0,04%
Jerônimo Monteiro	1.890	0,03%
Pancas	1.500	0,02%
Montanha	1.234	0,02%
Marilândia	1.000	0,01%
São Roque do Canaã	500	0,01%
Total	7.033.223	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PPM DE 2024.



O GRITO SILENCIADO DAS PROTAGONISTAS DAS ÁGUAS E DAS MARÉS



FIA E SABRINA, PESCADORAS APOSENTADAS DE JACARAÍPE, NA SERRA, DURANTE O PROJETO ELAS NO CAMPO E NA PESCA, DA SEAG

FOTO ARQUIVO PESSOAL



GERENTE DE PROJETOS DA SECRETARIA DE ESTADO DA AGRICULTURA, ABASTECIMENTO, AQUICULTURA E PESCA (SEAG), PATRÍCIA FERRAZ

PARA CONTINUAR RESISTINDO E FAZER AS VOZES DAS PESCADORAS CHEGAREM MAIS LONGE, ELAS SE ORGANIZARAM E FORMARAM GRUPOS DE NORTE A SUL DO ESTADO

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

“A senhora não pode tirar a caderneta de pesca, a senhora é mulher.” Foi assim que Ana Paula dos Reis Santos Marvila, de Maramataízes, ouviu a negativa da Marinha há 18 anos ao tentar obter o documento para pescar em alto-mar.

Situação semelhante viveu Luciara Ferreira da Silva, a Ciara da Pesca, que relata o preconceito enfrentado ao buscar direitos no INSS: “Diziam que a gente estava arrumada demais para ser pescadora. Um dia, cerca de 35 mulheres tomaram banho de água suja de camarão e foram juntas ao INSS para mostrar nossa força”.

Luciene Lopes Clarindo, pescadora aposentada de Conceição da Barra, lembra que a fiscalização apreendia e até queimava equipamentos por falta da carteirinha. “Foi uma luta de muitos anos. Íamos até Vitória fazer pressão para conseguir”, conta.

Os relatos expõem a invisibilidade histórica das pescadoras, cujo reconhecimento legal só avançou a partir de 2009, com novos direitos garantidos em 2015 e 2019, como o acesso ao Registro Geral de Pesca e ao seguro-defeso.

Para Patrícia Ferraz, gerente de Projetos e Programas Sustentáveis da Seag, “a invisibilidade das pescadoras envolve estereótipos de gênero, falta de dados e dificuldade de acesso a direitos”, exigindo políticas inclusivas e empoderamento.

A mobilização ganhou força com a criação da Articulação Nacional das Pescadoras (ANP), em 2005, após a Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca.

Maria de Lourdes Leppaus Dias, a Dona Fia, afirma: "Nossa luta era por respeito e reconhecimento. Muita coisa mudou, mas o preconceito ainda existe". A ANP também levou o debate sobre saúde ao centro das políticas públicas, ampliando a visibilidade e o atendimento às pescadoras.

MULHERES DA PESCA REUNIDAS NA SEDE DA ASSOCIAÇÃO, EM ITAPEMIRIM, PARA BENEFICIAR O PESCAO



**"NOSSA LUTA ERA POR RESPEITO
E RECONHECIMENTO, PELOS
HOMENS E PELO GOVERNO, PARA
UM TRABALHO QUE NÓS SEMPRE
FIZEMOS. A GENTE QUERIA
SAIR DO ANONIMATO."**
DONA FIA



O GRITO SILENCIADO DAS PROTAGONISTAS DAS ÁGUAS E DAS MARÉS

ESCANEIE O QR CODE PARA VER
A VERSÃO COMPLETA DA MATERIA

A photograph of a man and a woman in a soybean field. The man, on the left, is wearing a plaid shirt and blue jeans, and is smiling while looking at the plants. The woman, on the right, has dark curly hair and is also smiling, looking at the plants. They are both wearing light-colored shirts. The field of soybeans stretches into the background under a clear sky.

A VOZ DO AGRO NO ESPÍRITO SANTO

Referência no campo há 15 anos. Do impresso ao digital – com mais de 500 mil acessos mensais –, a Conexão Safra transforma histórias em negócios, unindo quem produz e quem investe para cultivar o futuro do ES.

Acesse CONEXAOSAFRA.COM
Acompanhe [@conexaosafra no Instagram](https://www.instagram.com/conexaosafra)

Anuncie: comercial@conexaosafra.com . 28 99976 1113

CONEXÃO
SAFRA

CONEXÃO SAFRA ALCANÇA RECONHECIMENTO INÉDITO E CONSOLIDA 2025 COMO ANO DE EXCELÊNCIA NO JORNALISMO AGRO



REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Em 2025, a Conexão Safra consolidou um ano histórico ao conquistar prêmios de jornalismo em esferas regional, nacional e internacional, reforçando sua atuação como referência na cobertura do agronegócio, do cooperativismo e do desenvolvimento rural. As distinções evidenciam a consistência editorial da revista e o reconhecimento do trabalho de seus jornalistas em diferentes frentes temáticas.

No âmbito regional, a Conexão Safra conquistou o primeiro lugar na categoria Impresso do 18º Prêmio de Jornalismo Cooperativista Capixaba (PJC), com a reportagem “Uma nova safra: preparando os herdeiros da terra”, assinada por Fernanda Zandonadi e Rosimeri Ronquetti. A matéria destacou o desafio da sucessão familiar no campo e mostrou como cooperativas do Espírito Santo têm incentivado crianças e jovens a permanecerem na atividade rural, valorizando iniciativas como o Clube da Bezerra, da Nater Coop, e o Programa Herdeiros do Campo, da Cooabriel.

A premiação reafirma a trajetória da revista no PJC, promovido pelo Sistema OCB/ES desde 2007, que reconhece trabalhos jornalísticos dedicados à difusão do cooperativismo. Em 2024, a Conexão Safra já havia sido campeã na mesma categoria, demonstrando continuidade e relevância na abordagem de temas estratégicos para o desenvolvimento do agro capixaba.

No cenário nacional, a revista foi vencedora do Prêmio Ibá de Jornalismo 2025, com a reportagem “Do pinus ao pixel: o futuro sustentável que brota no Sul do Brasil”, de Leandro Fidelis. O trabalho mostrou como a silvicultura se tor-

EM 2025, A CONEXÃO SAFRA CONSOLIDOU UM ANO HISTÓRICO AO CONQUISTAR PRÊMIOS DE JORNALISMO EM ESFERAS REGIONAL, NACIONAL E INTERNACIONAL, REFORÇANDO SUA ATUAÇÃO COMO REFERÊNCIA NA COBERTURA DO AGRONEGÓCIO

nou um dos pilares da bioeconomia no Sul do país, integrando tecnologia, inovação e sustentabilidade, em meio a um universo competitivo que reuniu 125 reportagens de 18 estados e do Distrito Federal.

O reconhecimento internacional inédito veio com o 2º lugar na categoria “Cultura Rural” do IFAJ Star Prize 2025, concedido pela Federação Internacional de Jornalistas Agropecuários, durante congresso mundial realizado em Nairóbi, no Quênia. A reportagem premiada, “A revolução verde capixaba”, também assinada por Leandro Fidelis, retratou a transformação vivida por agricultores familiares do Norte e Noroeste do Espírito Santo por meio da agroecologia e da produção de orgânicos, colocando o jornalismo capixaba em evidência no cenário global.

Fidelis é filiado à Rede Brasil de Jornalistas Agro (Rede Agrojor). Ele e outro profissional associado, Ariosto Mesquita, do Mato Grosso do Sul, são os primeiros brasileiros a serem reconhecidos pela premiação, uma das principais internacionais dedicadas à excelência no jornalismo do setor agroalimentar e que nesta edição contou com a participação de jornalistas de mais de 60 países. “Leandro e Ariosto abriram a fila para o agrojornalismo brasileiro, pois é um prêmio inédito para o Brasil. São os primeiros jornalistas brasileiros premiados pela Federação Internacional de Jornalistas Agro”, afirmou o vice-presidente internacional da Rede Agrojor e jornalista da Globo Rural, Daniel Duarte.

Para a editora da Conexão Safra, Kátia Quedevez, as conquistas refletem o compromisso editorial da revista com o campo e seus protagonistas. “O sentimento de orgulho é imenso. Vibramos muito com a qualidade do trabalho dos nossos jornalistas e também com as suas conquistas”, afirmou.

Além dos prêmios conquistados, a Conexão Safra também teve destaque em 2025 com indicações relevantes, como as finais do Prêmio Sebrae de Jornalismo e do Prêmio Cafés do Brasil, com reportagens entre as fina-

listas. Reconhecimentos que, embora não contabilizados entre as conquistas do ano, reforçam a credibilidade e a força do trabalho desenvolvido. Juntas, essas distinções confirmam 2025 como um marco para a revista, que segue valorizando o jornalismo de qualidade e as histórias que movem o agronegócio brasileiro.

A CONEXÃO SAFRA VENCEU A CATEGORIA TEXTO DA 2ª EDIÇÃO DO PRÊMIO IBÁ DE JORNALISMO COM A REPORTAGEM “DO PINUS AO PIXEL, O FUTURO SUSTENTÁVEL QUE BROTA NO SUL DO BRASIL”. NA CERIMÔNIA DE PREMIAÇÃO, A JORNALISTA E EDITORA KÁTIA QUEDAVERZ REPRESENTOU O AUTOR DO TRABALHO, O JORNALISTA LEANDRO FIDELIS, EM SÃO PAULO



RECONHECIMENTO INTERNACIONAL HISTÓRICO PARA O JORNALISMO BRASILEIRO: O CAPIXABA LEANDRO FIDELIS E O JORNALISTA DE MATO GROSSO DO SUL, ARIOSTO MESQUITA, FORAM OS PRIMEIROS JORNALISTAS BRASILEIROS PREMIADOS NO IFAJ STAR PRIZE 2025. FIDELIS CONQUISTOU O 2º LUGAR NA CATEGORIA CULTURA RURAL COM A REPORTAGEM “A REVOLUÇÃO VERDE CAPIXABA”, QUE DESTACA A TRANSFORMAÇÃO DE AGRICULTORES FAMILIARES DO NORTE E NOROESTE DO ESPÍRITO SANTO POR MEIO DA AGROECOLOGIA E DA PRODUÇÃO ORGÂNICA, LEVANDO O JORNALISMO AGRO BRASILEIRO AO CENÁRIO GLOBAL DURANTE CONGRESSO REALIZADO EM NAIRÓBI, NO QUÊNIA





PRODUÇÃO DE MADEIRA EM TORÃA MANTÉM RITMO ELEVADO EM 2024

SETOR CAPIXABA DA BORRACHA ENFRENTA PARALISAÇÃO DE SERINGAIS PRINCIPALMENTE POR FALTA DE MÃO DE OBRA; ENTIDADES NACIONAIS APONTAM 2025/2026 COMO SAFRA PROMISSORA, MAS DEPENDENTE DE GESTÃO E UNIÃO DA CADEIA PRODUTIVA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de madeira em torno no Espírito Santo registrou forte recuperação nos últimos anos e atingiu seu maior volume em uma década. Em 2023, foram colhidos 7,6 milhões de metros cúbicos, quase 1,3 milhão de metros cúbicos acima do ano anterior, acompanhados de um salto expressivo no valor da produção, que alcançou R\$ 977,6 milhões. Em 2024, o setor manteve ritmo elevado, com 7,4 milhões de metros cúbicos e receita de R\$ 941,5 milhões, consolidando o desempenho após um histórico de oscilações.

Os dados mostram que, após o auge de 2014, quando o Espírito Santo produziu pouco mais de 6 milhões de metros cúbicos, a cadeia florestal passou por um período de retração entre 2015 e 2019, atingindo o ponto mais baixo em 2019, com 2,5 milhões de metros cúbicos. A partir de 2020, porém, o setor retomou força e ingressou em um ciclo de crescimento sustentado, impulsionado por investimentos em manejo, renovação de áreas plantadas e ampliação da demanda industrial.

A geografia da produção reflete o peso da região Norte na economia florestal capixaba. Em 2024, Conceição da Barra liderou o ranking estadual com 1,87 milhão de metros cúbicos, seguida por Aracruz, com 1,26 milhão. São Mateus aparece em terceiro, com 1,07 milhão, e Pinheiros e Linhares completam a lista dos municípios mais representativos, com 453 mil e 311 mil metros cúbicos, respectivamente.

PRODUÇÃO DE LENHA SEGUE EM QUEDA

A produção de lenha no Espírito Santo vem registrando retração contínua ao longo dos últimos dez anos, acompanhando mudanças no perfil energético e no uso industrial do recurso. Em 2014, o estado produzia 428,9 mil metros cúbicos, movimentando R\$ 17,7 milhões. Desde então, os volumes caíram ano após ano, chegando a 112,4 mil metros cúbicos em 2024, o menor nível da série histórica. Apesar da redução expressiva, o valor da produção apresentou leve recuperação nos últimos anos, alcançando R\$ 5,1 milhões em 2024, após um pico recente de R\$ 5,4 milhões em 2023.

A queda mais acentuada ocorreu entre 2014 e 2019, quando a produção praticamente se reduziu à metade. A partir de 2020, o ritmo de retração diminuiu, com pequenas oscilações, mas sem retomada consistente dos volumes.

Em 2024, Linhares liderou o ranking estadual com 10,4 mil metros cúbicos, seguido por Rio Bananal, com 6,9 mil. Barra de São Francisco aparece logo após, com 6,8 mil metros cúbicos, enquanto Alfredo Chaves e Aracruz completam a lista dos municípios mais representativos, com 6,7 mil e 6,6 mil metros cúbicos, respectivamente.

PRODUÇÃO DE CARVÃO VEGETAL DIMINUI

A produção de carvão vegetal no Espírito Santo registra uma trajetória de queda. Em 2014, o estado produzia 40,5 mil toneladas, movimentando R\$ 24,3 milhões. Desde então, o volume caiu de forma progressiva até chegar a 15,8 mil toneladas em 2024, o menor patamar da série. O valor da produção, entretanto, oscilou sem seguir o mesmo ritmo de retração, alcançando R\$ 20,9 milhões em 2024, número próximo ao observado em anos de maior oferta.

Em 2024, Jaguarié se firmou como o maior produtor estadual, com 4,4 mil toneladas, equivalente a 28% de toda a produção. Aracruz aparece em seguida, com 3,1 mil toneladas, representando praticamente 20% do total. São Mateus ocupa a terceira posição, com 2,3 mil toneladas, enquanto Linhares, com 1,5 mil, e Domingos Martins, com 800 toneladas, completam o grupo dos municípios mais representativos. Juntos, esses cinco polos respondem por mais de três quartos da produção capixaba.

Carvão Vegetal		
Ano	Produção (t)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	40.540	24.362
2015	30.005	18.836
2016	32.831	14.773
2017	30.750	15.366
2018	22.914	15.306
2019	25.451	17.297
2020	27.014	20.399
2021	30.279	29.511
2022	22.196	27.958
2023	17.335	21.437
2024	15.817	20.947

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2014-2024.

Lenha		
Ano	Produção (m³)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	428.983	17.794
2015	302.442	12.883
2016	290.924	9.266
2017	241.489	4.393
2018	263.326	4.834
2019	145.593	3.167
2020	160.744	3.592
2021	166.206	4.870
2022	132.140	3.272
2023	124.728	5.417
2024	112.460	5.183

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção de madeira em tona em 2024		
Município	Produção (m³)	(%)
Conceição da Barra	1.875.912	25,28%
Aracruz	1.267.770	17,09%
São Mateus	1.079.039	14,54%
Pinheiros	453.661	6,11%
Linhares	311.770	4,20%
Jaguaré	296.200	3,99%
Montanha	279.669	3,77%
Domíngos Martins	241.417	3,25%
Serra	202.945	2,74%
Pedro Canário	198.701	
Nova Venécia	161.755	2,18%
Marechal Floriano	117.926	1,59%
Colatina	89.678	1,21%
Baixo Guandu	78.335	1,06%
Ecoporanga	63.685	0,86%
Afonso Cláudio	55.541	0,75%
Murucirí	51.162	0,69%
Vargem Alta	48.590	0,65%
Ibiráçu	36.573	0,49%
Castelo	31.750	0,43%
São Gabriel da Palha	31.194	0,42%
Boa Esperança	30.113	0,41%
Mantenópolis	29.539	0,40%
Muniz Freire	29.115	0,39%
São Domingos do Norte	27.776	0,37%
Brejetuba	26.692	0,36%
Santa Teresa	25.900	0,35%
Alfredo Chaves	25.468	0,34%
Santa Maria de Jetibá	21.668	0,29%
Fundão	19.229	0,26%
João Neiva	18.480	0,25%
Conceição do Castelo	16.895	0,23%
Venda Nova do Imigrante	16.726	0,23%
Pancas	14.351	0,19%
Atílio Vivácqua	14.024	0,19%
Barrinha de São Francisco	10.175	0,14%
Rio Bananal	9.610	0,13%
Alto Rio Novo	8.057	0,11%
Presidente Kennedy	7.909	0,11%
Santa Leopoldina	7.437	0,10%
Ibatiba	7.050	0,10%
Guacuí	7.032	0,09%
Cachoeiro de Itapemirim	6.905	0,09%
Marilândia	6.796	0,09%
Alegre	6.026	0,08%
São José do Calçado	5.831	0,08%
Guarapari	5.528	0,07%
Vila Pavão	5.104	0,07%
Mimoso do Sul	4.562	0,06%
Águia Branca	4.552	0,06%
Itaguaçu	4.077	0,05%
Itarana	4.020	0,05%
Vila Valério	3.650	0,05%
Iúna	2.960	0,04%
Vila Velha	2.286	0,03%
Irupi	1.752	0,02%
Cariacica	1.671	0,02%
Marataízes	1.500	0,02%
Dores do Rio Preto	620	0,01%
Iconha	609	0,01%
Laranja da Terra	500	0,01%
Divino de São Lourenço	442	0,01%
Anchieta	429	0,01%
Bom Jesus do Norte	410	0,01%
Jerônimo Monteiro	354	0,00%
Apiaçá	344	0,00%
Ibitirama	320	0,00%
Itapemirim	309	0,00%
Muqui	285	0,00%
Vitória	270	0,00%
Governador Lindenberg	270	0,00%
Rio Novo do Sul	267	0,00%
São Roque do Canaã	100	0,00%
Piúma	40	0,00%
Total	7.419.308	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2024.

Municípios mais representativos na produção de carvão vegetal em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Jaguaré	4.436	28,05%
Aracruz	3.128	19,78%
São Mateus	2.381	15,05%
Linhares	1.541	9,74%
Domingos Martins	800	5,06%
Vila Valério	579	3,66%
João Neiva	510	3,22%
São Domingos do Norte	451	2,85%
Rio Bananal	421	2,66%
Marechal Floriano	360	2,28%
Marilândia	269	1,70%
Colatina	191	1,21%
Santa Maria de Jetibá	150	0,95%
Alto Rio Novo	150	0,95%
Ibiraçu	102	0,64%
Santa Teresa	97	0,61%
Águia Branca	92	0,58%
Baixo Guandu	90	0,57%
Mantenópolis	57	0,36%
Pancas	11	0,07%
Itaguaçu	1	0,01%
Total	15.817	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2024.

Madeira em tora

Ano	Produção (m ³)	Valor da produção (Mil R\$)
2014	6.053.686	532.379
2015	5.742.244	508.459
2016	5.521.979	357.144
2017	4.300.673	223.140
2018	4.651.309	232.974
2019	2.502.812	173.548
2020	4.212.597	281.945
2021	6.446.420	560.513
2022	6.333.182	495.165
2023	7.608.771	977.599
2024	7.419.308	941.519

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2014-2024.

Municípios mais representativos na produção de lenha em 2024

Município	Produção (m ³)	(%)
Linhares	10.497	9,33%
Rio Bananal	6.909	6,14%
Barra de São Francisco	6.805	6,05%
Alfredo Chaves	6.731	5,99%
Aracruz	6.605	5,87%
Castelo	6.513	5,79%
Jaguaré	6.469	5,75%
Beixo Guandu	5.703	5,07%
Domingos Martins	5.660	5,03%
Vila Valério	3.444	3,06%
Sooretama	3.362	2,99%
São Domingos do Norte	3.200	2,85%
Colatina	2.905	2,58%
São Mateus	2.763	2,46%
Ibiraçu	2.722	2,42%
João Neiva	2.348	2,09%
Itapemirim	1.990	1,77%
Alto Rio Novo	1.920	1,71%
Venda Nova do Imigrante	1.758	1,56%
Conceição do Castelo	1.687	1,50%
Dores do Rio Preto	1.461	1,30%
Marechal Floriano	1.430	1,27%
Santa Maria de Jetibá	1.407	1,25%
Iúna	1.377	1,22%
Vargem Alta	1.044	0,93%
Mantenópolis	1.000	0,89%
Pancas	960	0,85%
Montanha	835	0,74%
Irupi	801	0,71%
Presidente Kennedy	800	0,71%
Fundão	710	0,63%
Guarapari	675	0,60%
Pedro Canário	670	0,60%
Santa Teresa	628	0,56%
Nova Venécia	592	0,53%
Bom Jesus do Norte	548	0,49%
Jerônimo Monteiro	510	0,45%
Pinheiros	509	0,45%
Águia Branca	468	0,42%
Governador Lindenberg	456	0,41%
Boa Esperança	439	0,39%
Iconha	431	0,38%
Cachoeiro de Itapemirim	416	0,37%
Anchieta	400	0,36%
Mucurici	392	0,35%
Afonso Cláudio	376	0,33%
Mimoso do Sul	362	0,32%
Viana	351	0,31%
Conceição da Barra	335	0,30%
Laranjeira	292	0,26%
Carácuara	259	0,23%
Rio Novo do Sul	177	0,16%
São José do Calçado	173	0,15%
Guaçú	164	0,15%
Alegre	158	0,14%
Vila Velha	144	0,13%
Itarana	108	0,10%
Maratazés	103	0,09%
Ibitirama	96	0,09%
Muniz Freire	86	0,08%
Domingos Martins	66	0,06%
Apiaçá	63	0,06%
Marilândia	58	0,05%
Vila Pavão	45	0,04%
Brejetuba	41	0,04%
Santa Leopoldina	21	0,02%
Serra	13	0,01%
Plúma	10	0,01%
São Roque do Canhão	9	
Total	112.460	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PEVS DE 2024.



EVOLUÇÃO DA BORRACHA CAPIXABA: ESTABILIDADE, EXPANSÃO E POLOS FORTES

ROSIMERI RONQUETTI E
FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A produção de borracha natural (látex coagulado) no Espírito Santo mostra uma trajetória de estabilidade na área colhida e avanços moderados na produtividade ao longo dos últimos dez anos. Os dados revelam que o setor manteve resiliência mesmo diante de oscilações de mercado e clima, consolidando polos estratégicos no Norte e no litoral capixaba.

Entre 2014 e 2024, a produção estadual cresceu de 11,5 mil para 13,3 mil toneladas, um avanço de cerca de 15%. No mesmo período, a área colhida passou de 8.920 para 10.386 hectares, em expansão contínua, especialmente a partir de 2018.

O rendimento médio, porém, apresentou comportamento mais oscilante. De um pico recente de 1.494 kg/ha em 2021, a produtividade recuou para 1.283 kg/ha em 2024. O mapa da borracha capixaba revela ainda forte concentração geográfica. Em 2024, cinco municípios responderam por mais da metade de todo o látex coagulado produzido no estado. Pinheiros liderou com 2.056 toneladas (15,43%), seguido muito de perto por São Mateus, com 2.053 toneladas (15,40%). Guarapari aparece em terceiro, com 1.890 toneladas, representando 14,18% da produção estadual. Serra (10,11%) e Anchieta (5,76%) completam a lista dos principais polos.

HEVEICULTURA

O setor da borracha natural é de grande importância para o agronegócio do Espírito Santo, gerando emprego e renda para muitas famílias.

PRODUÇÃO CRESCE 15% EM DEZ ANOS, COM DESTAQUE PARA PINHEIROS, SÃO MATEUS E GUARAPARI

Municípios mais representativos na produção de látex coagulado em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Pinheiros	2.056	15,43%
São Mateus	2.053	15,40%
Guarapari	1.890	14,18%
Serra	1.347	10,11%
Anchieta	768	5,76%
Linhares	514	3,86%
Aracruz	500	3,75%
Sooretama	496	3,72%
Boa Esperança	460	3,45%
Mimoso do Sul	441	3,31%
Rio Novo do Sul	343	2,57%
Vila Velha	313	2,35%
Jaguaré	258	1,94%
Conceição da Barra	140	1,05%
Fundão	134	1,01%
Viana	130	0,98%
Nova Venécia	121	0,91%
Presidente Kennedy	120	0,90%
São Gabriel da Palha	115	0,86%
Pedro Canário	115	0,86%
Apiaçá	95	0,71%
São Domingos do Norte	84	0,63%
Piúma	84	0,63%
Atilio Vivácqua	79	0,59%
Ibiraçu	72	0,54%
Colatina	72	0,54%
Água Doce do Norte	72	0,54%
Ecoporanga	60	0,45%
Montanha	56	0,42%
Vila Valério	52	0,39%
Rio Bananal	48	0,36%
Alfredo Chaves	45	0,34%
Águia Branca	45	0,34%
Cachoeiro de Itapemirim	44	0,33%
Itapemirim	39	0,29%
Marataízes	23	0,17%
Vila Pavão	15	0,11%
Pancas	8	0,06%
Iconha	8	0,06%
Santa Teresa	5	0,04%
Cariacica	4	0,03%
João Neiva	3	0,02%
Total	13.327	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Borracha (Látex coagulado)			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	8.920	11.535	1.293
2015	9.015	12.330	1.367
2016	9.014	10.116	1.122
2017	9.034	11.526	1.275
2018	9.665	11.862	1.227
2019	9.819	12.313	1.254
2020	9.949	13.744	1.381
2021	9.746	14.562	1.494
2022	11.035	15.598	1.413
2023	10.628	14.331	1.348
2024	10.386	13.327	1.283

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

No entanto, a heveicultura brasileira vem enfrentando diversos desafios, como a falta de competitividade com o produto importado, pragas nas lavouras, volatilidade dos preços no mercado internacional (a borracha é uma *commodity*), e falta de mão de obra qualificada.

As primeiras mudas de seringueiras foram plantadas experimentalmente no estado na década de 1960, no município de Vila Velha. Com resultados positivos, proprietários rurais de cidades vizinhas também se interessaram pela cultura, que atualmente pode ser encontrada por várias regiões do estado.

Atualmente, o Brasil ocupa a 11ª colocação na produção mundial de borracha natural, concorrendo principalmente com países asiáticos, que fornecem aproximadamente 50% do produto consumido no país.



CRISE NA BORRACHA LIMITA EXPANSÃO DA MAIOR PRODUTORA DO ESPÍRITO SANTO

Estimulada pelo Programa de Incentivo à Borracha Natural (Probor), do Governo Federal, na década de 1980, a família Covre, de Pinheiros, iniciou o plantio de 15 hectares de seringueira. Nos anos 1990, ampliou a área com mais 15 hectares e, atualmente, soma 3.500 hectares cultivados — o que a coloca entre as maiores, possivelmente a maior produtora do estado.

A dimensão da área, porém, não se traduz em retorno financeiro. Sócio-

-proprietário do Grupo Covre, Carlos Antônio Covre, o “Carlito”, afirma que dois entraves persistem: a falta de mão de obra e o baixo preço pago pelo quilo da borracha.

“Dos 3.500 hectares, a área sangrada não chega a mil. Não encontramos mão de obra. Para se ter uma ideia, hoje tiramos dois caminhões por semana de borracha; se estivéssemos sangrando tudo, sairia um caminhão por dia. O preço também não é bom. Estamos vendendo o quilo a R\$ 5,20, vinte centavos mais barato do que vendíamos em 2011”, explica.

Segundo ele, a desvalorização afeta todo o sistema produtivo. “Se o preço estivesse bom, daria para valorizar mais a mão de obra, atrair pessoas para trabalhar e investir no plantio de novas áreas. Mas, da forma que está, não tem como”, afirma.

NO SETOR, DOIS ENTRAVES PERSISTEM: A FALTA DE MÃO DE OBRA E O BAIXO PREÇO PAGO PELO QUILO DA BORRACHA

FALTA DE MÃO DE OBRA: UM DOS MAIORES ENTRAVES DA HEVEICULTURA CAPIXABA

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

A heveicultura do Espírito Santo atravessa um momento decisivo. Mesmo com perspectivas positivas no cenário nacional para a safra 2025/2026, o setor no estado convive com entraves estruturais que limitam a expansão dos seringais e a competitividade dos produtores. A avaliação é de Nádia Delarmelina, diretora-presidente da Cooperativa dos Seringalistas do Espírito Santo (Heveacoop), que alerta para desafios que se agravam ano após ano.

Segundo Nádia, a ausência de incentivos impede o avanço da cultura. “Hoje, as principais dificuldades da heveicultura capixaba são a falta de incentivos para expandir ou renovar os seringais e a escassez de mão de obra para a sangria”, afirma.

Ela explica que o problema já afeta diretamente a produção. “Estimamos que 30% dos seringais estejam paralisados por falta de trabalhadores. Isso também trava a exploração de novas áreas que já estão prontas para entrar em atividade”.

Apesar do cenário desafiador, a heveicultura possui características reconhecidas como estratégicas para o desenvolvimento sustentável do estado. O cultivo da seringueira contribui para o sequestro de carbono, recupera áreas degradadas, favorece a recomposição da cobertura vegetal e protege o solo da erosão. Também é uma cultura ideal para sistemas agroflorestais, combinando diversificação produtiva, estabilidade ambiental e geração de renda.

No panorama nacional, a Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha (Apabor) destaca que a safra 2025/2026 começou com um preço de abertura positivo e condições climáticas favoráveis, fatores que indicam um ciclo promissor.

FOTO: REPRODUÇÃO REDES SOCIAIS



**NÁDIA DELARMELINA, DIRETORA-PRESIDENTE
DA COOPERATIVA DOS SERINGALISTAS
DO ESPÍRITO SANTO (HEVEACOOP)**

Mas a entidade reforça um alerta: a produtividade depende de gestão eficiente, mão de obra qualificada e relações sólidas entre produtores, sangradores e usinas.

A coordenação do setor também observa pressões externas que exigem respostas urgentes. O aumento das importações de pneus e a busca por políticas que garantam competitividade para a indústria nacional estão entre as principais pautas de entidades como Apabor (Associação Paulista de Produtores e Beneficiadores de Borracha), a Abrabor (Associação Brasileira de Produtores e Beneficiadores de Borracha Natural) e a Anip (Associação Nacional da Indústria de Pneumáticos), que atuam de forma integrada. Segundo a Apabor, a união da cadeia é essencial para transformar sinais econômicos positivos em crescimento real e fortalecimento da borracha natural brasileira.



ENTRE ENSAIOS E EXPANSÃO

A SOJA CAPIXABA BUSCA SEU ESPAÇO

A presença da soja no Espírito Santo continua modesta, mas os dados recentes mostram um movimento de expansão e ajustes no campo. Em três anos, a área colhida e a produtividade oscilaram, evidenciando tanto o potencial quanto os limites da cultura em território capixaba.

Em 2022, o estado registrou apenas 80 hectares colhidos, com produção de 200 toneladas e rendimento médio de 2.500 kg/ha. No ano seguinte, houve um salto significativo: a área plantada avançou para 1.000 hectares, resultando em 3.780 toneladas e produtividade média de 3.780 kg/ha — o melhor desempenho do período.

Já em 2024, o recuo na área (504 ha) e na produção (1.509 t) indica uma fase de reacomodação, embora o rendimento de 2.994 kg/ha permaneça dentro de padrões competitivos para regiões em consolidação.

A produção estadual é altamente concentrada. Pinheiros, no Norte do Espírito Santo, responde sozinho por 99,4% de tudo o que o estado colheu em 2024 — somando 1.500 toneladas. Iúna, na região do Caparaó, completa o quadro com 9 toneladas, o equivalente a 0,6% da produção.

O balanço evidencia que, apesar de ainda distante dos grandes polos sojícolas do país, o Espírito Santo dá sinais de que a cultura pode se firmar em nichos estratégicos, especialmente onde há disponibilidade de áreas mais planas e maior

Soja			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2022	80	200	2.500
2023	1.000	3.780	3.780
2024	504	1.509	2.994

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2022-2024.

Municípios mais representativos na produção de soja em 2024

Município	Produção (t)	(%)
Pinheiros	1.500	99,40%
Iúna	9	0,60%
Total	1.509	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

mecanização. O desafio agora é entender se a cultura seguirá em expansão ou permanecerá como alternativa pontual dentro do mosaico agrícola capixaba.

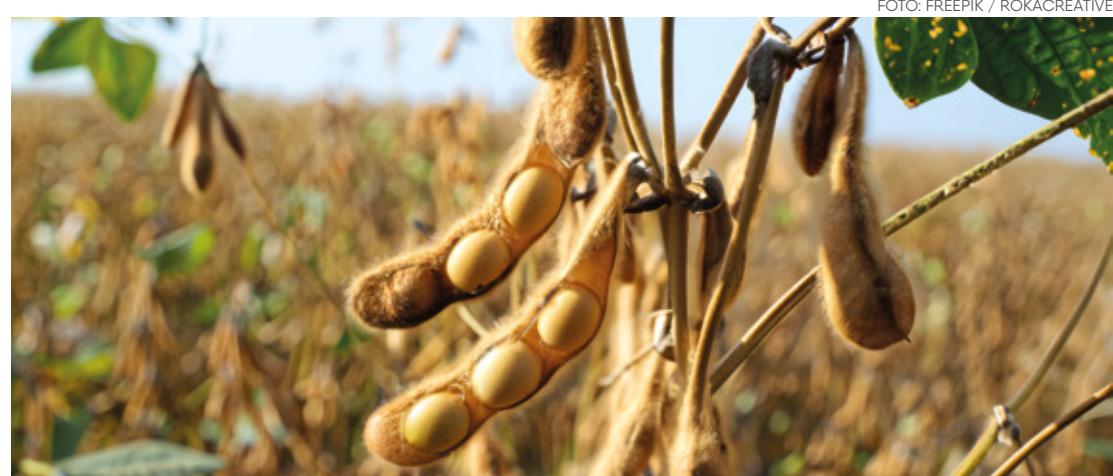


FOTO: FREEPIK / ROKACREATIVE



TOMATE: ESTABILIDADE, ALTA PRODUTIVIDADE E FORÇA NAS MONTANHAS

A produção de tomate no Espírito Santo voltou a crescer em 2024, mantendo o padrão de estabilidade que caracteriza a cadeia na última década. O estado colheu 159,8 mil toneladas, alta de 5,4% em relação ao ano anterior, impulsionada pelo aumento da área colhida — de 2.352 para 2.457 hectares — e pelo bom nível tecnológico adotado pelos produtores.

O rendimento médio de 65.072 kg/ha permaneceu dentro da faixa elevada que marca a série histórica. Nos últimos dez anos, a produtividade oscilou entre 57 mil e 72 mil kg/ha, indicando que o setor opera em um patamar tecnificado e estável, sustentado por manejo criterioso, irrigação eficiente e crescente modernização das lavouras.

CULTIVO PROTEGIDO GANHA FORÇA

Um dos movimentos mais importantes da cadeia vem sendo a rápida expansão do cultivo protegido, especialmente nas regiões de montanha. Segundo o extensionista do Incaper, Élcio Costa, a adoção das estufas está mudando o perfil produtivo do tomate capixaba.

“Antes, havia muito tomate a céu aberto, mas cada vez mais produtores estão migrando para as estufas. A produtividade aumenta, o custo de produção reduz e praticamente não há incidência de pragas. Broca e minadora-da-folha não aparecem mais”, explica.

A broca-do-tomateiro é uma praga causada por mariposas da espécie *Neoleucinodes elegantalis* (broca-pequena) ou *Helicoverpa zea* (broca-grande) que causa danos sérios aos frutos, levando a perdas significativas na produção. Já a minadora-da-folha do tomateiro é uma praga cujas larvas abrem “minas” (túneis) dentro das folhas, alimentando-se do tecido vegetal.

Segundo Élcio, o sistema protegido traz ainda maior segurança ao produtor, reduz perdas e permite planejamento mais preciso da colheita. “As estufas estão aumentando muito no estado. O custo cai e a produtividade sobe de forma significativa”, ressalta.

PRODUÇÃO DE TOMATE NO ESPÍRITO SANTO CRESCE EM 2024 E AVANÇA COM CULTIVO PROTEGIDO, ELEVANDO PRODUTIVIDADE E REDUZINDO CUSTOS

Municípios mais representativos na produção de tomate em 2024		
Município	Produção (t)	(%)
Afonso Cláudio	23.400	14,64%
Domingos Martins	22.800	14,26%
Santa Maria de Jetibá	19.250	12,04%
Alfredo Chaves	14.593	9,13%
Venda Nova do Imigrante	13.200	8,26%
Muniz Freire	8.400	5,25%
Castelo	7.800	4,88%
Santa Teresa	7.280	4,55%
Marechal Floriano	4.800	3,00%
Ibatiba	3.850	2,41%
Itarana	3.685	2,30%
Laranja da Terra	3.420	2,14%
Vargem Alta	3.000	1,88%
Conceição do Castelo	2.800	1,75%
Santa Leopoldina	2.700	1,69%
Aracruz	2.606	1,63%
Guacuí	2.000	1,25%
Linhares	1.800	1,13%
São Roque do Canaã	1.750	1,09%
Cachoeiro de Itapemirim	1.500	0,94%
Sooretama	1.200	0,75%
Itaguaçu	1.200	0,75%
Iúna	1.020	0,64%
Marilândia	1.000	0,63%
Mantenópolis	900	0,56%
Brejetuba	900	0,56%
Baixo Guandu	650	0,41%
Colatina	600	0,38%
Ibitirama	400	0,25%
Irupi	280	0,18%
Água Doce do Norte	250	0,16%
Pinheiros	180	0,11%
Presidente Kennedy	140	0,09%
Nova Venécia	120	0,08%
Montanha	118	0,07%
Atilio Vivácqua	112	0,07%
São Mateus	100	0,06%
Boa Esperança	52	0,03%
Caraciaca	25	0,02%
Total	159.881	100%

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA,
A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2024.

Tomate			
Ano	Área Colhida (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (Kg/ha)
2014	2.605	188.420	72.330
2015	2.503	144.834	57.864
2016	2.510	154.024	61.364
2017	2.532	164.781	65.079
2018	2.629	175.455	66.738
2019	2.583	163.943	63.470
2020	2.618	151.590	57.473
2021	2.503	147.537	63.470
2022	2.364	151.636	64.144
2023	2.352	151.594	64.453
2024	2.457	159.881	65.072

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE-PAM DE 2014-2024.

PRODUÇÃO QUE VEM DO ALTO

A base do tomate capixaba segue concentrada nas Montanhas, região que reúne clima ameno, tradição e forte tecnificação. Em 2024, Afonso Cláudio liderou o ranking estadual, com 23.400 toneladas (14,64%), seguido por Domingos Martins (22.800 t), Santa Maria de Jetibá (19.250 t), Alfredo Chaves (14.593 t) e Venda Nova do Imigrante (13.200 t). Esses cinco municípios responderam por quase 60% de todo o tomate produzido no Espírito Santo.

A série histórica mostra que, após o pico de 188 mil toneladas em 2014 e a forte queda em 2015, a cadeia se reorganizou e passou a operar em patamar sólido, com produção anual na casa de 150 a 170 mil toneladas. O avanço recente do cultivo protegido reforça essa estabilidade e abre caminho para novos ganhos de eficiência.



A VULNERABILIDADE DO CAMPO ABERTO

POR FERNANDA ZANDONADI
E ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

O avanço do cultivo protegido ganha ainda mais sentido diante de episódios recentes que expõem a vulnerabilidade das lavouras conduzidas a céu aberto. Em fevereiro de 2025, a família Brambilla, produtora de tomate em Forno Grande, Castelo, enfrentou um dos maiores prejuízos de sua história.

Com mais de 30 anos de experiência, a família sempre conviveu com oscilações naturais da cultura, mas nada comparável ao que ocorreu neste ciclo. A broca-do-tomateiro, favorecida pelo calor extremo que atingiu a região naquele período, comprometeu 95% da produção.

“Estamos colhendo apenas para tentar cobrir o custo das sementes, pois os frutos estão todos furados. A vontade é de arrancar tudo e limpar a área”, desabafou na ocasião Jamila Brambilla, que trabalha ao lado do pai na propriedade. Ela conta que, mesmo em décadas de dedicação ao tomate, a família nunca vivenciou algo

tão severo. “Há 15 anos tivemos um problema semelhante, mas nada comparado a isso”, lembra, salientando que o prejuízo, em 2025, ultrapassou R\$ 200 mil.

O QUE É A BROCA-DO-TOMATEIRO?

Segundo José Salazar Zanuncio Junior, zootecnista, doutor em Entomologia e pesquisador do Incaper, a broca-do-tomateiro aumenta sua ocorrência em períodos mais quentes. O manejo deve ser feito preventivamente, ainda no florescimento e no início da frutificação. Ensacar os frutos caídos também ajuda a interromper o ciclo da praga.

“No caso da família Brambilla, porém, o controle já não era mais viável. A recomendação foi encerrar o ciclo, iniciar um novo e fazer o manejo no momento adequado”, reforça Salazar.

CAFÉS DO ESPÍRITO SANTO: PROJETO TRANSFORMA O CAFÉ CAPIXABA EM EXPERIÊNCIA TURÍSTICA

O Espírito Santo ocupa posição de destaque no cenário nacional do café. É o maior produtor de conilon do país, referência crescente em arábicas de altitude e dono de uma diversidade geográfica que impulsiona estilos, métodos e narrativas únicas. Em meio a esse ecossistema vibrante, surgiu o Projeto Cafés do Espírito Santo, uma iniciativa que fortalece o café, turismo, cultura e desenvolvimento territorial.



APONTE A CÂMERA DO SEU CELULAR PARA O QR CODE PARA LER A MATERIA COMPLETA.

DESCUBRA O MUNDO DO CAFÉ NO ESPÍRITO SANTO, O MAIOR PRODUTOR DE CONILON E COM ARABICAS DE ALTITUDE ÚNICAS

A MAIOR REFERÊNCIA DO AGRO CAPIXABA AGORA NO SEU FEED

ACOMPANHE BASTIDORES E HISTÓRIAS DE QUEM FAZ A TERRA PRODUZIR.
SIGA @CONEXAOSAFRA NO INSTAGRAM

CONEXÃO
SAFRA



TARIFAÇO DOS EUA AO BRASIL EM 2025 RECONFIGURA RELAÇÃO COMERCIAL BILATERAL

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

Em 2025, uma crise comercial sem precedentes marcou a relação econômica entre Brasil e Estados Unidos, com a imposição de tarifas elevadas sobre produtos brasileiros que chegaram a 50%. Uma medida que ficou conhecida no meio político e econômico como o “tarifaço”.

O primeiro movimento foi em 2 de abril, quando os Estados Unidos impuseram um aumento de 10% nas tarifas sobre importações brasileiras, citando a necessidade de proteger a indústria doméstica norte-americana. Embora o valor fosse modesto, o anúncio surpreendeu analistas ao iniciar uma trajetória de escalada tarifária em um relacionamento comercial que, até então, vinha sendo pautado pela cooperação e pelo cresci-



mento gradual das exportações brasileiras ao mercado americano.

Dois meses depois, em 9 de julho de 2025, Trump ampliou drasticamente o tom ao comunicar, por meio de uma carta que apontava que os produtos brasileiros sofreriam uma tarifa adicional de 50% sobre o valor das importações nos Estados Unidos.

A tarifa de 50% passou a vigorar oficialmente em 6 de agosto de 2025, abrangendo cerca de 35,9% dos produtos exportados pelo Brasil para os Estados Unidos. Entre os itens afetados estavam café, carnes, frutas e outros bens agrícolas e manufaturados que são tradicionalmente importantes para o agronegócio brasileiro. Produtos como suco de laranja, combustíveis, aeronaves civis e certos minerais ficaram de fora da sobre-taxa, como resultado de negociações e exceções técnicas definidas no texto da ordem executiva norte-americana.

Os impactos foram sentidos por ambos os lados. No Brasil, setores exportadores enfrentaram queda nos volumes embarcados para os Estados Unidos, e empresas de commodities agrícolas e industriais relataram dificuldades para manter mercados tradicionais diante do aumento de custos para importadores americanos. Nos Estados Unidos, consumidores e alguns segmentos industriais registraram alta de preços em produtos que dependem de insumos brasileiros, como café e matérias-primas específicas, pressionando a inflação de alimentos e insumos básicos.

Com o passar dos meses, a pressão política interna nos EUA também influenciou a trajetória da política tarifária. Em novembro de 2025, Trump assinou uma ordem executiva que reduziu as tarifas sobre alguns itens brasileiros. Segundo o texto publicado pela Casa Branca, o governo dos EUA avaliou que houve “progresso inicial” no diálogo bilateral e que funcionários envolvidos no processo recomendaram a flexibilização das tarifas sobre determinados produtos agrícolas.

A reversão das tarifas impostas pelos Estados Unidos ao café brasileiro e outros produtos trouxe alívio para a cadeia produtiva, mas não encerrou todas as preocupações do setor. O Conselho dos Exportadores de Café do Brasil (Cecafé) chamou atenção para um ponto crítico: o café

ESCALADA TARIFÁRIA COM SOBRETAXAS DE ATÉ 50%, ATINGIU EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS, PROVOCOU IMPACTOS NOS DOIS PAÍSES E TERMINOU COM RECUOS PARCIAIS, MAS MANTEVE IMPASSE NO AGRONEGÓCIO, COMO O CAFÉ SOLÚVEL

solúvel ficou fora da isenção e continua sujeito à taxação norte-americana.

O conselho classificou a decisão da Casa Branca como uma “vitória histórica”, mas reforçou que ainda há trabalho a ser feito para proteger toda a cadeia produtiva. Nos anexos das ordens executivas revisadas pelo governo Donald Trump, o produto não aparece entre os itens liberados, o que mantém a indústria brasileira de solúvel em desvantagem competitiva no maior mercado consumidor do mundo.

FOTOS FREEPIK





UVAS NO ESPÍRITO SANTO 75 ANOS DE HISTÓRIA



**ESTADO COLHEU 2.720
TONELADAS E CONSOLIDA
TRADIÇÃO QUE COMEÇOU
NOS ANOS 1950**

REDAÇÃO CONEXÃO SAFRA
jornalismo@conexaosafra.com

A viticultura capixaba está espalhada por diferentes regiões do Espírito Santo e, em 2024, reuniu 29 municípios com produção registrada, totalizando 2.720 toneladas de uvas colhidas. Os dados da Secretaria da Agricultura, Abastecimento, Aquicultura e Pesca (Seag) evidenciam a diversidade territorial da cultura.

Santa Teresa lidera a produção estadual, com 862 toneladas colhidas no último ano, quase um terço de todo o volume produzido no estado. Em seguida aparecem Marechal Floriano e Venda Nova do Imigrante, com 240 toneladas cada. Também se destacam Domingos Martins (185 t), Vargem Alta (172 t), Água Doce do Norte (150 t), Alfredo Chaves (124 t), Santa Leopoldina (105 t) e Castelo (100 t).

Outros municípios produtores incluem Barra de São Francisco (88 t), Colatina (78 t), Aracruz (54 t), Santa Maria de Jetibá (48 t), Afonso Cláudio e Muniz Freire (40 t cada), Ibatiba e Mantenópolis (36 t cada), além de Cariacica (30 t) e diversas cidades com volumes menores, mas relevantes para a diversificação agrícola estadual.

As principais cultivares plantadas são Niagara Rosada (a mais comum), Izabel Precoce, Carmem, Vitória e Bordô, utilizadas tanto para consumo *in natura* quanto para a fabricação de vinhos, sucos, espumantes e geleias.

TRADIÇÃO E RETOMADA

A história da viticultura no estado tem início nos anos 1950, impulsionada por imigrantes e por experimentos conduzidos pela então Emcapa, hoje Incaper. Em 1954, a primeira cantina-piloto foi instalada, marcando o começo da produção técnica de vinhos.

“De acordo com relatos do extensionista do Incaper, Carlos Alberto Sangali, o início dos cultivos, em sua maioria, eram atividades de fundo de quintal, praticadas pelos imigrantes portugueses e italianos que se estabeleceram no Espírito Santo. Sangali destaca ainda que as primeiras ramas de videiras chegaram ao estado espetadas em batatas, para evitar a desidratação das cepas”, registra o estudo.

Os primeiros dados oficiais do IBGE aparecem em 1974, quando o estado produziu 366 toneladas em 79 hectares. Após um período de declínio, a vitivinicultura retomou o crescimento nos anos 1980, tendo como marco a implantação, em 1982, de uma unidade no Vale do Tabocas, em Santa Teresa. A partir dela, a atividade se expandiu para outros municípios, transformando pomares domésticos em lavouras comerciais.

ESTRUTURA PRODUTIVA E RELEVÂNCIA SOCIAL

O estudo da cadeia produtiva da fruticultura, que inclui os dados da uva, aponta que as 1.265 propriedades produtoras de frutas entrevistadas informaram 5.553 empregos, média de 4,4 por propriedade, distribuídos por todo o estado. Considerando o total de 9.184 estabelecimentos produtores das 13 frutas pesquisadas e aplicando essa mesma média, estima-se um contingente de 40.315 empregos na produção frutícola.

As 64 empresas entrevistadas, entre 117 agroindústrias juridicamente constituídas no Espírito Santo, empregam 1.784 pessoas — média de 27,9 empregos por unidade. Essas agroindústrias estão distribuídas em 31 municípios, com maior concentração em Linhares, Pinheiros, Sooretama e São Mateus. Os dados reforçam a forte função social e econômica da fruticultura, que gera emprego e renda o ano inteiro e agrega valor à produção agrícola.

#AGROINDÚSTRIAS: POTENCIAL E DESAFIOS

Das 64 agroindústrias participantes da pesquisa, 14 processam uva. Elas estão localizadas em Vargem Alta, Santa Teresa, Domingos Martins, Rio Bananal, Piúma, Guarapari, Colatina, Cariacica, Alegre e Anchieta.

O documento conclui que a fruticultura, e, dentro dela, a produção de uvas, representa uma das atividades mais promissoras para diversificar a economia rural, ampliar a renda das famílias produtoras, gerar empregos e fortalecer as agroindústrias capixabas.



PRODUTOR VENCE DESAFIOS E REGISTRA AGROINDÚSTRIA DE POLPA EM JAGUARÉ

ROSIMERI RONQUETTI
jornalismo@conexaosafra.com

“Vai plantar uva em Jaguaré? E se produzir, vai vender para quem?” Foram essas as palavras de “incentivo” que Francisco Santiago ouviu quando decidiu investir na fruticultura. Produtor rural da Comunidade Giral,

interior de Jaguaré, no Norte do Espírito Santo, Francisco apostou no cultivo da uva para diversificar a produção.

Aos poucos, ele foi colocando os planos em prática. O plantio da fruta começou em 2017. Nos anos seguintes, o produtor investiu em goiaba, abacaxi e maracujá. A fruticultura deu tão certo que Francisco conseguiu um feito histórico. É dele a primeira e única agroindústria de polpa de

fruta da agricultura familiar do município registrada no Ministério da Agricultura.

“Quando comprei o terreno em 2005, plantei café e pimenta-do-reino, mas sempre pensei na diversificação. Não acho bom depender de uma cultura apenas. Em 2017, após aquela seca severa que vivemos no estado, resolvi começar essa diversificação e optei pela fruticultura”, conta o produtor.

Mas a descrença das pessoas que desencorajaram o produtor não foi o único obstáculo que ele enfrentou. Além do desafio de produzir frutas, em especial a uva, a falta de informação e incentivo financeiro foram barreiras encontradas no caminho.

“Certamente meu desafio maior foi falta de informação, não tem nada disponível para fruticultura. Fui mesmo na teimosia. Em relação aos financiamentos de custeios para frutas nos bancos, agora já melhorou um pouco, mas não é igual para o café, por exemplo. É muito fácil você pegar financiamento para custear plantio de café, mas para fruta é uma dificuldade. E a falta de mão de obra”, ressalta o fruticultor.

A fim de dar conta da empreitada, Francisco se virou como pode. Procurou o Incaper e o Sebrae,

foi a Petrolina (PE), para visitas técnicas em busca de aprendizado sobre a uva e pediu ajuda de alguns amigos sobre a produção de abacaxi.

Além disso, ele e o filho, Mateus Santiago, estudaram sobre o assunto. Fizeram o curso técnico em fruticultura do Serviço Nacional de Aprendizagem (Senar-ES). “Nossa trabalho de conclusão de curso foi um plano de negócios para a implantação da agroindústria”.

Atualmente, são mil pés de abacaxi, 4.500 pés de maracujá, 400 de goiaba e 600 de uva, além dos 33 mil pés de café. Este ano, planeja plantar mais mil pés de goiaba. Francisco trabalha em regime de agricultura familiar, ao lado da esposa, do filho e dos pais.

Parte da produção é vendida *in natura* para a merenda escolar, por meio de programas como a Compra Direta do Produtor (CDA), do governo do estado, e o Programa Nacional de Alimentação Escolar (Pnae), do governo federal, além do fornecimento para redes de supermercados de Jaguaré.

O restante das frutas se transforma em polpa na agroindústria na propriedade da família, que funciona desde 2022, quando saiu o registro do Ministério da Agricultura.

FRANCISCO COM O PAI SEBASTIÃO E O FILHO MATEUS



FOTO: ARQUIVO SENAR-ES

UM CELEIRO FORJADO NA MONTANHA E NO MAR

DESTAQUES CAPIXABAS NA PRODUÇÃO NACIONAL			
Produto	Classificação do ES no ranking nacional	Ranking dos municípios brasileiros	
		Municípios capixabas com destaque nacional	Classificação no ranking nacional dos municípios
Café Conilon	1º	Rio Bananal	1º
		Linhares	2º
		Vila Valério	3º
		Colatina	4º
		Jaguaré	5º
		Nova Venécia	6º
Pimenta do Reino	1º	São Mateus	1º
		Rio Bananal	2º
		Vila Valério	3º
		Nova Venécia	5º
		Pinheiros	6º
Mamão	2º	Pinheiros	1º
		Montanha	2º
		Linhares	3º
		São Mateus	5º
Gengibre*	1º	Santa Leopoldina	1º
		Santa Maria de Jetibá	2º
		Domingos Martins	3º
Inhame*	1º	Laranja da Terra	1º
		Domingos Martins	2º
		Alfredo Chaves	3º
		Santa Maria de Jetibá	4º
Chuchu*	1º	Santa Leopoldina	5º
Taioba*	1º	Santa Maria de Jetibá	1º
Ovos de codorna	2º	Santa Maria de Jetibá	1º
Café Arábica	3º	Brejetuba	3º
Cacau	3º	Iúna	7º
Tomate estakeado*	3º	Linhares	7º
Ovos de galinha	5º	Afonso Cláudio	4º
Morango*	4º	Santa Maria de Jetibá	1º
Abacate	5º	Venda Nova do Imigrante	2º
Repolho*	4º	Santa Maria de Jetibá	2º
Tangerina	5º	Domingos Martins	15º
Coco	5º	São Mateus	9º
Batata Baroa*	5º	Domingos Martins	13º
Beringela*	5º	Santa Maria de Jetibá	9º
Seringueira (látex)	6º	Pinheiros	52º
Jiló*	6º	Santa Maria de Jetibá	12º
Pepino*	6º	Santa Maria de Jetibá	7º
Vagem*	6º	Santa Maria de Jetibá	2º
Banana	8º	Itaguaçu	24º
Pimentão	7º	Santa Maria de Jetibá	8º

FONTE: ELABORAÇÃO PELA CONEXÃO SAFRA, A PARTIR DE DADOS ORIGINAIS DO IBGE - CENSO AGROPECUÁRIO 2017, PAM 2024 E PPM.

*NOTA: OS DADOS DE HORTALIÇAS REFEREM-SE AO ANO DE 2017.

**NOTA: OS DEMAIS DADOS REFEREM-SE AO ANO DE 2024.

FERNANDA ZANDONADI
jornalismo@conexaosafra.com

O Espírito Santo consolidou, na última década, uma posição de destaque no agronegócio brasileiro. Levantamento do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostra que o estado figura entre os maiores produtores do país em diversas cadeias, com liderança nacional em seis culturas estratégicas e forte presença entre os dez principais municípios produtores do Brasil.

O desempenho mais expressivo está no café conilon, no qual o estado mantém a liderança absoluta. Municípios como Rio Bananal, Linhares, Vila Valério, Colatina, Jaguaré e Nova Venécia ocupam as seis primeiras posições do ranking nacional, reforçando o poder da cafeicultura capixaba.

A liderança também se repete em pimenta-do-reino, com São Mateus no topo e outros quatro municípios entre os primeiros do país. Culturas de base familiar, como gengibre, inhame, chuchu e taioba, mantêm o Espírito Santo na 1ª posição nacional, impulsionadas por municípios da região Serrana, como Santa Leopoldina, Laranja da Terra, Santa Maria de Jetibá e Alfredo Chaves.

ESPÍRITO SANTO: POTÊNCIA CONSOLIDADA NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO

(Fonte: IBGE)

1º LUGAR NO BRASIL (Culturas Estratégicas & Familiares)

- Pimenta-do-reino (São Mateus e região)
- Gengibre
- Inhame
- Chuchu
- Taioba (Região Serrana)

LIDERANÇA
ABSOLUTA
NACIONAL

2º LUGAR NACIONAL

- Mamão (Pinheiros, Montanha)
- Ovos de Codorna (Santa Maria de Jetibá)
- Banana
- Seringueira
- Coco

PILARES DO
SUCESSO CAPIXABA

Tecnologia

Organização da
Agricultura FamiliarAssistência
TécnicaClima
Favorável

Diversificação, Eficiência e Qualidade.

O estado também ocupa o 2º lugar nacional em produtos como mamão e ovos de codorna, ambos com municípios líderes do Brasil. No mamão, por exemplo, Pinheiros, Montanha, Linhares e São Mateus são os quatro municípios maiores produtores do país. Já ovos de codorna, Santa Maria de Jetibá ocupa a primeira posição.

Em cadeias de importância econômica crescente, como café arábica, cacau, tomate, morango, abacate e repolho, o Espírito Santo figura entre os cinco maiores produtores do país. Os municípios de Brejetuba e Iúna seguem entre os principais produtores de café arábica do Brasil, enquanto Linhares mantém posição entre os maiores polos de cacau.

Já em hortaliças e culturas de nicho, o protagonismo capixaba se espalha por diferentes municípios. Santa Maria de Jetibá concentra lideranças e posições entre os maiores produtores nacionais em produtos como morango, repolho, berinjela, jiló, vagem e pimentão, reforçando o perfil do município como potência nacional na horticultura.

Além disso, o estado mantém relevância em tangerina, coco, batata-baroa, seringueira e banana, com municípios como Domingos Martins, São Mateus, Pinheiros e Itaguaçu figurando nos rankings do IBGE.

O conjunto desses resultados confirma a diversificação, a eficiência produtiva e o papel estratégico do Espírito Santo no mapa do agro brasileiro. A combinação entre tecnologia, organização da agricultura familiar, assistência técnica e clima favorável fortaleceu cadeias tradicionais e impulsionou culturas emergentes, garantindo ao estado posições de liderança nacional e consolidando sua imagem como referência em produtividade e qualidade.

**ESPÍRITO SANTO SE DESTACA
NO AGRO BRASILEIRO COM
LIDERANÇA EM CAFÉ CONILON,
PIMENTA-DO-REINO, GENGIBRE,
INHAME E OUTRAS CULTURAS**



**Juntos,
estamos escrevendo
uma nova história:
ainda mais conectada
com a sua.**

O futuro começa antes da gente perceber.

Ele aparece nas conversas que mudam o rumo da vida, nos encontros que dizem mais do que qualquer discurso e nos gestos que, de tão simples, viram memória. É desse tipo de futuro que o Banestes se aproxima agora. Um futuro desenhado a partir do que você vive, sonha e constrói no seu dia a dia.





banestes

juntos para o futuro



**Mudamos a marca,
mas não mudamos o ponto de partida.**

Continuamos onde sempre estivemos:
do seu lado. Só que mais leves, mais
modernos e mais atentos ao que realmente
importa. Porque escrever o amanhã não tem
a ver com velocidade ou tecnologia.
Tem a ver com presença e parceria,
ao seu lado.

Acesse e conheça esse
novo momento.

banestes.com.br/juntosparaofuturo



O Crédito Rural Banestes nasce onde o futuro começa: em nossa terra.

No Espírito Santo inteiro, quem vive do campo encontra no Banestes um parceiro que acredita no trabalho, na história e no futuro do produtor capixaba. É crédito para investir, produzir, diversificar e avançar, sempre perto de quem faz o agro acontecer de verdade. Porque parceria não é promessa. É presença. E isso faz toda a diferença.



Saiba mais
sobre nossa
parceria

banestes
juntos para o futuro

Nilton

Cafés Vovô Nininho, Dores do Rio Preto - ES

1º cliente de Crédito Rural Banestes para Agroturismo.



Evoluir é
estar presente.
Construir é
estar junto.

banestes
juntos para o futuro

A nova marca do Banestes nasce desse compromisso, o de seguir com você em cada mudança, estar presente quando importa e ajudar a construir uma história que seja verdadeiramente sua. **Juntos para o futuro.**



agencia PIRE.com.br

Acesse
o QR Code e
viva o futuro,
hoje.



[banestes.com.br/
juntosparaofuturo](http://banestes.com.br/juntosparaofuturo)